

CEGONHA DE MIM

A Intervenção Artística e a Expressão das Emoções em Cuidadores de Crianças em Tratamento de Saúde

Relatório de Projeto

Enne Marx Beserra

Trabalho realizado sob a orientação de

Professora Doutora Maria de São Pedro Santos Silva Lopes

Professora Doutora Maria João Sousa Pinto dos Santos

Leiria, setembro 2019

Mestrado em Intervenção e Animação Artísticas
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS
INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA

AGRADECIMENTOS

Investigar significa muita coisa, inclusive abdicar várias de suas horas para dedicação e entrega. Mas sem tantos apoios não teria sido possível para mim.

Sou profundamente grata aos "anjos bons" de todas as naturezas que me acompanharam durante todo o mestrado, em presença física ou em pensamento. Entre eles está a minha *família*, cujo amor incondicional, apoia todos os meus sonhos, mesmo a 7.500 km de distância!

Anjos sem asas, mas com muito carinho são os meus *amigos*, tanto os brasileiros, quanto os portugueses, dos quais depois de dois anos tenho orgulho de tê-los conhecido e reconheço o quanto a sua ajuda foi valiosa.

Igualmente anjos e ainda mais, agradeço às minhas *colegas* de curso, pelas emoções compartilhadas. Com elas adquiri para a minha mente uma linda memória emocional, da qual nunca irei esquecer.

Um agradecimento profundo às minhas *orientadoras*, as duas *Marias*, que tiveram uma enorme paciência e se dedicaram ao trabalho com tanto afinho, aos vários livros que me colocaram em contato, à aprendizaem e ao crescimento não só intelectual, mas humano.

Agradeço ainda a todas as minhas *professoras* e *professores* pelos momentos de partilha e as inúmeras possibilidades de conhecimento oferecidos, também aos *interventores* (as), *artistas* e *palhaços* (as).

Não posso deixar de agradecer a todos que fazem a *Casa Acreditar* de Coimbra, por terem *acreditado* em meu projeto e acolhido a investigação.

O meu muito obrigada e estima a todos os *investigadores* e *autores*, que nos proporcionam o conhecimento científico, sem eles seria impossível uma mestranda se tornar mestra!

Mais ainda o meu mais especial agradecimento para todos os *participantes* do projeto, *mães*, *pai*, *avó* e suas crianças, por me ensinarem tanto a respeito dos afetos!

RESUMO

Tanto no céu quanto na terra, as "cegonhas" mães, pais e avós acompanham seus filhos e netos, "carregando-os pelo bico" sempre que necessário. Entretanto quando as crianças cegonhas adoecem, elas multiplicam a sua dedicação e alteram completamente as suas vidas. Acreditamos que os cuidadores parentais das crianças em tratamento estão no convívio das casas de acolhimento e do âmbito hospitalar não por escolha, mas exclusivamente para protegê-los e ampará-los neste momento tão difícil de suas vidas, que é enfrentar uma doença grave.

Os Afetos neste período apresentam-se naturalmente através de emoções negativas, como o *medo* e a *tristeza*, potencializada pela *saudade* do resto da família. Porém os sentimentos nem sempre são fáceis de expressar e as emoções por vezes encontram-se misturadas.

Perante o exposto, o presente relatório procura cientificar para a importância dos afetos em suas expressões, para uma melhor qualidade de vida durante esta fase ansiógena, no sentido de compreender os *contributos* das *Linguagens Artísticas* como facilitadoras da *Expressão das Emoções em Cuidadores de Crianças Institucionalizadas em Tratamento de Saúde*.

O estudo foi realizado na Casa Acreditar - Associação de Pais e Amigos de Crianças com Cancro, na unidade Coimbra, cujo projeto se deu na perspectiva de Investigação Ação, com abordagem Qualitativa, de caráter Exploratório e Descritivo, tendo como Instrumentos de recolha de dados as Entrevistas e os Diários de Bordo.

A investigação aconteceu por meio de sete sessões e teve como participantes 08 mães, 01 pai e 01 avó de crianças em tratamento. Além das atividades com o público alvo através da Expressão Dramática e da Expressão Plástica, nomeadamente o Desenho Pictórico, além das "rodas de conversa", a Intervenção contou ainda com algumas visitas da investigadora às crianças enquanto Artista/Palhaça, de forma a promover uma comunicação bem

estabelecida. Gerar afetos positivos para fazer brotar outros foi, entretanto uma das tônicas da intervenção.

Os resultados obtidos indicam que o contacto com as linguagens artísticas não só facilita a *expressão*, mas também pode propiciar o *reconhecimento* dos *sentimentos* e das *emoções*, além de colocar os participantes em contacto consigo próprios e com o outro, de forma a aumentar a sua "*potência de agir*", através de afetos positivos, como *alegria, autoestima e bem-estar*.

Porém, aspectos como *dificuldades* em querer *compartilhar as emoções negativas* aparecem em alguns participantes, que optam por não os expressarem livremente. Para outros, o desenho contribui substancialmente na revelação de *estados emocionais*, fossem eles *positivos* ou *negativos*.

Este importante processo vivenciado neste trabalho investigativo nos evidenciou que ao jogar, desenhar, interpretar, criar, os participantes puderam olhar a "cegonha de mim", que é adulta, mas também precisa de cuidados, o que através da relação, estimulou a emoção da *empatia*.

Palavras chave

Arte, Afeto, Expressão das emoções e sentimentos, Empatia, Intervenção artística, Potência de agir.

ABSTRACT

Mother "storks", parents, and grandparents accompany their children and grandchildren, "carrying" them in their "beak" whenever necessary, be it in the sky or on the ground. When stork children get sick, mothers and family increase their devotion and completely alter their lives. We believe that parental caretakers of children undertaking medical treatment go to shelter or hospital homes not by choice, but to protect their children and provide them with everything they need during such a difficult period of their lives, when they have to deal with a serious illness.

Affectivity presents itself naturally through negative emotions, such as fear and sadness, enhanced by the feeling of missing the rest of the family. However, feelings are not always easy to express, and emotions can be messed up.

With this in mind, this report aims at analyzing the importance of expressing affectivity, for a better quality of life during a period of time that causes anxiety, to better understand the benefits of the Artistic language as a facilitator of the Expression of Emotions in Caretakers of Hospitalized Children under Medical Care.

This study was undertaken at Casa Acreditar - Associação de Pais e Amigos de Crianças com Cancro (Association of Parents and Friends of Children with Cancer), in Coimbra (Portugal), following an Action Research, qualitative approach, both Exploratory and Descriptive, using Interviews and Journaling as data collection tools.

This research comprised seven sessions, with eight mothers, one father, and one grandmother of children under medical treatment. The Intervention included activities based on Dramatic and Plastic Expression, including Pictorial Drawing, "conversation circles", and also visits from the researcher to the children as an Artist/Clown, in order to promote a well-established communication. The aim of the intervention was to generate positive affects.

Results show that contacting with an artistic language enhances expression, allowing for the recognition of feelings and emotions, and putting participants in contact with themselves and others, thus increasing their "power to act", via positive affects, such as joy, self-worth, and well-being.

Nonetheless, for some participants it proved difficult to express negative emotions. These participants did not express their negative emotions freely. For others, drawing was beneficial to reveal emotional states, both positive and negative.

While playing, drawing, acting, and creating, participants could look at the "stork within themselves", an adult stork that also needs care. By establishing such a relationship, participants could also develop empathy.

Keywords

Art, Affect, Empathy, Expression of emotions and feelings, Artistic Intervention, Power to act.

ÍNDICE GERAL

Agradecimentos	ii
Resumo	iii
Abstract.....	v
Índice Geral	vii
Índice de Figuras	x
Índice de Quadros	xi
Introdução.....	1
Capítulo 1 - Enquadramento Teórico	
1.1. Afeto e Desenvolvimento Humano	4
1.1.1 Sentimentos, Emoções e a Empatia.....	4
1.2. Imaginação e Criatividade	17
1.3. Arte e Intervenção	20
1.3.1 A Expressão Dramática	20
1.3.2 O Desenho como Linguagem Pictórica	24
1.3.3 A Interpretação de Desenhos	28
1.4. Arte em Contexto de Saúde	34
1.4.1 A Arte e seu Poder Transformador	34
1.4.2 A Arte e seus Efeitos Terapêuticos	37
1.4.3 A Intervenção de palhaços em Hospitais e o Efeito Alegria	40
Capítulo 2 - Metodologia	
2.1. Considerações Iniciais	46

2.2. Problemática e Pertinência	47
2.3. Pergunta de Partida e Objetivos	49
2.4 Caracterização do Público Alvo	50
2.5. Caracterização da Instituição	52
2.6. Abordagens Metodológicas	53
2.7. Instrumentos de Recolha de Dados	57
2.8. Descrição do Projeto	60
Capítulo 3 - Apresentação e Discussão dos Resultados	
3.1. Análise dos Dados	62
3.1.1 Análise das Entrevistas	63
3.1.2 Análise dos Diários de Bordo da Investigadora	65
3.1.3 Análise dos Diários de Bordo dos participantes	86
3.2. Discussão dos Resultados	88
Conclusões	103
Referências Bibliográficas	110
Anexos	
Anexo 1 - Diários de bordo da Investigadora.....	1
Anexo 2 - Diários de bordo dos participantes.....	48
Anexo 3 - Interpretação dos desenhos.....	49
Anexo 4 - Fichas com as Entrevistas	89
Anexo 5 - Fichas das sessões com as Atividades	98
Anexo 6 - Transcrição algumas entrevistas completas	110
Anexo 7 - Texto "Posfácio" Sophia de Melo Breyner (sessão 2)	115
Anexo 8 - Documentos formais	117

"Como são boas, portanto, as coisas que ajudam as partes do corpo a fazer o seu trabalho, e como a alegria consiste em que a potência do homem, enquanto ele é composto de mente e corpo, é estimulada ou aumentada, são boas, então, todas as coisas que trazem alegria".

Spinoza (1677). *Ética*, cap.30.

“D. mostrou o personagem de um bêbado, e logo ganhou o foco, pois estava com muita verdade. Pedi que as outras interagissem com o bêbado, e elas foram lá e começaram uma pequena cena, com falas: "Queres ajuda?", "aceitas um café?". D. respondeu: "Não, eu quero uma cana de açúcar, um aguardente bem forte". (riso geral). A cena acabou com C. trazendo a tal “aguardente” imaginária para D., que bebeu rápido, e todas estavam a gargalhar” (Diário 2 da investigadora).

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Caracterização 1 da amostra

Gráfico 2 - Caracterização 2 da amostra

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 - Caracterização do público alvo

Quadro 2 - Entrevistas semiestruturadas com os participantes

Quadro 3 - Entrevistas semiestruturadas com os participantes

Quadro 4 - Atividades - Diário de bordo 1 da investigadora

Quadro 5 - Atividades - Diário de bordo 2 da investigadora

Quadro 6 - Sessão 2, diário de bordo da investigadora

Quadro 7 - Atividades - Diário de bordo 3 da investigadora

Quadro 8 - Sessão 3, diário de bordo da investigadora

Quadro 9 - Atividades - Diário de bordo 4 da investigadora

Quadro 10 - Sessão 4, diário de bordo da investigadora

Quadro 11 - Atividades - Diário de bordo 5 da investigadora

Quadro 12 - Sessão 5, diário de bordo da investigadora

Quadro 13 - Atividades - Diário de bordo 6 da investigadora

Quadro 14 - Sessão 6, diário de bordo da investigadora

Quadro 15 - Diário de bordo 6 da investigadora

Quadro 16 - Sessão 6, diário de bordo da investigadora

Quadro 17 - Atividades - Diário de bordo 7 da investigadora

Quadro 18 - Sessão 7, diário de bordo da investigadora

Quadro 19 - Diário de bordo dos participantes

INTRODUÇÃO

O presente projeto foi realizado no âmbito do Mestrado em Intervenção e Animação Artísticas e apresenta a Investigação Ação realizada na Casa Acreditar, em Coimbra, Portugal, instituição que acolhe famílias de crianças em tratamento decorrente do cancro e de outras doenças graves. Relativamente ao nome do projeto, *Cegonha de mim*, a metáfora de que, nesta intervenção, os adultos, cegonhas que "carregam seus filhos no bico", também podem ser carregados por outra cegonha adulta, pois todas as cegonhas encontram-se em situação similar, o que provavelmente, pode provocar a emoção da empatia. Igualmente, os estímulos e motivações trabalhados na intervenção, procuram salientar a potência de agir individual, no despertar de outros afetos positivos, como a alegria e o bem-estar. Além, como é notório, do próprio reconhecimento dos afetos negativos, imbricados no contexto de sua experiência, como a tristeza, provocada não só pelo problema da doença da criança, mas também pela saudade de casa.

A escolha do tema em questão, tem como ponto de partida importantes fatores como a afinidade e a práxis, tendo em vista que minha atuação profissional como atriz enveredou para o campo social, através das visitas sistemáticas aos hospitais, onde atuo como palhaça interventora há quinze anos. Bem como, a constatação de que, apesar de existirem projetos neste contexto, a sua grande maioria é voltada às crianças e não aos acompanhantes. Por este motivo, procurei aliar à intervenção, visitas de palhaça às famílias como meio de criar uma relação bem estabelecida através de encontros potentes e estimular emoções positivas, também para experimentar esta prática em outro contexto e contribuir para a investigação neste campo. Estes determinantes, a identificação com o tema e a oportunidade de levantar dados novos, são pontos fundamentais para a escolha do objeto de estudo do investigador, conforme salienta Barros e Junqueira (2011).

Este trabalho parte da questão inicial, de tentar perceber de que forma as linguagens artísticas permitem a expressão dos afetos de pessoas em situação de vulnerabilidade e que formulamos da seguinte forma: **"Quais os contributos das linguagens artísticas para a expressão dos afetos, em cuidadores de crianças institucionalizadas por**

motivo de saúde?". Deste modo, esta investigação foi conduzida a partir das necessidades levantadas e confirmadas nas entrevistas, de forma a aproveitar também a experiência de palhaça interventora em ambientes hospitalares, para estabelecer os primeiros contatos com as famílias, e em seguida, realizar as atividades com o público alvo, os cuidadores parentais das crianças que estiveram longe de suas casas e em convívio na instituição, durante o período de tratamento.

O projeto foi realizado em três etapas, cujas expressões artísticas foram: a *Linguagem do Palhaço*, como meio de criar relações potentes entre a investigadora e o público alvo, de modo a motivar a confiança e a recepção ao projeto; a *Expressão Dramática* (pautada por jogos e atividades que privilegiam a interatividade e a relação) e a *Expressão Plástica*, (nomeadamente o Desenho Pictórico, tendo como foco, os sentimentos e as emoções), além das aqui denominadas "Rodas de Conversa", as reflexões em grupo no final de cada sessão.

O estudo teve como base de trabalho a metodologia Investigação Ação, cujo objetivo principal é pôr em prática questões pertinentes à problemática levantada, com o envolvimento do investigador e participantes, com vistas a provocar pequenas mudanças na realidade, não só do público alvo, mas também fazer refletir a própria prática da investigadora. Como salienta Lima (2003), este tipo de investigação se define na compreensão do mundo e de si, rumo à transformações pessoais, pois "(...) É uma posição que não procura apenas conhecer o mundo, mas também transformar alguma coisa (...)" (2003, p.306).

Este relatório é dividido em três capítulos, o primeiro debruça-se sobre o enquadramento teórico, que foi guiado por três grandes temas: *Afeto e Desenvolvimento Humano*, que aponta o caldeirão vivo composto pelos Afetos: Emoções e Sentimentos, e a Empatia; *Arte e Intervenção*, que apresenta as Expressões Artísticas utilizadas na investigação (expressão dramática e expressão plástica) e *Arte em Contexto de Saúde*, que perpassa os efeitos transformadores e terapêuticos, além da Linguagem do Palhaço, que é amplamente utilizada nos hospitais como Intervenção Artística; e ainda um tema subliminar, *Imaginação e Criatividade*, dois importantes fatores aliados a este tipo de investigação. O segundo capítulo aborda a *Metodologia* aplicada, com a descrição do

projeto e os respectivos instrumentos de recolha de dados (entrevistas e diários de bordo) e o terceiro, apresenta a *Discussão dos resultados* a partir da Análise de conteúdo, com base no paradigma qualitativo. Por fim, o trabalho apresenta as *Conclusões*, bem como aponta limitações do estudo e sugestões para investigações futuras neste contexto.

Capítulo 1 - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1. AFETO E DESENVOLVIMENTO HUMANO

1.1.1 SENTIMENTOS, EMOÇÕES E A EMPATIA

Este tópico faz parte sobretudo do caldeirão enigmático composto pelos afetos e suas consonantes, inerentes à essência humana. Entre outros autores, destaca-se António Damásio, neurocientista e autor dos livros *O Sentimento de Si* (2000), *Ao Encontro de Espinosa* (2003) e *A Estranha Ordem das Coisas* (2017), que nos explica as diferenças entre os estados do sentimento e da emoção, os quais ora se distinguem e ora se misturam, tornando o assunto complexo, e por outro lado, instigante.

O que entendemos por *Afeto*? Segundo os estudos etimológicos, a palavra “afeto” vem do "substantivo *affectus*, 'estado psíquico ou moral (bom ou mal)', afeição, disposição de alma, estado físico, sentimento, vontade". Já o substantivo afeto quer dizer "sentimento terno de adesão geralmente por uma pessoa ou animal, afeição, afinidade, ligação espiritual, terna em relação a alguém ou algo". Entretanto, os afetos tratam antes de tudo sobre nós, humanos, e nossas complexidades, como um conceito que abre diversas lacunas de reflexão e nos alerta para as dualidades cabeça - coração, razão - emoção, intuição - lógica.

Espinosa¹ (1632-1677) usa o termo *affectus*, que significa "afecções do corpo" e esclarece que existem afetos passivos (maus) e afetos ativos (bons) (Ferreira, 2011). Damásio (2003) trata-os por afetos negativos e afetos positivos e a psicóloga Morgana Masetti² (2003) chama-os de paixões tristes e paixões alegres. Contudo, os afetos

¹ Filósofo holandês, inserido na chamada "Filosofia moderna", no século XVII. Grande estudioso da natureza humana e seus afetos.

² Pesquisadora da intervenção de palhaços em hospitais, escreveu dois importantes livros no Brasil, sobre o assunto, como veremos posteriormente.

positivos se apresentam como um potente portal que gera transformação. Diz Espinosa: "Entendo por afectos as afecções do corpo pelas quais a *potência de agir* é aumentada ou diminuída, secundada ou reduzida e ao mesmo tempo as ideias dessas afecções" (op.cit. em Ferreira 2011, p. 35). Assim, para afetar e sermos afetados passamos por um estágio com base nas relações com o outro, e daquilo que conseguimos dar significado, geramos os pensamentos e as "imagens mentais" que comumente vêm e vão. Como ressalta Ferreira (2011):

Estamos no mundo, conseqüentemente, somos afectados por todos os outros corpos, vivos e inanimados. Estabelecemos relações com eles e estas aumentam ou diminuem o nosso poder de agir (*Ibidem*, p.36).

Dar significado ou resignificar são, portanto, experiências que podem ser estimuladas a partir da capacidade do agir, que pode ser aumentada ou diminuída. Para o filósofo Gilles Deleuze (1925-1995):

As afecções à base de tristeza se encadeiam, portanto, umas nas outras e preenchem nosso poder de ser afetado. Elas o fazem de tal maneira que nossa potência de agir diminui cada vez mais e tende para seu baixo grau (op. cit. em Trindade, 2014).

Conforme Ferreira (2011), quando nós não somos a causa de nossos afetos e apenas estamos à mercê de que algo nos aconteça, ou não, podemos ser afetados (passivamente), tanto positivamente quanto negativamente. Já os afetos ativos, são um potencial do nosso corpo em agir positivamente, o que só pode produzir alegria. Trindade (2014) ressalta que o corpo ao esforçar-se para aumentar a sua potência de agir produz afetos ativos e por conseguinte, alegres. Podemos perceber então, que a satisfação consigo mesmo em se colocar em ação, discrepa da impotência, assim como a esperança do medo, como a empatia do desprezo, etc., por serem os primeiros pertencentes aos afetos ativos e os segundos aos afetos passivos.

O poder e a capacidade de agir perpassa pelos meandros da mente e por sua infinita faculdade de sentir prazer e dor, de amar e perdoar, e principalmente pela sua competência de compreender o mundo e até reinventá-lo. A mente é responsável pelas ideias e pensamentos, ou seja, ela é encarregada de produzir as *Imagens mentais* (Damásio, 2017). Estas imagens se transformam em ação no nosso corpo, como uma

resposta, e comumente fazem parte da nossa percepção atual, assim como da nossa memória e também de situações que ocorrerão em nossa vida. Então, se estimularmos a nossa natureza a agir sempre com positividade, seremos afetados cada vez mais por afetos positivos ou paixões alegres, logo, produziremos também boas imagens mentais, que nos auxiliam inclusive na resolução dos nossos problemas. Sobre isto, afirma Damásio (2017):

Em conclusão, sem imagens mentais o organismo não seria capaz de executar rapidamente a integração de informação e, larga escala que é necessária para a sobrevivência, já para não falar no bem-estar. Além disso, sem o sentido do si, sem os sentimentos que o constituem, a integração de informação mental em larga escala não poderia ser orientada para os problemas da vida, nomeadamente para os problemas da sobrevivência e do bem-estar (2017, p.234).

Damásio (2000, 2003 e 2017) atenta sobre o poder dos afetos, pois "Espinosa recomendava que lutássemos contra as emoções negativas com emoções ainda mais fortes, mais positivas, conseguidas através do raciocínio e do esforço intelectual" (2003, p.26). Assim, notamos que o afeto positivo ou ativo é uma grande potência de alegria, algo que faz com que nos sintamos bem. Se este estado de afeto propicia ao ser humano uma melhor vida emocional, é possível pensar que ele se pode desenvolver, ou seja, devemos criar formas de gerá-lo em nós mesmos, para então, afetarmos o mundo de forma benéfica.

Segundo o autor, Emoções e Sentimentos eram considerados por Espinosa como "um aspecto central da humanidade" (2003, p.22). Ele completa ainda que "A alegria e a tristeza foram dois conceitos fundamentais na sua tentativa de compreender os seres humanos" (2003, p.22). Sobre as *Emoções*, diz ele:

A emoção é uma perturbação do corpo, por vezes é uma verdadeira convulsão. Em paralelo com a agitação corporal, as estruturas cerebrais que suportam a criação de imagens e que controlam a atenção mudam também. Em consequência, algumas áreas do córtex cerebral parecem menos activas enquanto outros aumentam sua atividade (2003, p.80).

As emoções não são fáceis de imitar e acontecem em decorrência de algo desencadeado genuinamente no nosso cérebro, como enfatiza Damásio:

Um sorriso espontâneo originado por um prazer genuíno ou um soluço espontâneo causado por uma mágoa verdadeira são executados por estruturas cerebrais localizadas nas profundezas do tronco cerebral, sob o controle voluntário da região do cíngulo (2003, p.69)

Sobre isto, ele diz ainda que "A parte pública do processo chamo emoção e a parte privada sentimento (...)" (2003, p.43). Deste modo constatamos que as emoções não são fáceis de esconder, podemos até disfarçar em parte, mas não escondê-las, pois "todas as emoções usam o corpo como teatro" (Damásio, 2000, p.72). O autor ressalta ainda que "a finalidade das emoções é ajudar o organismo a manter a vida" (*Idem*, 2000, p. 72). Entre as emoções, podemos citar a alegria, a surpresa, o medo, a cólera, a repulsa, o desgosto, o interesse e a vergonha. "Mas há emoções sociais que incluem: a simpatia, a compaixão, o embaraço, a culpa, o orgulho, o ciúme, a inveja, a gratidão, a admiração, o espanto, a indignação e o desprezo" (*Idem*, 2003, p.62). O autor cita também as emoções benevolentes e benéficas, que são "compaixão, admiração, respeito, gratidão" (*Idem*, 2017, p.322).

Os *Sentimentos* segundo Damásio (2017, p.149), são "experiências mentais e, por definição, são conscientes". É o contato com o sentimento verdadeiro, através do estímulo do cérebro, proporcionando então a expressão da emoção. Para ele os sentimentos são "a expressão do florescimento humano ou do sofrimento humano, na mente e no corpo" (2003, p.20). Portanto os sentimentos são conscientes, na compreensão de si, e fazem parte das operações internas do organismo, ou seja, são potentes reguladores da vida, que nos ajudam a distinguir as oportunidades e os riscos, impulsionado-nos para comportamentos melhores com relação a nós e aos outros. Continua ele:

Na sua essência, um sentimento é uma ideia, uma ideia do corpo, uma ideia de um certo aspecto do corpo quando o organismo é levado a reagir a um certo objeto ou situação. Um sentimento de emoção é uma ideia do corpo quando este é perturbado pelo processo emocional, ou seja, quando um estímulo emocionalmente competente desencadeia uma emoção (2003, p.107).

Os sentimentos constituem ainda, segundo o autor, um termômetro para aferir a qualidade de vida no interior do nosso corpo. Portanto, sentir faz parte do nosso processo natural de vida. No entanto, devemos lembrar que os sentimentos não podem ser observados pelos outros. "Não se pode observar um sentimento noutra pessoa, embora possa observar um sentimento em si próprio quando, enquanto ser consciente, tem a percepção dos seus próprios estados emocionais" (Damásio, 2003, p.63). Ele observa ainda, que "A emoção e as várias reacções com ela relacionadas estão alinhadas com o corpo, enquanto os sentimentos estão alinhados com a mente (*Idem*, 2003 p.21).

Um outro fator relevante sobre este estudo, é o fato de que as emoções precedem os sentimentos. Para o neurocientista, a forma como os sentimentos surgem e a forma como se expressa publicamente, leva à falsa ideia de que eles ocorrem primeiro. "Na realidade, são os sentimentos que constituem sombras das manifestações emocionais" (*Idem*, 2003 p.45). Sobre isto, continua ele:

(...) temos emoções primeiro e sentimentos depois porque, na evolução biológica, as emoções foram construídas a partir de reacções simples que promovem a sobrevivência de um organismo e que foram facilmente adoptadas pela evolução (2003, p. 46).

Entretanto, como ressalta Damásio, 2017, p.195, os sentimentos são "como expressões mentais da homeostasia e essenciais para o governo da vida". Portanto, expressar as emoções é de fato importante, pois elas são como "joias da regulação automática da vida" (*Idem*, 2003, p. 51). Ele reforça ainda que a emoção "faz parte integrante dos processos de raciocínio e tomada de decisão, para o pior e para o melhor" (*Idem*, 2000, p. 61). Porém, se torna fundamental percebermos que os afetos não se constituem do nada, mas aparecem a partir de "certas pulsões ou motivações", que incluem exemplos como os "comportamentos lúdicos" (*Idem*, 2003, p. 50). Conforme o autor:

Da mesma forma que o cérebro reage a um problema que se declara no corpo, também reage quando o corpo funciona bem. Quando o corpo funciona sem dificuldade e quando a transformação e a utilização de energia se desenrolam com à-vontade, o corpo comporta-se com um estilo definido. A aproximação em relação a outros é facilitada. Nota-se uma descontração e abertura no corpo, bem como expressões que traduzem confiança e bem-estar; por outro lado,

libertam-se certas classes de moléculas, tais como as endorfinas. O conjunto dessas reacções e dos sinais químicos com elas associados resultam na experiência do *prazer* (2003, p.49-50).

Desta forma, a experiência da dor e do prazer, bem como outras experiências inerentes ao ser humano fazem parte da *regulação da vida* e são portanto, processos *homeostáticos*. Os fatores externos induzem a sentimentos, onde segundo o autor, "Os objetos e os acontecimentos influenciam a homeostasia positiva ou negativamente e, como resultado, produzem sentimentos positivos ou negativos (*Idem*, 2003, p.247).

Nota-se que os sentimentos e emoções fazem parte integrante da regulação do organismo, pois nos levam a estados de bem-estar ou mal-estar: "Mal-estar significa que se passa algo de errado com a regulação da vida. Bem-estar significa que a homeostasia se encontra dentro dos limites da eficiência" (*Idem*, 2017, p.153). Sobre isto, continua Damásio:

Até mesmo as emoções propriamente ditas - o medo, a felicidade, a tristeza, a simpatia e a vergonha - visam a regulação da vida, directa ou indirectamente. Não quer isto dizer que cada vez que nos emocionamos estejamos a contribuir imediatamente para a nossa sobrevivência e bem-estar. Nem todas as emoções são iguais no que diz respeito à sua capacidade de promover sobrevivência e bem-estar, e tanto o contexto em que a emoção ocorre como a sua intensidade têm muito a ver com os possíveis benefícios da emoção (2003, p.56).

Entretanto, as emoções do rir e do chorar são dois exemplos claros de afetos que coexistem em decorrência da nossa experiência e representam um importante papel no processo de *homeostasia*:

O riso ou o choro são executados de *forma diferente* em circunstâncias diferentes, tal como as notas que constituem a partitura de uma sonata podem ser tocadas de forma diferente. Seja como for, todas essas reacções têm como fim, de forma directa ou indirecta, regular a vida e promover a sobrevivência (*Idem*, 2003, p.51).

Do mesmo modo, é possível estimularmos a expressão de afetos a partir de atividades que venham desencadear as emoções, através da nossa memória emocional. Sobre isto,

podemos ler um dos exemplos citados por Damásio, de uma de suas experiências investigativas:

Pedimos a cada um dos participantes que pensasse num episódio emocional das suas vidas que tivesse grande intensidade e tivesse a ver com felicidade, tristeza, medo ou zanga. A seguir, pedimos a cada um dos indivíduos que reflectisse sobre cada episódio específico, em grande pormenor, de tal forma que pudesse recordar imagens dessas vivências passadas e que pudesse desse modo reviver e *re-executar* essas emoções passadas. O uso desse tipo de memória emocional é corrente em certas técnicas de arte dramática (2003, p.118).

Conquanto, sentimentos e emoções não aparecem do nada, como destaca a professora doutora Maria João Santos (2006 e 2013), autora da investigação "Do Sentir e do Significar – uma leitura do papel das narrativas para o desenvolvimento emocional da criança": "(...) os sentimentos e as emoções são representações de imagens mentais significadas, *alogramas* que fazem parte integrante do ajuste do nosso estado de vida com o real" (Santos, 2006, p.17).

Os conteúdos mentais dos quais fala Santos, são os ingredientes do sentimento. Podemos entender que dependendo do nosso cérebro e do que produzimos enquanto pensamentos e imagens, temos sentimentos ou não, ou até temos sentimentos em demasia. "um sentimento é uma percepção de um certo estado do corpo, acompanhado pela percepção de pensamentos com certos temas e pela percepção de um certo modo de pensar" (Damásio, 2003, p. 104).

Porém para exprimirmos uma emoção, devemos estar na presença do outro, ou seja, o outro é a parte pela qual encontramos a nossa emoção e a deixamos submergir. Nossas emoções são polarizadas e nossos afetos se exprimem através delas. Quanto melhor percebemos os afetos, melhor agiremos em relação à vida. Santos alerta que se faz necessário inclusive, falar às crianças não só dos afetos positivos, mas também dos negativos, para que elas possam aprender a discernir. Diz ela:

A existência de um recurso maior de imagens mentais significadas permite a elaboração de uma estratégia emocional que subentende um funcionamento mental que implique uma simetria entre razão e emoção, entre social e individual, sustentado por elos de relação entre

o dentro e o fora. Quem educa deve, por isso, falar à criança de todos os afetos, os bons e os maus, para que esta os conheça, para que esta crie “esquemas de ação”, circuitos neuronais, que fundem um self, tão construtivo que lhe permita uma relação equilibrada entre o dentro e o fora, entre ela e os outros, numa relação dinâmica construtora de um ser cognitivo, emocional, social e cultural (2013, p.17).

Logo, se não conhecermos os afetos, crescemos e nos tornamos adultos, ainda sem os distinguir. A razão para que os afetos não nos sejam apresentados cientificamente nas escolas é, segundo Damásio, 2017, p.148: "(...) talvez porque os sentimentos normais são ubíquos, mas de modo geral, requerem pouca atenção". Ele ressalta ainda que "Existe um outro motivo para o menosprezo do sentimento: o afeto tem má reputação, graças a um punhado de emoções negativas, cujos efeitos, são realmente, perturbadores (...)" (*Idem*, 2017, p. 148). Esta concepção aponta para a questão do sentimento nos impulsionar a um caminho contrário ao da razão, devido à visão restrita e negativa, de que os sentimentos e emoções nos afastam da capacidade de raciocínio, mesmo que haja uma infinidade de bons afetos e que estes sejam grandes aliados da criatividade e da competência intelectual.

Presumimos que nosso cérebro recebe um estímulo para gerar uma emoção, seja ela boa ou má, como sorrir ou chorar. Esses estímulos possivelmente são provenientes de imagens que são guardadas no nosso imaginário e que também podem desencadear um sentimento, bom ou mau. Aqui podemos visualizar um caminho percorrido pela emoção ou sentimento, onde não há o órgão “coração”, como comumente se costuma pensar, mesmo que este, faça parte do nosso organismo, que é o cenário para todas as emoções. Sobre esse processo "fisiológico" das emoções, Eduardo Punset, em seu livro "A alma está no cérebro", diz que:

As emoções são o resultado de um conjunto de processos fisiológicos que ocorrem no nosso organismo: a felicidade, a vergonha, ou a culpa são química no nosso cérebro... São, simplesmente mudanças moleculares! Não podemos eliminar as emoções do nosso corpo; elas fazem parte da nossa própria biologia. A forma como o nosso cérebro percebe essas mudanças é aquilo a que chamamos sentimentos ou sensações. São essenciais para solucionar problemas que requerem criatividade ou que precisam de elaborar e processar grandes quantidades de informação. E, portanto, ajudam-nos a decidir (2010, p.173).

Neste ponto podemos pensar nas *emoções sociais* das quais também fala Damásio, e nos possíveis dilemas que aparecem em nossas vidas. Muitas vezes não controlamos nossas emoções diante de situações conflituosas e não sabemos usar o que a psicologia moderna chama de "inteligência emocional" - capacidade de reconhecer e avaliar os nossos sentimentos e os dos outros - como vimos anteriormente, não seria possível analisarmos os sentimentos alheios, pois usualmente eles não aparecem, mas reconhecer os nossos, sim.

Sobre a "Gestão da Emoção", Cury (2015) reflete que ao assumirmos emoções ruins, comprometemos o nosso registro mental, e que,

A emoção não está só na base do registro da memória, mas também na abertura ou no encerramento das janelas da memória, impedindo o Eu de aceder a milhões de dados numa situação stressante, o que compromete o raciocínio global (2015, p.11).

Ferreira (2011) aponta que "somos responsáveis pela gestão das nossas paixões e que podemos transformar, se não totalmente passando-as a acções, pelo menos parcialmente, diminuindo o fator tristeza" (*Ibidem*, p.36). Damásio (2000) observa que "a consciência tem de estar presente para que os sentimentos possam influenciar o sujeito que os têm, para além do aqui e agora imediato" (2000, p.57). Observamos, portanto, que se faz importante e necessário reconhecermos as nossas emoções e sentimentos, para então promovermos em nós mesmos algum aspecto de mudança.

Surpreende-nos quando em seu livro *Viagem Extraordinária ao Centro do Cérebro*, Jean Didier Vincent escreve que, "O cérebro é o órgão do amor; entendo o amor sob as suas formas carnis, mas também sob as suas aparências celestes - estando-lhe geralmente reservado o sétimo céu" (2007, p.47). Para ele, quanto mais conhecemos o nosso cérebro, mais próximos do "paraíso" estaremos e mais viveremos em harmonia com todo o resto, ou seja, com os temperamentos, humores e emoções. À luz desse conceito e da neurociência, podemos entender que o cérebro é responsável pela cognição afetiva, ou seja, o campo por onde permeia os meandros dos sentimentos e das emoções, e o corpo inteiro tem possibilidades em expressá-los.

Punset (2010) afirma que o nosso cérebro é um "construtor de mundos", Espinosa não negou a investigação sobre os sentimentos e as emoções, e António Damásio, um dos maiores neurocientistas mundiais, nos surpreendeu com o estudo científico e também humanista sobre algo que minimamente merece a nossa curiosidade e respeito, por ser fundamentação do nosso espírito, corpo e mente, e por reger nossa condição humana. Estes estudos trazem à tona portanto, palavras como Imaginário, Empatia e Emoções, junto a outras como Cérebro, Consciência e Sistema Límbico. Certifica Damásio: Os sentimentos não são uma fabricação independente do cérebro. Eles resultam de uma colaboração entre corpo e cérebro, os quais interagem graças a moléculas químicas e vias nervosas (2017, p.27).

Para esta investigação, trataremos especialmente o estudo sobre a *Empatia*, que teve como autores centrais Steven Pinker (2016)³ e António Damásio (2000, 2003 e 2017). Um dos afetos positivos, a emoção da empatia é uma virtude fundamental para cuidar do próximo, e normalmente aparece como um catalisador na hora da tomada de decisões. Razão ou Emoção? Este antagonismo, sob este ponto de vista dos afetos, nem sempre é assim, tão incompatível, já que as duas coisas fazem parte do nosso cérebro. Na mitologia grega, Apolo e Dionísio, filhos de Zeus, são duas forças que se completam, nos provando que razão e emoção também podem caminhar juntas⁴. Outro fator importante é a intuição, muitas vezes vista como um ato impulsivo e inconsciente, mas geralmente está coligada à nossa experiência de vida (Santos, 2013), ou seja, quanto mais maduros somos, mais intuitivos seremos. Assim, nestes momentos cruciais, comumente é a emoção da empatia que nos guia.

Para o psiquiatra e psicanalista português Coimbra de Matos, possivelmente o facto de alguém ser “muito sensível” ou “emotivo”, tenha vínculo "afetivo" direto com o amor ou com a empatia, emoções que expressamos em nossas relações com o outro. Diz ele:

³ Humanista e professor de psicologia na universidade de Harvard, recebeu inúmeros prêmios por sua pesquisa em linguagem e cognição.

⁴ O Apolíneo é o lado da razão e do raciocínio lógico. Por outro lado, o Dionisíaco é o lado do caos e apela para as emoções e instintos. O conteúdo de todas as grandes tragédias é baseado na tensão criada pela interação entre esses dois estados.

Efectivamente, se queremos fazer uma teoria da mente, comecemos por fazer uma teoria do amor. Só que o amor não se teoriza, faz-se, vive-se. Ele é uma perícia e um sentimento que apenas se adquire e atinge na relação. Assim, tudo começa na relação (Matos & Coelho, 2006, p.19).

A empatia é um tema muito estudado na neurociência atual. Considerada por Pinker (2016), como uma das faculdades psicológicas que nos afasta da violência, também nos estimula a viver socialmente. É como um estado físico e mental que nos coloca no lugar do outro, "como quando olhamos um arranha-céus e nos imaginamos verticais e altos como ele" (Pinker, 2016, p.741). Em seus estudos, o autor cita diversos adeptos da empatia, dentre eles o primatologista Frans de Waal, que anunciou a "era da empatia".

Pinker (2016) chama a atenção ainda, que, a ascensão da empatia em nossos dias tornou popular as palavras simpatia ou compaixão. Mas, "o significado mais automático de *empatia é projeção*: a capacidade de nos pormos no lugar de uma pessoa, de um animal ou até de um objeto, imaginando o que sentiríamos nessa situação" (*Ibidem*, p.742). Podemos perceber que ter empatia por alguém é reconhecer os seus prazeres ou as suas dores e dessa forma, podermos suportá-los juntos.

Ainda acerca da empatia é importante referir termos como "Neurónios-espelho" (considerados em 1992 como os neurônios da empatia) e "Oxitocina" (hormona da afeição)⁵ cujo estudo contribui para ver esta emoção como importante para a nossa vida social. Entretanto os investigadores atentam que regularmente sentimos empatia por familiares ou amigos, mas que esta não se difunde indiscriminadamente. Conforme fala Pinker: "(...) as relações de troca são governadas por normas de equidade e acompanhadas por emoções mais cordiais do que de autêntica simpatia" (*Ibidem*, 2016, p.751). Além da empatia entre nós estar muito mais associada a uma relação equitativa, alguns aspectos negativos foram encontrados nesses diversos experimentos. Pinker (2016) refere:

⁵ A oxitocina é uma pequena molécula produzida pelo hipotálamo, que age nos sistemas emocionais do cérebro, entre os quais se contam a amígdala e o corpo estrado, e que é libertada pela hipófise no sistema circulatório, podendo a partir daí afetar o resto do corpo. (Pinker, 2011, p. 748, a partir do estudo Pfaff, 2007).

O outro aspecto problemático da empatia é ser demasiado provinciana para aceder a uma conceção global dos interesses dos indivíduos. Apesar dos neurónios-espelho, a empatia não é um reflexo que suscite simpatia por todos aqueles que vemos no nosso caminho. Pode ativar-se e desativar-se, ou virar-se do avesso, conforme construamos ou concebamos a relação que temos com outra pessoa: de fato pode variar amplamente em função da aparência terna, do aspecto físico, do parentesco, da amizade, da semelhança ou da solidariedade comunitária (*Ibidem*, p.763).

Deste modo, a empatia tem um lado bom e um lado conflituoso, pois quando a sentimos apenas em detrimento daqueles que amamos ou de histórias de personagens fictícios, das quais nos identificamos, isto nos afasta do senso de justiça. Assim, segundo Pinker (2016), a empatia pode se fazer presente também em outras searas que incluem pessoas que nem sequer conhecemos:

O estudo científico da empatia mostrou que a simpatia pode favorecer um altruísmo autêntico e que este pode alargar-se incluindo novos grupos de pessoas. (...) a empatia pode subverter o bem-estar humano quando contradiz o princípio fundamental que é a justiça (*Ibidem*, p.762).

Entretanto o autor observa ainda que há outro problema com relação à empatia:

A simpatia é endógena: um efeito, mais do que uma causa, do modo como as pessoas se relacionam mutuamente. Segundo os termos em que o observador conceba uma relação, a sua resposta perante o sofrimento de outrem será empática, neutra ou até mesmo contraempática" (*Ibidem*, p. 746).

Porém, a emoção da empatia e outras emoções que fazem parte da *Ética da Alegria*⁶ da qual trata Espinosa, podem conviver bem com os afetos negativos, se as colocarmos como parte do todo. A nossa humanidade não existe em detrimento dela mesma, mas em harmonia com a natureza e os demais. Sobre isto, Ferreira (2011) fala que Espinosa

⁶ Conceito que aparece após estudos da obra do filósofo Espinosa, que escreveu sobre afetos ou paixões alegres e afetos ou paixões tristes, no livro "Ética", capítulo *A Origem e a Natureza dos Afetos*.

aconselha: "(...) abandonar o particular e situarmo-nos no todo" (*Ibidem*, p.37). Então é importante entendermos a potência da mente e, tudo o que passa por ela: a imaginação, as emoções, os sentimentos, para depois, podermos agir.

Logo, se procurarmos perspectivas de expandir a empatia para a comunidade na qual estamos inseridos, experimentaremos o senso de cooperação, que, segundo Pinker (2016):

(...) as pessoas deverão ter certa propensão para a simpatia perante estranhos, com o propósito original (ou seja, evolutivo) de explorarem a possibilidade de uma relação mutuamente benéfica (*Ibidem*, p.751).

Esta "preocupação solidária" ou movimento de agir empaticamente, leva a um estado emocional de felicidade, como relata o autor:

Um dia, na praia, dei com um caranguejo-ferradura voltado de pernas para o ar, com a sua dúzia de patas a contorcerem-se inutilmente no ar. Depois de o endireitar e de o fazer deslizar até a praia das ondas, experimentei uma súbita sensação de felicidade (*Ibidem*, p.752).

Para Damásio (2017), a empatia contribui ainda para o nosso processo de *homeostasia*. Sobre isto diz ele: "(...) a nossa vida deve ser regulada não só pelos nossos desejos e sentimentos, mas também pela nossa *preocupação* com os desejos e os sentimentos de outros" (2017, p.191).

Assim, podemos perceber que a empatia, bem como, outras emoções positivas, aumentam a qualidade do mundo que nos rodeia. Os autores (Pinker, 2016; Damásio 2017) referem-na como sendo salutar também para facilitar o nosso contacto com a nossa intuição e com a nossa imaginação criadora, ou seja, criar metáforas dos acontecimentos que nos cercam e encontrar criativamente soluções no enfrentamento dos nossos problemas, além de nos permitir vislumbrar possibilidades em ajudar os outros. A imaginação é, pois, uma aliada nesse processo.

1.2. IMAGINAÇÃO E CRIATIVIDADE

Imaginação é uma palavra correntemente falada nos meios artísticos e educacionais. Habitualmente, pensamos que a imaginação vem de um lugar onde só os nossos pensamentos conhecem. Damásio (2017) aponta que a imaginação está no real, disponível a todos, fácil de acessar, pois imaginar é "interpretar o real" e coloca a mente em ação, ou seja, podemos estimular a imaginação a partir de situações externas. Para Jeanne Maret-Cogeval e Frédérique Vusgnat (2000),

A criatividade está na base do crescimento psíquico, ela continua durante tanto tempo quanto exista vida psíquica. Bastando-se a si mesma, ela tem necessidade de contributos exteriores para se enriquecer (op cit. em Decobert & Sacco, et al, 2000, p.99).

O poeta brasileiro Manoel de Barros (1916-2014) disse que certa vez, um fotógrafo-artista lhe tinha dito que "a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem com barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós" (2010, p.109). Contudo, esta fala que este certo artista disse, faz parte de um dos poemas que compõem "As Infâncias" de Manoel de Barros, marcada por um grande poder de imaginação e que passou a compor as suas memórias. O poeta, desde pequeno resignificava o real:

Naquele dia no meio do jantar, eu contei que tentara pegar na bunda do vento - mas o rabo do vento escorregava muito e eu não consegui pegar. Eu teria sete anos. A mãe fez um sorriso carinhoso para mim e não disse nada. Meus irmãos deram gaitadas me gozando. O pai ficou preocupado e disse que eu tivera um vareio da imaginação. Mas que estes vareios acabariam com os estudos. E me mandou estudar em livros. Eu vim. E logo li alguns tomos havidos na biblioteca do Colégio. E dei de estudar pra frente. Aprendi a teoria das ideias e da razão pura. Especulei filósofos e até cheguei aos eruditos. Aos homens de grande saber. Achei que os eruditos nas suas altas abstrações se esqueciam das coisas simples da terra. Foi aí que encontrei Eistein (ele mesmo - Albert Eistein). Que me ensinou esta frase: A imaginação é mais importante que o saber. Fiquei alcandorado! E fiz uma brincadeira. Botei um pouco de inocência na erudição. Deu certo. Meu olho começou a ver de novo as pobres coisas do chão mijadas de orvalho. E vi as borboletas. Vi que elas dominam o mais leve sem precisar de ter motor nenhum no corpo. (Essa engenharia de Deus!) E

vi que elas podem pousar nas flores e nas pedras sem magoar as próprias asas. E vi que o homem não tem soberania nem pra ser um bentevi (*Ibidem*, p.183).

Barros escolheu a imaginação como parceira, para significar a sua experiência diante das coisas, pensar, sentir e agir. Entretanto, se a mente é uma aliada para discernir e agir, seria a imaginação um produto da mente em ação? Segundo Espinosa, "A essência da mente afina apenas o que a mente é e pode, ou seja, é da natureza da mente imaginar tão somente o que assegura sua potência de agir" (Spinoza, 2009, p.68).

A partir do seu estudo sobre a obra de Espinosa, Ferreira (2011) diz que, a imaginação faz parte das paixões e por isso se distancia da razão. "(...) Estamos sob o domínio da paixão se em nós predomina a imaginação, que é sempre sinônimo de um conhecimento confuso. Estamos (ou somos) activos, quando a razão domina" (*Ibidem*, p.36). Percebemos então, que devemos percorrer o caminho do estado de imaginação para o estado de ação, e assim, transformar e resignificar o real. Continua ela:

Somos responsáveis pela gestão de nossas paixões, que podemos transformar, se não totalmente, passando-as a acções, pelo menos parcialmente, diminuindo nelas o factor tristeza. De facto, o aumento do ser, que corresponde à passagem para uma maior perfeição, implica sempre alegria. A diminuição de ser, que leva a uma menor perfeição, provoca tristeza. A alegria e a tristeza, tal como o desejo, constituem os três afectos que Espinosa considera fundamentais (*Ibidem*, p. 36).

Entretanto, a imaginação caminha de mãos dadas com a *criatividade*. Para o doutor em Ciências da Educação, Alberto Barros de Sousa (2003), a criatividade perpassa pela sensibilidade e através do estímulo às expressões dos afetos, é possível desenvolvermos o nosso potencial criativo, sem, no entanto, excluirmos a atividade mental. De acordo com o autor, a criação artística desenvolve não só a aptidão individual, mas também a capacidade de relacionar-se com o outro, o que abre a discussão para a influência da atividade criadora na socialização.

Ken Robinson (2010), consultor britânico em educação nas artes, nos aponta que a imaginação, bem como a criatividade, são inteligências inerentes ao ser humano e que não apenas em ações artísticas, porém, somos criativos na vida. Sobre as duas

competências, denomina ele: "(...) a inteligência criativa - capacidade para lidar com situações novas e para descobrir soluções originais; e a inteligência prática - capacidade para lidar com os problemas do dia-a-dia" (2010, p.53).

Robinson complementa ainda, que: "Um dos inimigos da criatividade e da inovação, sobretudo no que diz respeito ao nosso desenvolvimento, é o senso comum" (*Ibidem*, p.43). Portanto, a inteligência criativa é única, pois cada um de nós a usa de maneira diferente. Ele destaca também a enorme contribuição que a capacidade criadora do homem tem, de impulsioná-lo para o futuro, através de ações transformadoras. Com relação a esta capacidade criativa, Stephen Nachmanovitch (1993), diz que:

A inspiração criativa não é privilégio de pessoas especiais como os artistas profissionais. Conceder aos artistas profissionais a prerrogativa da criatividade é o mesmo que conceder aos médicos a prerrogativa da cura. (...) a verdadeira cura, como a verdadeira criatividade cabe a nós, e corremos perigo quando abdicamos desse poder (1993, p.164).

Ainda nesta linha, Vygotsky (1896-1934), reconhece que todos temos um "cérebro criador", capacidade esta, livre e aberta à imaginação, desde a primeira infância. Diz ele: "As crianças nos seus jogos, não se limitam a recordar experiências vividas, mas reelaboram-nas de modo criador, combinando-as entre si e construindo com elas novas realidades de acordo com os seus afetos e realidades" (2009, p.14). Entretanto, esta competência inerente ao ser humano, tende a se perder ao passar dos anos, como se o cérebro desistisse de imaginar e criar. Isto acontece provavelmente, devido ao "modus operandi" que a sociedade nos impõe, e conseqüentemente, condicionamos o cérebro a emoções automatizadas do dia-a-dia, o que nos faz perder inclusive as nossas capacidades intuitivas.

Sabemos que ser criativo é uma questão de atitude e parte também da intuição e da abertura à fluidez e imaginação, com base na nossa experiência de vida e no autoconhecimento. A criatividade é um elemento essencial do nosso processo educativo, e colabora na formação do nosso caráter, tornando-nos seres melhores, harmoniosos e mais dispostos diante das adversidades. Nachmanovich (1993) ressalta que a

criatividade é a harmonia de tensões opostas, e afirma:

À medida que acompanhamos o fluxo do nosso próprio processo criativo, oscilamos entre os dois polos. Se perdemos a alegria, nosso trabalho se torna grave e formal. Se abandonamos o sagrado, nosso trabalho perde contato com a terra em que vivemos (*Ibidem*, p.23).

Diversas são as características que tocam na questão da criatividade. Qualidades como expressividade e inventividade, entre outras, despertam em nós, potenciais capazes de mudar nossa perspectiva diante da vida e dos problemas enfrentados no dia-a-dia, além de ser um caminho para expressarmos nossas emoções de forma mais potente. Percebemos portanto, que a criatividade pode e deve estar em qualquer instância ou em qualquer contexto. É nosso dever não perdê-la de vista.

1.3 ARTE E INTERVENÇÃO

1.3.1 A EXPRESSÃO DRAMÁTICA

Conforme Richard Courtney (1913-1996), as atividades dramáticas são definidas em três categorias, a *Estética*, quando envolve a formação e atividades artísticas; a *Extrínseca*, que é utilizada como meio de atingir objetivos específicos em outras matérias de ensino-aprendizagem; e a *Intrínseca*, quando tem objetivos especificamente ligados ao desenvolvimento humano. Podemos perceber assim que, o teatro, visto por estas três óticas, pode servir a objetivos ligados também à questões pessoais e sociais, devido à terceira perspectiva (Courtney, 1980).

Um dos princípios fundamentais do pensamento de Schiller é o da “política recreativa” – a educação através da arte e da atividade lúdica. Ele salienta, numa das frases mais conhecidas de sua obra, a importância do jogo na vida do homem e do quanto o mesmo atinge a plenitude no estado estético, quando diz: “o homem joga somente quando é

homem no pleno sentido da palavra, e somente é homem pleno quando joga” (1963, p.83). Em conformidade com este pensamento, Rousseau (1712-1778) diz que os simples atos de correr, saltar e brincar, tem grande valor (op cit. em Courtney, 1980, p.17).

Contudo, é extremamente importante entendermos a diferença entre o conceito de *Teatro* e o conceito de *Expressão Dramática*. No Brasil, os arte educadores e atores em geral, seguem duas importantes colaborações, que abordam de maneira clara e eficiente esta diferença: a brasileira Ingrid Koudela com os livros *Jogos Teatrais* (2013), publicado pela primeira vez em 1984 e *Texto e Jogo* (2010); e a americana Viola Spolin (1906-1984), com o seu famoso e eficiente *Jogos Teatrais: o fichário de Viola Spolin* (2006).

Spolin difundiu o seu método por todo o mundo, principalmente na rede escolar, pois os mais de 200 jogos sistematizados em fichas separadas, são importantes ferramentas para o arte educador e alunos viverem a experiência do teatro por meio de brincadeiras e improvisações, e sem a obrigatoriedade de criarem nenhum espetáculo teatral, mas antes, relacionarem-se e entenderem a vida. Tanto a sistematização de Spolin quanto a de Koudela, ultrapassam o âmbito escolar e fazem parte dos planos de aula de diversos outros profissionais, como professores de artes em geral para crianças ou para adultos, ou ainda interventores sociais que trabalham com públicos específicos, por serem os jogos um forte facilitador na esfera da improvisação e expressão.

Através da expressão dramática, construímos algo a partir de nós mesmos, da nossa inquietação e daquilo que nos move. Aqui representamos "dramaticamente" uma situação com e para o coletivo, e o mais importante, expressamos espontaneamente as nossas próprias emoções através do jogo, e da nossa imaginação. Todavia, na representação dramática as emoções dos personagens se misturam com as emoções dos "personagens reais", o que torna a problematização vista por um ângulo diferente. Isto dá oportunidade ao sujeito de tomar decisões através desse protagonismo, e assim, aliviar o peso que tal problema lhe causa, pois é uma "dramatização" de um jogo, uma história criada e contada de forma diferente, e para resolver o drama o sujeito pode assumir diferentes papéis e experimentar diversas escolhas, e até “desdramatizar” o

drama. Estar em jogo é ainda, uma oportunidade de refletir. Como observa a professora Maria de São Pedro Lopes (2011),

(...) a prática de nos colocarmos em personagem, já por si, contribui fortemente para uma *análise descentrada de questões*, uma vez que não é o intérprete que poderá, eventualmente, ter problemas, mas sim a personagem que representa. Esta essência tão específica da linguagem teatral permite uma distanciação que é proporcionadora de reflexão e de análise, não só pela liberdade e pela segurança na discussão de assuntos delicados (que não são nossos mas da personagem), como também pelo fato do intérprete *experimentar* os sentimentos e as emoções da ficção em que essa personagem está envolvida. A duplicidade desse jogo inerente à experiência de representação dramática, é por si só, promotora de questionamento pessoal e social (2011, p.193).

Importante elucidar também, a distinção entre *Jogo* e *Jogo Teatral*. O primeiro se dá na esfera do prazer de brincar, o segundo, quando efetivamente utilizamos a dramatização e identificação, ação inclusive inerente à criança, e amplamente utilizado em dinâmicas com adultos em diversos workshops e intervenções, sejam estes de teatro, ou não. Há ainda o *Jogo dramático*, que segundo o psicopedagogo e encenador Luís Aguilar (2001), ajudam o jogador a entender o papel do conflito. Afirma ele: "As atividades expressivas simples serão substituídas por jogos que impõem uma clara definição de ações e de conflitos: os jogos dramáticos" (2001, p.25). Aguilar defende as atividades dramáticas como ferramentas para o desenvolvimento humano, tanto na educação, tal como fonte terapêutica, através do psicodrama⁷.

Para a professora Isabel Kowalski (2005), a expressão dramática agrega três significativos elementos: "estar, comunicar e criar". Esta dimensão da arte, envolve portanto, o participante, numa esfera maior do que o simples fazer teatral - exige que este coloque no jogo, as suas emoções e afetividades, ou seja, a sua experiência de vida. Ela cita as "componentes expressivas, comunicativas, criativas, reflexivas, artísticas e estéticas", que fazem parte do jogo (2005, p.11).

⁷ Psicoterapia em grupo ou individual em que a ação, representação dramática improvisada, é usada como núcleo de abordagem e exploração da psique humana e seus vínculos emocionais, visando à catarse e ao desenvolvimento da espontaneidade do indivíduo (Oliveira, 2012).

Conforme David Ball (2009), há ainda que distinguirmos a diferença da linguagem dramática entre as outras linguagens que utilizam o verbo. "(...) Essa é a chave da linguagem dramática, uma linguagem bem distinta da linguagem da poesia ou da prosa escrita não dramática" (2009, p.48). Para o autor é importante conhecermos o "conflito dramático" e suas especificidades. Podemos perceber que as intenções e os objetivos do teatro e da expressão dramática são verdadeiramente diferentes. Se o teatro está a serviço do espectador, a expressão dramática está a serviço do jogador e de todos que estão jogando, como uma atividade exclusivamente coletiva.

Inferimos que a Expressão Dramática é um meio, não um fim. O importante em entender a diferença, está principalmente na percepção de que podemos lançar mão dos jogos dramáticos e teatrais, com vias a trabalhar a socialização, a criatividade, a compreensão de si e do outro e a expressão dos sentimentos e das emoções. Esta linguagem artística valoriza principalmente a cooperação e a coletividade no sentido de troca, por oportunizar ao participante relacionar-se com o outro e com o espaço.

Uma das mais importantes contribuições para a vertente de ação dramática no âmbito social, é o trabalho desenvolvido por Augusto Boal⁸ (1931-2009). Em seus experimentos e sistematizações, Boal defende sobretudo o jogo, onde os participantes, atores e não atores, confrontam-se com os seus problemas e tentam resolvê-los através da representação e da brincadeira. Questionador por natureza, ele indaga o seu próprio método do Teatro do Oprimido⁹, quando escreve o livro *O Arco-íris do Desejo - Método Boal de Teatro e Terapia* (1996), em que encontra no jogo teatral, o valor terapêutico, ao experenciar o método em dois hospitais psiquiátricos na França.

⁸ Premiado investigador, diretor de teatro e dramaturgo brasileiro, conhecido em todo o mundo por ter desenvolvido a técnica do Teatro do Oprimido e estendido o teatro à dimensão social.

⁹ Metodologia desenvolvida por Augusto Boal na década de 60, em três vertentes: educativa, social e terapêutica. O teatro é usado como ferramenta para transformar realidades a partir da resolução dos problemas apresentados pelos atores e não atores, passando a ser um instrumento não só estético, mas também político, social e ético.

Para o investigador, que criou duas importantes técnicas - O Teatro Invisível¹⁰ e o Teatro-Fórum¹¹ - a arte dramática é um mecanismo que humaniza a todos e nos aproxima uns dos outros, pois é uma linguagem comum, onde todas as pessoas podem atuar, devido à vocação teatral que, segundo ele, nos é inerente (Boal, 1996). Portanto, o jogo teatral, em suas diversas expressões e técnicas, é uma valorosa ferramenta para nos fazer alcançar importantes objetivos no campo social, justamente por extrapolar as esferas do edifício teatral e ganhar novas e relevantes perspectivas.

1.3.2 O DESENHO COMO LINGUAGEM PICTÓRICA

A *expressão plástica* para esta investigação nos possibilitou o contacto com o *desenho pictórico* e sua eficácia para a expressão dos afetos. Esta linguagem é um portal aberto para exprimirmos sem palavras nossos sentimentos, e nos oferece ainda, a oportunidade de compartilhá-los com os outros. Podemos também através do desenho, entrar em contacto com o nosso eu mais íntimo e assim, transformar o desenho em verbo, ou seja, falar sem palavras, através daquilo que desenhamos.

O desenho é considerado uma importante ferramenta para o desenvolvimento mental na fase infantil, assim como, um recurso para aguçar as operações mentais também nos adultos, visto que estes, abandonam a prática e perdem o gosto por desenhar, geralmente na faixa dos 11 anos, e ao retornarem a este tipo de atividade, entram em contato com o seu padrão mental pueril, mesmo que estejam em outra fase de desenvolvimento. Segundo Georges Henry Luquet (1876-1965), autor do clássico *O Desenho Infantil*,

¹⁰ A cena é ensaiada pelos atores a partir de um tema que gostariam de trabalhar na vida real. Levam a cena para o espaço real e improvisam. Os espectadores que estiverem no local, sem saberem que se trata de uma cena, participam dando suas opiniões, o que era cena se torna real e o que foi ensaiado como cena torna-se ato. A resolução do problema muitas vezes, aparece ou aparecem outros problemas.

¹¹ Todos os espectadores estão conscientes que podem entrar na cena, substituir o protagonista e improvisar, oferecendo sugestões novas para a resolução do problema. O protagonista vota à cena e escolhe a que melhor lhe parecer.

Só a habilidade técnica desenvolvida por uma cultura especial, estabelece, nesse ponto de vista, diferenças entre os indivíduos, e muitos adultos não serão capazes em toda a sua vida de desenhar sensivelmente melhor que crianças de 10 ou 12 anos (1979, p.212).

Retornar na vida adulta a esta atividade, proporciona ao adulto um confronto com aquilo que deixou para trás, como um resgate, bem como o contacto com a sua realidade.

Sobre a criação de um desenho, Luquet (1979) esclarece, que:

Vários elementos influenciam na criação de um desenho e há também as influências das circunstâncias exteriores, como por exemplo imagens reais vistas por quem está desenhando, são como sugestões que estimulam a espontaneidade. Assim como determinados enunciados ou circunstâncias imediatas ajudam o adulto a desenvolver um desenho (*Ibidem*, p.24).

Desenhar pode ser uma maneira de exprimir através das imagens às quais podemos associar, os aspectos relevantes da vida, visto que muitas pessoas têm dificuldade em compartilhá-los através da linguagem verbal. Expressar graficamente alguma coisa é uma forma livre de significar, e até mesmo de projetar percepções, desejos, e pensamentos. Sobre isto Luquet fala que "o desenho é uma íntima ligação do psíquico e do moral. A intenção de desenhar tal objecto não é senão o prolongamento e a manifestação da sua representação mental" (*Ibidem*, p.23).

Para a pioneira em arte terapia, Janie Rhyne (1913-1995), a arte e o desenho podem ser um meio de comunicação por onde podemos expressar aquilo que está no nosso interior, como projeções dos acontecimentos da vida ou desejos que queremos alcançar. Sobre isto, diz ela:

Posso verbalizar meus sentimentos, pensamentos e fantasias. Posso representar sonhos e dramas que crio na privacidade. Posso pintar, modelar e brincar com objetos que revelam minhas fantasias pessoais, tanto representativas quanto abstratas. Quando essas palavras, atos e expressões gráficos tornam-se explícitos, concretos e observáveis pelos outros, estou usando a arte para comunicar algumas formas de minhas experiências internas (2000, p.176).

Assim, exprimir-se através da linguagem pictórica, facilita o contato e a comunicação tanto com o outro quanto consigo mesmo. Muitas vezes um desenho, mesmo que feito a partir de uma indicação dada por um facilitador, envia, para quem está a desenhar, uma mensagem, como por exemplo, os símbolos que aparecem em desenhos ou a representação da auto imagem, que nem sempre é o desenho de um rosto.

Segundo Rhyne (2000), os desenhos podem ser a autoexpressão dessas mensagens e que ao desenhar símbolos, a pessoa muitas vezes está descobrindo "formas que mais se aproximam de uma metáfora visual que sintetize seus estados emocionais" (*Ibidem*, p.164). Podemos perceber que a expressão pictórica pode apresentar diferentes experiências, tanto objetivas, como no caso de uma realidade visual, quanto emocionais, advindas daquilo que sentimos sinestésicamente.

Sobre a utilização do desenho enquanto recurso de expressividade, Nicole Bédard (1998) nos aponta a questão do inconsciente. Segundo ela:

O desenho representa, em parte, o consciente, mas também, e mais importante ainda, o inconsciente. É a simbologia e as mensagens que estão ligadas ao desenho que nos interessam e não a estética deste (1998, p.08).

Os desenhos, não só utilizados com crianças, mas também com adultos, podem ser um instrumento para detectarmos importantes fatores quanto aos estados emocionais e traços de personalidade, bem como projeções de si mesmo, constituindo-se como uma forma de linguagem que traduz o que o seu autor quer transmitir. Como afirma o pediatra e especialista em interpretação de desenhos infantis, Joseph H. Di Leo ((1902-1991), "(...) cada desenho é um reflexo da personalidade de seu autor; que ele expressa aspectos afetivos da personalidade (...)") (1985, p.61). O autor diz ainda que os "Desenhos são auxiliares no diagnóstico e terapia" (*Ibidem*, p.81). Ele vê nos desenhos, potenciais para descobrirmos pontos relevantes quanto aos significantes. "Àqueles que dizem que os desenhos são supérfluos, que eles contam o que já sabemos, peço-lhes que nos contem mais sobre o que podemos saber" (*Ibidem*, p.94).

Contudo, o trabalho com desenhos feito com adultos requer enunciados, ou seja, exige um direcionamento. Sobre isto Bédard (1998) refere que:

Para os adultos, também há uma aproximação para a análise e para a interpretação dos desenhos. Com a diferença que nas crianças, em que é preferível que o desenho seja livre, sem que o tema seja imposto, no adulto, o desenho é dirigido. Os temas específicos assim como os símbolos são pedidos (*Ibidem*, p.51).

Esta autora nos aponta ainda, um importante dado que confere a este recurso, uma ferramenta para adentrar as questões do inconsciente. Diz ela: "O inconsciente revela-nos muitos tesouros através dos desenhos, cabe a nós descobri-los" (*Ibidem*, p.78).

Para Di Leo (1985), a criança em suas diversas fases do desenho, parte inicialmente do pormenor genérico e seus desenhos são feitos por instinto, visto que não tem ainda o sabor da experiência, o adulto faz por reflexão e às vezes representa algo apenas com o desenho de um símbolo, embora possa significar muitas coisas e pormenores dos quais podemos detectar, ao interpretá-lo.

Na compilação de estudos a respeito do desenho e o trabalho psicanalítico com a criança, os psicoterapeutas vêm no desenho, um potencial para a expressão não verbal, pois trabalha com o sensorial. Simone Decobert (2000), constata que "o desenho convida-nos portanto, a situarmo-nos aquém da verbalização" (Decobert & Sacco, et al, 2000, p.10). François Sacco utiliza em suas sessões o desenho e o jogo como um recurso positivo na cura, e diz que "o desenho é um apelo ao olhar do outro" (*Ibidem*, p.17). Ele reconhece o aspecto revelador do desenho, e completa: "Os jogos e o desenho da criança não são traduzíveis tendo em vista a sua legibilidade; nem figurativos tendo em vista sua visibilidade; eles são apenas interpretáveis (...)" (*Ibidem*, p.119). Já Arlette Fortin, diz que o desenho pode funcionar como uma "tentativa de elaboração do traumatismo pela sua representação figurativa" (op cit. em Decobert & Sacco, et al, 2000, p.180).

Ainda sobre o trabalho com o desenho em terapia com crianças, Decobert (2000) enfatiza que,

O que ela desenha vai comunicar o seu mal-estar, a sua angústia ou o seu modo de defesa contra esta, um apelo à ajuda, ao mesmo tempo que a resistência a esta tentativa de partilha que traria o socorro (*Ibidem*, p.09).

Logo, percebe-se que o trabalho com o desenho, pode, segundo os psicoterapeutas citados neste estudo, figurar vivências emocionais, tanto desejos inconscientes, quanto sentimentos inconscientes, como por exemplo a angústia, e podem ser elaborados por figuração, ao revelar aquilo que está escondido (tanto em crianças quanto em adultos). Estas revelações podem ser observadas através da interpretação do desenho, como veremos a seguir.

1.3.3 A INTERPRETAÇÃO DE DESENHOS

Como fonte de análise para esta investigação, a interpretação dos desenhos partiu do exame dos mesmos, aliada à observação dos comportamentos dos participantes e do que eles expressavam não só nos desenhos, mas também em suas falas e ações. Para aferirmos evidências a partir desta linguagem artística, se fez extremamente necessário interpretarmos os desenhos, com o aporte dos autores apontados no subcapítulo anterior, entre outros, também neste subcapítulo, observando ainda fatores ligados aos estados emocionais dos desenhadores, não só concernentes ao estado consciente, mas também inconsciente.

A Interpretação de desenhos exige por parte do investigador uma observação criteriosa e intuitiva sob cada desenhador individualmente, para então descobrir significados e ir ao encontro não só dos estudos estatísticos, através de tendências gerais, estudadas e divulgadas, mas também das particularidades de cada um para perceber minimamente. Contudo, é importante lembrar que, para esta investigação, a interpretação de desenhos de adultos tomou como base os estudos feitos a partir de desenhos infantis, visto que frequentemente os adultos, com algumas exceções, desenharam a partir do ponto em que pararam de desenhar, quando crianças.

Segundo Di Leo (1985), diferente das ciências físicas, existe uma gama de complexidade quanto à interpretação dos desenhos, principalmente porque o ser humano é único em si e difícil de padronizar, e desse modo, a interpretação requer uma atenção minuciosa aos detalhes ou à repetição de elementos, bem como uma análise das partes e também do todo. Ainda segundo o autor, "O elemento subjetividade é inerente à interpretação individual" (*Ibidem*, p.12). Assim, nos defrontamos com cada indivíduo e seus desenhos, e se possível, criamos formas de incluir ainda, a auto interpretação no exercício, caso desejem, pois cada palavra escrita ou um comentário sobre o desenho, pode esclarecer "uma atitude, pensamento ou sentimento" (*Ibidem*, p.13). Diz ele:

Os desenhos podem expressar sutilezas do intelecto e afetividade, que estão além do poder ou liberdade de expressão verbal. Mesmo os adultos, com um formidável vocabulário, necessitam centenas de palavras para tentar explicar o que uma pintura pode significar (*Ibidem*, p.13).

Para Luquet (1979), as características do desenho "(...) nas pessoas sem cultura gráfica especial, persistem para além da idade infantil" (*Ibidem*, p. 194). Assim, para a interpretação, a maturidade artística é um aspecto que pode não estar vinculado à idade e desenvolvimento do sujeito, e o importante a considerar é o estágio do desenho real e o que ali se encontra oculto, transparecendo através do desenho.

Os desenhos são uma linguagem, e são influenciados por vários fatores, desde as circunstâncias exteriores, como um dia de chuva, um acontecimento inesperado, uma má ou boa notícia, um outro dado externo qualquer, até os aspectos concernentes à associação de ideias (elementos culturais por exemplo), ou a imaginação, ou "onde exista uma barreira de linguagem" (*Ibidem*, p.12). Di Leo (1985) considera ainda que vários são os fatores a considerar para a interpretação de um desenho, importante refletir também sobre o estado de espírito do desenhador no momento em que está a desenhar, ou pelo qual está passando, pois certamente, encontraremos respostas nos desenhos para as suas inquietações e poderemos ajudá-los a lidar melhor com a situação enfrentada, posteriormente.

Assim, para este trabalho de investigação, vamos apresentar neste subcapítulo e no anexo complementar (anexo 3) a interpretação de alguns elementos que aparecem nos desenhos, como espirais, bonecos, casas, bem como símbolos e elementos dos quais podemos identificar como projeções do inconsciente (Rhyne, 2000; Di Leo, 1985; Bédard, 1998), além das árvores e dos frutos representados pelas cores, cujo exercício foi importante para percebermos as emoções que apareceram nos participantes ao longo da intervenção.

Com relação a desenhos cujos movimentos são geométricos, como as espirais, Bédard (1998) considera que são como *mandalas* e aponta que:

O aspecto positivo vê-se por um movimento flexível que possui uma determinada força e energia no seu traço. É como se depois de se ter vivido um acontecimento, se saísse mais forte e valorizado (...) (*Ibidem*, p.19).

As espirais são analisadas também por Henri Maldiney, que reflete: "o enrolamento-desenrolamento de um sistema de espirais é uma pista para o olhar... involução sistólica, diástole e saída... ciclo universal vida-morte, renascimento (...)" (Maldiney, 1973, citado por Geneviève Haag em Decobert & Saco, et al, 2000, p.63). Podemos perceber que este elemento está ligado a um movimento cíclico, onde o tempo é representado ciclicamente, não estagnado, portanto com visão de futuro.

Relativamente a desenhos de bonecos ou pessoas, os desenhos da criança têm uma peculiaridade em trazerem maioritariamente bonecos sem tronco, ou mesmo sem braços. Para Luquet (1979): "sem dúvida é porque ela não lhe reconhece a utilidade" (*Ibidem*, p.102). Conforme Bédard (1998), "Se o boneco não tem mãos, é porque a criança se sente incapaz de tomar a situação *em mãos* (...)" (*Ibidem*, p.40). Entretanto, curiosamente essa peculiaridade aparece em desenhos de adultos, que mesmo conhecendo a anatomia do corpo humano, desenha bonecos sem braços ou sem mãos. Sobre isto, Di Leo (1985) constata que "(...) a ausência das mãos pode ser relacionada como falta de confiança nos contatos sociais ou passividade". (*Ibidem*, p.77), ou ainda pode estar relacionado à repressão dos sentimentos, como medo ou timidez, ou seja, a dificuldade em expressar-se, conforme o autor refere:

O simbolismo das extremidades superiores se manifesta, frequentemente, na forma, dimensões ou ausência destas partes tão ativas nos relacionamentos. Consequentemente, atenção a como os braços, mãos e dedos são retratados pode ajudar a compreender o comportamento que seguidamente escondem: medo, timidez ou hostilidade e agressão (*Ibidem*, p.111).

Sobre desenhos de casas, Di Leo (1985) esclarece que: "A casa simboliza o lugar onde são buscados afeto e segurança" (*Ibidem*, p.52). Para Bédard, "Ela representa a emoção vivida do ponto de vista social" (*Ibidem*, p.35).

Já as árvores são um recurso pictórico de extrema importância para entendermos as entrelinhas do desenho e chegarmos às emoções e aos sentimentos. Enfatiza Bédard (1998):

De todos os símbolos ligados ao desenho, aquele que penso ser o mais importante é o da árvore. Em si própria, ela é completa, tocando a dimensão física, emotiva, assim como o intelecto da criança mas sobretudo o inconsciente desta (*Ibidem*, p.45).

A respeito da interpretação deste elemento, continua ela: "A árvore que tem um tronco mais alto e largo ocupa mais espaço, enquanto que um tronco estreito, mesmo se de uma altura respeitável será mais vulnerável às intempéries" (*Ibidem*, p.45). A autora fala ainda que é importante observar a folhagem, se houver muitas folhas e ramos é um sinal que a imaginação está ativa, e consequentemente, há motivação para novos projetos - ou seja, há motivação para o futuro. Sobre o oposto, diz ela: "Uma árvore sem folhagem que tem poucos ramos, de certeza que não é bem alimentada, será que lhe falta adubo? Podemos acreditar que a criança se sente triste e sem motivação" (*Ibidem*, p.46). E ainda: "Na base, os troncos das árvores não estão bem definidos. Será fácil desenraizá-las" (*Ibidem*, p.86).

Di Leo se refere às árvores como "autorretratos inconscientes". Segundo ele:

As três principais partes da árvore, supostamente, se referem aos três maiores campos da personalidade: o tronco - a vida emocional; as raízes - a vida instintiva; e a copa - a vida intelectual e social (*Ibidem*, p.158).

Detalhes como sombreamento no tronco da árvore (ansiedade), ou uma árvore fechada na copa (autocontrole) são observados por ele, que relaciona o tronco grande, a uma vida emocional dominante e raízes à mostra a representar que a árvore pode cair, o que denota fragilidade (Di Leo, 1985).

Quanto às cores aplicadas à interpretação pictórica, as opiniões são diversas. Alguns autores usam o recurso da associação da cor a uma emoção, para assim, facilitar a expressividade das emoções e dos sentimentos. Em alguns autores, a cor vermelha representa a raiva e o amarelo, a alegria. Mas a associação das cores às emoções pode variar de autor para autor. Sobre isto, Bédard (1998) diz que "para cada cor, podemos interpretar de forma positiva ou negativa a simbologia que está implicada. O estilo do desenho e o conjunto de cores determinarão uma ou outra interpretação" (*Ibidem*, p.26-27). Para a psicoterapeuta Michele Luquet, "as cores correspondem a uma liberação da afectividade" (op cit. em Decobert & Sacco, et al, 2000, p.49). Referindo-se à cor, continua ela: "o seu aparecimento assinala um trabalho inconsciente; ela está particularmente apta a sublinhar os conflitos" (*Ibidem*, p.50).

Bédard (1998) levanta outro aspecto da interpretação de desenhos e refere à disposição do desenho na folha. A partir da análise de desenhos infantis, ela certifica que: "O quadro superior da folha representa a cabeça, o intelecto, a imaginação (...)" (*Ibidem*, p.15), ou seja, o futuro representado no desenho, acrescentando "o lado esquerdo indica-nos que os pensamentos da criança estão direccionados para o passado. Ela não vive o momento presente e não antecipa futuro (...)", e "o centro da folha indica o momento presente" (*Ibidem*, p.15).

Na compilação dos estudos feitos por diversos terapeutas (Sacco, Arlete Fortin, Pierre Luquet, Michele Luquet, entre outros) acerca do desenho no trabalho psicanalítico com crianças, Decobert (2000) explicita:

Com efeito, o desenho que entra na intimidade mais positiva da cura pode comportar a sua parte de negatividade e de expressão da morte ou do luto. É o olhar que testemunhará a vida, e o desenho será feito para ser visto, o que não quer dizer que ele seja feito para mostrar directamente a representação, mas como dissemos desde o princípio, com maior frequência, a não representação, o irrepresentado (*Ibidem*, p.12).

Nesses estudos psicanalíticos, o psicoterapeuta Pierre Luquet elucida que a representação do desenho não é consciente, mas a imagem sim. "A imagem, que é o material da figuração, é consciente. É a maneira de se representar" (op cit. em Decobert & Sacco, et al, 2000, p. 33). Entretanto, o desenho é "portador de afetos" e geralmente projeta algum sentimento ou emoção. Continua ele: "contudo, a sensorialidade em geral e a figuração são um meio de luta contra a angústia" (*Ibidem*, p.33).

Esta observação nos leva a perceber que o desenho pictórico pode por vezes revelar afetos negativos, mas pode também libertar desejos inconscientes e nos colocar em contacto com afetos positivos em contraposição aos negativos, ao projetarmos imagens mentais ligadas aos nossos desejos. Podemos exemplificar isto, através do desenho de estrelas. A estrela é um símbolo muito forte e carregado de significação e está geralmente associada ao plano celeste. Para Bédard (1998), "A criança que gosta de desenhar as estrelas não querem viver apenas no momento presente, mas deseja de forma consciente ou não um grande destino" (*Ibidem*, p. 43). Ou seja, o ato de desenharmos um símbolo, neste caso a estrela, conscientemente ou não, pode representar os nossos desejos de mudança, ou aquilo que queremos alcançar.

Desse modo, em um trabalho de interpretação de desenhos, devemos levar em consideração cada detalhe, levantar hipóteses aliadas à outras informações que temos acerca do desenhador e conseqüentemente, levantarmos um material complementar no que concerne os comportamentos e sentimentos. A partir daí, a interpretação dos desenhos se torna um rico instrumento de diálogo entre aquele que está a desenhar e aquele que está a interpretar, atestando o seu poder de comunicação e expressão.

1.4. ARTE EM CONTEXTO DE SAÚDE

1.4.1 A ARTE E SEU PODER TRANSFORMADOR

A arte existe desde tempos imemoriáveis, e é inerente ao homem e à natureza. A psicóloga e investigadora Morgana Masetti (2003) descreve uma parte da mitologia grega, que nos faz pensar a arte pelo prisma da divindade:

A mitologia grega conta que Zeus, o deus supremo, olhou o mundo e decidiu que era necessário organizá-lo. Deu nomes e funções a todas as coisas e seres. Os animais foram agrupados em famílias, por espécies, os peixes lançados ao mar e as aves, ao céu. Ele também classificou as plantas segundo sua natureza e lugar. Todos os seres passaram a viver segundo seu próprio tempo e ciclos, por sua vez associados aos movimentos da lua, das estrelas, à ação do sol, dos ventos e da chuva. Com isso, do Caos se fez o Cosmos. (...) Zeus escolheu entre as mortais a bela Mnemôsis e teve com ela cinco filhas, as Musas: Arte, Filosofia, Amor, Poesia e Música. Todas acessíveis aos seres humanos. Portanto, sempre que entram em contato com uma delas, recordam sua origem divina e podem cumprir melhor o papel que Zeus lhes designou no Cosmos. Eis a função da arte: dar expressão humana às leis da natureza (2003, p.23).

A arte sempre desempenhou um papel fundamental na vida dos seres humanos. Por ser esta uma catalisadora de sentimentos e expressão, coloca o homem em contato direto com o resto do mundo. Como observa Ernst Fischer (1899-1972):

Nos alvares da humanidade, a arte pouco tinha a ver com a ‘beleza’ e nada tinha a ver com a contemplação estética, com o desfrute estético: era um instrumento mágico, uma arma da coletividade humana em sua luta pela sobrevivência” (Fischer, 1979, p.45).

Portanto, a arte é um elemento que age no coletivo, desvendando as relações homem-natureza e homem-sociedade. À arte cabe unir “o pessoal ao universal, restaurando a unidade humana perdida” (*Ibidem*, p.52).

A arte é antes de qualquer coisa, um veículo educacional. É uma das maneiras de colocarmos as nossas experiências em consonância com a nossa visão de mundo e do que percebemos na natureza, em nós e no outro. Não necessariamente precisamos nos tornar artistas, mas o processo do contato com a arte nos possibilita um maior entendimento e sentido da nossa própria existência, dos nossos problemas e das soluções para estes. Como constata Susana Langer (1895-1985), a arte nos amplia o olhar, é uma educação do olho interior, "da imaginação criativa que guia a percepção" (1980, p.419).

João Francisco Duarte Jr. (1991), doutor em Filosofia da Educação, alerta sobre uma função da arte, além daquelas que lhe são atribuídas normalmente. Diz ele:

Através da arte, o indivíduo pode expressar aquilo que o inquieta e o preocupa. Pode elaborar seus sentimentos para que haja uma evolução mais integrada entre o conhecimento simbólico e seu próprio 'eu'. A arte coloca-o frente a frente com a questão da criação: a criação de um sentido pessoal que oriente sua ação no mundo (1991, p.72/73).

Um dos conceitos mais completos da arte está no livro *Ensaio Filosófico*, de Langer: "a arte é, na verdade, a ponta de lança do desenvolvimento humano, social e individual" (1971, p.82). Segundo a autora, a arte no sentido genérico, abrangendo todas as expressões artísticas – "pode ser definida como a prática de criar formas perceptíveis expressivas do sentimento humano" (1971, p.82), e arremata, ao enfatizar que,

A função primordial da arte é objetivar o sentimento de modo que possamos contemplá-lo e entendê-lo. Através das artes plásticas, música, teatro e dança, podemos conceber o que sejam vitalidade e emoção (*Ibidem*, p.87).

O sentimento do qual fala Langer, refere-se a tudo que possa ser sentido. É através da arte que podemos expor nossa experiência interior.

Ernst Cassirer (1874-1946) afirmou que a arte resulta numa reprodução de nossa vida interior, ou seja, de nossos afetos e emoções. Continua ele:

(...) para um grande pintor, para um grande músico ou um grande poeta, as cores, as linhas, os ritmos e as palavras não são unicamente uma parte do seu aparato técnico e sim fatores necessários ao seu próprio processo criador (1977, p.201).

Assim, é possível afirmar que a vivência com a arte consiste em captar não aquilo que conhecemos ou sabemos, mas aquilo que efetivamente enxergamos no mundo e em nós mesmos. Fischer (1979) salienta que o homem é e sempre será o protagonista de sua história, e que ele será sempre “o mágico supremo, o Prometeu trazendo o fogo do Céu para a Terra, será sempre Orfeu enfeitiçando a natureza com a sua música. Enquanto a própria humanidade não morrer, a arte não morrerá” (*Ibidem*, p.254).

Este pensamento perpassou pelas mentes de diversos filósofos, estetas, artistas, escritores. Ressalta-se aqui a capacidade da arte em aquebrantar barreiras, construir ideias e objetivar sentimentos, como a base para a construção de uma humanidade efetivamente melhor, capaz de lidar com mais apreço com o outro e com a realidade que o circunda. Nas palavras do poeta Augusto dos Anjos:

(...) Somente a Arte, esculpindo a humana mágoa, abranda as rochas rígidas, torna água todo o fogo telúrico profundo e reduz, sem que, entanto, a desintegre, à condição de uma planície alegre A aspereza orográfica do mundo! Provo desta maneira ao mundo odiento, pelas grandes razões do sentimento, sem os métodos da abstrusa ciência fria, e os trovões gritadores da dialética, que a mais alta expressão da dor estética consiste essencialmente na alegria (1999, p.16).

A arte pode conciliar as inclinações naturais e ser o caminho certo para alcançarmos o autoconhecimento, vivacidade no sentir, liberdade e dignidade. E no mesmo pedestal da Filosofia, Religião e Ciência, encontramos a Arte – via pela qual o homem pode recuperar o mundo sensível, se inteirar das suas capacidades criadoras, se alegrar com a experiência artística e testar o seu potencial transformador em sua vida, pois a arte nessa conjuntura, é antes de tudo, uma ferramenta libertadora, que busca valorar a singularidade de cada um. Como evidencia Jean-Claude Forquin (1982):

(...) a criatividade artística é apenas uma virtualidade, um potencial, talvez uma esperança. Ela só se tornará forma, expressão, linguagem, mediante a operação de um trabalho pedagógico. Ainda assim, é preciso que esse trabalho não se equivoque quanto ao seu objeto e destino: não se trata de inculcar arquétipos ou estereótipos, mas de dar

instrumentos de expressão. Não se trata de reprimir, de suprimir, nem mesmo de sublimar a vida sensível, emocional, imaginária: trata-se de permitir que ela aflore, se exteriorize, se universalize, sem nada perder da sua especificidade individual e sensível, mas expondo-se enquanto forma e enquanto estilo (op cit. em Porcher, 1982, p.34).

Portanto, podemos pensar na arte pelo viés da multidisciplinaridade entre as diversas expressões artísticas e em contextos sociais diversos, e também como suporte orgânico para uma real possibilidade de transformação, pois neste sentido, o contato com estas expressões, tira-nos do posto de meros espectadores a sujeitos da ação. Ana Mae Barbosa (1984), grande expoente em arte educação, observa que “a arte tem sido usada cada vez mais em processos de humanização, para nos ensinar sobre nós mesmos, revelando nossa criatividade, imaginação e nosso mundo subjetivo” (1984, p. 66).

Deste modo, a arte procura concretizar em formas, o mundo dinâmico do “sentir” humano, pois exprime sentimentos e transmite significados, inexprimíveis pela linguagem conceitual, seja em qualquer situação ou grupo, com vistas não só à experiência da fruição, mas também enquanto estética do fazer, de forma a modificar a si próprio. Além dessa peculiaridade transformadora, a arte age como mola propulsora de melhora do ser humano com relação ao seu bem-estar, ou seja, age também enquanto recurso terapêutico.

1.4.2 A ARTE E SEUS EFEITOS TERAPÊUTICOS

O psiquiatra Donald Winnicott (1896-1971) definiu o objetivo da cura psicológica como trazer o paciente de um estado em que não é capaz de brincar para um estado em que é capaz de brincar. Diz ele:

(...) Somente através da diversão, e apenas da diversão, o indivíduo, a criança ou adulto, é capaz de ser criativo e de usar toda a sua personalidade, e é apenas sendo criativo que o indivíduo descobre o seu ser mais profundo (Winnicott citado em Nachmanovitch, 1993, p.56).

Brincar, neste contexto, é entendido como veículo indutor da criatividade, o que é deveras apontado em qualquer esfera de arte. Se para um artista, a sua práxis pode também revelar efeitos que ultrapassam os meramente profissionais, como ganhar dinheiro ou especializar-se em arte, tornando-o muitas vezes um ser humano melhor, a arte aplicada a qualquer pessoa disponível a este contacto, pode desencadear verdadeiras transformações. Entre as expressões artísticas, a arte dramática, como citado em subcapítulo anterior, abrange uma faceta muito grande nas questões sociais, a serviço do outro e com aspectos terapêuticos, tendo Boal (1996) como grande expoente no assunto.

Na perspectiva dos experimentos nos hospitais, a técnica criada por ele, intitulada "O Arco-íris dos Desejos", avança os mecanismos quanto aos temas desenvolvidos. Enquanto o Teatro-Fórum ou outras técnicas do método Boal (citados em sub-capítulo anterior) perpassam as questões sociais, com temas comuns a todos, este procedimento vai ao encontro dos temas pessoais e íntimos relativos às emoções e sentimentos individuais. Neste caso, o espaço estético não se demarca entre aquele que faz e aquele que vê, mas acontece em um mesmo espaço, onde todos podem entrar em contato com a própria imaginação, memória e emoção, através do jogo. No espaço cênico "terapêutico", do qual fala Boal,

(...) o protagonista-paciente (ou paciente-ator) reproduz seus pensamentos e libera suas próprias emoções e seus próprios sentimentos, reconhecidos e declarados como seus. (...) sejam quais forem: amor ou ódio, ataque ou fuga, construir ou destruir (1996, p. 37).

Em suas experimentações, contidas de diversos jogos e exercícios, Boal observa que os participantes vivem a cena e tentam concretizar o seu desejo, que passa a ser observado por todos. "O desejo, tornado coisa, pode ser melhor estudado, analisado, talvez transformado" (*Ibidem*, p.38).

Portanto, o experimento com o jogo teatral e as técnicas utilizadas por Boal, em especial a técnica utilizada com pacientes psiquiátricos, revitalizam o ser - criativo a partir do

seu protagonismo, dando-lhe oportunidade de observar-se e reconhecer-se como agente transformador, tornando-o sujeito que age, a partir de uma necessidade exclusivamente sua, e sem necessariamente o comprometimento artístico no sentido de obra de arte (espetáculos teatrais ou pinturas), mas do simples facto de se relacionar, em jogo. Como constata Boal,

A importância das terapias teatrais reside neste mecanismo de transformação do protagonista, que deixa de ser apenas objeto-sujeito (de forças sociais, mas também psicológicas; conscientes, mas também inconscientes) e passa a ser sujeito desse objeto-sujeito (*Ibidem*, p. 40).

Ao trabalhar nos hospitais psiquiátricos, ele observou que os problemas dos pacientes não eram gerais, mas subjetivos. Para resolver esses conflitos internos, ele aplicou técnicas de "O arco-íris do desejo", que trabalha sobretudo as emoções, através da espontaneidade e improvisação - não há dramaturgo, não há texto, não há palco e todos podem improvisar sobre um tema, que interesse a um ou a todos, o que levou alguns autores a comparar o seu trabalho com o Psicodrama¹², criado em 1921, pelo romeno Jacob Levi Moreno (1889-1974).

Segundo Erika Oliveira e Maria Araujo (2012), o termo Arco-íris do desejo sugeria a análise de todas as cores do arco-íris, "recombinando-as de acordo com o desejo das pessoas com o objetivo de ressignificar as opressões internalizadas e conferir-lhes outras feições" (Oliveira & Araujo, 2012, p.342). Contudo, Boal propõe um exercício de empatia e simpatia, pois aquele que está em cena representa seus próprios conflitos de forma a afetar quem assiste - o pôr-se no lugar do outro ou vivenciar o mesmo sentimento. Como enfatiza Oliveira et al.:

Ao colocar em relevo os efeitos terapêuticos do teatro nas suas oficinas, Boal procurava aproximar-se das opressões mais subjetivas e internalizadas para transformá-las em algo coletivo, procurando, por

¹² Psicoterapia em grupo ou individual em que a ação - representação dramática improvisada é usada como núcleo de abordagem e exploração da psique humana e seus vínculos emocionais, visando à catarse e ao desenvolvimento da espontaneidade do indivíduo (consultar site Impsi – Instituto moneiro de psicodrama).

meio de identificações, promover a vivência daquelas opressões como se fossem de uma só pessoa (*Ibidem*, p.344).

Estas perspectivas para a arte dramática (jogos) ou para as artes plásticas (exercícios que implicam experimentos com o fazer e o criar, pintar ou desenhar), são experiências sensoriais que afirmam outras funções da arte - tira-nos a todos do lugar de meros espectadores para jogadores ou atores sociais, que intervêm em sua própria realidade. Da mesma forma, este contexto confere também aos artistas formas de alcançarem outras searas, no que tange suas próprias vidas, seja sob forma de expressão ou de sublimação, conferindo à arte, o seu efeito terapêutico.

1.4.3 A INTERVENÇÃO DE PALHAÇOS EM HOSPITAIS E O EFEITO ALEGRIA

Surgido nos Estados Unidos, o trabalho desenvolvido por palhaços em hospitais teve sua fundação mais precisamente nos anos 80, em Nova York, por Michael Christensen, do Big Apple Circus Clown Care Unit¹³. No Brasil, o trabalho surgiu em 1991, fundado por Wellington Nogueira, dos Doutores da Alegria¹⁴, grupo pioneiro do trabalho no país. A partir daí, este tipo de intervenção não parou de crescer e hoje conta com uma Rede de mais de 1.100 grupos só no Brasil, catalogada e organizada pelos Doutores da Alegria, que articula o relacionamento e a cooperação entre esses diferentes grupos e indivíduos que utilizam a figura do palhaço para atuar sistematicamente em hospitais, tanto nas alas pediátricas quanto com adultos. Desde 2007 o "Programa de Palhaços em Rede" promove encontros sistemáticos anuais para dialogar e reforçar a identidade e a vocação de cada grupo, visando a qualidade do trabalho que é desenvolvido junto aos hospitais, através de reflexões e práticas desenvolvidas para este fim.

¹³ Instituição americana que existe há 40 anos e incorpora não só ações nos hospitais, mas também na rua e no chapitô.

¹⁴ Associação de palhaços há 25 anos atuando em hospitais públicos, no Brasil.

O Palhaço (a) ou Clown, denominação muito utilizada mundo afora, reúne em seu ser as dualidades do ser humano, o racional e o emocional, o que manda e o que obedece ou ainda o que é menos amado e o que é mais amado. Estas dualidades são representadas pelo "Branco e Augusto"¹⁵, e os dois caráters ou "status" possibilitam a nós um espelho onde podemos nos reconhecer. Assim, é possível rir de nós mesmos através deste, o palhaço, que admira o seu próprio ridículo e nos oferece a sua fragilidade como um portal de risos e afeto.

A forma que o palhaço encontrou para adentrar o hospital, desde o princípio deste tipo de intervenção, foi através da sátira do médico, onde se apresenta como "besteirologista", aquele que vai agir com o lado bobo, e sobretudo, focando o lado saudável do paciente. Entrar nos hospitais com a vestimenta de médico por cima da indumentária do palhaço, foi uma alternativa de mexer com a hierarquia e tirar proveito desta, para ser aceite. O palhaço no hospital, desenvolve em seu trabalho um sentido que muitos de nós ignora na vida, a intuição. Este sentido guia os improvisos, que geram outros improvisos e assim, por diante. Nachmanovitch (1993) fala que,

Mesmo quando trabalhamos de uma maneira muito estruturada, podemos começar pelo sempre surpreendente processo de livre criação, no qual não temos nada a ganhar nem a perder. O jorro da intuição consiste num rápido e contínuo fluxo de opções, opções, opções. Quando improvisamos com o coração, seguindo esse fluxo, as opções se transformam em imagens, e as imagens em novas opções, com uma tal rapidez que não temos tempo de sentir medo ou arrependimento diante do que a intuição está nos dizendo (*Ibidem*, p.47).

Esta intuição, da qual fala Nachmanovitch, permeia toda a intervenção de palhaços em hospitais, por ser uma prática artística que promove uma interação com todos ao redor, a partir do encontro, para daí estabelecer relações saudáveis através de momentos graciosos de jogo e brincadeira, na maioria das vezes a partir do improviso, técnica muito presente nesta linguagem, visto que o palhaço lida com as situações do aqui e agora, sem negar o que está acontecendo no momento, ou seja, sem negar a verdade, embora potencializando sempre a alegria.

¹⁵ O clown Branco representa o dever, a perfeição, a razão, o certo, o elegante. O clown Augusto a liberdade, a imperfeição, o instinto, o errado e deselegante. Ambos são as atitudes psicológicas do homem.

O palhaço traz em suas interações uma grande variedade de papéis e situações, quebrando a fronteira entre a realidade e o que poderia ser a realidade. Estas trocas geram muitas histórias oferecidas ao jogo e a quem estiver presente. Em vários momentos, brincadeira e realidade se misturam, onde aquele que se encontra numa situação desagradável consegue rir da circunstância, dada na maioria das vezes por seu protagonismo e sujeito ativo nesta relação e não como mero receptor da intervenção. O que fica no entanto, é de extrema importância para as relações entre todos que interagem neste encontro, pois as potencializam, gerando sobretudo confiança entre as partes.

Algumas investigações nesta área abordam questões que vão desde a melhoria do paciente após a visita do palhaço, até as relações construídas entre palhaços e profissionais de saúde, abordagens pesquisadas e escritas por Masetti, respectivamente nas edições *Soluções de Palhaços: Transformações na Realidade Hospitalar* (1998) e *Boas Misturas: A Ética da Alegria no Contexto Hospitalar* (2003), resultados de sua pesquisa junto à Ong Doutores da Alegria, no Brasil.

A própria ação do palhaço na conjuntura hospitalar e quais implicações positivas ou negativas que esta ação traz tanto para a criança, quanto para seus acompanhantes e para os profissionais de saúde, também já foi alvo de investigação, tanto no Brasil quanto em Portugal, junto à Ong Operação Nariz Vermelho. Já o aspecto da Formação foi objeto de estudo de Ana L. M. Soares (Ana Achcar), investigadora do Rio de Janeiro, com o projeto *Palhaço de Hospital: Proposta Metodológica de Formação* (2007). Para a autora, o palhaço que atua em campos limite, principalmente aqueles em que a morte está sempre à espreita, pode ser chamado também de "palhaço humanitário", no sentido que ele proporciona o riso e a alegria, tal como outras ações proporcionam o pão. Diz, ela:

De toda forma, eles não são assistentes sociais, não levam alimentos, nem medicamentos, não têm competência para executar curativos, ou para prescrever tratamentos. No máximo, pertencem à associação da diversão, e trazem momentos de festa às pessoas submetidas à dor, ao tédio, ao medo, à monotonia, em suas vidas (Soares, 2007, p. 54).

Os hospitais são espaços rodeados de tensão, mesmo aqueles que têm uma visão mais moderna de saúde e que oferecem atividades de lazer. Adentrar este tipo de ambiente para implementar uma intervenção artística, exige antes de tudo, boas relações. No estudo intitulado *Palhaços de hospital como estratégia de amenização da experiência de hospitalização infantil*, Suzana Caires, Esteves, H., Correia, S. e Almeida, I. (2014), evidenciam que vários são os contributos deste tipo de intervenção na área hospitalar, inclusive como uma ferramenta de "quebra gelo" no que concerne as relações com os profissionais de saúde. Afirmam elas:

A humanização das relações dos serviços e dos cuidados surgem, também, entre as expectativas desses profissionais quando antecipando os PH como mais um dos atores do universo hospitalar. A sua presença é entendida, por alguns, como, por si só, humanizadora. Efetivamente, se por um lado, através da brincadeira e do humor, o PH traz o riso, a alegria, quebra "gelos" ou estabelece "pontes" entre os seus diferentes atores (...) (Caires et al, 2014, p.384).

Para Masetti (1998), este tipo de intervenção exerce tamanha força sobre o ambiente, de forma a transformá-lo também em espaço de reflexão:

Em entrevistas abertas sobre os efeitos do trabalho dos Doutores da Alegria, médicos e enfermeiras relatam que para os pais, o sorriso funciona como um indicador importante de recuperação física dos filhos. Ajuda a diminuir a ansiedade, torna a percepção da hospitalização mais positiva e os faz mais confiantes na equipe. Observam também que os pais passam a ser mais ativos no tratamento de seus filhos. Relatam que lidam melhor com a hospitalização das crianças e percebem uma alteração positiva na imagem da internação (1998, p. 19).

Entretanto, palhaços e atividades artísticas no contexto hospitalar, podem gerar ainda o que Masetti chama de "Boas Misturas", termo que, segundo ela, foi definido pelos estoicos¹⁶, do qual uma importante característica é afetar e ser afetado pelo outro, com qualidade. Sobre isto, diz ela: "Os estoicos definem as "boas misturas" como encontros

¹⁶ Uma característica distintiva do estoicismo é o seu cosmopolitismo: todas as pessoas seriam manifestações do espírito universal único e deveriam, de acordo com os filósofos estoicos, em amor fraternal, ajudarem-se uns a outros de maneira eficaz.

em que os indivíduos coexistem, sem que um destrua a natureza do outro, de maneira a permitir que a potência de cada um se manifeste" (2003, p.35). Sobre o que a arte pode produzir em contexto hospitalar, a autora continua:

A arte, nesse contexto, tem um papel fundamental. Ela gera a capacidade de parar de explicar nossas experiências, passando a decifrá-las na própria obra artística. A arte opera por meio do fazer e, com isso, sugere abandono do processo analítico sobre possíveis sofrimentos e questões vividas por alguém hospitalizado. Ela transporta para a ação, o olhar, o falar. Desloca o foco da verdade que deve ser comprovada segundo determina lógica, para que se aceite a experiência da relação humana, para a força da própria experiência que, por sua beleza, torne a verdade incontestável (2003, p.37).

Masetti fala ainda que este tipo de atividade, que provoca estas "misturas", dado o contexto onde é aplicada, permite a vivência da Ética da Alegria, "porque só a alegria nos aproxima da ação" (2003, p. 36). Sobre a alegria, Damásio (2017) complementa:

A neurobiologia da emoção e do sentimento diz-nos, em termos bem sugestivos, que a alegria e suas variantes são preferíveis à tristeza e às suas variantes, que a alegria leva mais facilmente à saúde e ao florescer criador (2017, p.303).

A visita do palhaço é, portanto, uma ferramenta que igualmente põe em ação o sujeito que o recebe, de forma a proporcionar momentos onde o mesmo sinta-se capaz de também produzir alegria. Nestes encontros, dá-se a mistura de corpos, que gera inclusive, os afetos.

Ainda sobre a Ética da Alegria e a potência que esta exerce sobre o ser humano, Ferreira (2011) diz que:

É uma ética da alegria que considera positivos todos os afectos que contribuem para o crescimento humano e que, por consequência, trazem felicidade e agradam. Se a tristeza nunca é boa pois implica um decréscimo, a alegria, pelo contrário, é critério de realização (*Ibidem*, p.39).

Como vimos anteriormente, à medida que nós nos conhecemos e conhecemos a natureza como um todo, passamos a distinguir o que é bom ou mau, e as causas

exteriores que nos afetam positivamente ou negativamente, logo potencializamos a nossa mente e o nosso corpo a agirem. Para isto, podemos contar com os afetos positivos, como a alegria. Conforme constatou Espinosa: "(...) o desejo que surge da alegria é estimulado ou aumentado pelo próprio afeto de alegria (...). Em troca, o afeto que surge da tristeza é diminuído ou refreado pelo próprio afeto de tristeza" (*Ibidem*, p.85). Logo, se estamos afetados pela tristeza, mas agirmos sobre ela, com a potência de agir, que nos é inerente, um afeto mais forte poderá suprimi-la, como a alegria, que é mais próxima da nossa natureza.

A alegria, portanto, acompanha o trabalho do palhaço e é naturalmente inerente a esta linguagem, pois traz o riso, o humor, e conseqüentemente estimula a produção de emoções positivas. Logo, podemos perceber que esta forma de arte pode ser um facilitador para potencializar estes afetos e não só em espaços automaticamente preparados para isto, como salas de espetáculo e circos, mas especialmente em outras áreas, como a da saúde.

Capítulo 2 - METODOLOGIA

2.1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho de investigação, tendo em consideração o objeto de estudo, apresenta como opção metodológica, o paradigma qualitativo, desenvolvido na perspectiva de investigação ação e incluiu como instrumentos de recolha de dados as *entrevistas semiestruturadas*, que deram a dimensão da amostra e da problemática, através de um conjunto de questões e informações sobre cada participante, e os *diários de bordo*, cuja descrição permitiu analisar e interpretar os factos ocorridos nas sessões, por incluir em seus registros, observações detalhadas e reflexivas acerca do dia-a-dia da investigação. Conforme Barros & Junqueira, "(...) no projeto, a tarefa mais importante é identificar o método a ser empregado ou as técnicas para coleta e análise do material de pesquisa (...)" (2011, p.45).

A principal característica desta metodologia é apresentar um trabalho participativo entre os intervenientes e a investigadora, com vistas a perceber de forma prática, as possíveis problemáticas observadas no grupo, e encontrar através da intervenção, prováveis soluções. Além dos dados empíricos, esta investigação traz o aporte teórico de diversos autores, para gerar reflexão, produção e alargamento do conhecimento acerca do assunto, além de reforçar a opção metodológica no uso das técnicas e instrumentos escolhidos, como observa Marie-Fabienne Fortin: "A investigação depende da teoria, pelo facto de que a teoria atribui uma significação aos conceitos utilizados numa dada situação" (Fortin et al, 2003, p.19).

Fortin (2003) evidencia ainda, que a investigação científica, é antes de tudo, um "processo sistemático", cuja relação entre teoria e prática é intrínseca, pois, "Com efeito, da prática emanam teorias, as quais terão necessidade de serem verificadas, de forma empírica, tendo de ser validadas de novo na prática" (Meleis, 1991, citado em Fortin, 2003, p.20). Para Clara Coutinho (2013), os métodos empregados na investigação

científica são um meio, não um fim. Segundo ela, "os objectivos da metodologia, é ajudar-nos a *compreender*, no sentido mais amplo do termo, não os resultados do método científico, mas o próprio processo em si" (2013, p. 23).

2.2. PROBLEMÁTICA E PERTINÊNCIA

Este projeto teve em um primeiro momento, como possível público alvo, as crianças institucionalizadas em tratamento decorrente de problemas de saúde, devido à afinidade com este público, na minha prática. Esta é uma questão importante, pois "o pesquisador deve sentir-se à vontade com o assunto escolhido. Convém eleger um, que lhe seja minimamente familiar ou particularmente desafiador" (Barros & Junqueira, 2011, p. 39-40).

Neste sentido, partimos do princípio da necessidade em criar um projeto, cuja intenção, é envolver as pessoas relacionadas com o problema em busca de soluções e melhoria da realidade em que estão inseridas, bem como, podemos identificar neste tipo de projeto, um intento de caráter social, que envolve a aspiração do investigador, e o desejo coletivo à mudança nas realidades dos participantes (Guerra, 2002).

Entretanto, pudemos verificar que os cuidadores parentais das crianças que estão a enfrentar o tratamento, precisam acompanhar o utente durante todo o período do internamento e, portanto, deixam para trás os seus trabalhos e o restante da família, e por vezes, os seus países. É um processo complexo, que requer muita abdicção e resiliência por parte dessas pessoas, e traz uma inquietação relevante para o campo da investigação ação neste ambiente: os cuidadores cuidam, mas quem cuida deles? Como eles expressam suas emoções? Não obstante, o tema e o público me sejam extremamente familiares, o que torna o projeto relacionado "direta ou indiretamente com a área de atuação do pesquisador" (Barros & Junqueira, 2011 p.40).

Contudo, foi muito significativo abrir a escuta para identificar que no meio escolhido, o público que necessita de uma intervenção a fim de ajudá-los a enfrentar o seu problema

no dia-a-dia é também quem está na retaguarda - o cuidador, que neste caso, tem uma peculiaridade pertinente - a parentalidade em primeiro grau com a criança em tratamento. Por serem estes as mães, os pais ou avós, renunciam também às suas próprias emoções, para parecerem sempre fortes e dispostos, com a intenção de darem o seu melhor à criança enferma. No entanto, o facto de estarem longe de casa e do trabalho e com a responsabilidade de ajudar a criança a recuperar-se, desencadeia vários outros fatores como dificuldades em lidar com os afetos, expressar as emoções e cuidar de si, além de desencadear afetos negativos como medo, tristeza, apatia e stress.

Conforme pudemos ver, os nossos afetos exprimem-se pelas *emoções*, que são momentâneas, claras, visíveis, e se expressam na relação com o outro (Damásio, 2000; Santos, 2013). Para o psicoterapeuta Augusto Cury,

A capacidade de se emocionar, tanto de se alegrar como de se deprimir, de ser bem-humorado ou mal-humorado, otimista ou pessimista, depende das refinadas habilidades do Eu, as quais são passíveis de ser esculpidas nas relações interpessoais (Cury, 2015, p.58).

Pinker (2011) diz que, "As emoções podem ser contagiosas. Quando nos rimos, o mundo inteiro ri-se connosco" (2011, p.744). Trabalhar a relação com o outro, para despertar e expressar afetos, tornou-se portanto, um propósito desta intervenção.

Dada a complexidade deste público, procurei aliar à pesquisa, a minha experiência do trabalho de palhaça em hospitais, para iniciar o trabalho de uma forma especial e bem humorada, com o intuito de criar uma investigação ação que buscasse trabalhar o bem-estar e a expressão das emoções, através de atividades que trouxessem a conexão consigo próprio (desenho pictórico) e também com o outro, através de diversas interações (expressão dramática), numa busca pelo reconhecimento e expressão dos sentimentos em si e no outro, principalmente os afetos positivos, como a alegria e a empatia (Damásio, 2000; Espinosa, 2009; Masetti, 2003).

2.3. PERGUNTA DE PARTIDA E OBJETIVOS

Conforme salienta Barros & Junqueira, "É preciso problematizar o tema. Como? Parte-se de uma pergunta, que pode gerar outras. São tais perguntas que serão respondidas (ou discutidas) ao longo da pesquisa" (2011, p. 41). Para esta investigação, a pergunta de partida foi identificada, face à problemática que queríamos investigar, da qual a questão orientadora seria: "**Quais os contributos das linguagens artísticas para a expressão dos afetos, em cuidadores de crianças institucionalizadas por motivo de saúde?**"

Partindo da situação-problema ora identificada, buscamos os objetivos do estudo, que estão diretamente ligados à essência do tema em questão. Estes, orientam o trabalho no sentido de apresentar e discutir os resultados alcançados, pois, "delimitam o foco do estudo, processo iniciado com a formulação do problema e das hipóteses" (Fortin et al, 2003, p.43). Os objetivos são ainda, segundo Serrano (2008), os meios para levar o investigador a realizar um conjunto de ações em um determinado período de tempo, para então, dar respostas à pergunta de partida, com a conclusão dos estudos.

Nesta perspectiva, este projeto tem 1 objetivo geral e 4 objetivos específicos:

O **objetivo geral** é: Compreender o impacto das atividades artísticas para a expressão dos afetos em cuidadores de crianças em tratamento de saúde.

E os **objetivos específicos** são:

- 1- Implementar atividades com as linguagens artísticas (palhaço, dramática e plástica, mais precisamente o desenho pictórico);
- 2- Facilitar a expressão de sentimentos e de emoções, e estimular a empatia;
- 3- Propiciar momentos de prazer e diminuição do stress;
- 4- Analisar e refletir sobre o impacto da experiência artística na expressão dos afetos.

2.4. CARACTERIZAÇÃO DO PÚBLICO ALVO

Para caracterizar o público alvo da investigação, foi realizado na primeira etapa do projeto, junto da instituição, um levantamento das pessoas quanto ao tempo de permanência na casa, além de outras informações, como o grau de parentalidade com as crianças institucionalizadas, como podemos observar no Quadro 1:

Quadro 1 - As "Cegonhas" - Caracterização do público alvo

Identidade	Idade/Género	Nacionalidade	Parentalidade/Identidade/Idade/Patologia/Tempo em tratamento
C.	26 anos/ F.	Cabo Verde	Filho, L2., 07 a., Cancro, desde Set/2018
J.	27 anos/ F.	Cabo Verde	Filha, C., 06 a., Cardiopata, desde 2013 idas e vindas
S2.	27 anos/F.	Angola	Filha, C2., 07 meses, Cancro, desde Out/2018
D.	29 anos/ F.	Cabo Verde	Filho, R., 02 a., M., Cardiopata, desde Out/2018
S1.	41 anos/ F.	Guiné Bissau	Filho, L1., 18 a., M., Cancro, desde Fev/2017
P.	43 anos/ F.	Portugal	Filho, E., 13 a., M., Cancro, desde Nov/2018
A.	45 anos/M.	Portugal	Filho, C1., 15 a., M., Cancro, desde Ago/2018
M.E.	58 anos/ F.	Portugal	Filha, B., 22 a., F., Cancro, 2018-2019 idas e vindas
T.	50 anos/ F.	Angola	Participou de apenas 1 sessão (alta marcada)
V.	60 anos/ F.	Portugal	Neta, L., 12 a., F., Queimaduras graves, 01 ano e 04 meses

Assim, verificamos (conforme Quadro 1), que o tempo de permanência na casa é variável, e que o grupo é constituído por 50% de pessoas naturais de Portugal e 50% de pessoas naturais de África, com idades entre 26 e 60 anos, que acompanham crianças, cuja patologia é majoritária, cancro.

Em relação ao grau de parentalidade, verificamos pela leitura do Gráfico 1, que 80% dos cuidadores são mães e os restantes 10% pais e 10% avós:

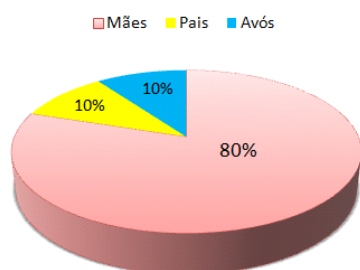


Gráfico 1 - caracterização 1 da amostra

No que concerne à patologia, 70% das crianças sofrem de cancro, 20% de cardiopatia e 10% de queimaduras graves, conforme o Gráfico 2:

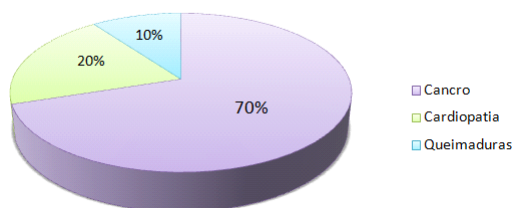


Gráfico 2 - caracterização 2 da amostra

Todos os elementos da nossa amostra estão na *Casa Acreditar* e têm a responsabilidade junto à criança institucionalizada de a acompanhar, tendo necessidade de viverem próximo ao hospital, durante todo o período de tratamento. A partir deste levantamento, aventou-se a perspectiva de quais pessoas permaneceriam hospedadas por mais tempo, pelo menos 1 mês, visto que esta é sempre uma incerteza, devido aos graus de complexidade, como por exemplo receberem alta de um dia para o outro ou precisarem

se ausentar várias vezes para os tratamentos no hospital. Com base nestas informações, fizemos o convite aos participantes. Por questão de confidencialidade, os nomes são representados apenas por uma letra ou letra e número, tanto dos adultos quanto das crianças. Como ressalta Fortin,

(...) os estudos de acompanhamento, que necessitam da identificação dos instrumentos de colheita dos dados, devem utilizar códigos conhecidos somente pelos investigadores e por um número restrito de membros autorizados do pessoal de investigação" (Fortin et al, 2003, p.117).

Durante o período da investigação, a casa não estava completa e chegamos ao número de dez participantes, sendo que uma mãe (T.), já estaria com alta para o dia seguinte à primeira sessão e outra (S2.), estaria vários dias consecutivos no hospital, pois o tratamento de sua filha seria intensivo. Embora aceitassem participar do projeto, a maioria falou na entrevista, que a rotina era sempre incerta. Portanto, as sessões oscilavam quanto ao número de participantes.

2.5. CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

Para realizar esta pesquisa, buscamos um local onde o público alvo estivesse junto por uma temporada, de forma a encontrar o contexto, dada a percepção de que "(...) as ações podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente de habitual ocorrência" (Bogdan & Biklen, 1994, p.48) e também à compreensão de que este modelo de investigação contribui para uma maior relevância no campo social, "pondo o investigador e os participantes no mesmo plano de intervenção" (Coutinho 2005 e Rodrigues Lopes 1990, citados por Coutinho 2013, p. 317). Desse modo, a instituição escolhida para aplicar o projeto foi a *Casa Acreditar*.

A *Acreditar* - Associação de pais e amigos de crianças com cancro, possui quatro unidades, Lisboa, Porto, Funchal e Coimbra. Foi nesta última onde realizamos esta investigação. A instituição funciona como uma casa para atuar no acolhimento e no suporte emocional e social das famílias, e ainda na promoção da escolaridade das crianças enfermas durante o tratamento.

Criada por pais que enfrentaram o problema do cancro infantil, a *Acreditar* tem como missão "Tratar a criança ou o jovem com cancro e não só o cancro na criança ou jovem", promovendo a sua qualidade de vida e da família. A instituição é mantida por parcerias institucionais e doações e mantém funcionários e voluntários a trabalhar por um objetivo em comum: tornar os dias dessas pessoas melhores (ver descrição detalhada no Anexo 1, diário de bordo 1 da investigadora).

2.6. ABORDAGENS METODOLÓGICAS

Investigação Qualitativa

A metodologia seguiu o paradigma interpretativo com base no estudo da recolha de dados e análise de conteúdo, cujos instrumentos e técnicas de análise, nomeadamente os diários, trazem também aquilo que designamos nesta investigação, de "rodas de conversa", as reflexões compartilhadas ao final de cada sessão. A investigação qualitativa, cuja relevância é não generalizar resultados, procura compreender os problemas, para a partir da observação e análise das atitudes e das ações individuais e em grupo, investigar e descobrir significados, segundo a perspectiva dos atores participantes envolvidos (Sousa e Baptista, 2011).

A relevância da prática investigativa qualitativa, envolve desde a aplicação de atividades, até a observação e o registro, cujo processo é bastante considerado, como ressaltam Bogdan e Biklen (1994): "Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos" (1994, p.49).

Para além da importância do processo, os referidos autores atentam ainda para outros fatores relevantes a este tipo de pesquisa, dentre eles o contexto do local de estudo. Como evidenciam os autores, "(...) divorciar o acto, a palavra ou o gesto do seu contexto é perder de vista o significado" (*Ibidem*, p.48). Os outros fatores são o estudo descritivo e análise indutiva dos dados. Sublinham eles: "a investigação qualitativa é descritiva - os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números" (*Ibidem*, p. 48).

Para este género investigativo, Isabel Guerra (2006), observa que: "Nos paradigmas indutivos há lugar para uma grande capacidade de interpretação, ou inferência, por parte do investigador (...)" (Guerra, 2006, p.61). A autora deduz que,

É um pressuposto que a análise de conteúdo é uma técnica e não um método, utilizando o procedimento normal da investigação - a saber, o confronto entre um quadro de referência do investigador e o material empírico recolhido (*Ibidem*, p.62).

Para a autora, o investigador procura visualizar um "campo de problemas", cujo terreno abre espaço para várias "questões e respostas possíveis e abertas" (Guerra, 2006). Esta escuta afinada segue todo o processo da investigação, até à interpretação dos dados e discussão dos resultados. Guerra ressalta ainda que para as ciências sociais,

A realidade emerge anteriormente à teoria, e os seus questionamentos não são deduzidos a posteriori de um quadro conceptual, mas induzidos a priori por uma realidade interpelante" (Guerra, 2002, p.44).

Conforme Coutinho (2013), o paradigma qualitativo envolve ainda a atuação do investigador, na observação dos sujeitos da ação durante o processo, e traça uma interpretação particularizada de cada indivíduo a partir de sua participação ativa, para então gerar os dados a serem analisados. A autora salienta ainda que "as noções de explicação do paradigma qualitativo são: compreensão, significado e ação em que se procura penetrar no mundo pessoal dos sujeitos" (2013, p.203). Nesse âmbito, Fortin (2003), esclarece que o investigador deste método "observa, descreve, interpreta e

aprecia o meio e o fenómeno tal como se apresentam, sem procurar controlá-los" (Fortin et al, 2003, p. 22).

Em se tratando deste projeto, o método qualitativo é o que melhor se adequa, não só por ser uma prática integradora, cujo processo é flexível e passível de adaptações, tendo portanto grande relevo, mas também, porque se pauta pela interação social, calcada na inter-relação entre o investigador e a realidade estudada, permitindo um olhar individualizado para cada interveniente, o que comprova também, a riqueza da diversidade dos sujeitos envolvidos, onde os significados ganham muita relevância para a análise dos dados e comprovação dos resultados.

Investigação Ação

A Investigação Ação trata-se de uma intervenção de carácter dinâmico, cuja reflexão resulta do envolvimento ativo do investigador, sempre numa perspectiva de transformação (ação) e compreensão (pesquisa), ou seja, resulta da prática e se centra na resolução dos problemas apontados, relevantes para aqueles que participam do projeto. Segundo Guerra, "A sociologia de intervenção trouxe alguns suportes conceptuais a uma sociologia mais próxima do terreno, procurando, nomeadamente, novas articulações entre teoria e acção, entre pesquisa e intervenção" (2002, p. 51-52).

O contacto com as expressões artísticas do ponto de vista desta investigação, coloca os participantes como protagonistas e sujeitos da ação, mas também revela pontos e dados referentes à atuação do interventor, proporcionando melhoria também em sua práxis (Sousa, 2009). Segundo Coutinho (2013), um dos propósitos e benefícios da Investigação Ação, considerados por Antonio Latorre (2003), é "a melhoria da prática, a compreensão da prática e a melhoria da situação onde tem lugar a prática" (Latorre 2003, citado por Coutinho, 2013, p. 316).

A investigação ação é uma prática completamente voltada para a comunidade, e permite que os indivíduos reflitam sobre os seus próprios problemas, dando-lhes a oportunidade

de vivenciar algumas práticas, numa perspectiva de melhoria em suas vidas. Como ressaltam os autores, "Este tipo de investigação "procura juntar a ação e a reflexão, a teoria e a prática, na procura de soluções para questões importantes para as pessoas" (Reason & Bradbury, 2000, citado por Lima 2003, p.317). Para Coutinho (2013), a Investigação ação pode ser descrita como "uma família de metodologias de investigação que incluem simultaneamente ação (ou mudança) e investigação (ou compreensão), com base em um processo cíclico ou em espiral, que alterna entre ação e reflexão crítica (...)" (*Ibidem*, 2013, p.213).

Segundo Lima (2003), esta metodologia tem o objetivo de empoderar os sujeitos, diante de suas potencialidades, como atores sociais. Como observa Guerra (2002), o ponto de partida de uma investigação ação, "não é uma teoria e um quadro de hipóteses, mas uma situação, um problema, uma prática real e concreta" (Guerra, 2002, p.53), para então surgirem novos pressupostos, num processo ativo, onde o investigador se permite captar atitudes e motivações do público em estudo.

Contudo, mesmo sendo um processo democrático, é importante delimitar os espaços entre interventor e interveniente através da clareza dos papéis, mesmo que todos estejam juntos em muitas das atividades da intervenção, que deve ser feita de forma horizontalizada, coletiva e colaborativa, sem posições hierárquicas, para um melhor desenvolvimento e resultados.

Coutinho (2013) analisa também o caráter interventivo da "pesquisa interativa e não linear" (2013, p.213), e diz que esta investigação "procura superar o nível descritivo, para poder intervir na situação em causa" (*Ibidem*, p.216). Sob esta perspectiva, para analisar a problemática, é necessário intervir no terreno, no contato direto com o público alvo, através de uma abordagem participativa, com o entendimento de que a investigação ação tem como ator principal, a comunidade (Lima, 2003).

Diante da complexidade da amostra e das diversas dificuldades que esta enfrenta, a investigação ação, além de ser um meio de alcançar o nosso ponto de interesse, no campo de investigação, traz para este projeto, a oportunidade de pôr em prática o aporte de linguagens artísticas relacionadas ao fazer e ao refletir, e que colocam os

participantes em outro patamar, como atores únicos, cujas potencialidades e particularidades são valorizadas durante todo o processo, o que é extremamente importante para alcançar os objetivos almejados.

2.7. INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS

Para a recolha de dados, e tendo em atenção a problemática, consideramos como os instrumentos apropriados a esta investigação e ao público-alvo, a entrevista e o diário de bordo. Um dos "meios técnicos" desde o início da investigação e mesmo antes da implementação do projeto, é a *entrevista semiestruturada* (Sousa, 2009) e o outro, bastante utilizado neste tipo de investigação, é o *diário de bordo*, que neste caso, contém, ainda, os registros das conversas informais durante todo o processo, reforçando o processo cíclico que procura trabalhar a ação e a reflexão ao mesmo tempo (Coutinho, 2013). Conforme falamos anteriormente, o público alvo exige descrição e confidencialidade, não sendo possível utilizar registros de vídeos ou fotografias que revelem os seus rostos.

A Entrevista

Para recolha de dados iniciais, a entrevista semiestruturada é de grande valia para a investigação ação, pois apresenta ao investigador dados importantes sobre os problemas a serem trabalhados na intervenção. Segundo Rodolphe Ghiglione e Benjamim Matalon, neste tipo de entrevista, "(...) a ordem pela qual os temas podem ser abordados, é livre" (1993, p.92).

A primeira entrevista, nos moldes de conversa informal, foi feita no Hospital de Coimbra, na pediatria, com a educadora do setor, que prontamente identificou a ausência de projetos que envolvem a arte, para as mães das crianças hospitalizadas,

principalmente que as fizessem socializar, o que foi comprovado na conversa com a funcionária da Casa Acreditar, que pensa ser de extrema importância, ações voltadas para este público, visto que a grande maioria de projetos são voltados para as crianças. Ambas são pessoas muito próximas do público alvo e portanto, "alguém com quem se possa *aprender o máximo* ou que possamos considerar como *testemunha privilegiada* das situações que se querem investigar" (Amado, 2013, p.214).

Também foram realizadas entrevistas semiestruturadas com cada participante, com um planejamento prévio das questões e ainda um espaço para falarem sobre tudo o que quisessem - uma questão aberta (Coutinho, 2013). Quanto ao tempo, deixamos à vontade, e com algumas pessoas, decorreu um tempo mais longo, onde elas puderam contar muitas coisas de suas vidas e até emocionar-se. "As entrevistas têm um tempo muito variável, dependente do tipo de pesquisa" (Guerra, 2006, p.60). Como diz Stéphane Beaud (2007):

A entrevista hoje em dia, faz parte de um conjunto de dispositivos mais ou menos psicologizados postos em prática em diferentes tipos de instituição (hospitais, prisões, escolas, recolocação de emprego), para *escutar e fazer as pessoas falarem* (Beaud e Weber, 2007, p.121).

O Diário de Bordo

Este instrumento foi amplamente utilizado, permitindo assim, além da descrição dos factos observados e vivenciados, uma reflexão após cada sessão, de forma a esclarecer que melhores atividades poderiam ser aplicadas na sessão posterior. Segundo Alan Ferreira dos Santos (2018), o diário de bordo é uma ótima ferramenta de registro do cotidiano da prática científica, e sua conveniência se encontra no fato de permitir que o pesquisador possa estar constantemente recorrendo a escrita para "esclarecer-se" sobre sua prática, colocando em ordem os seus pensamentos, organizando as suas suposições e hipóteses, de modo a formular passo a passo um esboço elementar das configurações básicas da sua investigação e do seu cotidiano investigativo (Santos, 2018, p. 01).

Ele ressalta ainda, que o diário de bordo permite ao investigador uma maior autonomia crítica, ao mesmo tempo que trabalha efetivamente a originalidade e criatividade, pois através do diário de bordo o investigador tem a oportunidade de auto avaliar-se, pois desenvolve também o autoconhecimento (*Ibidem*, 2018). Além disso, este instrumento permite analisar as atitudes, as reações, as emoções e vários outros aspectos pertinentes aos indivíduos participantes do processo, por ser rico em informações, situações apresentadas e aspectos relevantes decorrentes das sessões, além de ser possível registrar as impressões e interpretações, como ressalta Alves (2001):

O diário pode ser considerado como um registro de experiências pessoais e observações passadas, em que o sujeito que escreve inclui interpretações, opiniões, sentimentos e pensamentos, sob uma forma espontânea de escrita, com a intenção usual de falar de si mesmo (Alves citado por Dias et all, 2013, p.04).

Sobre o mérito do diário de bordo, Bertono salienta que este, é um suporte para Identificar as dificuldades encontradas, os procedimentos utilizados, os sentimentos envolvidos, as situações coincidentes, as situações inéditas e, do ponto de vista pessoal, como se enfrentou o processo, quais foram os bons e maus momentos por que se passou e que tipos de impressões e de sentimentos apareceram ao longo da atividade, ao longo da ação desenvolvida (Bertono citado por Dias et all, 2013, p.04).

Aplicar e participar em alguns jogos de expressão dramática, é fundamental para observar cada participante, para então, fazer os registros. Segundo José Vilelas (2009), este é um recurso que possibilita ao investigador o envolvimento no grupo de forma ativa, o que permite ao mesmo, um melhor reconhecimento das questões envolvidas no objeto de estudo. Diz ele: "Adquire-se assim uma dimensão que um enriquecimento dos dados obtidos e que permite reunir um corpo de informação variada e completa, muito importante para os estudos qualitativos" (Vilelas, 2009, p. 273). Assim, podemos concluir que o diário de bordo é o espaço para o investigador escrever tudo que estiver relacionado à intervenção, com vistas a criar um material investigativo e factível para a construção científica.

2.8. DESCRIÇÃO DO PROJETO

Procedimentos da Intervenção

O projeto aconteceu no período de **17/01/19 a 15/02/19**, e foram realizadas **07 sessões**, sendo seis encontros com as práticas e um encontro para conversar e avaliar, decorridos em vários espaços da casa, com **durações variadas**. Trabalhamos 14 jogos e exercícios intervalados entre as sessões, planejadas dia a dia. Planejar a sessão, implica pensar sobre os jogos que provavelmente possam desencadear algo no que tange os objetivos, visto que uma das funções da atividade criativa, é levar em conta a problemática do grupo (Kowalski, 2005).

As linguagens escolhidas para aplicar junto ao público alvo, além de uma introdução com a linguagem do palhaço, foram: Expressão Dramática e Expressão Plástica. Os jogos de expressão dramática e os exercícios de expressão plástica sucederam em uma sala ampla, com espaço para os jogos, além de mesa e cadeiras para a parte dos desenhos. Devido à incerteza sobre quanto tempo os participantes permaneceriam hospedados na casa, nas etapas 1 e 2, foi aproveitado todo o dia na instituição para realizar as atividades. Concomitantemente ao planejamento das atividades, ocorria o registro no diário de bordo, com o máximo de detalhes possível.

Na *primeira etapa* da Intervenção, visitou-se todas as instalações da casa para conhecer o funcionamento da instituição, bem como as pessoas que fazem parte dela, onde foram realizadas conversas com algumas funcionárias, para perceber o contexto da casa e levantar dados da amostra, além de conversas informais com o público alvo sobre o projeto, em seus ambientes de convívio, como a cozinha por exemplo. Em espaço reservado, fizemos as entrevistas individuais, que contextualizaram a problemática no levantamento de hipóteses. Uma importante atividade que iniciou nesta etapa e avançou para a etapa seguinte foi a visita de palhaça às famílias em alguns espaços como corredores, recepção da casa, entre outros. Toda esta fase centrou-se na relação entre a investigadora e as pessoas do ambiente, a fim de obter uma comunicação bem

estabelecida.

Na *segunda etapa*, que ocorreu paralelamente à terceira, continuaram as visitas de palhaça às famílias, para estabelecer confiança e qualidade nas relações, além de provocar pequenas nuances de alegria no ambiente. O primeiro ponto expressivo neste projeto foi utilizar a Linguagem do Palhaço para adentrar o meio, e perceber o seu tempo-ritmo, curiosidades e nível de interesse no projeto. Esses encontros não necessitam de um planejamento prévio, pois a interação acontece espontaneamente, com base na técnica do improviso, próprio desta linguagem artística, onde o jogo se constrói a partir do próprio encontro no momento presente. As visitas são feitas com a indumentária e maquiagem próprios, com a utilização de instrumento musical e alguns objetos nos bolsos, para facilitar as interações.

Na *terceira etapa* foram realizadas as sessões com o público alvo, com a aplicação de diversos jogos e exercícios (descritos detalhadamente no anexo 5). As sessões eram divididas em 3 partes:

A primeira parte com *Expressão Dramática*: atividades que trabalham a disponibilização para o jogo, a socialização, a comicidade, a imaginação para o despertar de aspectos positivos como alegria, autoestima e empatia, e, os olhares voltados para a troca e afeto mútuo;

A segunda parte com *Expressão Plástica*: desenhos com foco nas emoções, para trabalhar a expressão dos afetos. "A emoção é fundamental para a motivação e para o estabelecimento de relações interpessoais" (Santos, 2006, p.21). Esta parte das sessões foi dedicada exclusivamente à expressão nos desenhos, com exercícios individuais, mas também coletivos, com vistas a reforçar a importância do convívio e a percepção de si e do outro;

A terceira parte com a realização das "rodas de conversa" como uma reflexão final sobre as impressões, sentimentos, sugestões, etc.

A seguir, apresentaremos a discussão dos resultados, a partir da análise dos dados.

CAPÍTULO 3 - APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

3.1 ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo apresenta os dados recolhidos e tratados pelos instrumentos de recolha de dados apresentados anteriormente, nomeadamente as entrevistas e os diários de bordo (da investigadora e dos participantes). Com base nas leituras dos instrumentos, a análise de conteúdo coloca as evidências apresentadas por categorias e subcategorias, elaboradas *a posteriori* em quadros, de acordo com os dados obtidos e com os objetivos da investigação (Amado, 2013). A análise de conteúdo tem por objetivo buscar os pontos em comum e a relevância dos aspectos encontrados. Assim, dividimos as grelhas de forma a facilitar a análise, conforme: *Entrevistas dos participantes*, para atestarmos a problemática levantada, os *Diários de Bordo da Investigadora* por sessão e os *Diários de Bordo dos participantes*.

Tendo em vista que a investigação ação é realizada tendo em vista um problema real a ocorrer num determinado meio social, cuja metodologia é do tipo exploratório-descritivo, tanto as entrevistas quanto os diários de bordo tiveram um papel fundamental, pois permitiram investigar, interpretar, e compreender o objeto de estudo e a problemática, devido à grande riqueza de detalhes nos registros, que segundo Bogdan & Biklen, ajudam os investigadores, que "tentam analisar os dados em toda a sua riqueza, respeitando tanto quanto o possível, a forma em que estes foram registados ou transcritos" (1994, p.48). No entanto recorreremos também aos desenhos dos participantes e os analisamos e interpretamos (anexo 3) à luz de diversos autores (Bédard, 1998; Decobert & Sacco, 2000; Rhyne, 2000; Di Leo, 1985; Luquet, 1979; entre outros), cuja análise contribuiu para a discussão dos resultados, como veremos posteriormente.

3.1.1 Análise das Entrevistas

As entrevistas semiestruturadas aconteceram na etapa inicial do projeto, como recurso para levantar dados. Os horários foram diferentes para cada participante, de acordo com a sua disponibilidade. Os dados levantados permitiram confirmar a problemática no grupo: a saudade de casa e a presença de afetos negativos, em particular a tristeza (ver anexo 4). Tendo em vista o grau de confidencialidade do público alvo, anexamos a transcrição integral apenas de algumas entrevistas e mantendo o anonimato.

Assim, verificamos (conforme o Quadro 2), que partindo da análise das entrevistas, foi possível identificar os sentimentos mais referidos (coluna 1) pelos participantes (coluna 2), para, a partir dessa verbalização, planejarmos as atividades cujos objetivos (coluna 3) poderiam conduzir aos afetos positivos (coluna 4):

Quadro 2 - Os Sentimentos presentes - Entrevistas semiestruturadas com os participantes

Sentimentos	Participantes	Planejar atividades que trabalhem:	Afetos positivos
Tristeza	J., S2., D., S1., P., A., V., M.E.	Comicidade, Socialização, Imaginação, Expressão	Alegria, Otimismo, Bem-estar
Saudade	C., J., S2., D., S1.,V.	Socialização, Criatividade, Protagonismo	Autoestima
Solidão	C., S2., D., S1., P.	Socialização, Presença, Expressão	Empatia

Deste modo, os aspectos mais relevantes (tristeza, saudade e solidão) citados pela maioria dos participantes, reforçam a hipótese de que os afetos negativos são provocados no grupo principalmente pela doença da criança e a incerteza da cura, além da falta do restante da família, o que nos conduziram a planejar as *visitas de palhaça*, de modo a provocar o riso e a diminuição do stress, bem como a escolher jogos e

exercícios que privilegiassem interações e trabalhassem a *relação*, o *estímulo à imaginação*, e o *contacto com as emoções*, como meios para facilitar a expressão não só dos afetos que comumente fazem parte deste contexto, mas quiçá, outros.

Ainda da análise das entrevistas, tentamos perceber os desejos mais significativos citados pelos participantes, para substanciar a problemática (apresentados no Quadro 3):

Quadro 3 - Os Desejos - Entrevistas semiestruturadas com os participantes

Desejos citados	Participantes
A cura do filho	S2., D., S1., M.E., V.
A volta para casa	C., J., A.
Ser forte para superar	P.

Verificamos (de acordo com o Quadro 3), que os participantes esperam superar a fase do tratamento, e com a cura da criança poderem retornar às suas casas. Nota-se contudo (através dos Quadros 2 e 3), que os sentimentos de *tristeza* correspondem diretamente ao desejo *da cura do filho*, e os sentimentos de *solidão e saudade*, ao desejo *da volta ao lar*.

A partir desses dados apresentados, percebemos, portanto, que mais importante do que proporcionar atividades artísticas relativas à aprendizagem e competências, como inicialmente havíamos pensado (criar vídeos em animação), trabalhar a socialização, de forma a estimular a empatia, entre outros aspectos positivos, seria alçares, um caminho melhor aproveitado, para despertar a expressão das emoções.

3.1.2 Análise dos Diários de Bordo da investigadora

Nos diários de bordo da investigadora foram registradas todas as notas de campo relacionadas com a rotina da investigação, dados recolhidos em todas as sessões, a partir da observação direta em todo o processo, que englobam as visitas de palhaça, os jogos de arte dramática, os desenhos pictóricos e as conversas ao final das sessões (que podem ser consultados integralmente no anexo 1).

Em referência a este instrumento de recolha de dados, a fim de situar o leitor, optamos por colocar quadros com o resumo das atividades correspondentes a cada sessão, assim como a análise em quadros também por sessão. Foram encontradas as evidências relativas às duas grandes categorias encontradas nos diários: *Expressão dos Afetos positivos*, cujas subcategorias estão diretamente associadas aos objetivos da intervenção, e *Expressão dos Afetos negativos*, que como podemos observar nos quadros seguintes, fazem parte do contexto da amostra, dadas as circunstâncias da qual está inserida. Assim, começaremos pela sessão 1 (conforme o Quadro 4):

Quadro 4 - Atividades - Diário de bordo 1 da Investigadora

SESSÃO 1 - 17/01/19 - ATIVIDADES DESENVOLVIDAS		
Participantes	Objetivos	Atividades
Funcionários e Público alvo D. e seu filho R. C., S1., S2. e V.	Recolher dados Iniciar uma boa relação e interesse pelo projeto	Conversas informais e entrevistas semiestruturadas Visita de palhaça ¹⁷

A **sessão 1** foi exploratória e foi dominada pelas conversas informais e entrevistas, bem

¹⁷ As visitas de palhaça privilegiaram também os funcionários da casa.

como, pela primeira visita de palhaça, com o objetivo de gerar interação espontânea entre a investigadora, os participantes, as crianças (Masetti, 2003), e ainda, os funcionários da casa. Dessas interações, podemos destacar o encontro com R., 02 anos, e sua mãe D., que denotou a emoção de *alegria*:

Primeiro encontrei o R. (2 anos, cardiopata, filho de D.) que está em tratamento e também a aguardar uma cirurgia. Ele nunca havia visto uma palhaça e ficou admirado. A priori quis chorar, mas logo ele entrou na brincadeira, eu estava com a harmônica e toquei uma música, depois perguntei se R. queria tocar um instrumento e ele disse Sim, dei-lhe o "ovinho" - um pequeno instrumento de percussão, ele tocou, vi que todas as pessoas estavam satisfeitas em vê-lo envolvido no jogo - o encontro sem imposição gera confiança. Depois R. sorriu, e ganhou uma "pílula do riso frouxo" na testa. Percebi que D. se entusiasmara muito ao ver seu pequeno R. se divertir comigo, a palhaça, e tocar um instrumento, se pôr em ação em algo novo para ele - ela também riu bastante. Este momento foi muito positivo para ambos, mãe e filho. (Diário 1, da investigadora).

Relativamente à sessão 2, podemos notar que houve a implementação também das sessões exclusivas ao público alvo (anexo 5, sessão 2), com a aplicação dos jogos e exercícios práticos e a continuidade da visita de palhaça (conforme o Quadro 5):

Quadro 5 - Atividades - Diário de bordo 2 da Investigadora

SESSÃO 2 - 24/01/19 - ATIVIDADES DESENVOLVIDAS		
Participantes	Objetivos	Atividades
Funcionários, Público alvo e crianças	1- Estabelecer a relação e Despertar o riso	1- Visita de palhaça
Público alvo	2- Trabalhar a socialização e a imaginação	2- Jogos de Expressão dramática: Galinha louca; Pizza na mão; Bola com nomes; Encontro em duplas; Caminhar e Imaginar/personagens
J., D., C., e T.	3- Facilitar o contato e a expressão de sentimentos e emoções	3- Exercícios de Expressão plástica: Leitura coletiva do livro "O Monstro das Cores"; Pintura "Como meu monstro de sente hoje?"; Desenho "Minha árvore, Minha Emoção
	4- Propiciar a reflexão	4- Rodas de Conversa ¹⁸

¹⁸ Reflexões em grupo ao final de cada sessão.

Na **sessão 2**, existiu além da construção afetiva entre a palhaça/investigadora e as famílias, o início das atividades, que foram ao encontro dos objetivos do projeto, os quais apresentamos subdivididos em Categorias, Sub-categorias e Evidências (conforme o Quadro 6):

Quadro 6 - Os Afetos positivos - Sessão 2, diário de bordo da Investigadora

Sessão 2 - 24/01/19 - DIÁRIO 2		
CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	EVIDÊNCIAS
Expressão de afetos positivos	Otimismo, Alegria, Bem-estar	<p><i>Encontrei S1., que estava almoçando, e imediatamente quando me viu, começou a rir. Percebi que o encontro de palhaça com ela foi potente, pois a despertou para um outro estado - um riso imediato.</i></p> <p><i>Também, estando de palhaça, falei de uma receita "médica" - continuar com o nível de bobeira alto, o que proporcionou muitos risos, não só às crianças, mas também às mães que passavam por ali e pararam pra ver.</i></p> <p><i>Me surpreendi com o fato de um simples jogo de aquecimento proporcionar tamanha mudança no estado delas - de uma frequência baixa para uma frequência alta. Uma positividade que alcançamos em poucos minutos. Os sorrisos, o corpo, o olhar, tudo estava diferente, e uma alegria já se percebia no ar..</i></p> <p><i>As duas emoções que aparecem nas árvores (calma e alegria) me fazem perceber que os jogos e exercícios tinham mudado alguma coisa nos seus estados, pois tinha observado antes que chegaram desanimadas, como letárgicas.</i></p> <p><i>"Me senti alegre e tranquila, achei muito divertido o jogo da galinha" (Fala de T.).</i></p> <p><i>"Eu acho que é bom desenhar e pintar, eu me distraio" (Fala de J.).</i></p>
	Autoestima	<p><i>D. se pôs realmente como um bêbado, alterou o corpo e a voz, e fez com que as outras acreditassem no jogo, também porque ela alcançou um protagonismo.</i></p>

	Empatia	<p><i>Percebi que elas se olhavam muito, se apoiavam mutuamente no jogo. Também admiravam-se umas com relação às outras.</i></p> <p><i>Percebi que a leitura em conjunto funcionou bastante para trabalhar a coletividade, reforçar as relações, a empatia, o apoio uma à outra. Do quanto é importante estamos em interatividade, não estamos sozinhas!</i></p> <p><i>"Eu ri muito com a C., ela desfilando é muito engraçada, nem parece ela!" (Fala de D.).</i></p>
--	----------------	---

Ainda nesta sessão, a visita de palhaça foi também direcionada a uma das mães (S1.). Ela tinha demonstrado em sua entrevista, um grande desânimo e tristeza, provocados pelo fato de estar há 02 anos em Portugal a acompanhar o filho em tratamento. S1. havia falado também, que se sente culpada por ter outra filha doente na África e não poder estar lá (ver detalhe da entrevista nos anexos 4 e 6). Contudo, diante desses afetos negativos demonstrados, o encontro com a palhaça a fez sorrir e modificar por alguns instantes o seu estado.

Assim (conforme o Quadro 6), foi possível notar que, as linguagens artísticas escolhidas funcionariam tendo em atenção os objetivos estabelecidos, pois, pudemos verificar que os participantes expressaram *afetos positivos*. Com o trabalho inicial de interação da palhaça tanto com S1. quanto com as crianças, apareceram as emoções de *alegria, otimismo e bem-estar*. Observa-se também, que na sessão 2, os participantes eram todos de nacionalidade africana, e conseguiram se envolver perfeitamente nas atividades em grupo, o que nos leva a notar, que embora estejam a enfrentar um grande dilema em suas vidas (a distância da família, a imigração por motivos de saúde do filho), são pessoas muito abertas à atividades artísticas, o que pode ser observado pela reflexão do dia, no diário de bordo da investigadora:

Refleti também sobre o fato das quatro mães serem de outro país, de terem vindo a Portugal porque em seus países não encontram tratamento para os seus filhos - então temos aqui além do problema que enfrentam pela saúde do filho, questões também relacionadas à imigração. Entretanto percebi que as mães africanas tem uma boa disponibilidade para o jogo, embora estejam muito longe de seus países e a enfrentar um problema sério de saúde de seus filhos, elas ainda conseguem nesses momentos de jogo, se dispersarem um pouco de seus problemas, pois sorriem e se mostram dispostas (Diário 2 da investigadora).

Na continuação da análise, apresentamos as atividades correspondentes à **sessão 3** (conforme o Quadro 7):

Quadro 7 - Atividades - Diário de bordo 3 da Investigadora

SESSÃO 3 - 29/01/19 - ATIVIDADES DESENVOLVIDAS		
Participantes	Objetivos	Atividades
Funcionários, Público alvo e crianças Público alvo J., D., C., e V.	1- Estabelecer a relação e Despertar o riso 2- Reforçar as relações, Despertar a empatia e Expressar a emoção com o corpo 3- Facilitar o contato e a expressão de sentimentos e emoções 4- Propiciar a reflexão	1- Visita de palhaça 2- Jogos de Expressão dramática: Galinha louca, Música, Emoção e Corpo (expressar no corpo o sentimento que a música traz) 3- Exercícios de Expressão plástica: Minha Árvore, Minha Emoção; Pintura "como meu monstro se sente hoje? ; Desenhar a Emoção 4- Rodas de Conversa

Da análise dessas atividades e tendo em linha os objetivos da investigação, vamos analisar as emoções projetadas pelos participantes durante as atividades na sessão 3, dividindo-a em Afetos positivos e negativos (conforme o Quadro 8):

Quadro 8 - Os Afetos positivos e negativos - Sessão 3, diário de bordo da Investigadora

Sessão 3 - 29/01/19 - DIÁRIO 3		
CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	EVIDÊNCIAS
Expressão de Afetos Negativos	Apatia	<i>Percebi que no começo do jogo ainda falam coisas, o corpo ainda está no registro cotidiano, com pouco tônus, o rosto ainda está tenso, há ainda uma energia baixa, um misto de apatia com calma ou tristeza com preocupação.</i>
	Medo Tristeza Raiva	<p><i>"Eu gostei também de mexer o corpo. Mas desenhar a emoção, olha, eu não quero nada com o medo. Eu quero calma, quero alegria" (Fala de V).</i></p> <p><i>"Depois o desenho começou a sair, eu pensei na tristeza" (Fala de D.).</i></p> <p><i>O coração azul de D. foi uma surpresa bonita - ela desenhou um coração - palavra que não tinha sido dita durante a minha leitura e improvisado de frases - Lembrei de sua fala na entrevista "o meu filho tem um buraco no coração e precisa fazer uma cirurgia". Mas, o coração é azul, a cor que representa a tristeza.</i></p> <p><i>"O exercício das emoções vem um sentimento assim, de falta... eu escutei algumas coisas do texto, mas chegou uma hora que não ouvia mais" (Fala de D.).</i></p> <p><i>...o sol que resplandece raios com traços também raivosos expressa o sentimento real de J.</i></p>
Expressão de afetos positivos	Otimismo, Alegria Bem-estar	<p><i>V. ficara muito surpresa vendo L. brincar tanto com a palhaça, e rapidamente construir histórias - o trabalho aqui desenvolvido deu a oportunidade a V. de sentir que sua neta está indo bem em seu tratamento. V. riu bastante.</i></p> <p><i>Foi bonito ver os corpos dessas mulheres livres, expressando-se. Não achei que devia perguntar o que sentiram - a expressão do corpo, o que elas sentiram e colocaram para fora são suficientes para que as coloquem em um estado outro - o encontro com suas emoções, a aceitação do seu estado presente.</i></p> <p><i>"Eu gosto muito da parte do corpo e acho graça com a galinha louca" (Fala de D.).</i></p> <p><i>"Gosto muito da galinha e gostei das músicas e de sentir no corpo" - (Fala de C.).</i></p>
	Autoestima	<i>Primeiro percebi que para elas era muito novo o facto de alguém estar falando sobre elas. Vi que este facto as valorizava, era "alguém</i>

		<i>olhando para mim".</i> <i>V. falou sobre o desenho de C. Disse que aquela flor era azul e deveria ser porque C. sentia tristeza. Mas que ao mesmo tempo tinha uma cara alegre desenhada logo abaixo. C. ouvia atentamente, olhando para V. e tinha uma expressão orgulhosa de si, sentindo prazer que alguém a entendia. Depois C. disse "isso mesmo!". Aqui percebi a força da voz e do protagonismo, partindo inclusive do olhar do outro.</i>
	Empatia	<i>C. falou sobre o desenho de D. e olhando nos olhos dela, falou que aquele coração azul era triste, mas ao mesmo tempo era o coração de uma mãe muito forte e amorosa. Percebi que elas duas tem cumplicidade, e sentiam empatia uma pela outra.</i>

Considerando as subcategorias *medo*, *raiva* e *tristeza* nota-se que os participantes expressaram afetos negativos que estão a vivenciar em seu contexto, o que é perfeitamente aceitável e compreensível, frente às situações de vida no momento presente. Um outro fator é que eles chegavam em algumas sessões com a emoção da *apatia*, embora, visivelmente, durante o desenvolvimento das atividades, a apatia se desfizesse e eles adquirissem uma atitude mais participativa.

A *tristeza*, da qual já havíamos identificado na problemática, é evidenciada nos desenhos, que no caso de D., ao desenhar esta emoção, representada por um coração azul (anexo 3, figura 12), pode ser uma *projeção*, inconsciente ou não, do problema enfrentado por seu filho, que é cardiopata. Vemos ainda, dois componentes novos: o medo e a raiva, que aparecem na fala de V. e no desenho de J. (anexo 3, figura 26).

Considerando as sub-categorias *otimismo*, *alegria*, *bem-estar*, *autoestima* e *empatia*, observa-se a expressão de afetos positivos, propositadamente impulsionados pelas atividades (apresentadas no Quadro 7). Assim, verificamos que a interação da palhaça com a criança (neta de V.), desperta a sua imaginação, o que proporciona o riso, e consequentemente gera *otimismo*, de certa forma, na avó, ao ver a neta tão bem disposta e a brincar. Observa-se também, que os jogos que privilegiam a expressão corporal, como a "galinha louca" e a expressão do sentimento no corpo a partir da música (ver descrição da atividade no anexo 5, sessão 3), trazem os participantes para o momento presente, pois o cérebro é estimulado a pensar na música e no efeito que ela produz no

corpo, o que propicia *bem-estar* e estimula a *potência de agir*, estimulada também pela *relação* com o outro.

Ao mesmo tempo, podemos verificar que o trabalho de socialização e *partilha* quando feito também com as atividades relacionadas aos desenhos, desperta o olhar para o outro, o que emerge o *protagonismo* naquele que escuta alguém a falar sobre si, e faz aparecer a *autoestima*. Aparece nas interpretações de V. sobre o desenho de C. e a interpretação de C. sobre o desenho de D., o *reconhecimento da emoção da tristeza*, mas ao mesmo tempo, elas observam os afetos positivos de alegria e do amor, em suas colegas. O facto de se colocar no lugar do outro e compreender a situação da qual está a viver, a atividade, neste caso a interpretação do desenho do outro, desenvolve um *senso de cooperação e desperta a emoção da empatia*, tornando a atividade potente quanto aos aspectos positivos.

Em sequência, apresentamos a **sessão 4** que apresenta as atividades que poderiam permitir observar os comportamentos os quais se relacionam com os objetivos do trabalho (conforme o Quadro 9):

Quadro 9 - Atividades - Diário de bordo 4 da Investigadora

SESSÃO 4 - 05/02/19 - ATIVIDADES DESENVOLVIDAS		
Participantes	Objetivos	Atividades
Público alvo J., D., C., V, A., P., S1 e M.E	1- Trabalhar a socialização, a comicidade, o protagonismo e a criatividade, Despertar a empatia 2- Facilitar o contato e a expressão de sentimentos e emoções 3- Propiciar a reflexão	1- Jogos de Expressão dramática: Galinha louca, Siga o Seguidor, Siga o som, Espelho 2- Exercícios de Expressão plástica: Leitura do livro "O monstro das cores", Minha Árvore, Minha Emoção, Como meu monstro se sente hoje?, Desenho da Autoimagem 3- Rodas de Conversa

Da análise dessas atividades continuamos por destacar (conforme o Quadro 10), as evidências relacionadas à expressão dos afetos e vamos analisar as emoções projetadas pelos participantes durante a sessão 4, dividindo-a em Afetos positivos e negativos, porém com um recorte no que toca às variantes relacionadas às linguagens artísticas (expressão dramática e expressão plástica):

Quadro 10 - As Linguagens Artísticas - Sessão 4, diário de bordo da Investigadora

Sessão 4 - 05/02/19 - EXPRESSÃO DRAMÁTICA - DIÁRIO 4		
CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	EVIDÊNCIAS
Expressão de Afetos positivos	Otimismo, Alegria, Bem estar	<p><i>O aquecimento "galinha louca" funciona muito, pois é engraçado e inusitado. Assim, como das outras vezes, provocou muitos risos e alegria.</i></p> <p><i>P. e V. estavam absortas e o "espelho" teve uma crise de riso, assim a outra também dava gargalhadas.</i></p> <p><i>"Eu gostei muito, aquele do espelho é bom mas é difícil ficar no mesmo lugar, eu gostei de sair do lugar" (Fala de C.).</i></p> <p><i>Percebi que este tipo de movimento, mais libertador e fora dos padrões de comportamento, geravam mais prazer e disposição.</i></p>
	Autoestima	<p><i>Vi que eles gostaram muito do exercício, principalmente por dar-lhes a oportunidade de criar o movimento, dando-lhes protagonismo e gerando autoestima no seu momento de criar.</i></p> <p><i>Era interessante ver que elas tentavam disfarçar o riso, daí percebo o quanto "devemos ser sérios" - honrar a tristeza pela qual estamos vivendo. Os seus filhos não estavam ali e o momento era só deles, para eles, onde colocavam seus corpos em movimento e isto os libertava.</i></p>
	Empatia	<p><i>Ao final quando o que estava de olhos fechados alcançava a sua dupla e se tocavam, quando o outro abria os olhos, eles se abraçavam e demonstravam satisfação em conseguirem corresponder ao jogo. Havia alegria e empatia entre o grupo</i></p> <p><i>"Eu achei muito interessante, porque desestressa. Ê pá, é difícil ficar séria" (Fala de V.).</i></p> <p><i>"Eu gostei muito do espelho, mas eu não parava de rir, nem eu nem ela" (Fala de P.).</i></p>

		Pedi que dissessem uma palavra sobre o que tinham vivido na sessão. As palavras foram: <i>Divertido, Alegre, Bom, Relaxante.</i>
Sessão 4 - EXPRESSÃO PLÁSTICA - DIÁRIO 4		
CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	EVIDÊNCIAS
Expressão de Afetos negativos	Medo Raiva Tristeza	<p><i>M.E. durante toda essa segunda parte (desenhos) tinha os olhos marejados. Em diversos momentos pensei que ela fosse chorar.</i></p> <p><i>Contudo nas pinturas, as emoções e sentimentos foram quase todas medo, raiva, tristeza.</i></p> <p><i>J. (27 a., de Cabo Verde) pintou o monstro de preto (medo).</i></p> <p><i>D. desenhou um coração vermelho. Novamente um coração, mas dessa vez um coração raivoso, vermelho. A sua autoimagem é um coração com raiva. Aqui vê-se uma projeção da doença do filho que é cardiopata- que aguarda uma cirurgia - o coração de D. espera a cirurgia, o coração de D. está com raiva.</i></p> <p><i>Curioso que S1. não desenhou sua identidade, e também não havia desenhado a sua árvore. O papel A3 onde deveria desenhar a árvore tem apenas a fruta e a inicial do seu nome. Ela ficou muito tempo parada olhando o papel, com expressão de tristeza, enquanto os outros desenhavam as suas árvores e no final me entregou o papel em branco e disse: "eu não tenho árvore".</i></p>

Podemos aferir (consoante o Quadro 10), que os jogos de *expressão dramática*, produzem estímulos que impulsionam ao *riso* e aos *afetos positivos*, principalmente por trabalharem a *relação* com o outro e a ação no corpo e mente, o que provoca o "present-time" e portanto, libera os participantes de projeções passadas (a vida antes da doença do filho), como também de projeções futuras (a cura e a volta para casa).

O facto dos jogos os colocarem juntos, a criarem movimentos e olharem-se nos olhos, no aqui e agora, desperta neles o *riso*, o que ameniza o stress (fala de V.), contribuindo para o *bem-estar*. Importante também a continuidade do trabalho com jogos acerca do *protagonismo*, corroborando para a autoestima, enquanto o facto de tocarem-se uns aos outros, espontaneamente através do abraço, provocar notadamente a *empatia*. Estas considerações podem ser evidenciadas também pelas palavras que ele expressaram ao

final da sessão: *divertido, alegre, bom, relaxante.*

Entretanto, as atividades relacionadas com a expressão plástica trabalham o contacto mais fortemente consigo próprio, o que faz com que eles expressem muito mais as emoções relacionadas aos *afetos negativos*, aqueles dos quais, *comumente querem esconder*, como a preocupação com a saúde da criança (medo), a dificuldade em lidar com a situação (raiva) e a saudade de casa (tristeza), como podemos ver na resposta apontada nos desenhos. Esse contacto consigo mesmo, reforça em alguns os afetos negativos, como o sentimento de tristeza, e até mesmo a possibilidade em expressá-los (desenho de M.E - anexo 3, figura 7).

Averiguamos que o facto de S1. não conseguir desenhar a sua árvore e nem a sua autoimagem (anexo 3, figuras 10 e 41) corrobora para acreditarmos que há uma *dificuldade em expressar-se*, devido a fragilidade na qual ela está inserida. Entretanto, ao expressar verbalmente "não tenho árvore", houve um ligeiro avanço quanto a mostrar o seu estado emocionalmente frágil.

O desenho de D. (anexo 3, figura 13), que novamente desenhou um coração, nos mostra a *projeção* do seu conflito interno, a sua autoimagem está neste momento, centrada na cardiopatia do seu filho. Por outro lado, estar parado, a desenhar, provavelmente impulsiona a mente a pensar no presente - governado pela doença do filho - cujas emoções correspondentes são o medo e a tristeza, mas também a raiva, expressa pelo coração vermelho.

Contudo, faz-se necessário uma análise ainda mais detalhada das atividades desenvolvidas na sessão seguinte, por termos encontrado respostas significativas no que tange a expressão dos afetos impulsionadas pelas expressões dramática e plástica (conforme os Quadros 11 e 12, correspondentes à sessão 5):

Quadro 11 - Atividades - Diário de bordo 5 da Investigadora

SESSÃO 5 - 07/02/19 - ATIVIDADES DESENVOLVIDAS		
Participantes	Objetivos	Atividades
Público alvo C., V, A., P., J., S1, D. M.E	1-Trabalhar a socialização, o Protagonismo, a Criatividade, a Imaginação e Despertar a empatia 2- Facilitar a expressão de sentimentos e emoções 3- Propiciar a reflexão	1- Jogos de Expressão dramática: 1- Eu vou pra Lua; A História que eu quero 2- Exercícios de Expressão plástica: Minha Árvore, Minha Emoção; Continuar o Traço 3- Rodas de Conversa

Quadro 12 - A Tristeza, o Medo, a Empatia - Sessão 5, diário de bordo da Investigadora

Sessão 5 - 07/02/19 - EXPRESSÃO PLÁSTICA		
CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	EVIDÊNCIAS
Expressão de Afetos negativos	Tristeza Medo	<p><i>C. desenhou abstrato, tinha cinco pontas. P. interpretou dizendo que era uma estrela cadente e que todos ali precisavam fazer pedidos à estrela. Nesse momento houve um grande silêncio. Aquele momento onde o tempo para.! Eu os observei atentamente e todos estavam com expressões bastante fortes de medo - nesse momento eles vivenciaram o momento presente e puderam entrar em contato com esta emoção e demonstrá-la Mas o pedido à estrela pode ser uma esperança.</i></p> <p><i>P. desenhou um rosto sem boca. J. Interpretou cantando a música "brilha estrelinha". Este também foi um momento muito forte da sessão. Enquanto J. cantava, os outros a observavam, calados, mas com expressões de desalento, como pensando alto a imaginar a estrela. Percebi quase que como uma sobreposição do tempo - a música fala sobre a estrela brilhar no céu - talvez a maioria tenha associado a estrela ao filho. A maioria dos filhos está lutando contra o cancro. Muitos adultos associam a criança a uma estrela quando vai a óbito - que foi brilhar no céu. Também nesse momento percebi tristeza e medo em seus olhares.</i></p>

Sessão 5 - EXPRESSÃO DRAMÁTICA		
CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	EVIDÊNCIAS
Expressão de Afetos positivos	Empatia	<p><i>D. que começou a frase, conseguiu ao final repetir tudo certinho e a história ficou assim: "Eu vou pra lua e vou levar um telefone, a família, a casa, a filha, o filho, a neta e o canivete". Esta frase criada por eles a partir do jogo "Eu vou pra lua" é muito significativa, pois se constitui do grupo e do desejo coletivo. Todos riram muito ao final. Percebi que inconscientemente eles se complementaram.</i></p> <p><i>Percebi que o jogo ajuda a projetar os desejos e principalmente a entenderem o momento presente, mas principalmente este jogo os colocou uns com os outros, no mesmo barco, gerando empatia.</i></p> <p><i>No final do jogo "a história que eu quero", já que a história teve um final feliz, eles aplaudiram. Estavam, mesmo que inconscientemente, a aplaudir o grupo, ou seja, um reconhecimento de si e dos outros.</i></p> <p><i>No jogo, juntos eles puderam construir uma história que caminhasse para a positividade, mesmo que fosse difícil, usaram a imaginação. J. deu um final feliz à história.</i></p> <p><i>Percebi que a história ia fluída, mas em dois momentos apareceram frases negativas (S1. e M.E), e como uma contraposição, vinha uma frase positiva, tamanha a empatia daqueles que estavam com mais positividade.</i></p> <p><i>"Pra mim o melhor foi o da história, eu gostei de criar com eles. Olha, minha filha pode ficar aqui, na próxima aula?" (Fala de J.).</i></p> <p><i>"E aquele "eu vou pra lua" é bom, porque a gente força a memória né. (risadas). Eu consegui falar todas as frases deles! (Fala de D.).</i></p>

Em continuidade à análise dos exercícios com a expressão plástica, verificamos que na **sessão 5** (de acordo com o Quadro 12), a força expressiva individual nos desenhos e seus conteúdos estão relacionados também com questões do *inconsciente*, conforme aferimos que, na interpretação de P. sobre o desenho de C. (anexo 3, figura 29), a estrela cadente da qual ela trouxe em sua fala, colocou a todos em contato com a emoção do *medo*, o que foi notado pelo silêncio que eles fizeram nesse momento. Inconscientemente P. associara a estrela cadente, à possibilidade do pedido pela cura do

filho. Isso despertou de forma também inconsciente em J., a música "Brilha, brilha estrelinha", e ao cantá-la, J. e os outros puderam *reconhecer o problema* que estão a enfrentar e a possibilidade do filho ir a óbito. No entanto, a estrela vista por P. representou também a *esperança* e o desejo de que o filho se cure, pois apresenta a possibilidade de fazerem o seu "pedido". Neste ponto atestamos a reação natural do nosso corpo em agir positivamente contrapondo o que está negativo. Este processo faz parte da "regulação da vida", a *homeostasia*.

Constatamos ainda que o trabalho da *relação*, gera, independente da linguagem artística aplicada, afetos comuns, embora os jogos onde o corpo está em movimento, traga em evidência, emoções visivelmente positivas. Porém, o trabalho com os desenhos, mesmo aqueles que despertaram para a expressão de afetos negativos, como no caso dessas últimas evidências (a estrela e a música "Brilha, brilha estrelinha"), pode, da mesma forma, despertar a *empatia*, diante do fato de que todos estão vivenciando a mesma situação, os colocam no todo, no reconhecimento de si e do outro, ao projetarem-se uns no lugar dos outros, além de possibilitar, mesmo de maneira inconsciente, uma *elaboração do sentimento*, no caso o *medo*, e o combate ao afeto negativo com um positivo (a *esperança*).

Esta motivação é observada pela fala de P. e pela música cantada por J., que exprimem a *imagem mental* da estrela cadente e o pedido à estrela, que é o desejo da cura do filho. P. e J., trouxeram para a sessão, através de um comportamento lúdico, vários afetos imbricados: a *tristeza*, o *medo*, a *esperança*, o *amor*, a *empatia*.

Na continuidade desta análise, apresentamos particularmente nesta sessão, evidências relativas ao afeto da *Empatia*:

Observamos a *satisfação* nos participantes, em terem criado, tanto a história a partir da frase "eu vou pra lua", quanto o jogo "a história que eu quero", onde eles foram os construtores exclusivos das histórias, estimulados pela presença dos objetos (a cadeira, o rolo de papel higiênico e a ecografia – ver anexo 5) o que propiciou um contato com a ludicidade e a *criatividade*, e os levou a partir de sua imaginação e *imagens mentais* (positivas ou negativas), pertencentes às suas experiências, *projetar nitidamente seus*

desejos, com final feliz.

A *empatia* é evidenciada em vários momentos, dos quais podemos destacar o fato das pessoas que puxavam a história para baixo (S1. e M.E.), terem por parte dos outros, frases positivas a levar para cima, na construção da história, como podemos ler abaixo:

Era uma vez uma cadeira que dava muitos saltos, ela se movimentava sozinha. Então, um menino encontrou a cadeira, mas não gostava dela (**frases de A.** - pai do C., que anda de cadeira de rodas), outros meninos encontraram a cadeira e começaram a brincar com ela, uns fugiam, outros não (**frase de D.**, mãe de R., cardiopata). A cadeira quebrou (**frase de S1.**). De repente encontram um rolo e com ele viram a lua. Os meninos brincavam de olhar a lua. (**frase de V.**) Até que um menino encontrou a ecografia da lua (**frase de P.**). Eles resolveram criar um foguetão pra irem à lua. Mas não conseguiram, pois o foguete quebrou (**frase de M.E.**). Mas os meninos da Acreditar conseguiram fazer o foguete subir (**frase de C.**), o foguete subiu e todos eles chegaram à lua e ficaram muito felizes (**frase de J.**) (Diário 5 da Investigadora).

A propósito da história que eles criaram, assim como no jogo "eu vou pra lua", vê-se notadamente a inclusão das crianças (filhos e neta) no enredo. Os participantes ao trazerem para a história os seus filhos e neta, conseguiram *des-dramatizar o drama*, ao contarem de forma lúdica o problema e a resolução do mesmo. Cada um, ao contribuir na história, *projetou* aquilo que consegue alcançar, ou aspectos que estão em seu *imaginário* - seus medos, suas frustrações e os desejos de um final feliz, aspectos que observamos, pertencerem a este coletivo. No entanto podemos perceber que os participantes estimularam a sua *imaginação* quando deram um outro significado aos objetos. Ao construírem uma história com começo, meio e fim, experimentaram o seu poder criativo, o seu papel *protagonista* no jogo, ressignificando e reinterpretando o real. Isto fez com que eles produzissem novas imagens mentais e consequentemente, afetos positivos, além de aumentarem a sua *potência de agir*.

Em continuação, faremos a análise da **sessão 6** (conforme os Quadros 13 e 14):

Quadro 13- Atividades - Diário de bordo 6 da Investigadora

SESSÃO 6- 12/02/19 - ATIVIDADES DESENVOLVIDAS		
Participantes	Objetivos	Atividades
Público alvo C., V., P., J., S2, D., M.E	1-Trabalhar a socialização, Expressar as emoções com o corpo e Despertar a empatia 2- Facilitar a expressão de sentimentos e emoções, Reconhecer as emoções 3- Propiciar a reflexão	1- Jogos de Expressão dramática: 1- A macaca foi à feira, Claps, Caminhar com a emoção no corpo, Uma emoção comum (abraçar, verbalizar) 2- Exercícios de Expressão plástica: Minha Árvore, Minha Emoção, Desenhar a saudade 3- Rodas de Conversa

Quadro 14 - A Empatia e a Saudade - Sessão 6, diário de bordo da Investigadora

Sessão 6 - 12/02/19 - DIÁRIO 6		
CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	EVIDÊNCIAS
Expressão de Afetos positivos	Empatia Saudade	<i>No final, estávamos todos rindo muito. O mais importante foi que o jogo foi trazido por elas e umas apoiaram as outras. Então percebi que a tristeza que chegou com quase todas elas, tinha mudado de cor em alguns minutos.</i> <i>C. exagerava no olhar, abrindo muito os olhos, cada vez que eu dizia, "olhem-se". E as outras riam com a sua expressão. C. tem demonstrado muita disposição e rapidamente pega o foco. Sua estima cresce muito porque as outras se divertem com ela. Percebo que isto lhe dá uma enorme satisfação, por causar nas outras, empatia.</i> <i>P. ria muito e dizia "não consigo ficar séria, elas me fazem rir muito" (Fala de P.).</i> <i>Pedi que me falassem uma emoção que não fazia parte das emoções básicas e que não tinha aparecido no jogo, e todas disseram "saudade"</i> <i>Elas se abraçaram longamente e P. começou a chorar, enquanto J.</i>

		<p><i>que a abraçava e que tinha falado em saudade anteriormente, a acariciava.</i></p> <p><i>Depois pedi que o abraço da dupla virasse um abraço coletivo. Esse momento foi muito bonito. Percebi que o abraço, a música, olhar-se nos olhos, tinham proporcionado um expurgo, um alívio. Nesse momento pensei que o título do projeto estava acertado... era uma cegonha carregando a outra, e não uma cegonha carregando um filho. A emoção da empatia estava completamente visível.</i></p> <p><i>"Eu gostei muito de caminhar com os sentimentos no corpo, e também de sentir a saudade no corpo e no desenho" (Fala de J.).</i></p> <p><i>"Gostei muito da aula de hoje, de sentir a saudade" (Fala de D.).</i></p> <p><i>"Eu gostei de sentir saudade de casa" (Fala de S2.).</i></p> <p><i>"Eu também gostei de sentir saudade, mas é triste" (Fala de C.).</i></p> <p><i>"Eu não gosto muito de mostrar o que tô sentindo, eu não quero que meu filho veja eu a chorar..." (Fala de P.).</i></p>
--	--	---

Notamos (segundo o Quadro 14 correspondente à sessão 6), que houve um *reconhecimento da emoção* comum, por parte dos participantes nesta sessão (composta só por mulheres). O afeto da *saudade*, como podemos ver nas evidências apontadas na tabela, desencadeou em uma das participantes o choro, o que provavelmente, liberou aquilo que está preso ou escondido. Entretanto, P., que havia chorado, expressou em sua fala que não gosta de mostrar suas emoções, pois não quer que o seu filho perceba que a mesma chorou. Isto nos evidencia a *dificuldade em expressar-se*, guiada pelo receio em demonstrar o afeto da tristeza.

A saudade é um sentimento comumente difícil de exprimir, e se apresenta nas evidências acima, com diferentes intensidades para cada uma. Esta dinâmica, foi muito importante para percebermos que os cuidadores, neste caso, precisam de um espaço só para eles, para desenvolverem este tipo de atividade, que envolve as emoções. Um espaço onde possam expressar-se livremente, sentir e mostrar suas emoções, pôr pra fora, libertar-se, nem que seja por algumas horas, sem culpa. Emoções estas, que em sua maioria, pelo contexto, fazem parte do grupo, como as *memórias* advindas do inconsciente coletivo. A saudade neste ponto, representa um sentimento de dor, que está pautada pela *solidão* apresentada por essas pessoas, em suas entrevistas.

Contudo, ainda na sessão 6, a atividade de expressão dramática teve uma continuidade, com o enunciado: "Expressar com palavras o que sente falta" (anexo 5, sessão 06) e ainda, na expressão plástica, com o exercício "desenhar a saudade" (anexo 3, figuras 16, 17, 18, 19, 28) e nos apresenta um resultado padrão (de acordo com o quadro 15):

Quadro 15 - A Saudade - Diário de bordo 6 da Investigadora

Sessão 6		Sessão 6
Participante	Do que sente saudade	Desenhar a saudade
D.	<i>"de casa"</i>	Uma espiral com uma casa na ponta
S2.	<i>"da família"</i>	Uma pequena casa e o nome Família
P.	<i>"Eu sou de Lisboa, mas agora parece tão longe!"</i> .	Uma casa com um teto alto, duas pessoas (sem as mãos) e um cachorro
J.	<i>"da família"</i>	Uma casa, uma espiral, um coração, pessoas (sem as mãos), uma flor, uma cobra
C.	<i>"saudade da minha vida que ficou para trás"</i> .	A sua mão esquerda e uma estrela

Verifica-se (em consonância com o Quadro 15), uma unanimidade em relação a este sentimento. A saudade é complexa, por nos fazer triste e nos fazer alegre ao mesmo tempo, mas é um dos *conteúdos mentais* presentes neste público. É possível gostar de sentir saudade, como vemos também nas falas apresentadas nas evidências. No entanto, com este conjunto de atividades relativas à expressão da saudade, percebemos que a falta de casa e do restante da família, acaba por reforçar o afeto negativo encontrado na problemática deste público: a *tristeza*, embora alguns tenham dito que gostaram de sentir saudade (pois a saudade cria imagens mentais relativas ao passado, o antes da doença do filho, facto que faz parte de uma memória boa). Os desenhos com espirais, casas e bonecos apontados neste exercício, nos apresentam algumas evidências aferidas na nossa interpretação, com o aporte dos autores citados no enquadramento teórico, que

nos apontaram as evidências respectivas da *projeção inconsciente do futuro* (as espirais), a *saudade* (a casa, a volta ao lar) e a *repressão dos sentimentos* (os bonecos sem mãos, rosto sem boca), conforme podemos observar no anexo 3 (figuras 16, 17, 33).

Nos dados apresentados acima, podemos observar também, que as atividades exercem o papel de colocar os participantes no momento presente do sentimento, cujo impacto é o contato e o *reconhecimento* deste, o que pode promover uma maior consciência dos estados que se relacionam com as emoções e do facto de que elas podem conviver juntas, como é notório em todas as sessões.

Sobre isso, podemos destacar também o exercício "Minha árvore, minha emoção" (anexo 3, figuras 01 a 10) no qual aparecem frutos ou a representação deles, pintados com diversas cores e não só com aquelas trabalhadas na intervenção que representam as emoções básicas (conforme o Quadro 16 ainda correspondente à sessão 6):

Quadro 16 - O Reconhecimento das Emoções - Sessão 6, diário de bordo da Investigadora

Sessão 6 - 12/02/19 - DIÁRIO 6		
CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	EVIDÊNCIAS
Expressão de Afetos negativos	Desilusão	<i>V. disse que a fruta hoje era uma mistura muito grande de emoções e que não sabia que cor era essa (...)Ao final, olhei o desenho e disse-lhe que tinha achado muito bonito, parecia um leque ou um rabo de pavão e embaixo estava escrito desilusão, tinha muitas cores, entre outras, lilás e marron. O desenho de V., lembra também labaredas ou algo em chamas.</i>
	Ansiedade	<i>M.E. pediu que eu recordasse as cores das emoções, e depois disse que ainda estava esperando a cirurgia de sua filha, que aconteceria nos próximos dias. As cores da fruta de M.E foram azul (tristeza), vermelho (raiva), preto (medo) e amarelo (alegria). Ela escreveu ao lado ansiedade, medo, calma e paz.</i>
	Tristeza	<i>S2. falou, "qual é mesmo a cor da tristeza?", S2. desenhou um coração azul com uma flecha, bem no meio da árvore e disse, "a minha fruta é um coração triste".</i>

As informações apresentadas (conforme o Quadro 16), mostram que as participantes expressaram nesse exercício uma mistura de emoções, a partir do próprio *reconhecimento do sentimento e da elaboração da emoção* expressa em cores. Enquanto para S2., a emoção da tristeza estava clara, V. *projetara* sua inquietude e conforme sintetizou, sua *desilusão* (através de várias cores) diante dos acontecimentos que mudaram sua vida, o distanciamento do trabalho e a dedicação exclusiva à neta (anexo 3, figura 04). V. terá *projetado* a tragédia vivida por sua família? - as queimaduras sofridas por sua neta? O desenho, conforme podemos verificar nos anexos, aparenta um abanador, o que pode estar ligado à sua *memória emotiva*.

Para M.E, a *ansiedade* da espera pela prótese de sua filha foi expressa pelo desenho que também traz muitas cores, o que ela reconheceu e definiu como uma mistura de emoções (ansiedade, medo, calma e paz), o que podemos deduzir que M.E colocou os *afetos positivos* em contraponto aos *afetos negativos* (anexo 3, figura 07), e que mesmo apresentando geralmente um quadro mais negativo que positivo nas sessões, M.E. provou o seu processo natural homeostático no combate ao afeto do medo.

Relativamente à sessão 7, realizamos a reflexão final, com a roda de conversa, onde os participantes falaram suas impressões sobre a experiência (conforme o Quadro 17):

Quadro 17 - Atividades - Diário de bordo 7 da Investigadora

SESSÃO 7 - 12/02/19 - ATIVIDADES DESENVOLVIDAS		
Participantes	Objetivos	Atividades
A., S2., J., P., C., ME., e P	Refletir sobre as sessões e o trabalho desenvolvido	Conversas em grupo e ou individuais

Assim, para percebermos melhor a experiência do ponto de vista dos participantes, optamos por descrever as suas falas advindas da reflexão em grupo realizada na **sessão**

7 e classificá-las em duas categorias: a *satisfação com a experiência*, que apresenta afetos positivos (*prazer, bem-estar e autoestima*), e a *dificuldade em expressar-se* (Conforme o Quadro 18):

Quadro 18 - As Rodas de Conversa - Sessão 7, diário de bordo da Investigadora

Sessão 7 - 12/02/19 - Diário de Bordo da Investigadora		
CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	EVIDÊNCIAS
Satisfação com a experiência	Prazer	<i>" adorei participar e me senti leve e engraçado" (Fala de A.).</i>
	Bem-estar	<i>"Gostei muito de participar, pois era bom e me deixa mais calma essa coisa das emoções" (Fala de S2.).</i>
	autoestima	<i>"eu gostei tanto que se fosse após o jantar, as 20h, eu gostaria de fazer os vídeos" (Fala de J.).</i> <i>"Este projeto é muito louvável, pois vai ajudar muitas mães que passam por essas situações, a aliviar o stress", mas "estou convivendo com isto há apenas 03 meses e é tudo muito novo pra mim, choro com qualquer coisa" (Fala de P.).</i> <i>"Gostei muito de participar, senti -me engraçada" (Fala de C.).</i>
Dificuldades em expressar-se		<i>"Tenho dificuldade em mostrar o que sinto" (Fala de M.E).</i> <i>"Não me sinto preparada para demonstrar meus sentimentos aos outros" (Fala de P.).</i>

Vale salientar que já não se encontravam na casa todos os participantes. Considerando o teor das informações (reportadas no Quadro 18), é possível verificar, que o prazer em sentir-se "engraçado" e "relaxado", pode ser traduzido em *autoestima, alegria e bem-estar*.

Na fala de J., vemos também a disponibilidade em pôr-se em ação, o que denota que a experiência aumentou a sua *potência de agir*. No entanto, observamos que os participantes não expressaram conscientemente em sua elaboração, a força do contacto com relação ao outro, e à empatia que foi gerada nos encontros, até por ser este, um afeto pouco conhecido em sua etimologia entre as pessoas em geral.

Outro fator a considerar nessas evidências apresentadas, é a dificuldade que algumas participantes têm, em expressar publicamente as suas emoções, o que ratifica a nossa escolha em trabalhar neste projeto, também com o desenho pictórico, por ser este um grande facilitador de expressão. Fato que iremos detalhar melhor, na discussão dos resultados.

3.1.3 Análise dos Diários de Bordo dos participantes

Nesta investigação, encontramos como possibilidade de, além das reflexões em grupo após cada sessão, um diário de bordo também para os participantes, para que eles, se assim desejassem, escrevessem suas impressões do dia-a-dia dos encontros (ver anexo 2). Todavia, é de salientar, que a maioria dos participantes não conseguiu escrever, devido principalmente à falta de tempo e preferiram conversar ao final das sessões. Inclusive um dos participantes (A.), preferiu entregar o seu diário de bordo em formato de desenho (anexo 3, figura 35) e disse: "Preferi desenhar pois o desenho me relaxa" (Anexo 1, diário 7 da investigadora).

Nas notas observadas nestes diários de bordo, além da *categoria Expressão de afetos positivos*, foi possível ratificar a evidência da *satisfação com a experiência* e aferir uma outra: o *contato com as próprias emoções* (conforme expostos no Quadro 19):

Quadro 19- As reflexões nos diários - Diário de bordo dos participantes

Diário de bordo dos participantes		
CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	EVIDÊNCIAS
Satisfação com a experiência	Prazer	<p><i>"Na aula passada eu achei interessante. Foi mesmo divertido. Estava um bocadinho triste mas depois de aquela atividade me senti mais relaxada e gostei muito"</i> (Diário de D. 3a. sessão).</p> <p><i>"Além da rotina diária com o meu filho, fizemos uma atividade de grupo de pais que achei muito interessante e relaxador, além de divertido, muito bom"</i> (Diário de P.).</p>
Contato com as Emoções	Tristeza	<p><i>"Também fico a pensar no tratamento do meu filho, como é que será? será que é fácil? às vezes fico triste"</i> (Diário de D. 1a. sessão).</p>
Expressão de Afetos positivos	Autoestima Saudade Esperança	<p><i>"Agora sinto-me alegre porque já passei das situações mais difíceis, estou a me sentir vencedora, gostei muito"</i> (Diário de D. 2a. sessão).</p> <p><i>"O que eu pensei? que fico a pensar em minhas famílias que estão bem longe de mim nesses momentos"</i> (Diário de D. 1a. sessão).</p> <p><i>"O meu sonho é pedir a Deus para melhorar o meu filho e viver uma vida normal cheia de paz amor e alegria"</i> (Diário de C.).</p>

Assim, é possível verificar (consoante o Quadro 19), que a participante (D.) conseguiu escrever com mais detalhes sobre a sua experiência, onde podemos ler uma elaboração dos seus sentimentos e pensamentos. Entretanto, é importante lembrar que, para a discussão dos resultados, julgamos relevante nos reportarmos também às reflexões finais em grupo, contidas no diário de bordo da investigadora na sessão 7 (Quadro 18), conforme vimos anteriormente.

3.2. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Esta parte do relatório apresenta a discussão dos resultados a partir dos dados recolhidos e posteriormente analisados e interpretados, com base em métodos qualitativos recolhidos no decorrer da investigação. Após a descrição e análise dos dados em evidência, conforme vimos nas páginas anteriores, foi possível discutir os seus resultados à luz dos pressupostos dos autores apresentados no enquadramento teórico, em consonância com os principais objetivos do estudo em seus aspectos mais relevantes.

Vale recordar que a interpretação dos desenhos que se encontram nos anexos são parte integrante das análises, em seus aspectos mais significativos, como material de discussão. Importante salientar também que, conforme a nossa análise, a discussão leva em conta cada expressão artística trabalhada na intervenção em suas singularidades, pois nos apresentaram diferenças significativas quanto aos resultados, como veremos a seguir.

Logo, relativamente aos principais objetivos do estudo:

** Facilitar a expressão de sentimentos e de emoções, e estimular a empatia;*

** Analisar e refletir sobre o impacto da experiência artística na expressão dos afetos;*, podemos verificar:

1- No tocante à Linguagem do Palhaço, chegamos à categoria "**Expressão de afetos positivos**", cuja emoção em evidência é a **Alegria**:

Com base na interação provocada pelos encontros através da **linguagem do palhaço**, cujas principais motivações eram ativar aspectos positivos, percebe-se que o efeito dessa expressão artística com este público, cujo principal sentimento identificado no início da intervenção era a **tristeza**, foi de promover a **emoção da alegria**, visto que as

visitas de palhaça provocaram alegria nas crianças e conseqüentemente nos seus parentes. Sobre isso, relata Soares (2007):

Quando o palhaço atua sua comicidade nas situações conflituosas ou carregadas de tensão e desconforto, a sua ação altera a potência no modo de viver. Quer dizer, quando se ri em circunstâncias como essas, uma escolha é feita por quem ri, mesmo que não de forma consciente. Foi possível se distanciar, se descolar, nem que fosse por alguns instantes do objeto de sofrimento, e esquecê-lo, num primeiro e importante passo para superá-lo. Mesmo que após a passagem dos palhaços aconteça o retorno para a gravidade, a tristeza, a dor da situação de vida real; volta-se renovado, aliviado, animado, no sentido de desperto, acordado, e fortalecido. (Soares, 2007, p.55).

Esta linguagem artística nos confirma também o poder terapêutico da arte (Boal, 1996), pois proporcionou naqueles, cuja relação afetou tanto diretamente (as crianças), quanto indiretamente (os parentes), o estado onde se "é capaz de brincar" (Winnicott, citado por Naschmanovich, 1990). Os dados salientam que estes encontros provocaram não só o *riso*, mas a ação em si, nas crianças, o que promoveu a sua **potência de agir** (Espinosa citado por Ferreira, 2011), além da empatia do público alvo para com o projeto, pois esta linguagem inicial funcionou como um "quebra gelo":

Fui até a sala das crianças, alguns estavam concentrados em seus brinquedos ou atividade, então toquei a harmônica e brincamos de ficar imóveis. Chegamos ao ponto de ficarmos vários segundos todos imóveis e quando chegou alguém na porta e falou algo, todos nos mexemos. Permanecemos com este jogo pois estava muito divertido, e resolvemos ver quem seria o campeão no jogo. L. (08 anos) ganhou a empreitada e virou o campeão do "ficar parado", como eles batizaram. Fiz ainda uma "consulta" a cada criança e reparei que a maioria tem "o corpo bem encaixado e ossos firmes" além de "riso frouxo". Também falei de uma receita "médica" - continuar com o nível de bobeira alto. E então, seguí. Este encontro da palhaça com as crianças proporcionou muitos risos, não só a elas, mas também às mães que passavam por ali e pararam para ver. (Diário 2 da investigadora).

2- Quanto à **Expressão Dramática**, a categoria mais relevante foi a **Expressão de afetos positivos**, como veremos a seguir:

As atividades de **expressão dramática**, em sua maioria, provocaram uma nítida mudança do *estado no organismo* provocada pelos momentos de descontração. Este "estado harmonizado" (Damásio, 2017) também estava nítido em todos os jogos onde o riso aparecia forte, através de movimentos cômicos (galinha louca, espelho, siga o seguidor, etc), que promoviam a *imaginação* mais fluída e *imagens mentais* agradáveis, através do que era mostrado na **relação** e interatividade com o outro. Nestes jogos de interação existia uma maior abertura do corpo, o que estimulava o sentimento de **prazer** e **bem-estar em contraposição ao estado de apatia** (Damásio 2003; Ferreira, 2011):

*Percebi que no começo do jogo ainda falam coisas, o corpo ainda está no registro cotidiano, com pouco tônus, o rosto ainda está **tenso**, há ainda uma energia baixa, um misto de **apatia** com **calma** ou **tristeza** com **preocupação**. (Diário 3 da investigadora).*

Me surpreendi com o fato de um simples jogo de aquecimento proporcionar tamanha mudança no estado delas - de uma frequência baixa para uma frequência alta. Uma positividade que alcançamos em poucos minutos. Os sorrisos, o corpo, o olhar, tudo estava diferente, e uma alegria já se percebia no ar (Diário 2 da investigadora).

Percebi que este tipo de movimento, mais libertador e fora dos padrões de comportamento, geravam mais prazer e disposição (Diário 4 da investigadora).

Além da rotina diária com o meu filho, fizemos uma atividade de grupo de pais que achei muito interessante e relaxador, além de divertido, muito bom (Diário de P.).

Na aula passada eu achei interessante. Foi mesmo divertido. Estava um bocadinho triste mas depois de aquela atividade me senti mais relaxada e gostei muito (Diário de D.).

Os jogos que apontam comicidade (Galinha louca, Servir a pizza com personagens, Encontro em dupla, Claps, Espelho) impulsionaram os participantes a uma disponibilidade não só do corpo, mas também da mente para o brincar (Schiller, 1963;

Nachmanovitch, 1993), e ao gerar ações efetivas que começam no corpo e logo alcançam a mente, há uma natural produção e expressão de afetos positivos (Damásio, 2017), estimulados também pelo **protagonismo** no jogo, como **alegria, bem-estar e autoestima**:

Me senti alegre e tranquila, achei muito divertido o jogo da galinha - fala de T. (Diário 2 da investigadora).

D. se pôs realmente como um bêbado, alterou o corpo e a voz, e fez com que as outras acreditassem no jogo, também porque ela alcançou um protagonismo (Diário 2 da investigadora).

Eu gosto muito da parte do corpo e acho graça com a galinha louca - fala de D. (Diário 3 da investigadora).

Gosto muito da galinha e gostei das músicas e de sentir no corpo - Fala de C. (Diário 3 da investigadora)

Estes jogos advindos da arte dramática trabalharam ainda dois importantes contextos do desenvolvimento do grupo: o **social** e o **individual** (Langer, 1980). Seguramente, a **coletividade**, característica peculiar da expressão dramática e suas práticas, provocou nos participantes, um maior contacto com o outro, onde de forma geral não havia tempo para "pensar" ou produzir as imagens mentais que estavam afetando-os negativamente, como a preocupação com a doença do filho, visto que o jogo acontece no momento da ação presente:

Foi bonito ver os corpos dessas mulheres livres, expressando-se. Não achei que devia perguntar o que sentiram - a expressão do corpo, o que elas sentiram e colocaram para fora são suficientes para que as coloquem em um estado outro - o encontro com suas emoções, a aceitação do seu estado presente (Diário 3 da investigadora).

Em diversos momentos (Pizza na mão, Espelho, Caminhada no espaço com a emoção no corpo), o grupo atingiu uma **euforia do riso**, ao mesmo tempo que se concentrava para alcançar os objetivos do enunciado - isso estimulava também a sua **potência de agir** (Ferreira, 2011; Trindade, 2011). Nesses jogos houve ainda o estímulo à

cooperação e a **empatia** (Pinker, 2011) através da relação, onde o grupo se via amorosamente (Matos, 2006):

P. e V. estavam absortas e o "espelho" teve uma crise de riso, assim a outra também dava gargalhadas (Diário 4 da investigadora).

Eu achei muito interessante, porque desestressa. Ê pá, é difícil ficar séria - fala de V. (Diário 4 da investigadora).

Eu gostei muito do espelho, mas eu não parava de rir, nem eu nem ela - Fala de P. (Diário 4 da investigadora).

Da mesma forma, durante as sessões, os participantes criaram a capacidade de lidar com uma situação nova - ter um tempo só para si e entrar em contacto com a arte - esses momentos foram as molas propulsoras de sua **criatividade** (Robinson, 2010), pois eles entraram em contato com a sua **imaginação** e puderam através dela, "interpretar a sua realidade" (Damásio, 2003) e criar novas **imagens mentais**. Podemos citar os jogos "Eu vou pra lua" e "A história que eu quero" onde os participantes experimentaram criar as suas histórias, como "construtores do mundo" (Punset, 2010) a partir de sua própria necessidade:

Pra mim o melhor foi o da história, eu gostei de criar com eles. Olha, minha filha pode ficar aqui, na próxima aula? - Fala de J. (Diário 5 da investigadora).

Um dos momentos mais significativos da intervenção se deu com a construção da história, "A história que eu quero", quando os participantes puderam elaborar, mesmo de forma inconsciente, o **medo** que têm de perder os seus filhos e se conectaram com a **esperança** ao encontrarem um final feliz para a história. Neste ponto, podemos conferir que ao trabalharem a imaginação e a criatividade, os participantes puderam criar **imagens mentais significadas** (Santos, 2013) e potencializar o poder natural do corpo em procurar o equilíbrio ou estabilidade ao expressar-se, através do processo de **homeostasia** ou regulação da vida (Damásio, 2003 e 2017), mesmo que isto tenha se dado de forma inconsciente.

Neste sentido, o grupo expressou a **esperança** e o **porvir**, ao "interpretarem o real"

(Santos, 2013) e confrontaram-se com seus problemas de forma lúdica (Boal, 1996, Spolin, 2006; Lopes, 2011), como podemos observar no final da história: *Mas os meninos da Acreditar conseguiram fazer o foguete subir* (frase de C., diário de bordo 5), *o foguete subiu e todos eles chegaram à lua e ficaram muito felizes* (frase de J. diário de bordo 5). Conforme Boal (1996), através da brincadeira, como sujeitos da ação e não como meros espectadores, os atores ou não atores entram em contato com seus problemas, de forma a tentar resolvê-los.

O facto de na história, as crianças personagens (representação clara dos filhos e netos dos participantes) agirem positivamente, com o objetivo de chegarem à lua, cujo percurso inclui um foguete que quebrou mas foi consertado (a cura para a doença) apresenta-se como uma **projeção** da **imagem mental** dos criadores da história, que imaginam as crianças com a saúde recuperada, e portanto, capazes de realizarem o intento, onde todos "ficaram muito felizes". Estes impulsos, que foram gerados, por meio dos estímulos criados pelo jogo, nasceram como uma *reação à negatividade*, e atestaram a própria **potência de agir** com vistas a transformar a sua realidade (Ferreira, 2011), através do que eles conseguiram produzir em conjunto e também pela reação natural do corpo e mente, no processo regulador da vida (Damásio, 2003):

No jogo, juntos eles puderam construir uma história que caminhasse para a positividade, mesmo que fosse difícil, usaram a imaginação. J. deu um final feliz à história (Diário 5 da investigadora).

Os jogos onde os participantes se reconhecem como pertencentes a uma mesma realidade (Leitura do livro "O monstro das cores", Encontro em dupla, Siga o som, Espelho, Sentir a emoção no corpo, Expressar a emoção a partir da música, A história que eu quero, Abraçar a saudade), geram uma "identificação" (Courtney, 1980), cuja expressão foi a **empatia**. Ao relacionar-se, o grupo adquiriu a confiança através do "olho no olho", e conseguiu "afetar o outro com qualidade" (Masetti, 2003), pois enquanto eles se olhavam nos olhos, o corpo agia inconscientemente no seu estado natural e de essência, não importando a forma. Entre alguns exemplos poderemos recordar "*o jeito de andar de C., ao desfilar, ou o jeito de olhar ao arregalar os olhos*" (Diário 2 da investigadora) - manifestando o "estar, comunicar e criar" (Kowalski,

2005), que afetava os outros participantes positivamente, visto que a reação dos demais era de **alegria**, provocada através do contato com C.:

C. exagerava no olhar, abrindo muito os olhos, cada vez que eu dizia, "olhem-se". E as outras riam com a sua expressão. C. tem demonstrado muita disposição e rapidamente pega o foco. Sua estima cresce muito porque as outras se divertem com ela (Diário 6 da investigadora).

E relativamente à emoção da **Empatia**:

Percebi que a leitura em conjunto funcionou bastante para trabalhar a coletividade, reforçar as relações, a empatia, o apoio uma à outra. Do quanto é importante estamos em interatividade, não estamos sozinhas! (Diário 2 da investigadora).

Percebi que o jogo ajuda a projetar os desejos e principalmente a entenderem o momento presente, mas principalmente este jogo os colocou uns com os outros, no mesmo barco, gerando empatia (Diário 5 da investigadora).

Ao final quando o que estava de olhos fechados alcançava a sua dupla e se tocavam, quando o outro abria os olhos, eles se abraçavam e demonstravam satisfação em conseguirem corresponder ao jogo. Havia alegria e empatia entre o grupo (Diário 4 da investigadora).

Entretanto o riso não aparecia como obrigação, mas como partilha, o que motivou os participantes a sentirem confiança em si próprios e a sentirem e exprimirem **autoestima**. Ali era permitido rir e dar gargalhadas, mesmo que eles estivessem passando por um momento muito difícil e de dor. Os jogos deram-lhes a permissão para expressar as emoções e também os sentimentos - que comumente não mostramos. (Damásio, 2000):

No final do jogo "a história que eu quero", já que a história teve um final feliz, eles aplaudiram. Estavam mesmo que inconscientemente, a aplaudir o grupo, ou seja, um reconhecimento de si e dos outros (Diário 5 da investigadora).

Agora sinto-me alegre porque já passei das situações mais difíceis, estou a me sentir vencedora, gostei muito (Diário de D.).

Entretanto, a arte dramática fatalmente coloca-nos frente a frente conosco e provoca-nos

a refletir sobre nós mesmos e por vezes, este confronto é mesmo muito difícil. Como evidencia Damásio "(...) determinados estímulos irão produzir determinadas emoções" (Damásio, 2000, p.75).

O jogo *Abraçar a saudade* surtiu um efeito contrário quanto às emoções positivas, ao provocar ainda mais o afeto da **tristeza**, em uma das participantes. A partir do sentir e dar significado (Santos, 2013), o sentir e o pensar sobre que mudanças se deram em seu comportamento individual, a partir da consciência do sentimento de saudade, a expressão dramática impulsionou também, a tomada de decisão de P. (Punset, 2010) que refletiu e decidiu que não se sentia preparada para partilhar os seus sentimentos em grupo, através de sua elaboração emocional sobre o que sentiu e expressou. Por outro lado, entrar em contato com o sentimento verdadeiro e reconhecê-lo, é parte natural do nosso processo emocional. "sabemos que temos uma emoção quando se cria nas nossas mentes, o sentido de um si que sente" (Damásio, 2000, p.319). O sentimento desencadeado no processo pode ser tanto positivo quanto negativo (Damásio, 2017).

Eu não gosto muito de mostrar o que tô sentindo, eu não quero que meu filho veja eu a chorar...
- Fala de P. (Diário 6 da investigadora).

Este exercício teve, portanto, um grande impacto no *reconhecimento da emoção*, para os participantes, através do desenvolvimento de suas etapas. Ouvir a música, abraçar o outro, falar do que sente saudade e por fim desenhar a saudade, o que de fato proporcionou o raciocínio em reconhecer o **sentimento em si** (Damásio, 2000) e expressá-lo.

Eu gostei muito de caminhar com os sentimentos no corpo, e também de sentir a saudade no corpo e no desenho - Fala de J. (Diário 6 da investigadora).

Gostei muito da aula de hoje, de sentir a saudade - Fala de D. (Diário 6 da investigadora).

Sabemos, que o sentimento pode, no entanto, permanecer escondido se assim o quisermos, contudo, expô-lo, representa o compartilhamento com o outro, o que pode em muitas vezes, representar alívio. Mas, este esforço em esconder o que está sentindo, reflete também no tentar "disfarçar o riso", o que nos jogos de expressão dramática, pela força do coletivo, não acontece, e a emoção da *alegria* pode de fato acontecer, levando-

os para um "outro lugar":

Eu gostei muito, aquele do espelho é bom mas é difícil ficar no mesmo lugar, eu gostei de sair do lugar - Fala de C. (Diário 4 da investigadora).

Compreendemos, no entanto, que chorar ao exprimir a emoção, é um estado afetivo natural do nosso corpo ao reagir ao estímulo dado pelo cérebro. Perceber esta emoção é portanto uma **elaboração desse afeto**, o que segundo Didier (2007), nos aproxima ainda mais da harmonia, pois quanto mais conhecermos o nosso cérebro, mais saberemos lidar com os nossos humores e emoções. Conforme nos evidencia Damásio, "As emoções influenciam a consciência através das imagens percebidas ou recordadas (2000, p.80). Rir e chorar faz parte da nossa sobrevivência e é um processo homeostático (Damásio, 2003). Ao liberar *imagens* guardadas no imaginário, relativas à casa, à família, e à vida que deixaram para trás, os participantes neste exercício, puderam expressar os afetos, mesmo que fosse o da **tristeza**, ou um misto entre tristeza e **contentamento**, por ser a saudade um sentimento ambíguo.

Eu gostei de sentir saudade de casa - Fala de S2. (Diário 6 da investigadora).

Eu também gostei de sentir saudade, mas é triste - Fala de C. (Diário 6 da investigadora).

Percebemos entretanto que, apesar do ato de chorar e expor a fragilidade, seja uma expressão libertadora por expurgar afetos tristes que estão aprisionados (tristeza, medo), alguns participantes preferem escondê-los, ou até menosprezá-los:

Não quero nada com o medo - Fala de V. (Diário 3 da investigadora)

Não gosto de mostrar os meus sentimentos - Fala de M.E. (Diário 7 da investigadora)

Não quero que meu filho veja que eu chorei - Fala de P. (Diário 7 da investigadora)

Todavia, Damásio atenta que, "Existe um outro motivo para o menosprezo do sentimento: o afeto tem má reputação, graças a um punhado de emoções negativas, cujos efeitos, são realmente, perturbadores (...)" (2011, p. 148).

Contudo, abraçar o outro, no caso deste exercício, foi como abraçar a si próprio, pois todos fazem parte do mesmo contexto, o que *gerou a expressão* daquilo que estavam

sentindo: *saudade*, de forma a gerar a *empatia* no grupo. Expressar um sentimento através de uma emoção, é dar uma resposta emotiva causada pela **motivação** sensorial (Damásio, 2017), o que neste jogo, foi provocado pelo *abraço e pelo conteúdo mental* presente que é a falta da família. Este processo entretanto, de sentir a tristeza e até chorar, é saudável, visto que faz parte da homeostasia. "As emoções fazem parte da regulação homeostática e estão sempre prontas, pelas suas ações, a evitar a perda da integridade que denuncia a morte ou produz a própria morte, e estão sempre prontas a proporcionar fontes de energia (...)" (Damásio, 2000, p. 76).

Depois pedi que o abraço da dupla virasse um abraço coletivo. Esse momento foi muito bonito. Percebi que o abraço, a música, olhar-se nos olhos, tinham proporcionado um expurgo, um alívio. Nesse momento pensei que o título do projeto estava acertado... era uma cegonha carregando a outra, e não uma cegonha carregando um filho. A emoção da empatia estava completamente visível (Diário 6 da investigadora).

Apesar de no caso desse jogo, a emoção expressa tenha sido a **tristeza**, conseguimos aferir que em se tratando da expressão dramática, inclusive a partir das palavras expressas pelos próprios participantes no final da sessão 4 (**divertido, alegre, bom e relaxante**), os jogos potencializaram em sua maioria as **emoções positivas**, através principalmente da ação no corpo e a liberação de endorfina (Damásio, 2003). Esta linguagem artística, é portanto, eficaz em diminuir o poder das emoções negativas já existentes no grupo.

3- Com relação à Expressão Plástica, a categoria mais significativa foi a Expressão de afetos negativos, embora nos momentos de socialização e partilha os afetos positivos emergiram, como podemos observar a seguir:

O desenho pictórico nesta investigação, surge como um elemento facilitador na expressão das emoções, fossem elas positivas ou negativas, como pudemos ver nas evidências apresentadas. Além de aferirmos os quadros de análise, para esta discussão foi importante também a interpretação dos desenhos (anexo 3), visto que nos permitiu

avaliar dados importantes como a **projeção dos problemas e desejos** e o **reconhecimento das emoções**.

Conforme as evidências, sentimentos de **tristeza** e **medo**, apareceram em vários desenhos, representados muitas vezes por projeções dos próprios problemas (Luquet, 1979), nas "revelações da angústia" (Decobért, 2000), devido ao contato com o sentimento verdadeiro (Damásio, 2003):

*Contudo nas pinturas, as emoções e sentimentos foram quase todas **medo, raiva, tristeza** (Diário 3 da investigadora).*

Depois o desenho começou a sair, eu pensei na tristeza - Fala de D (Diário 3 da investigadora).

D. desenhou um coração vermelho. Novamente um coração, mas dessa vez um coração raivoso, vermelho. A sua autoimagem é um coração com raiva. Aqui vê-se uma projeção da doença do filho que é cardiopata- que aguarda uma cirurgia - o coração de D. espera a cirurgia, o coração de D. está com raiva. (Diário 4 da investigadora).

Não obstante, os exercícios em sua maioria proporcionaram aos participantes primeiro o contato com o *self*, o que promoveu o confronto com a percepção dos próprios sentimentos, e depois, através da socialização nas partilhas, o **reconhecimento** das próprias emoções através da relação, o que provocava também **afetos positivos**, como a **alegria**: desenhos que trazem o sol e flores (anexo 3: figuras 20, 26, 27 e 14, 16, 26, 35), e a **esperança**: desenhos que trazem aspirais e estrelas (anexo 3: figuras 16, 19 e 28). Podemos verificar também a **projeção** do desejo de **liberdade** (anexo 3 – figuras 22, 28, 31 e 35). E ainda, desenhos como o de A. (anexo 3 – figura 35) que apresentam uma **mistura de emoções** como **raiva, tristeza, alegria e esperança**. Já no exercício “como meu monstro se sente hoje quando vai ao hospital”, as cores que aparecem nas pinturas representam em sua maioria a **tristeza** e o **medo** e aparecem ainda a calma e a raiva (anexo 3 – figuras 36, 37, 38, 39, 40).

Desenhar e partilhar estimulou a expressão de afetos negativos e positivos, exemplificamos o caso de D. (visto que o filho é cardiopata), que desenhara tanto para a sua autoimagem quanto para o exercício "Desenhar a emoção", corações, primeiro com

a cor azul (**tristeza**) e depois com a cor vermelho (**raiva**) – (ver anexo 3). Entretanto, ao ouvir de sua colega a interpretação do seu desenho, de que "*O coração azul era triste, mas ao mesmo tempo era o coração de uma mãe muito forte e amorosa*" (diário 3 da investigadora), o afeto que D. desencadeou em seu corpo foi o de **autoestima**, enquanto C. expressara o afeto de **empatia**, afetos positivos que neutralizam a ação do afeto negativo (Espinosa cit. por Ferreira 2011).

Conquanto, pudemos observar no exercício "Continuar o traço" que, quando uma das participantes interpretou o desenho da colega como uma estrela cadente, todos os participantes se **situaram no todo**, ao vivenciarem individualmente e coletivamente o sentimento do **medo** e da perda, ao imaginarem um possível óbito do filho. Conforme Damásio, "Um certo grau de emoção acompanha forçosamente o pensamento sobre nós mesmos ou sobre o que nos rodeia" (Damásio, 2000, p. 79).

C. desenhou abstrato, tinha cinco pontas. P. interpretou dizendo que era uma estrela cadente e que todos ali precisavam fazer pedidos a estrela. Nesse momento houve um grande silêncio. Aquele momento onde o tempo para! Eu os observei atentamente e todos estavam com expressões bastante fortes de medo - nesse momento eles vivenciaram o momento presente e puderam entrar em contato com esta emoção e demonstrá-la Mas o pedido à estrela pode ser uma esperança (Diário 5 da investigadora).

Porém, através da imagem da estrela proporcionada pela imaginação, eles puderam secretamente fazer o seu pedido (que o filho sobreviva) e experienciaram o "sentimento de si" (Damásio, 2000), ao mesmo tempo que criaram possibilidades de mudança do sentimento negativo (**medo**) para um sentimento positivo (**esperança**). No entanto o exercício como um todo reforçou nos participantes a **potência de agir** (desenhar, raciocinar, imaginar, criar), além de proporcionar uns aos outros o sentido de cooperação e **empatia** - Todas as "cegonhas" no mesmo barco, devido suas realidades semelhantes, no sentido de "suportar juntos" (Pinker, 2011).

No exercício "desenhar a saudade", a projeção do desejo de voltar para casa foi clara, pelo simbolismo do desenho da casa, por parte da maioria dos participantes (ver anexo 3), onde eles representaram aquilo que está em suas mentes (Luquet, 1979). A saudade

segundo Samuel de Jesus (2015), é "ao mesmo tempo profundidade para o passado, desvio do presente e imaginação para o futuro" (2015, p.08). Da mesma forma, revelações do inconsciente quanto às espirais - ciclo, renascimento, **esperança**, viver e sair forte (Bédard, 1998), como símbolos que apontam estados emocionais (Rhyne, 2000). Assim como as pessoas desenhadas sem as mãos, denotando e expressando a incapacidade de ter a situação sob controle (Bédard, 1998).

Embora o tema da saudade seja complexo, e suscite muitas representações, os desenhos em sua maioria para este exercício, são de casas e famílias, com algumas similaridades entre eles, como por exemplo as casas desenhadas pelas mães oriundas da África (são todas quadradas e com teto em cimento e à mostra). Pudemos observar que a **saudade** nos desenhos é representada pela casa-lar onde se encontram também desenhados a família e animais de estimação. Segundo os estudos aferidos, nos desenhos de casas vemos o predomínio da afetividade - Nestes resultados, vemos claramente o desejo dessas mulheres em retornarem aos seus lares, através da **projeção** (Rhyne, 2000) e **imagens mentais** positivas (Damásio, 2017).

O meu sonho é pedir a Deus para melhorar o meu filho e viver uma vida normal cheia de paz amor e alegria (Diário de C.).

Em sua investigação, Di Leo observou que "(...) ao desenhar, a criança parece projetar um desejo, ou talvez, uma tentativa de possuir o objeto; se na realidade não o obtém, pelo menos tem uma imagem do mesmo" (1985, p.44). Ele diz ainda que, "As casas "atestam a universalidade básica da mente e dos sentimentos" (*Ibidem*, 1985, p.45).

Apesar de casas serem frequentes em desenhos espontâneos tanto de crianças quanto de adultos, são elas que aparecem nesta investigação, como representação da falta/saudade na vida dessas pessoas (saudade esta que provoca nelas o sentimento de tristeza como vimos na problemática), pois "A casa simboliza o lugar onde são buscados afeto e segurança, necessidades básicas que encontram preenchimento na vida familiar" (*Ibidem*, 1985, p.52).

Notamos que nos desenhos, são incluídos ainda os elementos significativos para as suas vidas (família e animais de estimação), pois a casa vem com essa representatividade de

calor, segurança e amor. A casa acolhe, é o refúgio para onde podemos ir. Aferimos, portanto, que o exercício colaborou para que os participantes se expressassem através da *projeção do desejo* de retornar à casa.

O exercício "Minha Árvore, Minha Emoção" (anexo 3) nos evidencia que os participantes, através desse desenho, puderam exprimir os seus *estados emocionais* e além de comunicar, puderam *elaborá-los e percebê-los* (Damásio, 2000 e 2003). Vimos nos exemplos do desenho de V. (anexo 3, figura 04), onde ela escreveu a palavra *desilusão* e o desenho de M.E. (anexo 3, figura 07), onde escreveu as palavras *ansiedade, medo, calma, paz*, apresentando emoções mistas, que segundo os autores aferidos, podem conviver juntas e fazem parte de "Variações de expressão e emoções mistas" (Damásio, 2000, p.78). Compreendemos que esta percepção por parte dessas duas participantes é de grande valia quanto ao **reconhecimento das emoções**, pois "Quando os sentimentos se tornam conhecidos para o si do organismo que os possui, os sentimentos melhoram e amplificam o processo de governar a vida" (Damásio, 2017, p.204). Assim, este é um grande contributo dessa experiência artística, como podemos verificar:

*V. disse que a fruta hoje era uma mistura muito grande de emoções e que não sabia que cor era essa (...)Ao final, olhei o desenho e disse-lhe que tinha achado muito bonito, parecia um leque ou um rabo de pavão e embaixo estava escrito **desilusão** (Diário 6 da investigadora).*

*S2. falou, "qual é mesmo a cor da tristeza?". S2. desenhou um **coração azul** com uma flecha, bem no meio da árvore e disse, "a minha fruta é um **coração triste**" (Diário 6 da investigadora).*

Este exercício entretanto, teve bastante impacto ao conferir a expressão também através de *projeções dos problemas* - a maioria das árvores apresenta raízes expostas, denotando a instabilidade emocional em que os participantes se encontravam (Bédard, 1998; Di Léo, 1985), além da falta de folhas e ramos, que denota a tristeza (Bédard, 1998) apresentando-nos um padrão quanto ao público da investigação. Também nos trouxe uma evidência muito importante quanto ao *estado emocional* de uma das participantes (S1.- que estava na casa há 02 anos) e havia desenhado apenas os frutos no

papel além de ter expressado em palavras "*Eu não tenho árvore*". Segundo Di Leo (1985), as árvores são "autorretratos do inconsciente". Esta mesma participante não conseguiu desenhar sua auto imagem, o que denota uma perda de referências e nos dá informações de que ela precisa de atenção e de um trabalho diferenciado por parte da instituição que a acolhe, utilizando inclusive como ponto de partida o desenho enquanto recurso terapêutico. Portanto, através do desenho foi possível aferir e comprovar os sentimentos apresentados pelos participantes nas entrevistas e o ato de desenhar proporcionou a oportunidade em expressá-los.

Contudo, podemos observar que cada linguagem artística, em sua peculiaridade, promove a *expressão das emoções*, sejam elas positivas ou negativas, cujos contributos serão melhor descritos nas conclusões.

CONCLUSÕES

Este projeto foi realizado com enfoque nas linguagens artísticas trabalhadas na intervenção e no que elas contribuem para a expressão dos afetos. Compreendemos ainda, que o estudo empírico apoiado pelos autores aferidos, nos permitiu concluir o relatório considerando além dos objetivos pretendidos, a pergunta de partida. Assim, neste capítulo apresentaremos algumas conclusões que resultam de nossa investigação e vamos ainda apontar algumas limitações da pesquisa, bem como apontar sugestões para explorações futuras relativas a este objeto de estudo.

Recordamos que relativamente à esta investigação-ação, pretendíamos compreender **Quais os contributos das linguagens artísticas para a expressão dos afetos, em cuidadores de crianças institucionalizadas por motivo de saúde?**

Conforme tínhamos percebido nas entrevistas iniciais aos participantes, os sentimentos comuns entre eles eram a **tristeza**, a **saudade** e a **solidão**. Em contraposição a estes afetos, procurámos ao longo da intervenção trabalhar atividades que estimulassem e impulsionassem sentimentos de bem-estar e otimismo, o que gerou a expressão de emoções como **alegria** e **autoestima** e **empatia**.

Contudo, a nossa conclusão aponta cada linguagem artística no que concerne aos resultados obtidos, bem como aqueles proporcionados por todas as experiências da investigação, como veremos a seguir:

A inclinação em iniciar este projeto de intervenção artística a partir da **Linguagem do Palhaço**, levou-nos a concluir que este pode ser o início de uma relação potente para produzir afetos positivos tanto nas crianças quanto nos cuidadores (Masetti, 1998 e 2003). Como afirma Espinosa,

Quem imagina que aquilo que ama é afetado de alegria ou de tristeza será igualmente afetado de alegria ou de tristeza; e um ou outro desses afetos será maior ou menor no amante à medida que, respectivamente, for maior ou menor na coisa amada" (Spinoza, 2009, p.57).

A linguagem do palhaço, cuja intenção não foi de provocar o riso ou esperar o riso, mas de estimular e despertar *para* o riso, ao agir como um instrumento facilitador de uma comunicação bem estabelecida, atestou os efeitos positivos da experiência artística para com este público alvo. Assim, o principal **contributo** foi estimular a vivência da "**Ética da alegria** (Masetti, 2003), cuja emoção da alegria promove estados reguladores do organismo (Damásio, 2003).

Com relação à **Expressão Dramática**, percebemos que a base dos jogos é a **relação** - o que desperta para o sentido de cooperação, gerando a emoção da **empatia**. Percebemos portanto, que o grande **contributo** dessa expressão artística além de propiciar o protagonismo, é o impacto quanto à socialização, na troca afetiva e criativa no momento presente do jogo, o que vai ao encontro das explicações de diversos autores aferidos no estudo (Boal, 1996; Spolin, 2006; Kowalski, 2005; Lopes 2011). Os jogos também trabalharam a comicidade nos próprios participantes, o que estimulou por diversas vezes, o **riso** - amenizando o stress e provocando **relaxamento e prazer**, promovendo o processo de homeostasia através do **bem-estar**, como aferimos nos dados apontados.

Relativamente à **Expressão Plástica**, podemos reconhecer que o desenho levou os participantes a um *contato mais profundo consigo próprio*, estimulados pelo contato direto com seus sentimentos, e a partir dos enunciados de cada exercício, responderam muitas vezes, de forma inconsciente, com a *projeção de seus problemas e desejos*. Esta linguagem artística no entanto, proporcionou a esta investigação uma **rica exploração** quanto ao **estado emocional** deste público, o que superou as expectativas do projeto, ao mostrar através dos desenhos, o potencial desta linguagem como "portadora de afetos" (Luquet, 2000).

Assim, as **três expressões artísticas** proporcionaram o aumento da **potência de agir** (Espinosa, 2009; Ferreira, 2011; Trindade, 2014), visto que as interações, os jogos e os exercícios trabalhados buscaram levar em conta as pulsões e motivações para a

expressão dos afetos através de comportamentos lúdicos e da memória emocional (Damásio, 2003), além do constante trabalho de socialização para que as emoções pudessem emergir (Santos, 2013; Pinker, 2011; Cury 2015). Porém, nesta investigação, foi através da expressão plástica que os participantes conseguiram **expressar as emoções negativas** com mais facilidade, visto que no jogo e na troca direta com o outro, as **emoções positivas** aparecem com mais força.

Observamos ainda, que há **dificuldade em expressar-se** por parte de alguns, que declaradamente nas conversas, assumem que "não querem mostrar os sentimentos", principalmente para os filhos enfermos, o que facultamos ser compreensível, devido ao instinto protetor em relação a estes, embora pudéssemos observar através deste estudo que o choro é uma maneira de expurgar o sentimento preso, e que chorar pode proporcionar também alívio, e portanto, equilibrar as emoções. Entretanto, a expressão plástica proporcionou por vezes a expressividade dos sentimentos, visto que os participantes sentiam-se à vontade para expor o que eles estavam sentindo, consciente ou inconscientemente, nos desenhos. Esta dificuldade em expressar-se pode ser observada também nos desenhos (anexo 3 – figura 24 (desenho de M.E) e figura 33 (desenho de P.).

Então, em resposta à pergunta de partida, a partir dos resultados apresentados e discutidos, destacamos os aspectos relevantes à **expressão das emoções** neste público, estimuladas pelos **contributos** tanto da **expressão dramática**, quanto da **expressão plástica**, o que passamos a apresentar:

Imagens mentais - As expressões artísticas por terem a peculiaridade de produzir processos sensoriais, estimularam a *criação de imagens mentais* através do jogo ou do desenho, e conseqüentemente levaram os participantes à *expressão dos sentimentos e emoções*. "A maioria das imagens que nos entra na mente tem direito a uma resposta emotiva, seja ela forte ou fraca" (Damásio, 2017, p.164).

Imaginação e criatividade - Tanto o jogo quanto a atividade de desenhar são contributos exteriores (Decobert & Sacco, et al, 2000) para ativar a imaginação e expressar. Imaginar e criar através da relação com o outro (Robinson, 2010), levou os

participantes a *significarem as imagens mentais*, pois puderam interpretar o real (Damásio, 2017; Santos, 2013) ao darem *significado* à sua experiência. (Barros, 2010).

Protagonismo - Ao contribuírem efetivamente no jogo, através da expressão corporal, do movimento, da criação da história, dos personagens, etc., os participantes colocaram-se como *sujeitos da ação* e a partir de suas experiências (Boal, 1996; Lopes, 2011), puderam também enxergar a sua problematização, de forma a *pensá-la positivamente* ("A história que eu quero"). Desenhar sua própria árvore, sua autoimagem, entre outros, conferiu aos participantes um papel *protagonista*, que nos momentos de partilha, provocou-lhes *autoestima*.

Relação/Partilha - Através da interação dinâmica nos jogos e também ao interpretarem o desenho uns dos outros, foi possível aos participantes relacionarem-se (Spolin, 2006). Portanto, eles tiveram oportunidade de se verem enquanto sujeitos sociais (Courtney, 1980), o que estimulou o *sentido de cooperação*, provocando a emoção da *empatia* (Pinker, 2011). Da mesma forma, a socialização aconteceu durante as conversas durante e ao final das sessões, que funcionavam também quanto a uma pequena elaboração intelectual do que havia sido vivenciado, o que terminava por proporcionar o contato novamente com a experiência através da imagem mental. Por diversas vezes, o grupo ria ao ouvir os comentários uns dos outros, denotando um *relaxamento* ou *diminuição do stress*. Este pequeno esforço intelectual vai ao encontro do que Espinosa recomendava sobre combater os afetos negativos (Damásio, 2003; Ferreira, 2011), e o que aparecia em contraposição a estes, eram o *prazer* e *bem-estar*.

Projeção - Embora tenha aparecido em menor proporção nos jogos de expressão dramática, a projeção foi um forte componente quanto à expressão dos sentimentos e emoções, através da expressão plástica. Desenhar ajudou os participantes a "comunicar suas experiências internas" (Rhyne, 2000), que segundo Bédard (1998), podem acontecer inconscientemente. O facto de ao desenhar, os participantes *expressarem-se sem palavras* (Decobert & Saco, et al, 2000) aferiu nos desenhos pictóricos "aspectos afetivos" (Di Leo, 1985) produzindo a manifestação da "representação mental" ou projeção (Luquet, 1979). Na projeção pudemos verificar por vezes os afetos de *raiva*, *medo*, *tristeza*, entre outros.

Empatia - Esta que é uma "importante emoção para a nossa vida social", é um dos grandes expoentes neste estudo, pois no caso desse público alvo, o facto de poderem suportar o sofrimento juntos (o medo da perda do filho, a saudade de casa), colocou-os através da experiência artística a um reconhecimento de sujeitos de uma mesma realidade, o que os fez como aconselha Espinosa "a abandonarem o particular e situarem-se no todo" durante as vivências (Ferreira, 2011). Agirem em grupo, portanto, provocou este afeto no cuidado com o outro e consigo mesmo, pela *aceitação* (temos sentimentos e podemos expressá-los), pelo *reconhecimento do problema* e a *possibilidade de pensá-lo positivamente* (o pedido à estrela para que o filho se cure; os meninos chegarem à lua; a possibilidade de voltar para casa ao representá-la no desenho) e pela *partilha* (interpretar e admirar o desenho do outro) - esse encadeamento trouxe os "anjos bons da nossa natureza" (Pinker, 2011).

Potência de agir - A atividade lúdica de jogar, por sua vez, proporciona liberdade e poder de "brincar" (Schiller, 1963). Estar em contato com as linguagens artísticas, fosse através do encontro com a palhaça, e principalmente através do fazer, com os jogos e exercícios, proporcionou aos participantes expressarem suas emoções através da ação - as emoções que as atividades fizeram emergir foram em sua grande maioria nos jogos de arte dramática, positivas (*alegria, bem estar, autoestima, empatia*, o que fortaleceu o poder de agir e conseqüentemente ajudou no processo natural do corpo em regular o organismo (**homeostasia**).

Contudo, podemos concluir que o impacto gerado pelo contato com a arte, através das linguagens artísticas, se dá não só pelo facto dos participantes poderem **expressar-se**, mas também pelo facto de eles conseguirem em alguns momentos **perceber suas próprias emoções e sentimentos**, fossem eles positivos ou negativos, e ainda conseguirem **amenizar as emoções negativas através da geração de emoções positivas**. Neste sentido, apesar de esta investigação ter sido exploratória, seus resultados apontam para a **potência das linguagens artísticas** não só como facilitadoras da expressão dos afetos, mas também como propulsoras de afetos positivos, o que responde naturalmente aos objetivos traçados pela investigação.

No entanto, finalizar este relatório permitiu-me também compreender que este processo é repleto de desafios, dada a complexidade do público alvo. Porém, concluo que é extremamente importante que os interventores sociais olhem com atenção para essas pessoas, que estão a vivenciar situações ansiógenas, cujo processo homeostático está comprometido, pois se encontram talvez, no momento mais difícil de suas vidas.

Lidar com este estudo, colocou-me também enquanto artista/interventora/investigadora, diante das minhas próprias emoções e sentimentos e me trouxe a oportunidade de compreender essas duas formas de afeto, bem como apreciar o mérito da *empatia* em relação a projetos de intervenção artística quanto à relevância da arte nas questões sociais, onde o principal objetivo é a melhoria da vida das pessoas. Igualmente esta investigação me fez perceber a criatividade e sua potência em minha prática, de como fazer visitas de palhaça sem um partner, mas sozinha, e também, de como criar jogos e exercícios especificamente para o público da amostra, indo ao encontro dos objetivos do estudo e verificando a eficácia desta estratégia, conferindo a este tipo de pesquisa o seu poder criativo e de mudança não só para o público que recebe a intervenção, mas também, para a práxis do investigador.

LIMITAÇÕES DO ESTUDO E RECOMENDAÇÕES

O primeiro indicativo de dificuldade é encontrar espaço e abertura entre as instituições de saúde para levar um trabalho de investigação ação e de caráter artístico. Nossa primeira tentativa foi procurar os próprios hospitais, onde os cuidadores estão a acompanhar a criança enferma em tempo integral. Porém a resposta foi negativa, devido as complexidades com o espaço em si (falta de sala por exemplo), entre outras. Verificamos também que o público da amostra necessita de um espaço físico só para si, possivelmente fora do âmbito da casa, onde as crianças não os vejam, pois isto facilitaria a expressão das emoções, sobretudo para, em alguns momentos, poderem colocar para fora tudo que desejassem.

Um outro fator complicador é reunir as pessoas no mesmo horário para as sessões, visto que todos tem compromissos e horários diferenciados com suas obrigações (acompanhar o tratamento do filho) e no caso desta casa, inclui os afazeres domésticos como cozinha e limpeza dos espaços. Por fim, o projeto precisou ser realizado num curto espaço de tempo, pois é impossível prever o tempo que as pessoas permanecerão na casa, visto que as crianças podem receber alta a qualquer momento.

Entretanto, é possível vislumbrar um outro formato para esta intervenção e sugerimos que os projetos que venham a se desenvolver neste campo, criem instrumentos de trabalho que possibilitem a inclusão das crianças nas sessões, ora em conjunto ora em separado, uma vez que os benefícios trazidos pelo projeto com relação à expressão das emoções, podem ajudá-las também no seu processo mental e afetivo em relação ao acontecimento em suas vidas. Isto aumentaria o tempo da ação, bem como permitiria o desenvolvimento de alguma aprendizagem artística.

Uma outra sugestão é criar um diário de bordo mais funcional para os participantes, como por exemplo gravar ao invés de escrever, visto que isto seria mais prático para eles e já que o uso do telemóvel é de fácil acesso.

No mais, apenas recomendamos aos futuros investigadores que se interessam por este contexto, que sejam corajosos e avancem, pois vale muito a pena, visto que a investigação ação que articula em um mesmo espaço-tempo arte e saúde, pode contribuir muito para o bem-estar das pessoas e, conseqüentemente, para um mundo melhor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aguilar, Luís Filipe Tavares de Melo de (2001), *Expressão e Educação Dramática: guia Pedagógico para o 1o. ciclo do ensino básico* - (Práticas pedagógicas;15) Portugal: Instituto de Inovação Educacional.

Amado, J. (2013). *Manual de Investigação Qualitativa em Educação*. Coimbra: Universidade de Coimbra.

Anjos, A. dos (1999). *Eu e outras poesias*. Fixação de texto: Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Lacerda Ed.

Ball, D. (2009). *Para trás e para frente. Um Guia para Leitura de Peças Teatrais*. Tradução Leila Coury. São Paulo: Ed. Perspectiva.

Barbosa, A. M. (1984). *Arte-Educação no Brasil*. São Paulo: Max Limonad.

Barros, M. de (2010). *Memórias Inventadas: as Infâncias de Manoel de Barros*. São Paulo: Ed. Planeta do Brasil.

Barros, A.T. & Junqueira, R.D. (2011), A elaboração do projeto de pesquisa in Duarte, J. e Barros, A. (org.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 32-50.

Beaud, S. (2007). *Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos*/Stéphane Beaud, Florence Weber; Tr. Sérgio Joaquim de Almeida. Petrópolis: Editora Vozes.

Bédard, N. (1998). *Como Interpretar os Desenhos das Crianças*. Tr. Cristina Alexandra de Oliveira Santos. Lisboa: Edições CETOP.

Boal, A. (1996). *O Arco-íris do Desejo - Método Boal de Teatro e Terapia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Bogdan, R. e Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação. Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora.

Caires, S., Estevez, C. H., Almeida, I., Correia, S. (2014). *Palhaços de hospital como estratégia de amenização da experiência de hospitalização infantil* (Doutoramento em Educação) - Universidade do Minho, Braga, Portugal.

Casa Acreditar <https://www.acreditar.org.pt/pt> (consultado em 18/06/2019).

Cassirer, E. (1977). *Antropologia Filosófica. Introducción a uma Filosofia de la Cultura*. 2 ed. Traducción: Eugenio Imaz. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica Pánuco.

Courtney, R. (1980). *Jogo, Teatro & pensamento: As Bases Intelectuais do Teatro na*

Educação. Tr. Karen Astrid Müller e Silvana Garcia. São Paulo: Perspectiva.

Coutinho, C.P. (2013). *Metodologias de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática* (2a. ed.). Coimbra: Almedina.

Cury, A. (2015). *Gestão da Emoção: Técnicas de coaching emocional para gerir a ansiedade, melhorar o desempenho pessoal e profissional e conquistar uma mente livre e criativa*. São Paulo: Editora Saraiva.

Damásio, A. R (2000). *O Sentimento de Si: o Corpo, a Emoção e a Neurobiologia da Consciência*. Mem Martins: Publicações Europa-América Lda.

Damásio, A. R (2003). *Ao Encontro de Espinosa: as Emoções Sociais e a Neurologia do Sentir*. Mira Sintra: Publicações Europa-América Lda.

Damásio, A. R (2017). *A Estranha Ordem das Coisas. A Vida, os Sentimentos e as Culturas Humanas*. Trad. Luís Oliveira Santos. Lisboa: Temas e Debates - Círculo de Leitores.

Decobert, S., Fortin, A.; Haag, G.; Luquet, M.; Luquet, P.; Sacco, F.; (2000). *O Desenho no Trabalho Psicanalítico com a Criança*. Tr. Raúl Côte-Real. Coord. Simone Decobert e François Sacco. Lisboa: CLIMEPSI Editores.

Dias, V.B., Pitolli, A.M.S., Pridêncio, C.A.V., Oliveira, M.C.A. (2013). *O diário de bordo como ferramenta de reflexão durante o estágio curricular supervisionado do curso de ciências biológicas da universidade estadual de Santa-Cruz - Bahia*. Atas do IX Encontro Nacional de Pesquisa em Educação e Ciências. Águas de Lindóia.

Di Leo, Joseph H (1985). *A Interpretação do Desenho Infantil*. Tr. Marlene Neves Strey. Porto Alegre: Artes Médicas.

Duarte Jr., J. F. (1981). *Fundamentos estéticos da Educação*. São Paulo: Cortez / AA.

Duarte Jr., J. F. (1991). *Por que arte-educação?*. 6.ed. Campinas: Papyrus.

Ferreira, M. L. R. (2011). Espinosa e a Terapia das Paixões. In Costa, Fernanda Gil e Furão, Igor (org.). *Estética das Emoções*. Ribeirão, Portugal: Editora Húmus, 33-49).

Fischer, E. (1979). *A Necessidade da Arte*. 7.ed. Tr. Leandro Konder. Rio de Janeiro: Zahar.

Fortin, M.F.; Côte, J., Vissandjée, B. (2003). *As etapas do processo de investigação*. In FORTIN, Marie-Fabienne – O processo de investigação da concepção à realização. 3ª ed. Loures: Lusociência, 2003.

Fortin, M.F.; Homme-Brisson, D.P., Coutu-Wakulczyk, G. (2003). *As etapas do processo de investigação*. In FORTIN, Marie-Fabienne – Noções de Ética na Investigação. 3ª ed. Loures: Lusociência, 2003.

Ghiglione, R. e Matalon, Benjamim (1993). *O Inquérito: teoria e prática*. 2a. ed. Oeiras: Celta.

Guerra, I.C. (2002). *Fundamentos e Processos de Uma Sociologia de Acção*. 2a. ed. Cascais: Príncípia Editora Lda.

Guerra, I.C. (2006). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo: sentidos e formas de uso*. Estoril: Príncípia Editora Lda.

IMPSI

http://www.impsi.com.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=52&Itemid=60 (consultado em 20/07/2019).

Instituto Universidade de Lisboa, <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/a-etimologia-da-palavra-afecto/29096> (consultado em 10/03/2019).

Jesus, Samuel de. *Saudade: Da poesia medieval à fotografia contemporânea, o percurso de um sentimento ambíguo*. Tr. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

Koudela, I.D. (2013). *Jogos Teatrais*. 7a. ed. São Paulo: Perspectiva.

Kowalski, I. (2005) ... *e a Expressão Dramática*. Leiria: Instituto Politécnico de Leiria – Escola Superior de Educação de Leiria.

Langer, S. K (1971). *Ensaio filosóficos*. Tr. Jamir Martins. São Paulo: Cultrix.

Langer, S. K. (1980). *Sentimento e Forma*. Tr. Ana M. Goldberger Coelho e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva.

Lima, R. (2003). *Desenvolvimento levantado do chão...com os pés na terra: desenvolvimento local e investigação participativa - a animação comunitária*. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. Porto.

Llenas, A. (2018). *O Monstro das Cores*. Tr. e revisão Penguin Random House. Lisboa, Printer Portuguesa.

Lopes, M. (2011). *O Saber Dramático: a construção e a reflexão*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Luquet, G.H. (1979). *O Desenho Infantil*. 3a. ed. Tr. Maria Teresa Gonçalves de Azevedo. Porto: Livraria Civilização Editora.

Masetti, M. (1998). *Soluções de Palhaço para Hospital*. São Paulo: Ed. Palas Athena.

- Masetti, M. (2003). *Boas Misturas*. São Paulo: Ed Palas Athena.
- Matos, A., C. & Coelho, R. (2006). *Entre Memória Emocional e Memória Semântica: Mito Pessoal do Bebê*. *Revista Portuguesa de Psicanálise*: Lisboa, Climepsi Editores.
- Nachmanovitch, S. (1993). *Ser Criativo: o Poder da Improvisação na Vida e na Arte*. Ed. São Paulo: Ed. Summus.
- Oliveira, E. C .S. & Araújo, M. F. (2012). Aproximações do Teatro do Oprimido com a Psicologia e o Psicodrama. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 32(2), 340-355.
- Pinker, S. (2011). *Os Anjos Bons da Nossa Natureza. Porque Tem Declinado a Violência*. Trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D'Água Editores.
- Porcher, L. (1982). *Educação Artística: Luxo ou Necessidade?* Tr. Yan Michalski. São Paulo: Summus.
- Punset, E. (2010). *A Alma está no Cérebro - Uma Radiografia da Máquina de Pensar*. 3a. edição. Alfragide: Publicações Don Quixote.
- Rhyne, J. (2000), *Arte e Gestalt: padrões que convergem*. Tr. Maria de Betânia Paes Norgren. São Paulo: Summus Editorial.
- Robinson, Ken (2010), *O Elemento*. Título original *The Element*. Portugal: Porto Editora Lda.
- Santos, M. (2006). *Do sentir e do significar - uma leitura do papel das narrativas para o desenvolvimento emocional da criança*. Tese de doutoramento apresentada à Universidade do Minho. Braga.
- Santos, M. (2013). *Do sentir e do significar - uma leitura do papel das narrativas para o desenvolvimento emocional da criança*. *Revista Aprender*, Nº. 33, 11-17, ISSN 0871-1267.
- Santos, A.F. (2018). *Diários de Bordo: Resultados de uma Prática Investigativa da Subjetividade e do Mundo Objetivo*. <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1173.pdf> (consultado em 27/05/2019).
- Schiller, F. (1963). *Cartas sobre a educação estética da Humanidade*. São Paulo: Herder.
- Serrano, S. G. (2008). *Elaboração de Projetos Sociais: Casos Práticos*. Porto: Principia Editora.
- Soares, A. L. M. (Ana Achcar) (2007), *Palhaço de Hospital: proposta metodológica de formação*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do estado do Rio de Janeiro.
- Sousa, A. (2003). *Educação pela Arte e Artes na Educação – Bases psicopedagógicas*,

1.º volume. Lisboa: Horizontes Pedagógicos.

Sousa, A.B. (2009). *Investigação em Educação* (2a. ed.). Lisboa: Livros Horizonte.

Sousa, M. e Baptista, C. (2011). *Como fazer investigação, dissertações, teses e relatórios segundo Bolonha*. Lisboa: Pactor.

Spinoza, B. de (1632-1677). *Ética* / Spinoza; Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

Spolin, V. (2006). *Jogos teatrais: o Fichário de Viola Spolin*. 2a.ed. Tradução Ingrid Koudela. São Paulo: Ed.Perspectiva.

Trindade, Rafael (2014). *Espinosa - Origem e Natureza dos Afetos*. Disponível em <https://razaoinadequada.com/2014/07/15/espinosa-origem-e-natureza-dos-afetos/> (consultado em 15/03/2019).

Vigotsky, L. (2009), *A Imaginação e a Arte na Infância*. Tr. Miguel Serras Pereira. Portugal: Relógio D'Água Editores.

Vilelas, J. (2009). *Investigação - O Processo de Construção do Conhecimento*. Lisboa: Sílabo Edições.

Vincent, J. Didier (2010). *Viagem Extraordinária ao Centro do Cérebro*. Alfragide: Teto Editores Lda.

ANEXO 1

ANEXO 1		DIÁRIO DE BORDO 1	
SESSÃO 1		DATA: 17/01/2019	
Duração: 10h às 18h (com intervalo)		N. participantes: 05	

ACÇÃO 1: RECEPÇÃO E APRESENTAÇÃO DA CASA:

Cheguei à rodoviária quarenta minutos antes da saída do autocarro, ansiosa por chegar à Coimbra. Lá, peguei um táxi, e em poucos minutos, cheguei à *Acreditar*. Logo que cheguei - ao meio-dia - e identifiquei-me, fui recebida por J., a pessoa que cuida das atividades extras dos moradores da casa. Tivemos uma conversa informal, pra que ela entendesse melhor a minha proposta, embora já tivesse lido o resumo do meu projeto. Fiquei muito contente, quando ela exclamou: *Este projeto é mesmo muito giro!*

Na conversa, nos moldes de uma entrevista informal, J. me apresentou um diagnóstico da amostra, quantas mães ou acompanhantes nós teríamos dentro do perfil do meu projeto, ou seja, pessoas que estejam vivendo na casa por um período entre médio e longo prazo. Fiz as anotações e partimos a conhecer a casa. J. me levou a conhecer primeiro os espaços no rés do chão, onde tem a recepção, a sala de administração, a sala dos voluntários, casas de banho e a sala para dinâmicas ou palestras, e quando vi a sala, logo pensei: *perfeita!*

No primeiro andar há a cozinha, a sala para as refeições, a lavandaria, casas de banho, a sala dos pais, a sala das crianças e os quartos. No segundo andar apenas quartos. São 20 quartos no total, mas nem todos estão ocupados. A cozinha é equipada com 04 mini-cozinhas, ou seja, 04 pias e 04 fogões, marcados com os números dos quartos, cada conjunto desses é utilizado por 05 famílias, se houverem. Há 02 grandes refrigeradores, com prateleiras organizadas com os números dos quartos, para que as pessoas coloquem seus alimentos, assim como os armários são organizados da mesma maneira. São fornecidos pela casa todos os utensílios de cozinha. Achei tudo aquilo incrível e pensei, *Ah, se fosse assim em todos os lugares! e imediatamente me lembrei que no Brasil, muitas famílias saem de suas casas para acompanhar os filhos enfermos e em tratamento e quando podem, ficam em casas de apoio, mas sem qualquer conforto!*

As lavandarias são equipadas com máquinas de lavar e secar, há também varais para estender

roupas. No espaço para as refeições, há uma mesa da "partilha", ou seja, quem quiser partilhar um bolo ou outro alimento, coloca nesta mesa e todos podem ir lá e pegar. Observei que uma das mães acabara de fazer um bolo de cenoura e colocara lá. A limpeza e organização dos espaços fica por conta dos pais e de voluntários, que frequentam em dias e horários marcados. Os quartos são equipados com camas, armários, mesa, cadeira, tv, telefone e casa de banho. São também fornecidos toalhas e lençóis, tudo novo, limpo, confortável e muito bem cuidado. Observei que as janelas têm persianas e pensei, *se fosse eu a dormir aqui, dormiria bem!*

A sala dos pais tem sofás, tv, livros, é bem colorida e alegre. A sala das crianças tem muitos brinquedos, mesas, cadeiras, livros, e também é muito colorida e divertida. De forma geral, a casa tem um aspecto muito bonito, um lugar que oferece conforto e trás um pouco de alento àqueles que se encontram longe de seus lares. Há algumas regras como não comer nas salas e na recepção, por exemplo. Por onde passávamos e encontrávamos pessoas, J. me apresentava, fossem mães, funcionários da casa ou voluntárias. Na lavandaria uma voluntária ficou curiosa sobre o que eu ia fazer e J. disse "um projeto muito giro com as mães". Ela então respondeu, *ah, se eu fosse falar de tudo que eu aprendi desde que estou trabalhando aqui, as pessoas maravilhosas que conheci e o quanto eu cresci, escreveria um livro!*

ACÇÃO 2: RECOLHA DA AMOSTRA:

Estão a viver na casa:

- 1- V. (60 anos), de Portugal, avó da L. (menina de 12 anos), que sofrera queimaduras graves. Tratamento desde Outubro 2017.
- 2- S1. (41 anos), da Guiné Bissau, mãe do L1. (menino de 18 anos), que tem cancro. Tratamento desde Janeiro 2017.
- 3- C. (26 anos), de Cabo Verde, mãe do L.2 (menino de 07 anos), que tem cancro. Tratamento desde Setembro 2018.
- 4- D. (29 anos), de Cabo Verde, mãe do R. (menino de 02 anos), cardiopata. Tratamento desde Outubro 2018.
- 5- S2. (27 anos), de Luanda (Angola), mãe de C2. (menina de 17 meses), que tem cancro. Tratamento desde Outubro 2018.
- 6- M.E. (58 anos), de Portugal, mãe da B. (menina de 22 anos), que tem cancro. Diagnosticada em 2012. Está na casa (2018-2019) por infecção na prótese.

7- P. (43 anos), de Portugal, mãe do E. (menino de 13 anos), que tem cancro. Tratamento desde Novembro 2018.

8- J. (27 anos), de Cabo Verde, mãe da C. (menina de 06 anos), cardiopata. problema cardíaco/tratamento desde 2013, com altas e retornos.

9- A. (45 anos), de Portugal, pai do C1. (menino de 15 anos), que tem cancro. Tratamento desde Agosto 2018.

10- T. (50 anos), de Angola. (alta marcada para daqui há dois dias).

PAUSA - O ALMOÇO NO HOSPITAL PEDIÁTRICO:

Às 13h fui almoçar, J. me levou ao Hospital Pediátrico e me mostrou o refeitório, almocei sozinha, uma comida muito boa a preço acessível. E tem vegetariano! *Me lembrei de quando almoçava nos hospitais no Brasil, durante o trabalho com os Doutores da Alegria - aquele ambiente me é tão familiar! - Os corredores, o cheiro, as pessoas, o corre-corre dos médicos, tudo me é familiar, eu me sinto em casa (por incrível que pareça)!* Quando eu estava a sair do refeitório, vi um palhaço e uma palhaça na fila, o nariz pendurado, logo presumi que eram da *Operação Nariz Vermelho* (grupo de palhaços de Portugal). Foi uma incrível coincidência. Fui lá ter com eles e conversamos um pouco. Falei do meu projeto e eles falaram do seu trabalho naquele hospital, nos despedimos e voltei para a casa *Acreditar* pensando *um palhaço sempre reconhece o outro, a conversa é leve e falamos até sobre nossa maquiagem, nosso instrumento musical, etc.* Liguei para o meu amigo Fernando Eschich, diretor artístico que trabalha na unidade do Nariz Vermelho de Lisboa, para contar que tinha encontrado os palhaços! *Acho que isto foi um bom presságio.!*

ACÇÃO 3: VISITA DE PALHACA

Eu fui me vestir, era hora de trazer à tona a palhaça-médica-besteirologista "Mary En". Ao passar pelas funcionárias e voluntárias, que estavam almoçando na sala dos voluntários pensei *daqui a pouco nem vão me reconhecer* - Me apresentei a elas já caracterizada, brinquei, fiz música e já provoquei "riso frouxo". Elas sorriram e se animaram. Dali, uma das funcionárias seguiu comigo para o primeiro andar ao encontro das mães e crianças que estivessem por lá. Senti imediatamente que provocara risos e alegria entre elas.

Primeiro encontrei o R. (02 anos, cardiopata, filho de D.) que está a aguardar uma cirurgia. Ele

nunca havia visto uma palhaça e ficou admirado. A priori quis chorar, mas logo entrou na brincadeira, eu estava com a harmônica e toquei uma música, depois perguntei se R. queria tocar um instrumento e ele disse Sim, dei-lhe o "ovinho" - um pequeno instrumento de percussão, ele tocou, **vi que todas as pessoas estavam satisfeitas ao vê-lo envolvido no jogo - o encontro sem imposição que gera confiança.** Depois R. sorriu, e ganhou uma "pílula do riso frouxo" na testa. Nesse momento estavam D., sua mãe, J. e mais duas voluntárias, que se divertiram muito. *Que bom! pois esta era a primeira vez que eu fazia visita a pacientes, sozinha! sempre trabalhei com algum colega. Este desafio, é portanto, duplo para mim!* **Percebi que D. se entusiasmara muito ao ver seu pequeno R. se divertir comigo, de palhaça, e tocar um instrumento, se pôr em ação em algo novo para ele - ela também riu bastante. Este momento foi muito positivo para ambos, mãe e filho.**

Mais tarde reencontrei J., funcionária, que no entanto falara: "adorei a Mary En (meu nome de palhaça) e eu pensei: *oba!*"

ACÃO 4: PRIMEIRA RODA DE CONVERSA:

Fui encontrar as mães que estavam no refeitório, algumas não estavam na casa, e V. que é avó da L., tinha ido ao hospital levar a menina à sessão de fisioterapia. Estavam disponíveis para esta primeira roda de conversa, 5 mães. Falei quem eu sou, falei do mestrado, expliquei o projeto e suas fases, inclusive falei sobre a visita de palhaça às alas da casa, para alcançar um pouco as crianças e gerar cumplicidade - o que as deixou bastante contentes e curiosas. Perguntei quem queria participar do projeto. Quatro falaram que sim, e havia uma que estava ali apenas de passagem, para um exame de rotina de sua filha, portanto, não vive na casa e não poderia participar. Acordamos o melhor horário para as sessões em grupo. Perguntei se podia entrevistá-las individualmente ainda nessa sessão, pois tinha tempo até esperar as outras que tinham saído. Precisava sair dali com a certeza de ter pelo menos um grupo de 06 pessoas. fui pegar meu caderno lá embaixo e desci as escadas um pouco preocupada, *será que as outras vem? será que consigo uma boa investigação com tão pouca gente? podia ter pelo menos 10 pessoas! ao mesmo tempo pensei, mas que bom que não há tantos doentes...* e de certa forma, esta foi apenas a primeira perspectiva. Falta ainda encontrar as outras pessoas que não estavam na casa hoje.

ACÃO 5: AS ENTREVISTAS EXPLORATÓRIAS:

Conversei individualmente com cada uma, criei uma pequena entrevista, com perguntas comuns, mas também abertas, a partir da intuição e do que tinha percebido daquelas mulheres. Fiz as mesmas perguntas a todas, pra criar uma unidade, nome, idade, de onde eram, idade do filho, qual

a doença, se tinham mais filhos, marido. Também pedi que **me falassem 3 sentimentos ou emoções** que estão mais fortes nesse momento, e perguntei o que mais **desejam**. Por fim, pedi que falassem o que quisessem, então houveram alguns pequenos relatos e outras narrativas maiores (V., S1.), de forma geral percebi que elas **reforçam muito o passado (como era a vida antes da doença) e o futuro (anseiam a volta para casa e fazem planos** (S2., D. C.). Depois chegaram mais duas mães e por fim, V., avó da L., com quem tive uma grata surpresa, pois esta senhora conversou comigo longamente, contou-me toda a história de porquê estar ali (que curiosamente eu já conhecia, desde a minha primeira visita ao hospital pediátrico, para levantar dados, pois sua história é famosa), falou-me de suas frustrações e desejos, marejou os olhos em diversos momentos, e disse que seria muito bom participar do projeto, inclusive iria convidar o seu filho, pai da L., que ainda, mesmo depois de 01 ano da doença de sua filha (devido ao acidente), ainda não se recuperou.

Os sentimentos que se destacam entre todas é a **tristeza**, a **solidão** e a **saudade**. De fato, não vi entre elas nenhum sentimento positivo, embora elas estavam tranquilas durante toda a entrevista.

OS ACORDOS COM A INSTITUIÇÃO:

Antes de ir embora, conversei com as funcionárias B. e J., falamos dos horários das sessões e das questões técnicas (sala, equipamento), elas me disseram que ainda vão me apresentar mais duas mães, e que estão sempre chegando outras e me falaram também que se eu quisesse futuramente ir à *Casa Acreditar* em Lisboa ou Porto, caso fosse necessário, elas me apresentariam aos responsáveis.

B. pediu pra eu falar novamente os objetivos do projeto, pois tem uma preocupação especial em relação a não reforçarmos o problema, ou seja, não ressaltar a morte, o luto, a doença. Ela gostaria que as mães ali sintam-se em casa, não pensem tanto no hospital e pediu que eu não trabalhasse focando o problema, para que as mães não chorem e que eu procurasse fazer dinâmicas alegres. Eu expliquei-lhe que não poderemos negar esta realidade e que eu teria bom senso para não provocar qualquer desconforto às mães, que trabalharia sobretudo atividades que trouxessem alegria e bem-estar, embora quase todas perpassem pelas emoções. Falei que se houver choro, o que é natural, em se tratando de atividades que lidam com a sensibilidade e a criatividade, eu tentaria conduzir da melhor forma possível, pois encarava as pessoas de igual para igual, não colocando sobre elas nenhum sentimento de piedade. Ao mesmo tempo que eu falava, pensava, *lá se vai a dinâmica que pensei em fazer com o capítulo de "Mulheres que correm com os lobos", pois trata essencialmente da morte, da aceitação da morte....*

Falei dos aspectos que as dinâmicas vão trabalhar, que especialmente o vídeo em animação, caso cheguemos até esta fase, tem a peculiaridade do humor, e que eu tinha conversado com a professora (Filipa Rodrigues) e ela tinha dito que meu projeto iria "des-dramatizar o drama". Ela agradeceu. Eu disse-lhe também que o projeto não é fechado, que as coisas podem mudar no meio do caminho e que nós íamos conversar a cada sessão, ou pelo menos em alguns momentos. Penso que a arte, por melhor intenção que tenha, sempre assusta um pouco, é mesmo necessário um tempinho para que as pessoas percebam que a arte não morde! Mas elas disseram que já foram mestradas e se colocam no meu lugar. *Opa, já existe aqui uma empatia.* Assinei um termo de compromisso, onde comprometo-me quanto à confidencialidade dos participantes, entre outras importantes observações, acertamos como seria a formalização e marcamos a volta.

OBSERVACÃO:

Visita de palhaça:

Participantes: D. e seu filho R., funcionários e voluntários

"Vida é o desejo de continuar vivendo e viva é aquela coisa que vai morrer.

A vida serve é para morrer dela." (Clarice Lispector)

Leiria, iniciado 17/01/2019 às 23h30 e terminado 18/01/2019 às 01h10 da madrugada.

ANEXO 1		DIÁRIO DE BORDO 2	
SESSÃO 2		DATA: 24/01/2019	
Duração: 12h às 13h15 - visita de palhaça 14h às 16h - sessão com o público alvo		N. participantes: 04	

ACÇÃO 1: A VISITA DE PALHACA

Percorri alguns espaços na casa e **Encontrei S1., que estava almoçando, e imediatamente quando me viu, começou a rir.** *Eu disse a ela que o seu nome é lindo e que se eu me chamasse S., ia viver procurando o domingo.* Mais risos! Eu ainda não sabia que o caso dela é muito delicado e que ela é muito triste S1. , que já vive há 02 anos em Portugal por conta da doença do filho, **tem muitas dificuldades em expressar-se. Percebi que o encontro de palhaça com ela foi potente, pois a despertou para um outro estado - um riso imediato.** Encontrei também ali mais duas mães, C., e uma outra mãe que vem esporadicamente, N. mãe de I., uma menina que tem cancro. Toquei um piano de brinquedo e fiz o "almoço musical", I., que tem mais ou menos 8 anos, no começo não queria muito contato, aos poucos consegui que ela aderisse à brincadeira usando este motivo, *Opa I., vou passar por ali, de longe!* e cada vez que eu passava por ela, escondia meu rosto, passava de costas e de fininho, **e ela ao final, e também sua mãe, estavam gargalhando por conta disso. O quanto é importante respeitar o não.** Mas não desistir da criança! Aproveitei e convidei N. pra vir à sessão mais tarde, falei um pouco do projeto, mas ela disse que não poderia participar, pois não vivia na casa, e vinha apenas para os tratamentos, disse que sentia pena, pois gostava de participar. **N. reforçou que sente-se ociosa e "em baixa"** e que atividades com arte podiam fazer-lhe bem. Entendi que a problemática realmente existe! **As mães param sua vida para dedicar-se ao filho doente, o que as leva a estarem ociosas e claro, as emoções que elas sentem perto são tristeza e solidão. Eram essas emoções que estavam presentes em todas as entrevistas.**

Fui até a sala das crianças, alguns estavam concentrados em seus brinquedos ou atividade, então toquei a harmônica e brincamos de ficar imóveis. Chegamos ao ponto de ficarmos vários segundos todos imóveis e quando chegou alguém na porta e falou algo, todos nos mexemos. Permanecemos com este jogo pois estava muito divertido, e resolvemos ver quem seria o campeão no jogo. L. (08 anos) ganhou a empreitada e virou o campeão do "ficar parado", como eles batizaram. Fiz ainda uma "consulta" a cada criança e reparei que a maioria tem "o corpo bem encaixado e ossos firmes" além de "riso frouxo". Também falei de uma receita "médica" - continuar com o nível de bobeira

alto. E então, segui. Este encontro da palhaça com as crianças proporcionou muitos risos, não só a elas, mas também às mães que passavam por ali e pararam pra ver.

Aproveitei e perguntei pelas outras mães. S2. havia saído para comprar alimentos, também não estavam L. e sua avó. Então, percebi que era hora de trocar de roupa e voltar "à paisana". Quando eu estava voltando para a sala de troca de roupa, encontrei uma mãe que estava limpando o chão, com o aspirador. Convidei-a a participar da sessão, ela falou "hum... acho que não, esses dias preciso acompanhar minha filha o tempo todo, não está sendo nada fácil, eu preciso ser forte", eu falei um pouquinho do que seria, percebi que com ela não adiantava brincar, e mesmo estando de palhaça, apenas conversei, com um sorriso no rosto. Disse-lhe que seria um prazer tê-la no projeto, mas ela foi reticente, de novo falou "acho que não consigo participar não...", seus olhos se encheram de água e eu *entendi que estava no lugar certo*. Mas percebi também que não adiantava insistir, e me despedi dizendo a ela que, se ela quisesse, poderia vir. **Ela sorriu, ao mesmo tempo que chorava e eu sorri e me despedi. Presumi que sua filha não deve estar nada bem e senti que esta mãe está com as emoções à flor da pele.** Ela não estava no diagnóstico da amostra levantado na primeira sessão, porque ela passa poucos dias ali, está apenas nos dias do tratamento. *Pensei no quanto o projeto também pode ser importante pra essas pessoas que passam apenas dois ou três dias por mês ali, e que preferem, e podem, viver em suas casas.*

Imagino que viver na *Casa Acreditar*, que é dentro do complexo hospitalar, faça-as também lembrar a todo momento da doença e do que estão enfrentando, **o que é natural, pois estão no convívio de outras mães passando pela mesma situação e vendo outras crianças enfermas. De certo modo, isto pode causar uma empatia, uma identificação e unir forças para superar talvez seja um bom caminho.** Mas, pode ser que esta mãe prefira passar mesmo poucos dias e refugiar-se longe de outros que estejam passando pelo mesmo problema. Talvez pra essa mãe seja mais fácil isolar-se. A casa é perfeita, oferece muito carinho nesses dias difíceis, mas imagino que para alguns, o isolamento pode ser ainda um caminho mais fácil para enfrentar a doença do filho. Há pessoas que preferem esconder suas emoções, o cancro é ainda um tabu para muitos, que preferem não falar sobre ou não tocar no assunto. No meu íntimo eu quis insistir pra que essa mãe participasse, mas lembrei que preciso mesmo de uma amostra mais definida, por se tratar de um projeto científico.

ACÇÃO 2: A SESSÃO COM O PÚBLICO ALVO

Fui esperar as mães, P. (estagiária em Animação) e J. me ajudaram a pôr a sala como deveria. A sessão que estava marcada para as 12h, iniciou somente às 14h. As mães estavam preparando o almoço e não conseguiram estar no horário. Soube que S1. tinha conseguido um trabalho e

portanto participaria de acordo com seus horários de folga. *Esta tinha sido minha primeira decepção do dia* (mesmo que eu tenha sido um tanto egoísta). D. e C. estavam tomando o pequeno almoço e disseram que S2. estava no hospital com a filha e que só viria amanhã. V. disse que não sabia mais se daria pra participar hoje pois estava muito ocupada com as tarefas do dia, mas que viria, e que nesse horário ia dar o almoço a L., sua neta... *fui ficando cada vez mais aflita*. Das 09 pessoas, teria apenas quatro hoje, dentre elas T., uma mãe que já está de alta e vai embora amanhã, mas fez questão de participar pelo menos hoje. Mesmo assim, três estavam ainda a preparar o almoço e eu devia esperar que ficassem livres para virem. Ainda fiquei um pouco na cozinha a observá-las e **percebi uma certa letargia ou apatia, foi então que disse-lhes que estaria à espera delas na sala.**

PARTICIPANTES:

J. (27 anos), de Cabo Verde, mãe da C. (06 anos), cardiopata.

D. (29 anos), de Cabo Verde, mãe do R. (02 anos) - cardiopata.

C. (26 anos), de Cabo Verde, mãe do L.2 (07 anos), que tem cancro.

T. (50 anos), de Cabo Verde

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS:

Na primeira parte da sessão trabalhamos **a Expressão Dramática com aquecimento e jogos de interação e improvisação.** (Ver também Ficha da sessão – anexo 5).

Elas chegaram na sala com **calma**, embora a **apatia**, que eu havia percebido nas entrevistas na sessão anterior, fosse visível.

JOGO 1- Logo no primeiro aquecimento, intitulado **Galinha louca**, as mães **começaram a rir**, este exercício é muito divertido e despojado. Não há nenhuma preocupação em acertar, mas disponibilizar o corpo, soltar a voz, e sim, se divertir muito. A atividade é para aquecer, mas principalmente para **disponibilizar o corpo e a mente a brincar**, tirar o pensamento fixo, colocar a emoção no corpo. Como o movimento em si é engraçado, por no momento final, todos serem como "galinhas loucas", elas sorriram muito, até chegarem a gargalhar. **Me surpreendi com o fato de um simples jogo de aquecimento proporcionar tamanha mudança no estado delas - de uma frequência baixa para uma frequência alta**, como num passe de mágica. Foi tudo muito rápido. Uma **positividade** que alcançamos em poucos minutos. Os **sorrisos, o corpo, o olhar, tudo estava diferente, e uma alegria já se percebia no ar.**

JOGO 2- Na sequência trabalhamos o aquecimento Pizza na mão, que é como colocar óleo no corpo todo, sem deixar a pizza imaginária cair. **Elas estiveram tão disponíveis**, que avancei no exercício, propondo que umas servissem a pizza para a outra. **Então C. parecia muito à vontade e começou a servir a pizza de forma elegante**, como se estivesse desfilando, ela imaginava não só a bandeja com a pizza, mas também os guardanapos e se curvava cada vez que servia. Quem era servido automaticamente pegava o pedaço de pizza imaginário e também servia ao outro a sua pizza, o que provocava a **troca, e principalmente promovia a relação**, que se dava com o **olhar e o corpo**, sem necessariamente precisarem falar.

JOGO 3- A seguir fizemos o jogo da Bola com os nomes, onde **trabalhamos o olhar, a escuta, o começo-meio-fim de uma ação**. Devido à grande disponibilidade delas, propus um avanço, continuar jogando a bola uma para a outra, dizendo os nomes, mas movimentando-se pelo espaço, chegando até mesmo a correr - **alcançamos uma grande euforia!** Elas estavam muito eufóricas, talvez porque o jogo coloca o corpo em grande movimentação, assim a mente ficara livre, **e aqui elas estavam realmente vivendo o momento presente** - Ao observá-las nas entrevistas, vi que suas falas referem-se sempre ao momento passado ou momento futuro. Elas vivem uma nostalgia do antes da doença e pensam em como será o futuro pós doença, mas o momento presente é como uma negação - Este jogo propõe o corpo em movimento, sem deixar a bola cair e ainda dizer o nome do outro. São muitas atenções ao mesmo tempo. **Entretanto a ação reforça o não focar o problema e por isso, provoca nelas um outro estado - alegria, euforia.**

JOGO 4- Jogo Encontro em duplas - **Caminhar no espaço e agir com atenção às orientações**. Comecei o jogo de caminhar pelo espaço (aquecer o olhar, ritmo do grupo, uma palma encontrar alguém e dizer boa tarde, duas palmas soltar um beijinho, três palmas mostrar a língua, quatro palmas dar pulinhos), **este jogo trabalha sobretudo a relação do encontro em duplas**, parar, olhar, agir. Também trabalha a ação em detrimento ao pensamento. *Percebi que elas estavam se divertindo bastante e estavam surpresas com o jogo. O corpo continuava no momento presente, a entrar num tônus diferente. Como não dá tempo pensar, elas tinham que agir com relação ao que era pedido.*

JOGO 5 - Caminhar e Imaginar/ Personagens : Ainda caminhando no espaço, dei indicações como "estamos andando nas nuvens", "agora está chovendo", "de repente a terra está quente", "agora está queimando os pés como fogo" - Vi que elas estavam com a **imaginação fluída** e dei outras indicações de **personagens** como "andando como uma rainha", "andando como um súdito", e depois pedi que com o **corpo mostrassem um outro personagem. O trabalho alcançou uma**

positividade corporal e também expressiva em seus rostos, que estavam leves e sorridentes. Elas tiveram oportunidade de trabalhar sua criatividade e imaginação.

D. mostrou o personagem de um bêbado, e logo ganhou o foco, pois estava com muita verdade. Pedi que as outras interagissem com o bêbado, e elas foram lá e **começaram uma pequena cena**, com falas. "queres ajuda?", "Aceitas um café?". D. respondeu: "**Não, eu quero uma cana de açúcar, um aguardente bem forte**". (riso geral). **A cena acabou com C. trazendo a tal "aguardente" imaginária para D., que bebeu rápido, e todas estavam a gargalhar.**

Este jogo que começou com as caminhadas e pequenas ações de parar, olhar, falar, soltar beijinho, mostrar a língua, dar pulinhos, fez com que mais uma vez elas se colocassem no momento presente, neste jogo elas experimentaram emoções ligadas **à positividade, sobretudo a alegria e empatia. Percebi que elas se olhavam muito, se apoiavam mutuamente no jogo. Também admiravam-se umas com relação às outras.**

O desenvolvimento do jogo até às personagens foi surpreendente por trabalhar possivelmente personagens do seu imaginário ou do seu inconsciente ou ainda suas **projeções**. D. se pôs realmente como um bêbado, alterou o corpo e a voz, e fez com que as outras acreditassem no jogo, também porque ela alcançou **protagonismo**. C. continuava andando com um corpo mais elegante - como na pizza - **o corpo se movimentava como uma mulher que estivesse calçando saltos altos**, J. e T. apoiavam as duas, eram muito dedicadas à corresponder, olhavam as outras personagens e as apoiavam com ações, sempre de ajuda. **Durante toda esta parte, as quatro construíram uma pequena história sem falas, ou com poucas palavras, observei que ao final a emoção forte era de uma agradável surpresa e contentamento no olhar, uma pequena alegria.**

Segunda parte - Expressão plástica com foco nas emoções

EXERCÍCIO 1- A primeira coisa que fizemos foi uma **leitura coletiva** do livro "**O monstro das cores**", cada uma lia uma página e mostrava ao grupo. O livro fala das cinco emoções básicas representadas pelas cores (**Alegria-amarelo, Tristeza-azul, Raiva-vermelho, Medo-preto e Calma-verde**), e de como essas emoções podem conviver juntas. É um livro para crianças, mas eu o trouxe por saber que essas mulheres estão cuidando de seus filhos e que poderia ser uma forma delas enxergarem as emoções básicas de forma mais clara e divertida e quem sabe, até transmiti-las às crianças.

A leitura foi dinâmica, elas leram com bastante disponibilidade, mostravam as ilustrações após lerem cada página e às vezes falavam frases que não estavam no livro, **como "azul é minha cor favorita, não deveria ser tristeza", ou "ah, quando sinto raiva, realmente fico vermelha!" (risos). Uma delas chegou a dizer que nunca tinha imaginado que as emoções podiam ser vistas como cores e que era surpreendente pensar assim.**

O livro fala sobre como conviver com as emoções juntas e que isso é possível, se soubermos reconhecê-las.

Percebi que a leitura em conjunto funcionou bastante para trabalhar a coletividade, reforçar as relações, a empatia, o apoio uma à outra. Do quanto é importante estamos em interatividade, não estamos sozinhas!

EXERCÍCIO 2- Colorir - "Como meu monstro se sente hoje?" Pedi que **elas pintassem** com lápis de cor, como o monstro se sentia quando via uma barata (a partir do desenho do livro, para colorir), cada uma pintou o seu monstro.

J. e C. pintaram o monstro de preto (**medo**)

D. pintou o monstro de verde (**calma**)

T. pintou o monstro de preto (**medo**)

Pedi que elas falassem sobre porque escolheram aquelas cores. D. falou que preferia se manter calma pois seu filho tinha "um sopro no coração" e seria melhor sentir-se calma, mesmo que visse uma barata - **Isto reforça o diagnóstico de que as mães se anulam a partir do momento que descobrem que os filhos estão com uma doença grave.**

J. e C. falaram que o medo era mais constante nesses momentos. Disseram que não conseguiriam não sentir medo de uma barata. J. falou também que sentia nojo e raiva.

EXERCÍCIO 3 - Desenho - **Pedi que desenhassem uma árvore num papel A3. Intitulei de "Minha árvore, minha emoção", e que nessa árvore, desenhassem uma fruta da cor da emoção do dia. Pedi que a cada sessão elas fossem desenhando a sua fruta de acordo como se sentem (ou antes ou após a sessão).**

D. e C. desenharam uma fruta verde (**calma**)

J. desenhou uma fruta amarela (**alegria**)

T. desenhou uma fruta verde (**calma**)

As duas emoções que aparecem nas árvores (calma e alegria) me fazem perceber que os jogos e exercícios tinham mudado alguma coisa nos seus estados, pois tinha observado antes que chegaram desanimadas, como letárgicas. Penso que essas duas expressões artísticas, nesse contexto, podem ir de encontro aos efeitos terapêuticos da arte.

RODA DE CONVERSA:

Pedi que falassem livremente sobre os jogos, ou dúvidas que tiveram.

T.: *Me senti **alegre e tranquila**, achei muito divertido o jogo da galinha, e foi engraçado ela fazendo um bêbado, eu acreditei no libambo. Dos desenhos, eu gosto muito de desenhar porque relaxa a mente, eu gostei de desenhar a arvore e gostei do que saiu. Não conhecia o livro e achei muito bom.*

(Perguntei o que é libambo? ela disse, muito bêbado.)

J.: *Eu também gostei muito, e de conhecer as cores das emoções. Eu acho que é bom desenhar e pintar, eu me **distraio**, mas não sei desenhar bem... parece com um desenho da minha filha, (risos).*

D.: *Eu gostei e me diverti muito. Eu já participei uma vez de teatro e gostei de participar aqui. **Tira o stress**. Eu **ri muito** com C., ela desfilando é muito engraçada, nem parece ela! também sei que meu filho gostou da palhaça , ele só falou nisso, depois. Eu gostei da hora da pizza. Também acho engraçado desenhar.*

C.: *Eu gostei muito. Minha árvore também não é bem feita, não sei desenhar! Gostei do jogo da galinha louca, rs. Meu filho comentou que ganhou o jogo de ficar parado. (referindo-se à visita que fiz de palhaça).*

(reforcei que o importante não é desenhar como se espera de um padrão, que cada um tem o seu traço, e o mais importante é que cada um respeite isso. Todos os desenhos tem a sua beleza peculiar, e que a individualidade é o mais importante).

TAREFAS DE CASA: Por fim, **entreguei-lhes o diário de bordo** e expliquei sobre as **tarefas de casa**. No diário coloquei duas perguntas, para guiá-las, mas deixei claro que podem escrever sobre tudo que quiserem, em relação ao trabalho que desenvolvemos. E que ficassem à vontade para escrever, ou não.

As questões são: "O que eu pensei?" e "Como em senti?".

T. perguntou se podia me entregar em formato de desenho pois já ia ter alta amanhã e não poderia escrever o diário de bordo. **Ela desenhou o mar, o céu e um coqueiro - provavelmente as imagens visuais do seu universo, na África.**

REFLEXÃO DA INVESTIGADORA:

Refleti também sobre o fato das quatro mães serem de outro país, de terem vindo a Portugal porque em seus países não encontram tratamento para os seus filhos - então temos aqui além do problema que enfrentam pela doença do filho, questões também relacionadas à imigração. **Entretanto percebi que as mães africanas tem uma boa disponibilidade para o jogo, embora estejam muito longe de seus países e a enfrentar um problema sério de saúde de seus filhos, elas ainda conseguem nesses momentos de jogo, se dispersarem um pouco de seus problemas, pois sorriem e se mostram dispostas.** Sei que escolhi um primeiro jogo muito alegre, "Galinha louca", o que ajudou bastante. Pretendo repetir. Mas a intervenção na verdade começa desde o momento em que as encontro, seja na cozinha ou em outro espaço e lembro a elas da sessão, ou reforço o horário. Elas quando chegam, têm em geral um estado **apático**.

Para hoje, eu tinha programado mais exercícios, mas elas tinham muitas tarefas com horário calculado, como dar os remédios aos filhos, preparar a comida, limpeza da cozinha, etc. Decidimos pensar num outro horário para a próxima sessão, pois algumas nem puderam vir por causa do horário, tinham ido ao hospital, para o tratamento.

OBSERVAÇÃO:

Visita de palhaça: Participantes: S1., C., N. e sua filha I.; L2. e outras crianças, funcionários e voluntários.

"A beleza é um ser imigrante, com o tempo ela sai do país de fora e retorna para seu país de origem, o país de dentro". Marcelo Cavicchioli.

Leiria, 24/01/2019, 21h30.

ANEXO 1		DIÁRIO DE BORDO 3	
SESSÃO 3		DATA: 29/01/2019	
Duração: 10h às 12h - visita de palhaça 14h às 16h - sessão com o público alvo		N. participantes: 04	

Chegar a Coimbra leva 50 minutos de autocarro. Mas esperar o outro autocarro local para ir até a *Acreditar* pode levar mais de 1 hora! Havia planejado para hoje uma sessão não tão longa, pois quando acabamos a sessão anterior, **eles estavam todas com suas tarefas atrasadas. Mas ao final, a sessão com o público alvo durou duas horas. A visita de palhaça aconteceu antes do almoço.**

ACÇÃO 1: VISITA DE PALHAÇA

Me vesti e fiz a visita às crianças, que estavam por ali. Primeiro fui à copa e encontrei a L. (12 anos), que estava almoçando com a sua avó V., descobri que a menina tem uma imaginação enorme e a minha "anestesia" - um brinquedo que faz um barulho engraçado - faz ela dormir e acordar em 1 segundo! L. entrou no jogo muito rápido e eu dei-lhe um atestado de "imaginação solta" (na testa, claro)! L. achou cômico o trocadilho e disse : "**hahaha, olha avó, atestado só pode ser na testa né**"? **V. ficara muito surpresa vendo L. brincar tanto, e rapidamente construir histórias** - o trabalho aqui desenvolvido dá a oportunidade à criança de ser protagonista do jogo, dá-lhe voz e todo o jogo se dá na construção partilhada. Isto deu a oportunidade a V. de sentir que sua neta está indo bem em seu tratamento. **V. riu bastante** , mas percebi que ela estava **preocupada** que L. não quisesse mais comer, porque preferia brincar. Então me despedi de L. dizendo que tinha que ir atender os outros meninos. Percebi que o objetivo já tinha sido alcançado, pois quando me despedi das duas, **V. falara: "até mais tarde"** - **isso significava que ela viria para a sessão logo mais.** O encontro primeiro comigo, estando de palhaça, acabara por estabelecer uma relação de confiança.

Encontrei na sala de jogos L2. (6 anos), ele estava jogando vídeo game. Eu perguntei se podia entrar e "limpar o ar" (bolhas de sabão), a priori ele olhava o que eu estava fazendo mas não parava de jogar, alguns segundos depois, largou o game e veio pegar as bolhas, sorrindo. Nesse momento, chegou R. (2 anos), que já me conhecia da visita passada. R. imediatamente foi pegar as

bolhas, e de repente eis que surgiu uma "bolha mágica" - bola transparente - que aparecia e sumia de novo, e de repente aparecia no bolso deles - os dois ficavam procurando a bolha e L2. falou "você faz mágica!". Depois eram bolhas e gargalhadas e surgiu do meu bolso um tubo de papel que estica e volta muito rápido - é o meu "desentupidor de ouvido" . Os meninos tentavam agarrá-lo e não conseguiam, e mais gargalhadas. *E éramos nós três ali na sala de jogos, antes, um pouquinho escura pro L2 ver melhor a TV, silenciosa, e depois com movimento e sorrisos, uma pequena transformação no ambiente* Chegou L. (eu soube depois que ela tinha apressado a comer, para juntar-se a nós). Ela também tentou pegar o tubo, depois para ajudar R. que é pequeno, pegou-o no colo para que ele alcançasse o tubo, e de repente o tubo sumiu! (tinha voltado pro meu bolso). Eles falaram: ohhhh! sobretudo os dois meninos, que eram ainda pequenos, acreditaram mesmo que eu tinha feito uma mágica, e **L. fingira que acreditara, e piscara o olho para mim, numa relação de cumplicidade.** Constatei que todos estavam com "os braços e mãos aquecidos", e o "nível de riso frouxo altíssimo"! Então, me despedi deles. **L. disse: a minha avó vai participar da sua aula.! Vi que ela é uma menina bastante antenada e me lembrei que no dia que entrevistei a sua avó, L. falou, "vou pra sala de jogos, pra deixá-las sozinhas".** Entendi que esse pequeno trabalho inicial utilizando a linguagem do palhaço, tinha sido um passo acertado. Quando saí da sala encontrei algumas mães olhando da porta, C. estava surpresa e sorridente e disse: *ele largou o jogo, pra brincar!*

ACÇÃO 2: A SESSÃO COM O PÚBLICO ALVO

PARTICIPANTES:

J. (de Cabo verde), mãe de C. (06 anos), cardiopata.

V. (de Portugal), avó de L.(12 anos), avó da L. (12 anos), que sofrera queimaduras graves.

D. (de Cabo Verde), mãe do R. (02 anos), cardiopata.

C. (de Cabo verde) mãe do L2 (07 anos), que tem cancro.

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

Primeira parte Expressão Dramática com aquecimento e jogos de interação e improvisação.

JOGO 1: Galinha louca

Decidi repetir o exercício, pois funciona muito como pontapé inicial. Este jogo funciona realmente para disponibilizar o grupo a se olharem e se mexerem, eles alteram o corpo substancialmente. Percebi que no começo do jogo ainda falam coisas, o corpo ainda está no registro cotidiano, com pouco tônus, o rosto ainda está **tenso**, há ainda uma energia baixa, um misto de **apatia** com **calma** ou **tristeza** com **preocupação**. Após fazermos o jogo e repetirmos, visto que é curto, e que todos gostam, vejo que estão sorrindo e gargalhando. Também há uma interação entre elas.

JOGO 2: Expressar a emoção com o corpo a partir da música

Coloquei as músicas (uma de cada vez) e pedi que caminhassem no espaço ouvindo a música e expressassem com o corpo o que sentiam, enquanto a música estivesse tocando.

A primeira música foi Beethoven - Moonlight Sonata - Sonata ao Luar - Sonata Op. 27 n. 2 .
(<https://www.youtube.com/watch?v=KahQyqKU-5M>)

Como a música é muito longa, deixei tocar apenas 5 minutos.

Todas colocavam o corpo mais parados, fechados, com os braços cruzando muitas vezes, o corpo. A emoção era claramente de **tristeza**, ao que elas correspondiam àquilo que a música traz, embora também pode trazer calma. Nos últimos minutos percebi que algumas mudavam **a expressão do corpo de tristeza para uma certa calma, mas ainda contida.**

A segunda música foi Titanium Pavane (PianoCello Cover) - David Guetta Faure - The Piano Guys. (<https://www.youtube.com/watch?v=fz4MzJTeL0c>)

A música dura menos de cinco minutos, deixei-a tocar toda. Algumas expressaram **alegria** no rosto, o corpo estava mais aberto e fluído. Elas então, abriram mais o corpo, até corriam, às vezes. outras expressavam **calma.**

O jogo tem o objetivo de fazê-las sentir as emoções que a música lhes traz, mas também de perceberem que as emoções vem e vão, não são fixas.

Percebi que podíamos ir para a segunda parte da sessão, pois este jogo tinha sido demasiado forte. A última música, embora tenha um ritmo alegre e libertador, talvez pelo som do violoncelo, leva a um estado distante. Eu mesma durante o exercício, olhando para elas, senti uma certa **nostalgia**, era como uma **saudade** do que ainda não tinha vivido. Eu percebi que elas entraram nesse estado - de algo que estava para além da sala.

Foi bonito ver os corpos dessas mulheres livres, expressando-se. Não achei que devia perguntar o que sentiram - a expressão do corpo e rosto, o que elas sentiram e colocaram para fora são

suficientes para que as coloquem em um estado outro - o encontro com suas emoções, **a aceitação do seu estado presente.**

Segunda parte - Expressão plástica com foco nas emoções

EXERCÍCIO 1- Minha Árvore, Minha Emoção

D - desenhou uma fruta azul (tristeza)

C - desenhou uma fruta azul (tristeza)

J- desenhou uma fruta verde (calma)

V- desenhou uma fruta azul (tristeza)

EXERCÍCIO 2- "Desenhar a emoção", a partir de um texto da Sophia de Melo Breyner. Pedi que escolhessem as cores que queriam usar. Comecei a ler o texto e percebi que duas não estavam conseguindo desenhar. *Então, entendi que o texto é demasiado complexo para elas* - eu tinha vivenciado este exercício com a professora Filipa Rodrigues, durante as aulas do mestrado - e de fato, para alunas de artes ou artistas, o texto flui melhor, e a fruição se dá quase que naturalmente, embora eu já tivesse pensado no exercício de uma outra maneira, como por exemplo ao invés de cada uma falar do seu próprio desenho, **falarem do desenho da outra**. Então, **comecei a improvisar umas frases**, sem que elas percebessem que estava mudando o texto e então, **elas começaram a desenhar**. Depois **pedi que uma expressasse algo sobre o desenho da outra, com palavras ou com ação**.

C. desenhou uma flor azul com folhas em preto e um rosto amarelo, D. desenhou um coração azul, J. desenhou o mar azul, o sol amarelo, uma flor azul, duas plantas iguais pretas, uma menor e uma maior, uma casa e uma maçã dentro da casa (vermelha e preta). V. desenhou árvores e mar.

O que elas expressaram: Primeiro percebi que para elas era muito novo o facto de alguém estar falando sobre elas. Vi que este facto as valorizava, era "alguém olhando para mim". Percebi isto através dos seus olhares e da maneira que elas dispunham o corpo, quase como uma timidez, como uma criança... Foi um momento muito bonito da sessão.! Então percebi que o objetivo de dar-lhes **protagonismo e autoestima** tinha sido alcançado também com este exercício, principalmente pela oportunidade que elas tinham de falar e de ouvir alguém a falar sobre elas.

V. falou sobre o desenho de C. Disse que aquela flor era azul e deveria ser porque C. sentia **tristeza**. Mas que ao mesmo tempo tinha uma cara **alegre** desenhada logo abaixo. C. ouvia atentamente, olhando para V. e tinha uma expressão orgulhosa de si, sentindo prazer que alguém a entendia. Depois C. disse "isso mesmo!". Aqui percebi a força da **voz e do protagonismo**, partindo inclusive do olhar do outro.

C. falou sobre o desenho de D. **e olhando nos olhos dela, falou que aquele coração azul era triste, mas ao mesmo tempo era o coração de uma mãe muito forte e amorosa**. Percebi que elas duas tem muita cumplicidade, e sentiam empatia uma pela outra. V. falou também sobre o desenho de J., disse que o sol tem uma expressão triste, mas o desenho é bonito porque tem dois mundos, um em cima do mar e outro embaixo.

A minha impressão (não foi dito a elas):

Em sua narrativa durante a entrevista, V. falara que sente muita falta da natureza, pois desde que morava aqui para acompanhar o tratamento da neta, ela deixara o trabalho, e passava todos os dias por muitas árvores a caminho do trabalho. **V. projetara no desenho a saudade da natureza**. Percebi que V., assim como as outras mães, e em seu caso, como avó, pensam que precisam estar tranquilas, para ajudarem assim, a criança que estão a acompanhar. Embora V. sinta muita falta de seu trabalho, ela procura manter a calma. Ela **não expressa abertamente a frustração** que sente por não ir mais ao trabalho.

A flor de C. é azul, e tem folhas azuis e pretas, as cores da **tristeza** e do **medo**, mas ao mesmo tempo ela desenhou uma **cara amarela, com um sorriso**, o que talvez seja sua **resiliência**. C. é muito disponível nos jogos, faz as outras rirem e gosta de fazer isto. Nos jogos de expressão dramática, C. tem sempre um corpo solto, despojado, é também sorridente, mas, entre um jogo e outro, ou entre um exercício e outro, ela fixa o olhar em algum lugar e **volta para dentro**, ela às vezes é também **agressiva na** forma de falar. A cara que ela desenhou é amarela (**alegria**), tem um sorriso e olhos de soslaio o que também pode ser o sol, pelo formato redondo, assim como pode ser sua autoimagem.

O **coração** azul de D. foi uma surpresa bonita - **ela desenhou um coração** - palavra que não tinha sido dita durante a minha leitura e improvisado de frases - Lembrei de sua fala na entrevista "**o meu filho tem um buraco no coração e precisa fazer uma cirurgia**". Mas, o coração é azul, a cor que representa a tristeza. Isto foi muito significativo. **D. projetou no desenho a sua problemática. D. projetou em seu desenho o coração azul (será o coração do seu filho, que tem problema? ou será seu próprio coração de mãe, que está triste, pelo problema do filho?).**

O mar de **J.** é revoltoso e por mais harmonia que o desenho pareça ter, não é tranquilo. A maçã dentro da casa - provavelmente sua casa na África - está pintada de preta, a cor que nos exercícios representa o **medo**, também as duas plantas sem folhas, com galhos pretos. Serão J. e sua filha? Além do mar revoltoso, a flor suspensa no ar é o único elemento que denota certa positividade e o sol que resplandece raios com traços também **raivosos** expressa o sentimento real de J.

RODA DE CONVERSA:

V.: *Eu desenhei a natureza porque eu lembro da natureza todos os dias. Quando ia para o trabalho passava pela natureza. Eu gostei também de mexer o corpo. Mas desenhar a emoção, olha, eu não quero nada com o medo. Eu quero calma, quero alegria. Na hora foi o que eu pensei. L. me falou também que achou a palhaça engraçada (referindo-se à minha visita de palhaça).*

D.: *Eu gosto muito da parte do corpo e acho graça com a galinha louca. Rs. eu achei difícil o desenho do texto, eu não pensava no texto. Depois o desenho começou sair, eu pensei na **tristeza**.*

C.: *Gosto muito da galinha e gostei das músicas e de sentir no corpo. Acho mais difícil desenhar. E o texto tava acabando e eu não conseguia desenhar nada, foi difícil.*

D.: *Ela gosta de desfilar (risos).*

J.: *Eu não tive nenhum problema, eu gosto de tudo, é engraçado. Mas minha filha quer ficar aqui na sala comigo, tem algum problema? O exercício das emoções vem um sentimento assim, de **falta**... eu escutei algumas coisas do texto, mas chegou uma hora que não ouvia mais.*

(quanto à filha, expliquei que o projeto era pros adultos, mas se ela ficasse quietinha na mesa, podia ficar desenhando, se não houvesse outra alternativa).

OBSERVAÇÃO:

Visita de palhaça: Participantes: crianças: L., L2., R; adultos: V. e C.

"Meu coração, não sei porque, bate feliz,

quando te vê". (Pixinguinha).

Leiria, 29/01/2019, 20h30.

ANEXO 1		DIÁRIO DE BORDO 4	
SESSÃO 4		DATA: 05/02/2019	
Duração: 18h30 às 21h30		N. participantes: 08	

As emoções podem se misturar

Logo que cheguei, fui pegar a minha mala que havia deixado na casa, com todo o meu material de trabalho, bem como o meu figurino e maquiagem de palhaça, minha bata, meus objetos... Pois bem, as voluntárias da casa, pensaram que todas essas coisas eram para doação e tiraram tudo da mala, arrumando junto ao galpão das coisas para doação. *(Não acreditei, quando J. me disse)!* Então, começamos a procurar e de repente vi os diários de bordo que eu havia preparado para as mães que viriam hoje, vi a caixa com os lápis e os papéis. Logo, em cima da mesa, vi a caixinha onde guardo os grampos do cabelo quando me visto de palhaça (vazia), e nada de achar o restante das coisas! Lembrei da minha saia e do sapato, que havia encontrado num brechó numa viagem à França, e então uma pequena lágrima quis brotar, mas não deixei-a cair. *Por que deixei minhas coisas aqui? Por que espalharam as minhas coisas? Então experimentei a emoção da raiva.* Com o passar dos minutos, remexendo em muitas caixas, eu comecei a ficar **triste**, J. tentava me acalmar dizendo, "a gente vai achar". E eu comecei a **chorar por dentro**, já sem esperança. Me lembrava dos meus objetos, ricamente encontrados durante anos de pesquisa na linguagem do palhaço... J. telefonou a uma voluntária, que se lembrou onde havia colocado todas as coisas, pois "eram coisas estranhas e difíceis de acomodar junto às outras, então colocou-as num saco". Achamos! então, senti um misto de **alegria e alívio**. Fui correndo arrumar a sala pois já estava quase na hora da sessão. **O trabalho com as emoções me fez refletir, que em apenas uns 20 minutos fui da raiva, à tristeza e à alegria. Tudo isso passaria imperceptível por mim se não estivesse lendo Antonio Damásio.**

ACÃO 1: A caçada às mães...

Eu e J. (funcionária) saímos visitando as mães em seus quartos e na cozinha, lembrando-lhes do horário da sessão, que havíamos alterado para às 18h, conforme elas pediram. Algumas estavam preparando o jantar e tivemos que esperar pelo menos meia hora, falaram que esse horário também não seria fácil, por conta das tarefas. Estava marcado para as seis da tarde e começamos às seis e meia. Fui chamando uma a uma, pois haviam outras na sala de convivência e em seus quartos. Encontrei M.E. que estava com uma cara bastante **desanimada e apática** e S1., que parecia

cansada, **percebi que a letargia é um estado quase que presente em todas elas. Percebi mais uma vez o quanto eles não organizam um horário só para si, para cuidarem-se.** Conheci A., pai do C1., um adolescente que tem cancro na perna e anda de cadeira de rodas. Ele me mostrou umas madeiras que talha - disse que essa é a sua arte, que transforma a madeira em objetos. A. disse que gosta muito de arte e que iria participar das outras sessões, **pois precisava "desestressar". E que já tinha ouvido falar no projeto, pela outras.**

ACÇÃO 2: A SESSÃO COM O PÚBLICO ALVO

PARTICIPANTES:

Nesta sessão participaram seis mães, um pai e uma avó. 8 pessoas. A sessão também foi mais longa que as anteriores.

D. (29 anos), de Cabo Verde, mãe do R. (02 anos) - cardiopata.

C. (26 anos), de Cabo Verde, mãe do L.2 (07 anos), que tem cancro.

S1.(41 anos), da Guiné Bissal, mãe do L1. (18 anos), que tem cancro.M.E. (58 anos), de Portugal, mãe da B. (22 anos), que tem cancro.

P. (43 anos), de Portugal, mãe do E. (13 anos), que tem cancro.

J. (27 anos), de Cabo Verde, mãe da C. (06 anos), cardiopata.

V. (60 anos), de Portugal, avó da L. (12 anos), que sofrera queimaduras graves.

A. (45 anos), de Portugal, pai do C. (15 anos), que tem cancro.

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS:

Como alguns já haviam sentado à mesa e estavam desenhando o fruto na árvore, aproveitei para explicar aos outros (M.E., P. A.) sobre o exercício "Minha árvore, minha emoção". Este exercício me ajuda a perceber que emoções e sentimentos estão presos, e que podem aflorar ou não. Também percebi que o primeiro passo deles ao entrar na sala é querer sentar-se. Observei em algumas um estado de **desânimo**, inicialmente. **Aos poucos, durante a sessão, o estado de letargia passa pra um outro ritmo, o corpo ganha mais tônus. A própria interação ao estarem juntos numa atividade, já os desperta pra outro estado mais alerta e mais presente.**

EXERCÍCIO 1: Leitura - Em primeiro lugar repeti a leitura do livro "**O monstro das emoções**", para os que não estiveram na primeira sessão, conhecerem o livro. Falamos das cores, da representação de cada cor para cada emoção básica. Falei novamente sobre o Diário de bordo, visto que elas não estavam escrevendo, salvo três que escreveram algumas linhas.

Algumas disseram que é difícil escrever o que estão sentindo. Outras que sentem mesmo dificuldade por conta do tempo.

EXERCÍCIO 2: Minha árvore, minha emoção - Pedi aos que não tinham desenhado a sua árvore, que o fizessem e quem já tinha desenhado que ficasse com a sua folha, à espera. Depois pedi que desenhassem os frutos com a cor da emoção. Depois fomos trabalhar o corpo. Pedi que quando terminássemos a sessão, desenhassem o fruto novamente com a cor da emoção.

A. fez questão de me mostrar o seu desenho, e disse: "eu desenhei logo 03 frutas, pode? uma calma, uma raiva e uma com medo". A árvore de A. tem uma cara na raiz e está sorrindo. Falei pra ele que sim, é possível uma convivência entre as emoções.

JOGO 1- Repetimos o aquecimento "**galinha louca**", mas lembrei-lhes que havia ali também um "**galo louco**". **O aquecimento funciona muito, pois é engraçado e inusitado. Assim, como das outras vezes, provocou muitos risos e alegria.** A priori A. estava com o corpo meio travado, notei que aquilo era demasiado novo para ele, mexer o corpo daquele jeito, mas com a repetição e depois que eu disse "no meio das galinhas loucas, há um galo louco", **A. começou a se mexer, e descontraíu, e também riu.** Para todas as outras era mais engraçado ainda ver um homem fazendo aqueles movimentos malucos, o que fez com que rissem mais ainda! **O jogo da Galinha louca estimula a socialização e os encoraja a pôr o corpo disponível. Também proporcionou prazer, aliviando o stress, por provocar tantas risadas.** Tenho repetido pelo menos 3 vezes antes de finalizá-lo.

JOGO 2- Siga o seguidor - Ainda em círculo, um começa um movimento e todos repetem, o seguinte muda o movimento e todos repetem e assim por diante. Vi que eles gostaram muito do exercício, principalmente por **dar-lhes a oportunidade de criar o movimento, dando-lhes protagonismo e gerando autoestima no seu momento de criar.** P. e S1. tinham dificuldade, pois são muito tímidas e têm **vergonha**, P. inclusive ruborizava cada vez que chegava a sua hora de criar o movimento, mas de qualquer forma, ela conseguia. Ao passo que o tempo passava, P. e S1. foram fazendo o seu movimento, **por mais tímido que este fosse, como por exemplo girar apenas os dedos indicadores. Elas riam sempre (mas o bom é rir consigo mesmo - por isto**

trago para as sessões a base do trabalho do palhaço), o fato de trabalharem a criatividade, gera também autoestima.

JOGO 3 - Siga o Som: Em dupla. Todos escolhem um som e mostram ao grande grupo. Depois separam em duplas, um fecha os olhos e segue o outro através do som que este emite e que foi identificado antes. Finaliza quando quem segue o som, encontra quem está fazendo.

Começaram a andar no espaço, todos se misturaram e então um seguiu o som de sua dupla até encontrar e **dar um abraço**. Depois trocaram. Percebi que **alguns tiveram dificuldade em emitir um som** - P. e S1. novamente demonstraram **vergonha** para expressar-se, então usaram as mãos e bateram palmas ou estalaram os dedos. **Todos começaram a rir em certo momento** e alguns dificultavam o outro a achá-lo, o exercício trabalha a escuta e de repente eles pareciam crianças, que enganavam o amigo - **acabou que ficou mais divertido do que já é. Este jogo trabalha a imaginação e facilita o convívio, a partir da confiança, pois os que seguem o som tinham que andar de olhos fechados**. Alguns fizeram sons mais estéticos, com um ritmo, como foi o caso de A. que assoviava uma canção, depois fazia assovios a imitar os pássaros. Ao final quando o que estava de olhos fechados alcançava a sua dupla e se tocavam, quando o outro abria os olhos, eles se abraçavam e **demonstravam satisfação em conseguirem corresponder ao jogo. Havia alegria e empatia entre o grupo**.

JOGO 4 - Espelho - Em dupla, um era o espelho e deveria fazer tudo que o outro fizesse. Mais um jogo onde trabalha-se o **olhar, a escuta e a percepção, mas também o protagonismo com a escolha do próprio movimento**.

Houveram belos momentos, os mais bonitos eram os **risos tímidos e a surpresa de si mesmo** - percebi em vários momentos, **eles surpresos com eles próprios, por estarem fazendo os movimentos e ter alguém olhando fixamente, fazendo o mesmo**. P. e V. estavam absortas e o **"espelho" teve uma crise de riso, assim a outra também dava gargalhadas...** *Era interessante ver que elas tentavam disfarçar o riso, daí percebo o quanto "devemos ser sérios" - honrar a tristeza pela qual estamos vivendo. Os seus filhos não estavam ali e o momento era só deles, para eles*, onde colocavam seus corpos em movimento e isto os libertava. O jogo do espelho gera muita surpresa, pelo simples fato de termos que olhar nos olhos do outro. E se o outro somos nós, então nos surpreendemos com que o "outro-nós" nos apresenta. Alguns fizeram movimentos cotidianos como escovar os dentes ou pentear os cabelos, passar batom, etc. Outros fizeram movimentos mais abstratos, onde o corpo se movimentava mais, utilizando também o plano baixo - **aqui o espelho já não tinha limite de tamanho, nem de altura. Percebi que este tipo de movimento, mais libertador e fora dos padrões de comportamento, geravam mais prazer e**

disposição, bem como positividade e desejo de fazer mais. Depois as duplas trocavam. Foi bom trocar para perceber os diferentes pontos de vista, e para os que tinham mais limitação nos movimentos estarem com outros que se movimentavam mais, e vice-versa.

Segunda parte - Expressão plástica com foco nas emoções

EXERCÍCIO 1- Como o monstro se sente hoje - Pedi que **eles pintassem** com lápis de cor, ou tinta se preferissem, como o monstro se sentia quando estava doente no hospital (a partir do desenho do livro, para colorir e levando em consideração as cores das emoções básicas), cada um pintou o seu monstro.

D. (29 a., de Cabo Verde), pintou o **monstro de preto (medo)**

C. (26 a., de Cabo verde) , pintou de **o monstro de vermelho (raiva)**

S1. (41.a., da Guiné Bissau), pintou de o **monstro de azul , a cama de preto e o espaço entre o sôro, e a cabeça, de vermelho (tristeza, medo e raiva)**

M.E. (58 a., de Portugal), pintou de **o monstro e a cama de azul e preto, mas as cores misturadas (tristeza e medo)**

P. (43 a. de Portugal), pintou **o monstro e o candeeiro de azul e a maca de preto. (tristeza e medo)**

J. (27 a. de Cabo Verde), pintou o **monstro de preto (medo)**

V. (60 a., de Portugal), pintou **o monstro de verde e o lençol de azul. (calma e tristeza)**

A. (de Portugal) , **pintou de amarelo e vermelho - uma contradição alegria e raiva**

Houve muita socialização sobre diversos assuntos relativos ao cotidiano do hospital e outros (tempo ficou maior).

*Contudo nas pinturas as emoções e sentimentos foram quase todas **medo, raiva, tristeza**. Apenas duas foram diferentes A **calma e alegria** (misturadas a **tristeza e raiva**). Percebi que para alguns, houve uma **mistura grande de emoções** (S1. e A.). **De certa forma o trabalho também é pra eles perceberem que as emoções podem conviver juntas**. Mas, principalmente este exercício lhes proporciona o contato com o estado presente. Uma tentativa de conscientizá-los que é natural sentirmos essas emoções nesses momentos, e influenciar no seu comportamento para viverem o momento presente.*

EXERCÍCIO 2 - Autoimagem - Desenhar a sua identidade - através de um símbolo, desenhar o que representa a sua identidade (com cor ou não). (exercício tirado do livro Arte e Gestalt).

D. (29 a., de Cabo Verde) - Desenhou um **coração vermelho. Novamente um coração, mas dessa vez um coração raivoso, vermelho. A sua autoimagem é um coração com raiva. Aqui vê-se uma projeção da doença do filho que é cardiopata- que aguarda uma cirurgia - o coração de D. espera a cirurgia, o coração de D. está com raiva.**

C. (26 a., de Cabo verde) - Desenhou um **coração com uma flecha (sem cores). C. tem um coração partido. C. é muito jovem e em sua entrevista falou que sente muita falta do marido.**

S1. (41.a., da Guiné Bissau) - Apenas colocou a letra do seu nome - **não desenhou nada. S1. não tem sua autoimagem. Ela está aqui em Portugal há 02 anos, longe de sua família, e de seu país.**

M.E. (58 a., de Portugal) - Desenhou **uma seta apontando para um quadrado com duas árvores dentro. Em cima do quadrado ela escreveu Açores em azul e preto. E. mesmo sendo de Portugal, é como se não fosse daqui. Vive na ilha dos Açores - para muitos portugueses, quem é de lá, é como se fosse um estrangeiro.**

P. (43 a. de Portugal) - Desenhou uma **flor plantada (sem cores).**

J. (27a, .de Cabo Verde), Desenhou **dois corações emendados, uma parte vermelho outra verde e em cima duas flores amarelas (raiva, calma e alegria)**

V. (60 a., de Portugal) - **Desenhou um coração como entrelaçado em outro (sem cores).**

A. (de Portugal) - Desenhou **um rosto com várias pernas, parece um sol e está sorrindo (sem cores)**

Curioso que S1. não desenhou sua identidade, e também não havia desenhado a sua árvore. O papel A3 onde deveria desenhar a árvore tem apenas a fruta e a inicial do seu nome. Ela ficou muito tempo parada olhando o papel, com expressão de tristeza, enquanto os outros desenhavam as suas árvores e no final me entregou o papel em branco e disse: "eu não tenho árvore". M.E. durante toda essa segunda parte tinha os olhos marejados. Em diversos momentos pensei que ela fosse chorar. Curiosamente S1. e M.E. são as duas mães que mais apresentam afetos tristes (tristeza, negatividade, letargia). S1. não consegue desenhar uma árvore e nem sua autoimagem - terá perdido sua identidade?Ao mesmo tempo percebo que há uma enorme dificuldade em expressar-se.

Nesse exercício de autoimagem, 04 pessoas desenharam corações.

Antes de finalizarmos pedi que voltassem à árvore,

Minha Árvore, minha Emoção

D. início azul (tristeza), final amarelo (alegria)

C. início verde (calma), final amarelo (alegria)

A. início verde (calma), vermelho (raiva), preto (medo), final amarelo (alegria)

M.E. início preto (medo), final vermelho (raiva)

P. início preto (medo), final verde (calma)

J. início verde (calma), final amarelo (alegria)

V. início azul (tristeza), final verde (calma)

S1. início azul (tristeza)

RODA DE CONVERSA:

Pedi que dissessem uma palavra sobre o que tinham vivido na sessão. **As palavras foram: Divertido, Alegre, Bom, Relaxante.**

A. *Eu posso desenhar outras coisas e trazer? eu prefiro desenhar do que escrever.*

(perguntei o que sentiu durante os jogos, e os exercícios)

A.: *Eu adorei desenhar, me tira do stress, eu sinto-me calmo quando desenho. Naquele jogo do espelho eu gostei de comandar e trocar também, mas era difícil ficar sério.*

P. *Minha árvore parece desenho de criança. Eu gostei muito do espelho, mas eu não parava de rir, nem eu nem ela. É difícil fazer o som naquele dos olhos fechados. Mas quando ela me abraçou eu sabia que era ela!*

D. *Eu também gostei do espelho. E aquele do movimento? não era combinado. Eu achei engraçado fazer e mudar de repente.*

C. *- Eu gostei muito, aquele do espelho é bom mas é difícil ficar no mesmo lugar, eu gostei de sair do lugar.*

S1 - Eu também gostei. Achei engraçado. O do movimento eu tinha vergonha.

J. - Pois eu achei esse fácil. Eu gosto de todos, só não desenho muito bem. Me lembro dos meus desenhos quando era criança (risos).

(falei que não precisavam "desenhar bem" e que o mais interessante é que cada um tem a sua individualidade naquilo que desenha).

J. Sim, eu achei bom desenhar minha autoimagem. Eu sou assim mesmo, como desenhei no papel.

(mostrou o desenho).

V. - Eu achei muito interessante, porque desestressa. Ê pá, é difícil ficar séria. E esse outro do hospital pra pintar, eu prefiro o verde, a calma, eu não gosto de sentir medo. Eu não quero nada com o medo.

A. - Desenhar é bom, gosto muito. Esse da autoimagem, eu desenhei o símbolo do sol. Mas é só uma representação.

(falei que é exatamente isso, por isso também usamos os símbolos).

REFLEXÃO DA INVESTIGADORA:

Neste grupo observei que M.E., P. e S1., são mulheres que necessitam de mais positividade, pois demonstram não só durante a sessão, mas em outros espaços onde as encontrei, **maior desânimo**. Embora V. pareça ser muito forte, também carrega em seus suspiros e olhar uma tristeza profunda. D. e C., J. são mais bem dispostas. A. demonstrou um olhar tranquilo e disponibilidade em tudo.

A. tem uma disposição muito boa e se entregou com afinco a cada jogo, a cada exercício, perguntei se ele queria falar mais sobre a sua autoimagem, ele disse que não, que era bom que nós fizéssemos uma leitura do símbolo (disse isso rindo).

Observei que há dificuldade em deixar-se invadir pelo desejo de dar-se um tempo. Talvez sintam culpa em divertir-se, sabendo que logo ao lado, está o filho, enfermo. S2. por exemplo, sente-se culpada pela doença da filha. Em sua narrativa durante a entrevista, falou que porque tinha-lhe negado o batismo, ela havia ficado doente. Então a culpa também é um sentimento presente, talvez não tão evidente como os outros. É interessante notar que nos exercícios de expressão dramática eles esquecem completamente dos fatores relacionados aos problemas. A interação é muito grande, o corpo também está em ação, e isto corrobora. Também interessante notar que A. reconhece a funcionalidade do desenho, do símbolo.

"O corpo não é uma máquina como nos diz a ciência. Nem uma culpa como nos fez crer a religião. O corpo é uma festa". Eduardo Galeano

Leiria, Iniciado em 05/02 e finalizado em 06/02/2019, 20h05.

ANEXO 1		DIÁRIO DE BORDO 5	
SESSÃO 5		DATA: 07/02/2019	
Duração: 18h30 às 21h		N. participantes: 08	

ACÇÃO 1: A SESSÃO COM O PÚBLICO ALVO

PARTICIPANTES:

- D. (29 anos), de Cabo Verde, mãe do R. (02 anos), cardiopata.
- C. (26 anos), de Cabo Verde, mãe do L.2 (07 anos), que tem cancro.
- S1.(41 anos), da Guiné Bissal, mãe do L1. (18 anos), que tem cancro.
- M.E. (58 anos), de Portugal, mãe da B. (22 anos), que tem cancro.
- P. (43 anos), de Portugal, mãe do E. (13 anos), que tem cancro.
- J. (27 anos), de Cabo Verde, mãe da C. (06 anos), cardiopata.
- V. (60 anos), de Portugal, avó da L. (12 anos), que sofrera queimaduras graves.
- A. (45 anos), de Portugal, pai do C. (15 anos), que tem cancro.

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS:

Parte 1: Expressão Dramática

JOGO 1 - Eu vou pra lua - Em círculo, o primeiro diz "eu vou pra lua e vou levar...", o segundo repete a frase e acrescenta o que vai levar, e assim por diante.

- D. (29 a., de Cabo Verde), disse que levaria um telefone
- C. (26 a., de Cabo verde) , disse que levaria a família
- S1. (41.a., da Guiné Bissal), disse que levaria a casa
- M. E. (58 a., dos Açores), disse que levaria a filha
- P. (43 a. de Portugal), disse que levaria o filho

J. (27 a. de Cabo Verde), disse que levaria a casa

V. (60 a., de Portugal), disse que levaria a neta

A. (de Portugal), disse que levaria um canivete

Quase todos pensaram em levar pessoas e não objetos. S1. e J. levariam a casa, é curioso, pois a sua casa está na África. Aqui elas projetaram o seu desejo por estarem em casa, em seu país. Os olhos também expressavam saudade.

O exercício trabalha a **imaginação** e a **criatividade**, mas também trabalha os **desejos**, a **lógica** e o **pensamento de cada um**, e também a **relação entre eles**. Interessante que A. pensou no canivete, pois é com este objeto que ele talha a madeira transformando-a em peças de arte. **D. que começou a frase, conseguiu ao final repetir tudo certinho e a história ficou assim:**

"Eu vou pra lua e vou levar um telefone, a família, a casa, a filha, o filho, a casa, a neta e o canivete".

Esta frase criada pra eles a partir do jogo "Eu vou pra lua"é muito significativa, pois se constituiu do grupo e do desejo coletivo.

Todos riram muito ao final. **Percebi que inconscientemente eles se complementaram.** Teriam a lua a casa e a família, bem como um telefone e um canivete. Para cada um, o mais importante seria levado consigo, e quando juntamos tudo, ainda teriam dois importantes objetos que estariam ligados à sua sobrevivência: um telefone e um canivete. **Percebi que o jogo ajuda a projetar os desejos e principalmente a entenderem o momento presente, mas principalmente este jogo os colocou uns com os outros, no mesmo barco, gerando empatia.**

JOGO 2 - "A história que eu quero" - Em círculo, sentados no chão , **contar uma história a partir dos objetos.** Tínhamos 3 objetos no círculo - uma cadeira em miniatura, um rolo de papel higiênico e uma ecografia. Uma rodada para cada objeto ir sendo acrescentado na história, que deveria ter uma ligação, com começo-meio e fim. Cada um diz uma frase e o outro continua e assim por diante.

O jogo trabalha a imaginação, a criatividade, o protagonismo e a interatividade.

Resumo da história que eles contaram:

Era uma vez uma cadeira que dava muitos saltos, ela se movimentava sozinha. Então, um menino encontrou a cadeira, mas não gostava dela (frases de A. - pai do C., que anda de cadeira de

rodas), outros meninos encontraram a cadeira e começaram a brincar com ela, uns fugiam, outros não (**frase de D.**, mãe de R., cardiopata). a cadeira quebrou (**frase de S1.**). De repente encontraram um rolo e com ele viram a lua. Os meninos brincavam de olhar a lua. (**frase de V.**). Até que um menino encontrou a ecografia da lua (**frase de P.**). Eles resolveram criar um foguetão pra ir à lua Mas não conseguiram, pois o foguete quebrou (**frase de M.E.**). Mas os meninos da Acreditar conseguiram fazer o foguete subir (**frase de C.**), o foguete subiu e todos eles chegaram à lua e ficaram muito felizes! (**frase de J.**).

Percebi que a história ia fluída, mas em dois momentos apareceram frases negativas (S1. e M.E), e como uma contraposição a uma frase positiva, tamanha a empatia daqueles que estavam com mais positividade. As frases negativas **partiram de S1.** que começara a trabalhar há alguns dias, **tem muita tristeza**, não queria estar em Portugal, veio por obrigatoriedade e em sua entrevista demonstrava uma grande negatividade diante da vida ("**a cadeira quebrou**") e **de M.E.** que tem um estado constante de **negatividade e letargia** ("**mas não conseguiram pois o foguete quebrou**") - durante minhas observações nos espaços de convivência enquanto aguardava os horários das sessões, observei que M.E. está quase sempre **desanimada**, seja quando conversa ou quando arruma a mesa do jantar - nunca sorri. Embora em alguns jogos nas sessões ela consiga rir, talvez num estado inconsciente.

No jogo, juntos, eles puderam construir uma história que caminhasse para a positividade, mesmo que fosse difícil, usaram a imaginação. J. deu um final feliz à história. Atividades em grupo são importantes pois os que conseguem alcançar os bons afetos podem assim dividi-las com os mais negativos. A empatia pode ser melhor trabalhada.

No final desse último exercício, já que a história teve um final feliz, eles aplaudiram. Eles estavam mesmo que inconscientemente, a aplaudir o grupo, ou seja, , um reconhecimento de si e dos outros.

Essa primeira parte promoveu muita positividade, a emoção que apareceu foi a alegria, pois eles deram muitas risadas, sem no entanto perderem-se dos objetivos do jogo, algumas vezes eu tinha que chamar a atenção para não se dispersarem, sei que é natural, pois nunca tinham participado em jogos de expressão dramática.

Parte 2: Expressão Plástica

EXERCÍCIO 1 – Minha árvore, Minha emoção

EXERCÍCIO 2 - Continuar o traço. Desenhar a partir do traço que já há no papel. Depois eu misturei os desenhos e pedi que um expressasse com palavras ou ação, o desenho do outro.

D. (29 a., de Cabo Verde) - Desenhou um pássaro. **A. expressou o voar e a liberdade com o corpo. Ele ficou de pé e abriu os braços, se movimentou, como se estivesse a voar.**

C. (26 a., de Cabo verde) - Desenhou **abstrato, tinha cinco pontas. P. interpretou dizendo que era uma estrela cadente e que todos ali precisavam fazer pedidos à estrela. Nesse momento houve um grande silêncio. Aquele momento onde o tempo para!** Eu os observei atentamente e todos estavam com expressões entre dúvida e medo - nesse momento eles vivenciaram o momento presente e puderam entrar em contato com esta emoção e demonstrá-la. Mas o pedido à estrela pode ser uma esperança.

S1. (41.a., da Guiné Bissau) - Já não estava. Precisou sair mais cedo para dar o remédio do seu filho. (ela me deu essa justificativa, mas não sei se na verdade, já não conseguia ir além).

M.E. (58 a., de Portugal) - Desenhou uma galinha. C. interpretou dizendo que era uma galinha. **Percebi que C. já havia perdido o entusiasmo e já estava com uma apatia visível, talvez porque gosta ou sente-se melhor nos jogos onde mexa mais o corpo.**

P. (43 a. de Portugal) - Desenhou um rosto sem boca. **J. Interpretou cantando a música "brilha estrelinha" (letra da música abaixo). Este também foi um momento muito forte da sessão.** Enquanto J. cantava, os outros a observavam, calados, mas com expressões de desalento, como pensando alto a imaginar a estrela. **Percebi quase que como uma sobreposição do tempo - a música fala sobre a estrela brilhar no céu - talvez a maioria tenha associado a estrela ao filho.** A maioria dos filhos está lutando contra o cancro. Muitos adultos associam a criança a uma estrela quando vai a óbito - que foi brilhar no céu. **Também nesse momento percebi tristeza e medo em seus olhares.** Mas J. cantou lindamente a canção e eu pedi que repetisse para anotar a letra, que é bonita. Também penso que as estrelas cadentes são como presentes do céu para atenderem nossos pedidos de esperança.

Embora o sentimento que emergiu fosse tristeza, percebi que eles estavam mais juntos que nunca.

J. (27 a.de África), Desenhou o número 1. **D. falou este é o número 1, mas está pintado de verde, então está "o número 1 está calmo".** J. sorriu como quem confirmou a leitura.

V. (60 a., de Portugal) - **Desenhou um balão. M.E. interpretou dizendo que era um "balão de festa". M.E. não fala muito durante os exercícios, tem muita dificuldade em expressar-se. V. não se conteve, pois era o seu desenho, e disse - "é um balão que quer voar para o céu".** V.

como relatara em sua longa narrativa durante a entrevista, disse que parara a sua vida, o trabalho, tudo, para acompanhar a neta no tratamento. **V. sente falta de sua liberdade e projetou isto no desenho do balão.**

A. (de Portugal) - Desenhou **um abstrato. V. não conseguiu interpretar. Disse que não conseguia perceber o que era aquilo. A. se defendeu "mas não desenhei nada para se perceber, mas para sentir"**. A. em sua entrevista, disse que é um artista - nessa fala percebemos uma faceta da arte, que não se pretende na verdade, ser "entendida". Curiosamente V. que não conseguiu interpretar nada do desenho de A., complementou a interpretação de M.E. sobre o seu próprio desenho (o balão).

O exercício trabalhou também a percepção das emoções.

Letra da música "Brilha, brilha estrelinha":

Brilha, brilha, estrelinha,

Quero ver você brilhar

Ilumina este céu

Pro luar não ter mais frio

Brilha, brilha, estrelinha

Quero ver você brilhar.

RODA DE CONVERSA

V. - *Eu achei difícil falar sobre o desenho dele, parece uma camisa, sei lá, é quadrado. Eu queria ter conseguido, mas não sei o que é, pá, eu não sei...*

(falei que o importante é exatamente isto, que não é obrigatório fazermos a leitura do desenho do outro (autoimagem), que é um experimento e que ela não se preocupasse com isso.)

V - *O meu eu sei que é um balão a voar, mas esse quadrado...*

A. *Eu desenhei o símbolo, é um símbolo. Eu acho graça é não saber o que significa... mas ninguém diz o que é?* (risos)

(A. tem uma disposição muito boa e se entregou com afinco a cada jogo, a cada exercício, perguntei se ele queria falar sobre o seu desenho. Ele disse que era mesmo assim, pra não se entender).

D. - *E aquele "eu vou pra lua" é bom, porque a gente força a memória né. (risadas). Eu consegui falar todas as frases.!*

J- *Pra mim o melhor foi o da história, eu gostei de criar com eles. Olha, minha filha pode ficar aqui, na próxima aula?*

(perguntei a P. o que tinha achado)

P - *Me senti bem no da história, de imaginar. E também de imaginar a estrela.*

J - *Sim, é bom também inventar a história.*

A. *Esse eu achei giro. Gostei do final.*

(M.E e C. não quiseram falar, mas ouviam tudo atentamente e riam com os comentários).

REFLEXÃO DA INVESTIGADORA:

No exercício do traço percebi que houve uma dificuldade em expandirem a imaginação e deixarem-se levar pelo que sentiam a partir do desenho do outro. Alguns quiseram ser práticos, ou mesmo há a dificuldade em expressar-se. No geral, o grupo está fadado à muitas obrigações do dia-a-dia e a principal delas, é ser forte para o seu filho (a). Eles não cuidam de si mesmos, é como

se tudo girasse em torno da criança. Isso rouba-lhes a imaginação. Mas durante uns breves momentos, a imaginação deles vinha com tudo, como na história (o foguete para ir à lua) ou como os pedidos à estrela cadente. **Então, a imaginação está lá,** só que escondida por causa do problema que estão enfrentando.

Entretanto houveram contribuições preciosas: **P. contribuiu com a estrela cadente** (o desenho apenas lembrava uma estrela) e imediatamente depois que ela falou, J. cantou a música da estrelinha. **Houve aqui um encadeamento, uma empatia e uma identificação. E também eles puderam expandir a imaginação ao interpretarem os desenhos.**

Talvez a praticidade de alguns esteja diretamente ligada ao fato de nesse momento precisarem sê-lo. Há hora pra tudo - cada um tem responsabilidade sobre seus horários com a alimentação, o remédio do filho, levá-lo ao hospital, etc. **A dificuldade em ter um momento pra si. Ao mesmo**

tempo o exercício os uniu, mesmo que de forma inconsciente a projetar o seu problema e a tentar resolvê-lo (o pedido à estrela). Penso que esta é uma reação natural do nosso corpo, aproveitar as oportunidades para resolução do problema, para o equilíbrio de corpo e mente.

O momento em que cada um via seu desenho sendo interpretado era muito mágico - eu observei que eles olhavam atentamente e ficavam esperando o que iam dizer do seu desenho. **Neste, como em outros exercícios, ser olhado pelo outro, era como "ser cuidado" pelo outro. Passar do papel de cuidador, para o que é cuidado. Sinto um potencial muito grande em jogos que estimulem essa particularidade.**

"Pois minha imaginação não tem estrada. E eu não gosto mesmo da estrada. Gosto do desvio e do desver".

Manoel de Barros

"Estrelas são os olhos de Deus vigiando para que corra tudo bem.

Para sempre. E, como se sabe, "sempre" não acaba nunca".

Clarice Lispector

Leiria, 07/02/2019.

ANEXO 1		DIÁRIO DE BORDO 6	
SESSÃO 6		DATA: 12/02/2019	
Duração: 19h às 21h		N. participantes: 07	

Resiliência

Hoje foi um dia atípico na Acreditar. Uma empresa estava na casa, com mais de 30 pessoas a mudar as paredes de algumas salas, com desenhos e pinturas. Não tínhamos a sala, então fui arrumar o único espaço que sobrou: o refeitório. Depois que coloquei tudo em ordem, vi que não tinha as colunas para o computador. Então, L. (neta de V.), veio trazer a sua coluna para me emprestar, mas quando ela ligou ao computador, viu que não tinha bateria. Então ela aumentou o volume do computador e disse: "*olha, acho que dá...*". Em cima das mesas eu tinha colocado os papéis A3 onde os participantes tinham desenhado a árvore, então L. foi olhar os desenhos na mesa e disse, "*olha, a árvore da minha avó!*", **o papel tem apenas a inicial do nome, mas a menina havia reconhecido assim mesmo, e ficou a olhar. Depois veio até mim e disse, "ela está secando o cabelo, mas vem."** Mas quando V. chegou, disse "*olha, hoje não dá pra ficar até o final*". Eu perguntei porque, ela disse que não sabia explicar, mas que hoje não daria... - como a sua neta havia falado, ela veio! Depois M.E., que estava a cozinhar falou "*olha, hoje não estou nada bem. O dia correu mal e eu não vou conseguir fazer...*", conversei, pedi que passasse na sala, pelo menos para a primeira parte. S1 como estava a trabalhar tinha chegado cansada e não viria, uma pena já que esta seria a última sessão com jogos. A. já tinha ido para a sua casa e provavelmente eu o veria na última sessão para a conversa final, já que ele voltaria na semana seguinte.

ACÇÃO 1: A SESSÃO COM O PÚBLICO ALVO

PARTICIPANTES:

D. (29 anos), de Cabo Verde, mãe do R. (02 anos), cardiopata.

C. (26 anos), de Cabo Verde, mãe do L.2 (07 anos), que tem cancro.

M.E (58 anos), de Portugal, mãe da B. (22 anos), que tem cancro.

P. (43 anos), de Portugal, mãe do E. (13 anos), que tem cancro.

J. (27 anos), de Cabo Verde, mãe da C. (06 anos), cardiopata.

V. (60 anos), de Portugal, avó da L. (12 anos), que sofrera queimaduras graves.

S2.(27 a., de Angola), mãe da C2 (07 meses) - que tem cancro

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS:

EXERCÍCIO 1: Minha árvore, minha emoção

V. avisou que participaria só para o exercício da árvore, pois não se sentia bem disposta.

Parecia em dúvida se ficava ou ia embora, tinha os olhos cansados. **Então eu pedi a ela que sentasse e desenhasse a fruta em sua árvore com a cor da emoção que estava sentindo hoje.**

V. disse que a fruta hoje era uma mistura muito grande de emoções e que não sabia que cor era essa. Eu lhe mostrei os lápis e fui lhe mostrando as cores, ela dizia "sim, se calhar, há lilás, sim". Depois perguntei que outras cores ela achava que esta mistura tinha, então ela separou marrom, vermelho e amarelo. Sentou-se e desenhou a sua fruta. Ao final, olhei o desenho e disse-lhe que tinha achado muito bonito, parecia um leque ou um rabo de pavão. Embora o desenho lembrasse também labaredas. Embaixo estava escrito **desilusão**. Havia muitas cores, entre outras, lilás e marrom. **Muitas emoções juntas. Nas sessões anteriores V. tinha desenhado 02 frutos verdes, expressando calma. Enquanto desenhava, dizia "não quero nada com o medo". V. prefere negar o medo.**

M.E. entrou na sala com o semblante triste e apático, como das outras vezes que eu a encontrei. Disse :"**olha, eu hoje não consigo fazer nada, não consigo me concentrar**". Eu disse a ela que tudo bem, mas que talvez os exercícios iam trazer um pouco de concentração. Ela olhou a mesa, viu a sua árvore. Eu disse a ela que, se quisesse, desenhasse como se sentia. M.E. pediu que eu recordasse as cores das emoções, e **depois disse que ainda estava esperando a cirurgia de sua filha, que aconteceria nos próximos dias**, e que estava tensa com isto. As cores da fruta de M.E foram azul (tristeza), vermelho (raiva), preto (medo) e amarelo (alegria). Ela escreveu ao lado **ansiedade, medo, calma e paz**. M.E. está muito ansiosa por esta cirurgia. Será a substituição da prótese da perna da sua filha e ao mesmo tempo que a vejo quase sempre em baixa, sua filha B. está sempre com um sorriso no rosto. **Em outras sessões ela desenhou uma fruta amarela com vermelho (alegria e raiva), amarelo com verde (alegria e calma) e uma fruta preta (medo).**

S2. estava quase sempre no hospital nos horários programados das sessões, mas conseguiu vir. Ela seria uma das mães que provavelmente teria alta na semana seguinte. Quando ela entrou na sala, V. e M.E. já tinham ido embora. Estávamos só eu e ela, ainda esperando as outras mães. Então

pedi que desenhasse a sua árvore, falei novamente das emoções básicas e das cores. **Enquanto ela desenhava, me falava muitas coisas**, narrou novamente sua história, dessa vez com muitos mais detalhes. Ela demorou muito tempo desenhando a árvore, pensei se já ali, estaria acontecendo uma narrativa. S2 falava sobre sua família que tinha ficado em Angola e que sentia muita saudade deles e sabia que eles, também sentiam falta dela. Disse que sua outra filha, de 3 anos, que estava lá, tinha adoecido. Sabia que era por sentir falta da mãe. S2. disse também que quando sonhava, dois dias depois, o sonho se tornava realidade e que por isso não gostava de sonhar. Tinha sonhado que a sua filha iria adoecer e ela tinha realmente adoecido. Disse que queria que toda a família viesse pra cá, que estava planejando isso com o marido. S2. **falou, "qual é mesmo a cor da tristeza?"**, S2. desenhou um **coração azul** com uma flecha, bem no meio da árvore e disse, **"a minha fruta é um coração triste"**.

J. desenhou frutas verde e amarela nas sessões anteriores (**calma e alegria**) e hoje desenhou novamente uma fruta amarela (**alegria**). De fato, desde sua primeira sessão, J. se mostra mais e mais disposta, com positividade.

D. havia desenhado anteriormente uma fruta amarela (**alegria**) e uma vermelha (**raiva**) e hoje desenhou uma fruta mista (**amarelo, verde e azul**). Ela também tem maior disposição, dentre as demais.

C. desenhou no início da sessão anterior uma fruta verde (**calma**) e uma fruta amarela (**alegria**) com azul (**tristeza**), hoje desenhou uma fruta amarela (**alegria**). Curiosamente como J. e D., ela também é africana e tem muita resiliência. Hoje comentou que seu filho lhe havia contado sobre "as bolhas mágicas" que a palhaça tinha feito.

P. desenhou nas duas sessões frutas com misto de verde e amarelo. (**calma e alegria**). Percebo que P. tem um olhar triste, mas não quer demonstrar tristeza na frente do seu filho. Ela disse que hoje tinha ido ao mercado comprar tudo que "o miúdo gosta de comer", pra ver se ele tem apetite. E por isso ela tinha chegado só agora. No final desenhou uma fruta verde (**calma**)

Eu tinha preparado uma ficha com vários exercícios, mas, decidi seguir a intuição e dada às circunstâncias, modificar. A primeira coisa que eu precisava era que nos concentrássemos, pois estávamos num espaço disperso, **e tinha sido bem difícil conseguir nos reunir, com tanto barulho na casa, gente passando pra lá e pra cá. E então, tive uma grata surpresa!**

Parte 2: Expressão Dramática

JOGO 1- A macaca foi à feira. Em círculo, pedi que nos olhássemos nos olhos, e déssemos as mãos. Falei "*a direita dá e a esquerda recebe*". Nesse momento J. Disse, "*lembrei de um jogo lá de Cabo Verde*". Ela começou a cantar uma música, e D. e C. também cantaram. Então, eu falei, "*que ótimo, me ensinem*". Elas começaram a cantar e fizemos o jogo que chama "**a macaca foi à feira**". No jogo, perde quem não consegue tirar a mão na hora que o outro vai bater quando acaba a música, e assim, fomos brincando e as campeãs foram J. e D. (ambas de Cabo Verde). **No final do jogo, estávamos todos rindo muito. O mais importante foi que o jogo foi trazido por elas e umas apoiaram as outras. Então percebi que a tristeza que chegou com quase todas elas, tinha mudado de cor em alguns minutos.**

Letra da música:

A macaca foi à feira

não sabia o que comprar, comprou uma cadeira

pra macaca se sentar

a macaca se sentou, a cadeira se quebrou

coitada da macaca, foi parar no corredor

ai que dor, ai que dor

ai que dor, a e i o u

JOGO 2- Claps - Ainda em círculo, olhando no olho, passar uma palma para a seguinte, primeiro devagar e em sentido horário, depois rápido e podendo mudar o sentido. É um ótimo jogo para concentrar. C. exagerava no olhar, abrindo muito os olhos, cada vez que eu dizia, "olhem-se". E as outras riam com a sua expressão. C. tem demonstrado muita disposição e rapidamente pega o foco. **Sua estima cresce muito porque as outras se divertem com ela. Percebo que isto lhe dá uma enorme satisfação, por causar nas outras, empatia.**

JOGO 3- Caminhada no espaço com a emoção no corpo. Caminhar pelo espaço e quando ouvir a indicação (tristeza, alegria, raiva, medo, calma) colocar a emoção no corpo.

Elas fizeram inúmeras imagens com o corpo, depois chamei para o círculo e pedi que mostrassem para as outras. **P. ria muito e dizia "não consigo ficar séria, elas me fazem rir muito"**. (quando P. chegou do mercado, mais cedo, tinha me dito que estava muito **estressada** pois tinha ido às

compras para comprar coisas que o miúdo (seu filho, que tem cancro) gosta de comer, pois não tinha comido nada ontem o dia todo. Observando P. percebi que os jogos já cumprem um papel muito importante - **de deslocar o estresse do dia para outro lugar. Percebi muita ênfase no corresponder com o corpo às emoções medo, tristeza e raiva. Na raiva umas começaram a emitir também sons, colocando a emoção pra fora.**

JOGO 4 - Uma emoção comum - Não tinha planejado este jogo e o criei na hora, a partir da observação e do que eu tinha ouvido delas, nos momentos anteriores. Pedi que me falassem uma emoção que não fazia parte das emoções básicas e que não tinha aparecido no jogo, e todas disseram "*saudade*". Então pedi que se colocassem em duas filas, uma em frente pra outra. e pedi que caminhassem em direção uma da outra, em câmera lenta, olhando-se nos olhos e quando chegassem perto, dessem um abraço. **Elas se abraçaram longamente e P. começou a chorar, enquanto J. que a abraçava (e que tinha falado em saudade anteriormente), a acariciava.** Música "Pra sonhar", de Marcelo Geneci. <https://www.youtube.com/watch?v=Bp4w47x5a90>

Depois pedi que o abraço da dupla virasse um **abraço coletivo**. Esse momento foi muito bonito. *Percebi que o abraço, a música, olhar-se nos olhos, tinha proporcionado um expurgo, um alívio. Nesse momento pensei que o título do projeto estava acertado... era uma cegonha carregando a outra, e não uma cegonha carregando um filho. A emoção da empatia estava completamente visível.*

Ainda no círculo, pedi que cada uma falasse do que sentia saudade. Foi unanimidade saudades de casa, do marido, da família... (isto está na **problemática no desenho do projeto**), mas P. falou, "*eu sou de Lisboa, mas agora parece tão longe!*". C. falou "*saudade da minha vida que ficou para trás*". Mais uma vez percebo que as mães largam sua vida para dedicar-se apenas ao filho enfermo. Contudo sentem-se sozinhas na empreitada, já que o marido fica com o resto da família em suas casas, ou por conta do trabalho, não conseguem acompanhá-las durante o tratamento.

JOGO 5- Desenhar a saudade - Então pedi que sentassem e desenhassem a saudade que estavam sentindo.

D. desenhou um espiral e uma casa dentro na ponta do espiral

S2- desenhou uma pequena casa, quadrada, e o nome Família

C. desenhou a sua mão esquerda e uma estrela

P. desenhou uma casa com um teto alto, duas pessoas e um cachorro

J. desenhou uma casa (também quadrada), um espiral, um coração, pessoas, uma flor, uma cobra

Quatro delas desenharam casas e pessoas - uma projeção clara de que sentem falta e saudade de sua família, de sua casa, e para aquelas que são de fora, sentem falta ainda de sua cultura, de sua identidade e sentem-se muito sozinhas.

C. que verbalizou que sente saudade "da vida que deixou para trás", desenhou a sua mão e uma estrela - aqui temos um desenho fora do padrão dos outros. C. é a mais jovem.

RODA DE CONVERSA:

J. - *Eu gostei muito de caminhar com os sentimentos no corpo, e também de sentir a saudade no corpo e no desenho, de desenhar a emoção na árvore também. Lembrei da brincadeira de Cabo Verde, temos muitas lá.*

(aproveitei e pedi a letra da música da brincadeira)

P. - *Eu não gosto muito de mostrar o que tô sentindo, eu não quero que meu filho veja eu a chorar... mas é muito bom essas aulas, eu sei que é bom pras mães.*

D. - *Meu desenho é o segundo, o da casa, tá? Gostei muito da aula de hoje, de sentir a saudade.*

S2 - *Eu gostei muito de participar, que pena que não estava desde o começo, mas estava com minha filha no hospital tudo indica que nós vamos ter alta logo. Eu gostei de sentir saudade de casa. Eu espero que o médico diga que minha filha já está bem.*

C. - *Eu também gostei de sentir saudade, mas é triste.*

(A filha de J. estava na sala nesse momento dos desenhos e eu dei uns papéis pra ela desenhar, mas ao invés disso, ela assistia os exercícios e deu muita risada vendo a sua mãe).

J. - *Ainda tem na semana que vem, né? Quem ainda vai estar?*

Falei que ainda teríamos o encontro para a reflexão final. Também não sabia ainda quem já estaria de alta ou não. No finalzinho da conversa, algumas crianças vieram o R., filho de D. chegou chorando, disse que L. tinha lhe batido. L. chegou, disse que não lhe bateu. D. falou, "ela gosta de bater nos pequenos". **Percebi que é complicado deixar as crianças sem um adulto.**

Isso atrapalhou um pouco o final da sessão, pois senti que elas queriam conversar mais. Expliquei que acabaríamos, mas que teríamos oportunidade na próxima semana para a conversa com mais tempo.

Depois nos abraçamos a todas. C., a filha de J., que gostava de observar as sessões também veio nos abraçar.

REFLEXÃO DA INVESTIGADORA:

A maior dificuldade é conseguir reunir todos eles no mesmo horário para as sessões. Mesmo tendo mudado o horário para as 18h, ao mesmo tempo é o horário onde todos já passaram por um dia cheio e já estavam cansados. A., que tinha gostado muito da sessão anterior tinha ido passar o fim de semana à sua casa - tinha levado o diário de bordo. Apenas P., C. e D. escreveram algumas palavras no diário e me mostraram hoje. As outras pediram desculpas, e disseram que não tinham conseguido escrever ainda. Então, voltei a explicar a importância do diário, para o processo, mas que não era obrigatório. **Percebi que elas em geral, não tem muita disposição para escreverem e que preferem mesmo falar, neste sentido as “rodas de conversa” estão sendo muito importantes.**

Uma outra coisa que observei é que elas lutam todos os dias contra a apatia e o desânimo. Era um contrassenso no dia de hoje, já que tinham muitas pessoas na casa, a trabalhar e a sorrir alto (os voluntários da empresa de reforma), mas curiosamente, elas não. Fomos todos antes da sessão ver as salas pintadas pela empresa. Fiquei pensando numa linda intervenção com artes plásticas, onde as próprias mães e crianças pintassem as paredes. Essa pode ser uma intervenção futura.

A sessão hoje foi linda e emocionante.

“Saudade que eu sei donde me vem ... Talvez de ti, ó Noite! ... Ou de ninguém! ...
Que eu nunca sei quem sou, nem o que tenho!!” Florbela Espanca.

Leiria, 07/02/2019, 01h32.

ANEXO 1		DIÁRIO DE BORDO 7	
SESSÃO 7		DATA: 15/02/2019	
Duração: 14h às 15h		N. participantes: 09	

Nossa última sessão, e eu já estou com saudades.

RODA DE CONVERSA

CONVERSAS FINAIS e OBSERVAÇÕES

Além da conversa, fiz a recolha dos diários e me despedi, agradecida por terem participado do projeto. Alguns eu encontrei no corredor ou na copa e pude também conversar individualmente, principalmente com P., que deliberadamente não iria mais participar das sessões, caso avançássemos para os vídeos, pois não sente-se tranquila em expressar suas emoções, principalmente a tristeza. Porém, não tivemos tempo para trabalhar a etapa dos vídeos, e não teríamos mais sessões. Entretanto, essas etapas anteriores onde trabalhei a visita de palhaça e as sessões práticas com Expressão Dramática e Expressão plástica precisaram mesmo do tempo que elas tiveram disponível, e eu não poderia avançar para os vídeos, teria que ter o grupo ainda por mais umas 5 sessões ou mais para a fase dos vídeos, que seria certamente muito trabalhosa, e seria um exercício focado em aprender uma técnica.

V. falou que gostou de participar, mas queria ter mais tempo. *"de manhã tem os medicamentos, pequeno almoço, etc, e à noite não é um bom horário, é difícil, por termos já que preparar o dia seguinte, eu concordo que não daria pra fazer os vídeos, e gostei de tudo"*.

M.E.: *"Tenho muita dificuldade de cumprir horários, também de escrever, e sabia que não ia conseguir dar conta. Isso me pressiona. Minha maior dificuldade é mostrar o que sinto"*.

A. falou que gostaria muito de continuar, mas o horário que ele pode as outras não podem e que tudo bem não fazer os vídeos, que estava satisfeito, que gosta muito de arte.

A.: *"Mas iria passar os fins de semana em casa e provavelmente não estaria já na próxima. Adorei participar e me senti leve e engraçado. A parte dos desenhos pra mim é muito bom, eu gosto de desenhar"*.

J. e S2 falaram que queriam muito fazer o vídeo, que se eu fizesse sozinha e pudesse mandar pra elas, iam ficar felizes de ver suas histórias. S2 falou que não demoraria muito mais em Portugal, pois a médica disse que sua filha já estava bem, ela viria então em ocasiões para tratamentos.

S2.: *"Gostei muito de participar, pois era bom e me deixa mais calma essa coisa das emoções".*

J.: *"Eu gostei tanto que se fosse após o jantar, as 20h, eu gostava de fazer os vídeos. Eu desestressei com os exercícios, muito obrigada".*

Eu disse a ela, que provavelmente esse horário era muito tarde e exaustivo para todos, também à noite não teria mais voluntárias para cuidar dos pequenos e que esta etapa de vídeos exigia muitas horas juntos, pelo menos 3 dias por semana. Um outro fator é que duas delas já estariam de alta e alguns já não poderiam avançar.

P.: *"Não me sinto preparada para demonstrar meus sentimentos aos outros" e também "não quero que meu filho veja que eu chorei, ele percebeu e perguntou "mãe, está tudo bem? mas eu ri muito em várias vezes, relaxei."*

S1.: *"Eu gostei porque eu ri muito. Gostava de participar em mais sessões e se tivesse os vídeos, mas não estou com horários certos, pois estou trabalhando, obrigada pelas vezes que eu participei".*

P.: *"Eu também agradeço muito. Este projeto é muito louvável, pois vai ajudar muitas mães que passam por essas situações, com o stress", mas estou convivendo com isto há apenas há 03 meses e é tudo muito novo pra mim, choro com qualquer coisa".*

C. e D. disseram que não havia problema em continuar as sessões, mas este horário era complicado. Também falaram do vídeo, sentiam curiosidade pra saber como era fazer a animação e que se tivessem que retornar para tratamentos e eu pudesse continuar elas quereriam.

C.: *"Gostei muito de participar, me senti engraçada, relaxei, ri muito. Não teria problema em continuar mais, mas vou embora".*

D.: *"gostei de fazer a parte do personagem, dos jogos, da galinha, e tenho curiosidade pra aprender a fazer o vídeo, gostei dos desenhos, de estar com eles, e de tudo".*

Perguntei o que eles acharam de ter um tempo pra ficarem juntos

A.: *"É importante, assim a gente pode conversar, fazer coisas só a gente, né?".*

V.: *"Isso é mesmo".*

P.: *"Eu ri muito com eles"*.

As mães da África foram unânimes em dizer que gostavam de passar um tempo juntas.

J.: *"Foi bom pra ver como cada um está. A gente corre muito e conversa um pouco na cozinha e na sala, mas aqui foi diferente"*.

Encontrei no diário de A. um desenho muito bonito, o desenho tem um homem com um pássaro no ombro, uma estrela guia, um outro pássaro voando, uma casa com uma estrada, uma flor gigante, uma porteira. Ao me entregar o desenho, ele disse: *"Preferi desenhar pois o desenho me relaxa"*.

Agradei a todos e desejei sucesso no tratamento e na volta para casa.!

REFLEXÃO DA INVESTIGADORA:

De certa forma eu me senti frustrada por não ter ido para a etapa dos vídeos com elas, embora tenha conseguido êxito nas etapas anteriores. Mas diante dos fatores, de alguns terem alta, outros não terem horários disponíveis, etc., sinto-me feliz por ter conseguido reuni-las até aqui e realizar essas sessões. Percebo que as mães que passam por este problema tem grande dificuldade de gerir suas emoções. Elas preferem escondê-las. Também percebi que o fato de serem só elas a cuidar dos filhos, e não dividirem essa tarefa com outra pessoa, deixa-as exaustas e puxa-as para a letargia. O estado presente significa apenas cuidar do filho. Elas não tinham tempo para os diários de bordo, por exemplo. Preferiam falar, por isso as rodas de conversa foram muito importantes.

Um outro fator complicador é que no horário onde todos estão (noite), já não há voluntários para cuidarem dos filhos enquanto eles estão em atividade. Na última sessão, uma criança maior tinha batido numa menor, que viera reclamar à mãe, no final da sessão, o que gerou um certo desconforto. Observei também que eles querem muito cuidar dos seus afazeres e obrigações, dar conta de ter tudo certinho. Por exemplo teve um mágico à noite, no dia que a empresa estava lá para pintar as salas, e apenas 1 mãe se dispôs a ir assistir a apresentação.

Por fim, um fator relevante, algumas mães já estariam em fase de alta e não estariam mais nas sessões. O exercício do abraço na sessão anterior, para mim, foi um dos mais marcantes. Naquele momento senti realmente como uma "cegonha" carregando a outra. Elas se olharam de verdade e se cuidaram. Houve de fato um sentimento de **empatia, uma socialização em torno do mesmo sentimento**. Em seus olhos pude observar o sentimento de falta, mas também de profunda **tristeza e medo**. Talvez pelo fato de não preverem o que pode de fato acontecer, voltar pra casa? quando? vai ficar tudo bem ou não? essas questões eram quase como legenda em seus olhos. Mas um

abraço, que durou um tempo razoável, e que depois se prolongou num grande abraço coletivo, mostrou a força que há no partilhar. Ao final, elas estavam emocionadas, mas também aliviadas por sentirem-se acolhidas.

Entretanto P. que havia chorado disse que "chora com qualquer coisa" e o fato de querer demonstrar força para o filho faz com ela, assim como M.E e V. **preferam negar suas emoções, para protegerem seus filhos de qualquer incômodo.** Contudo, percebo nas falas que eles se divertiram muito com os jogos, riram, relaxaram. Creio que é mesmo difícil ter um grupo constante durante muito tempo nesse contexto, a realidade é um tanto diferente do Brasil, pois lá já presenciei internamentos no hospital com duração muito longa, talvez porque os tratamentos são mais demorados. Sinto vontade de levar este projeto pra lá.

"Os biólogos e os neurocientistas cognitivos estão a descobrir os neurônios-espelho - ditos neurônios da empatia -, que permitem aos seres humanos e a outras espécies sentir e experimentar a situação de um outro como se fosse a sua própria. Somos, segundo parece, os mais sociais dos animais e procuramos a participação íntima e a companhia dos nossos semelhantes".

Steven Pinker (Os anjos Bons da Nossa Natureza, p.739.)

Leiria, 13/02/2019 24h30

ANEXO 2

ANEXO 2

DIÁRIO DE BORDO PARTICIPANTES:

D/ 29 anos/ Cabo Verde/Mãe do **R./**02 anos/cardiopatia/04 meses de tratamento em Portugal:

"O que eu pensei? que fico a pensar em minhas famílias que estão bem longe de mim nesses momentos. Não sei das situações que estão, se estão nos momentos difíceis ou não, porque estou longe, andam a me poupar muito até que às vezes sinto triste e também fico a pensar no tratamento do meu filho, como é que será? será que é fácil? às vezes fico triste" (1a. sessão).

"Agora sinto-me alegre porque já passei das situações mais difíceis, estou a me sentir vencedora, gostei muito" (2a. sessão).

"Na aula passada eu achei interessante. Foi mesmo divertido. Estava um bocadinho triste mas depois de aquela atividade me senti mais relaxada e gostei muito" (3a. sessão).

C. (26 anos), de Cabo Verde, mãe do **L.2** (menino de 07 anos), que tem cancro. Tratamento desde Setembro de 2018:

"O meu sonho é pedir a Deus para melhorar o meu filho e viver uma vida normal cheia de paz amor e alegria".

P. (43 anos), de Portugal, mãe do **E.** (menino de 13 anos), que tem cancro. tratamento desde Novembro 2018:

"Além da rotina diária com o meu filho, fizemos uma atividade de grupo de pais que achei muito interessante e relaxador, além de divertido, muito bom".

A. (45 anos), de Portugal, pai do **C1.** (menino de 15 anos), que tem cancro. Tratamento desde Agosto de 2018: Entregou o diário de bordo em formato de desenho (anexo 3, figura 35).

"(...) Mãe não morre nunca,

mãe ficará sempre junto de seu filho

e ele, velho embora, será pequenino

feito grão de milho" (Carlos Drummond de Andrade).

ANEXO 3

ANEXO 3

INTERPRETAÇÃO DOS DESENHOS

Desenhos de Árvores - Exercício "Minha árvore, minha emoção"

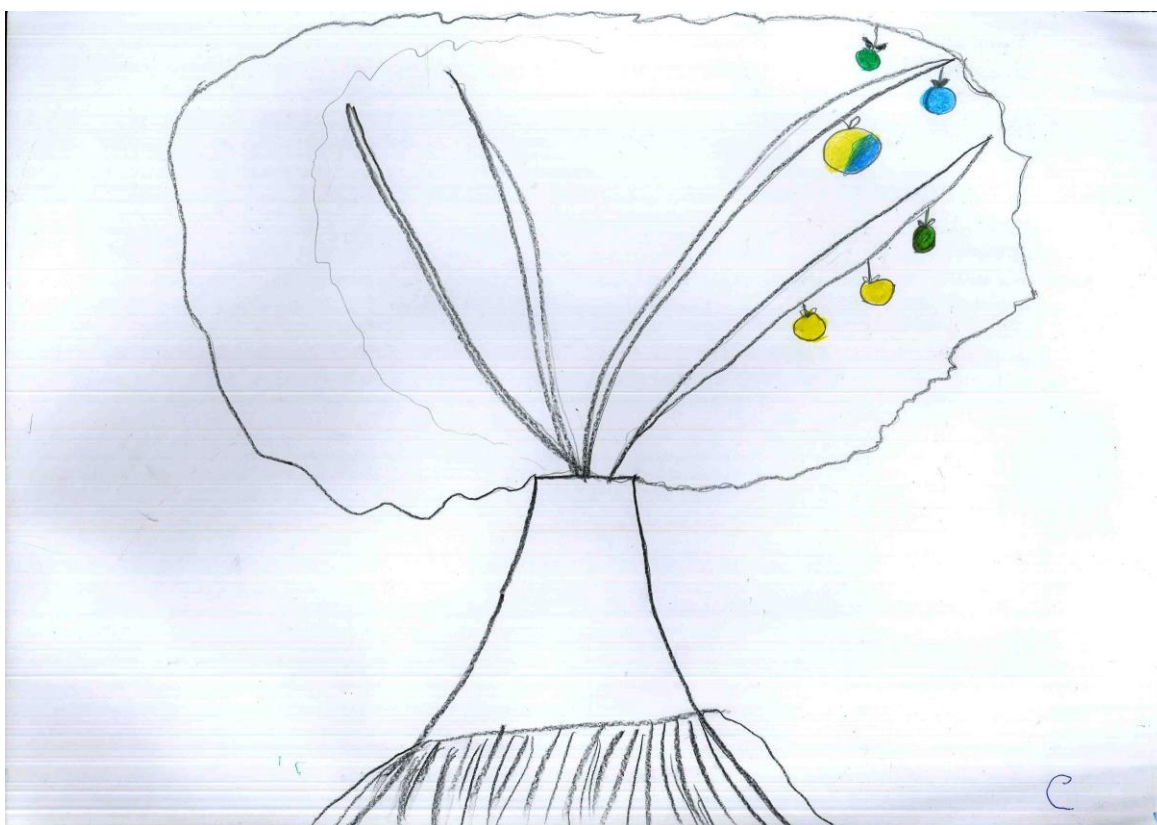


Figura 01 - Desenho de C. (26 anos), de Cabo Verde, mãe do L.2 (07 anos), que tem cancro.

Na Figura 1 observamos uma árvore raivosa, raiz suspensa. Frutos tristeza, alegria e um que tem metade tristeza e metade alegria. A raiz está arrancada, como se a árvore fosse cair (**instabilidade**), não há folhagens, o que denota **apatia** e **tristeza**. Não há presente, nem passado, só futuro. Embora haja frutos com cores, representando **alegria, calma e tristeza**, a predominância da árvore é a cor preta, cujos traços se sobressaem, uma presença do **medo**. A pressão no traço denota uma forte energia emotiva e também agressividade. "Quanto mais forte for a pressão, a agressividade toma o seu lugar" (Bédard, 1998, p.18-19).

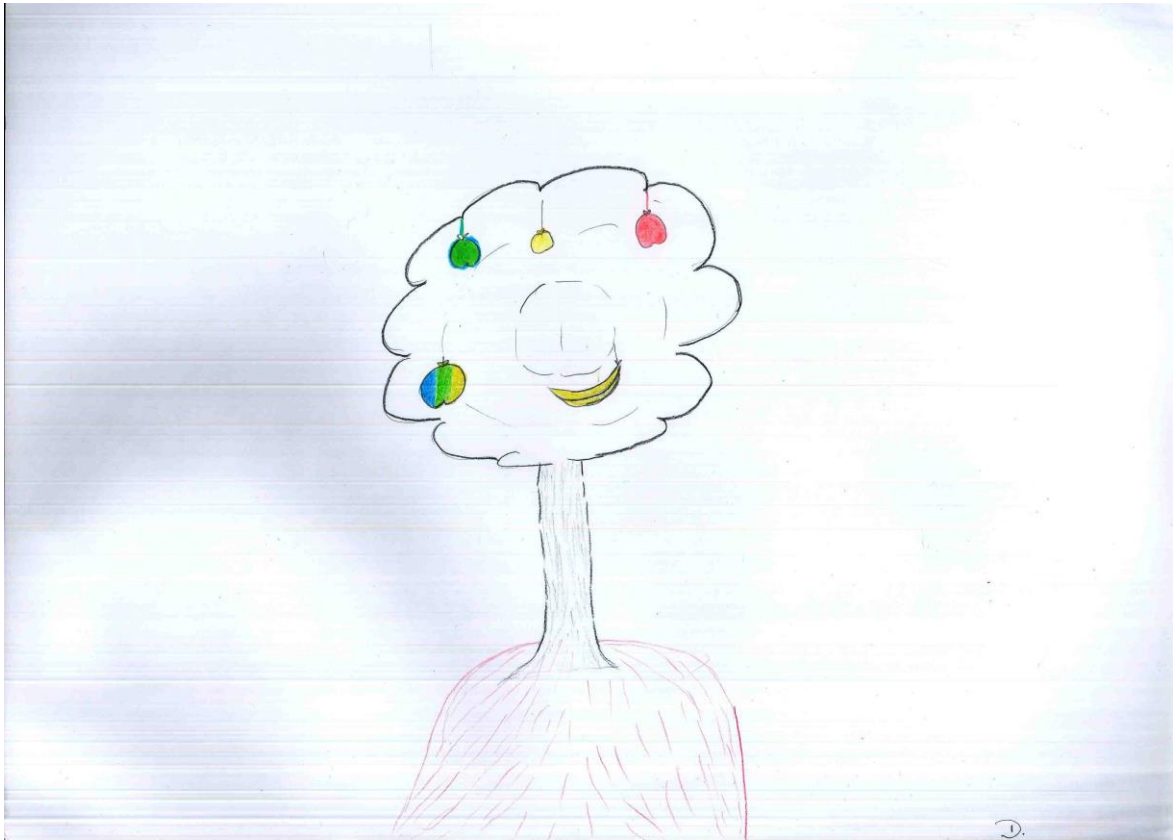


Figura 02 - Desenho de D. (29 anos), de Cabo Verde, mãe do R. (02 anos) - cardiopata.

A figura 02 traz a representação de uma mulher, pescoço alto (tronco pontilhado - revela **fragilidade e hesitação**) e bolero vermelho (raízes à mostra - **instabilidade**). As frutas em ambivalência no espaço/tempo, com a presença da **calma, tristeza, raiva e alegria** que se destaca (a **banana/sorriso**) e está no centro (presente). Dentro da copa há ainda um movimento circular, o que denota movimento e renovação. Para Bédard: "Como todo o símbolo, o redondo pode demonstrar-se como positivo ou como negativo, segundo a interpretação" (*Ibidem*, p.19). D. Está à espera da cirurgia do filho e o que projeta mais fortemente na árvore-mulher-mãe é uma autoimagem, **cujo ciclo está aberto, à espera de um fechamento feliz (projeção do futuro)**.



Figura 03 - Desenho de J. (27 anos), de Cabo Verde, mãe da C. (06 anos), cardiopata.

A figura 03 apresenta uma árvore no presente, com muitos ramos (**motivação e imaginação**), raiz à mostra (**instabilidade**), e os frutos representam duas emoções: **alegria e calma**.



Figura 04 - Desenho de V. (60 anos), de Portugal, avó da L. (12 anos), que sofrera queimaduras graves.

Na figura 04 vemos uma árvore com traços quase invisíveis (**fragilidade**), a raiz está arrancada (**instabilidade**) e há dois frutos azuis do lado esquerdo (**passado/tristeza**) e dois frutos verdes (**calma**) um no meio e um à direita que se destaca (futuro). O fruto lembra um a cauda de pavão, ou um leque, que é um elemento para abanar, quando está quente. V. provavelmente projetou o seu **problema** - as chamas pelas quais a sua neta fora queimada. A mistura de emoções está claramente expressa pelas cores. Ao lado do fruto uma palavra para descrever a **desilusão**.

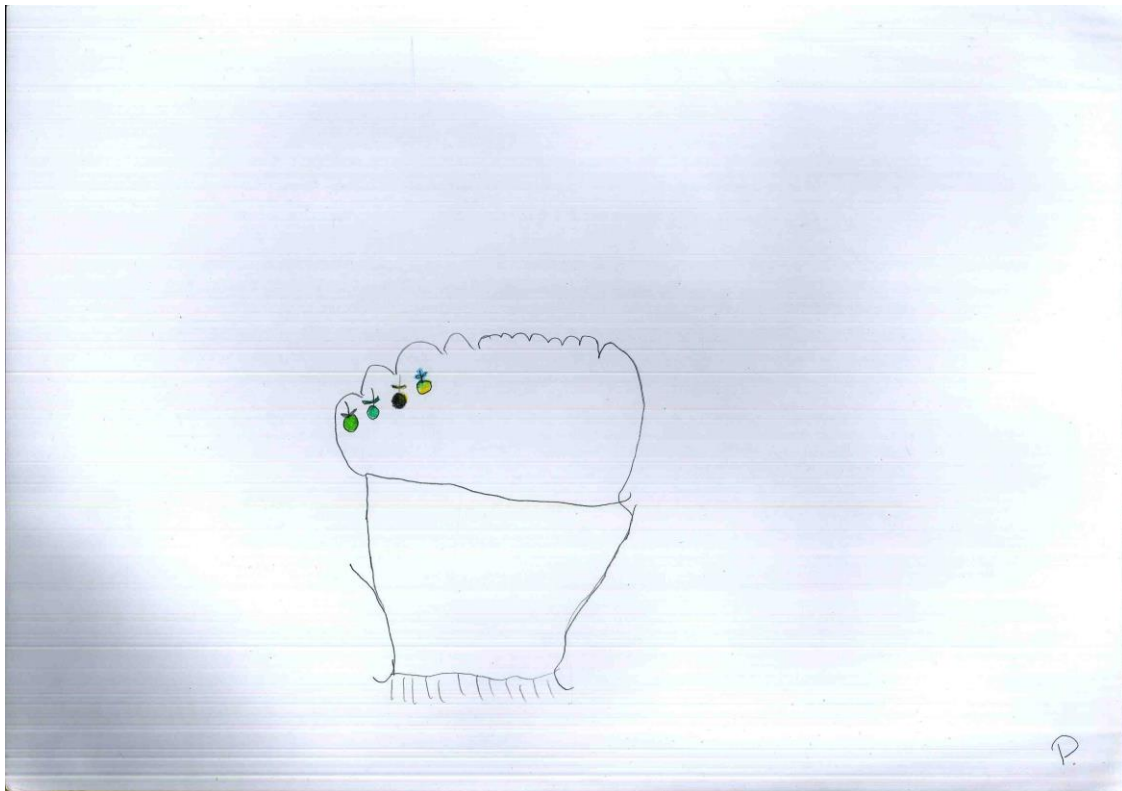


Figura 05 - Desenho de P. (43 anos), de Portugal, mãe do E. (13 anos), que tem cancro.

A figura 05 trás uma árvore que lembra uma mitocôndria, ou um brocóli, não parece uma árvore, mas um manjeriço num vaso, e traz a predominância do Passado. Não há presente, nem futuro. A árvore é muito pequena e deslocada, não está no seu habitat, está mutilada, fora do seu contexto. A raiz está arrancada (**instabilidade**), o tronco é muito grosso, denotando o **emocional dominante** (Di Leo, 1985). Na copa não há ramos (**apatia, tristeza**). Os frutos estão deslocados, pois estão suspensos, o preto (**medo**) se destaca entre os demais.

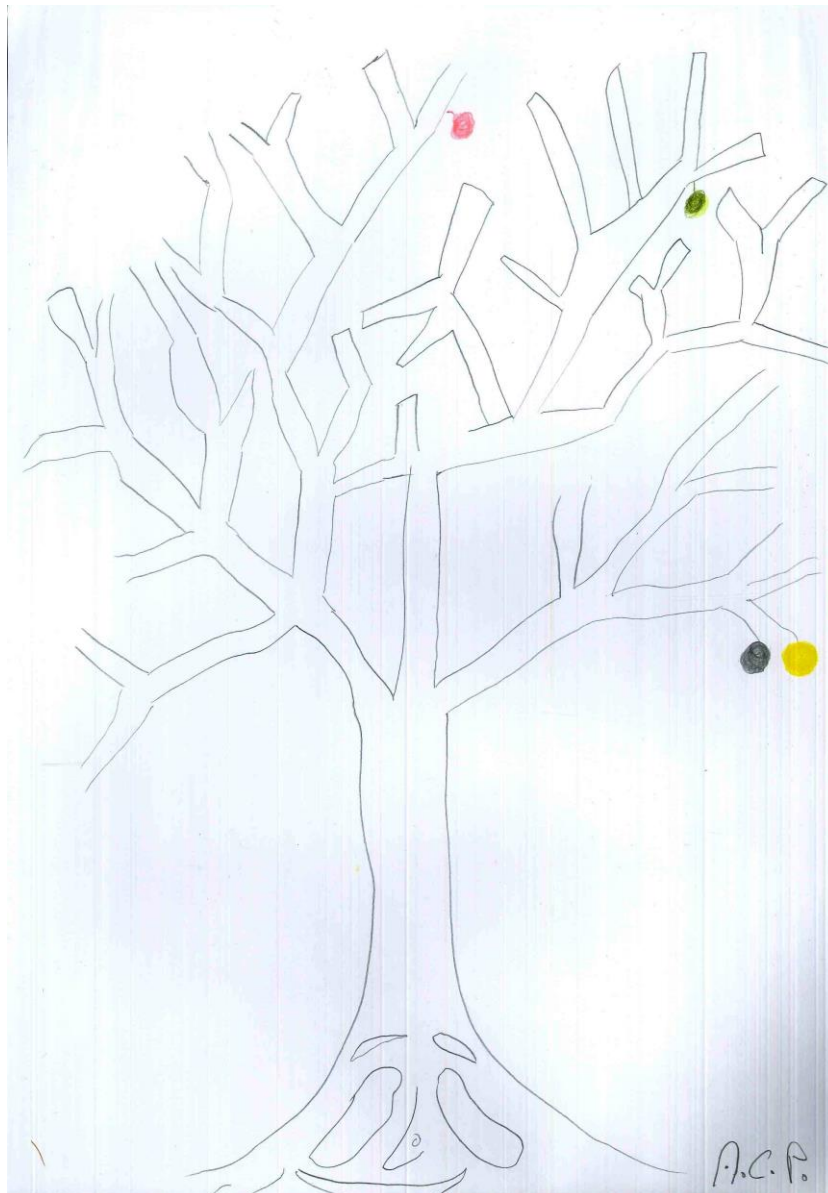


Figura 06 - Desenho de A. (45 anos), de Portugal, pai do C1. (15 anos), que tem cancro.

Na figura 06 vemos uma árvore que ocupa toda a folha, cuja raiz está agarrada à terra e traz um rosto no tronco, como o fantasma da árvore, com uma expressão **triste** (sobrancelhas para baixo, olhos caídos). É uma árvore com galhos secos, fria, que passou pelo outono e está no inverno - A. está numa transição (Bédard, 1998, p.77). Os frutos à direita (futuro) trazem uma ambivalência - amarelo (**alegria**) e preto (**medo**), mas o fruto vermelho no centro (presente) se destaca (**raiva profunda**). Não há passado.



Figura 07 - Desenho de M. E. (58 a., dos Açores), da B. (22 anos), que tem cancro.

Na figura 07, vemos uma árvore sem raiz. M.E. desenhou uma árvore dentro da outra, o medo e a raiva circulam a pequena árvore e apesar de vermos frutos nos dois lados, a representação maior está no futuro - M.E. está a aguardar a cirurgia da filha e está muito ansiosa por isto. Não se vê a raiz, as emoções estão muito misturadas, numa confusão, não há padrão nos frutos. Uma fruta no passado ganha um destaque pois apresenta cinco emoções, **calma, medo, raiva, alegria e a tristeza** bem no meio, como se fosse a semente. Ao redor desse fruto, as palavras **ansiedade, medo**, mas também **calma e paz** (que contrariam a imagem). A assinatura traz a cor azul (**tristeza**).

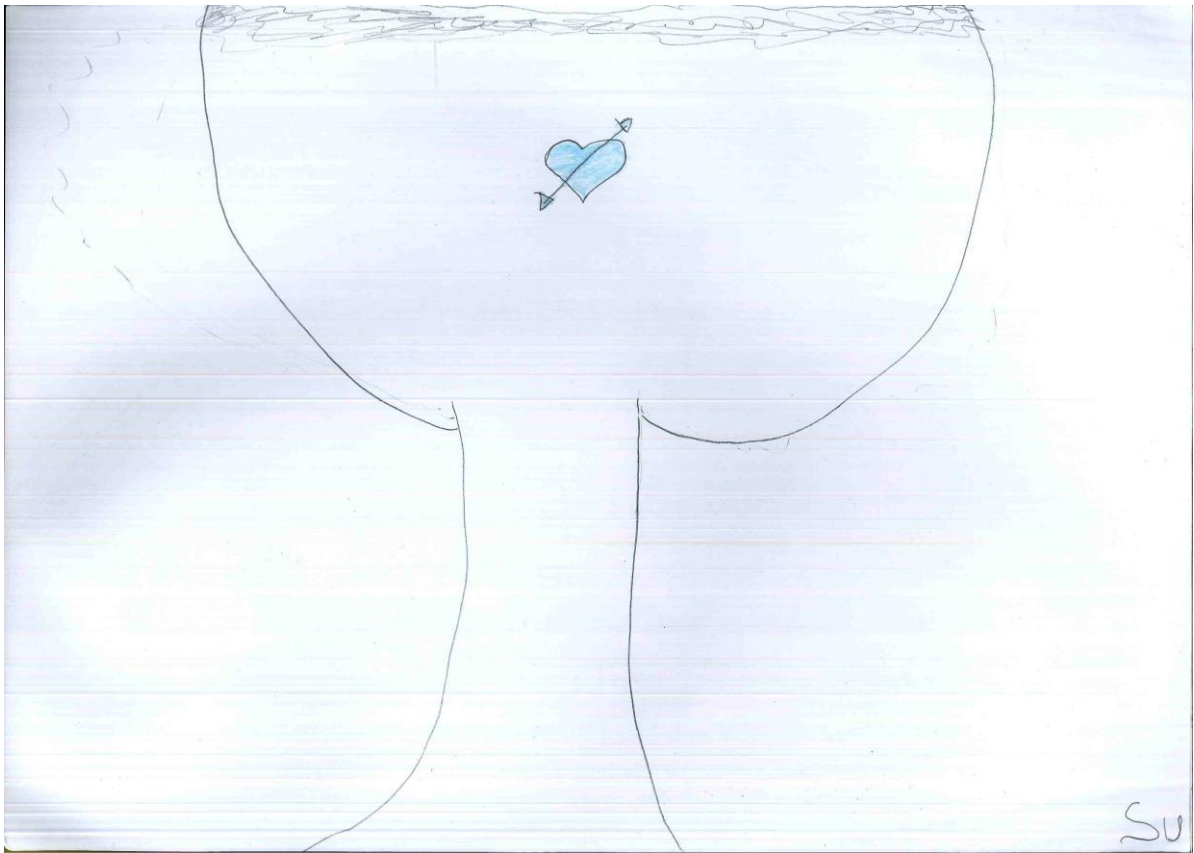


Figura 08 - Desenho de S2.(27 a., de Angola), mãe da C2. (07 meses) - que tem cancro

A figura 08 mostra uma árvore sem copa e sem raiz, em cima uns traços a lembrar um rio, árvore sem galhos, com um único fruto, um coração azul (**tristeza**) no presente. A árvore não tem ramos (**apatia**), a copa está cortada, mutilada - uma forma de violência, um sentimento de **culpa**. A copa cortada denota uma enorme **fragilidade** na vida social.

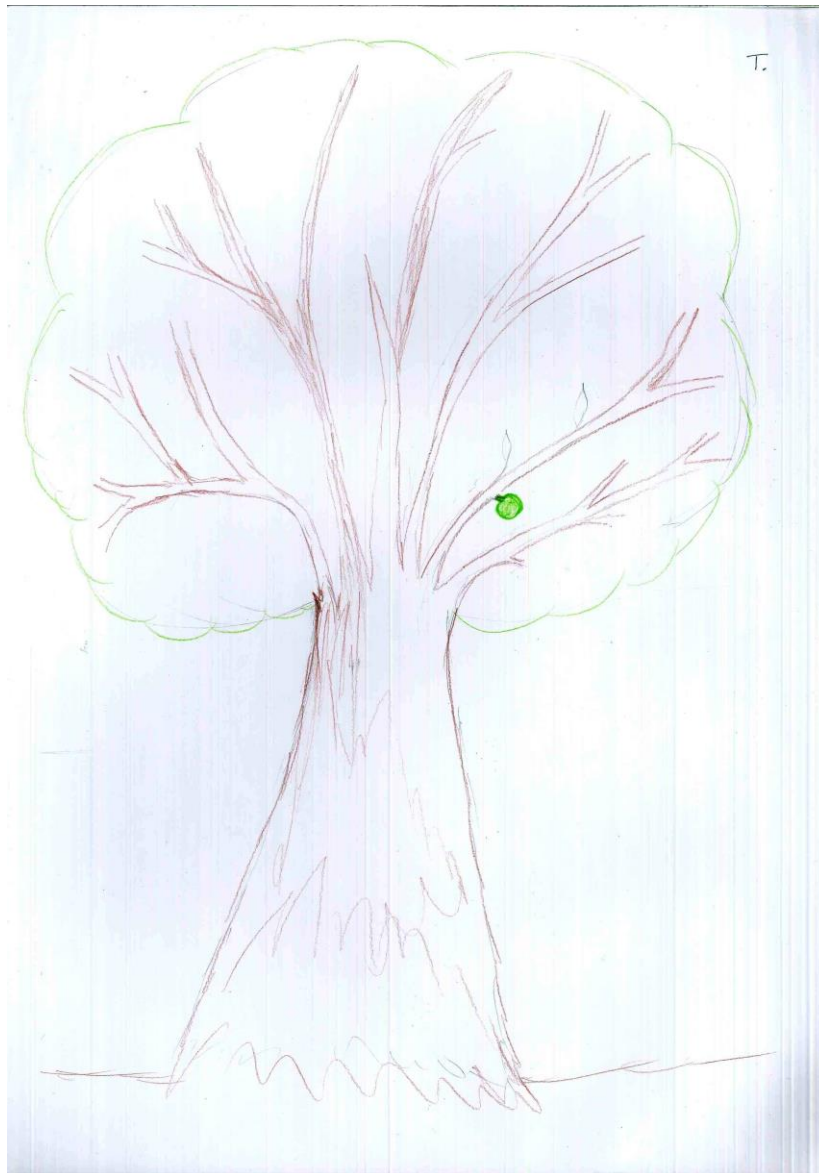


Figura 09 - Desenho de T. (50 anos), de Cabo Verde.

A figura 09 trás uma árvore equilibrada, ocupa toda a folha de forma heterogênea, apresenta galhos, uma árvore frondosa, um fruto verde (**calma**). A raiz plantada, com base, onde vê-se um prolongamento nos lados (**solidez**). T. participou em apenas 1 sessão, pois estava de alta.

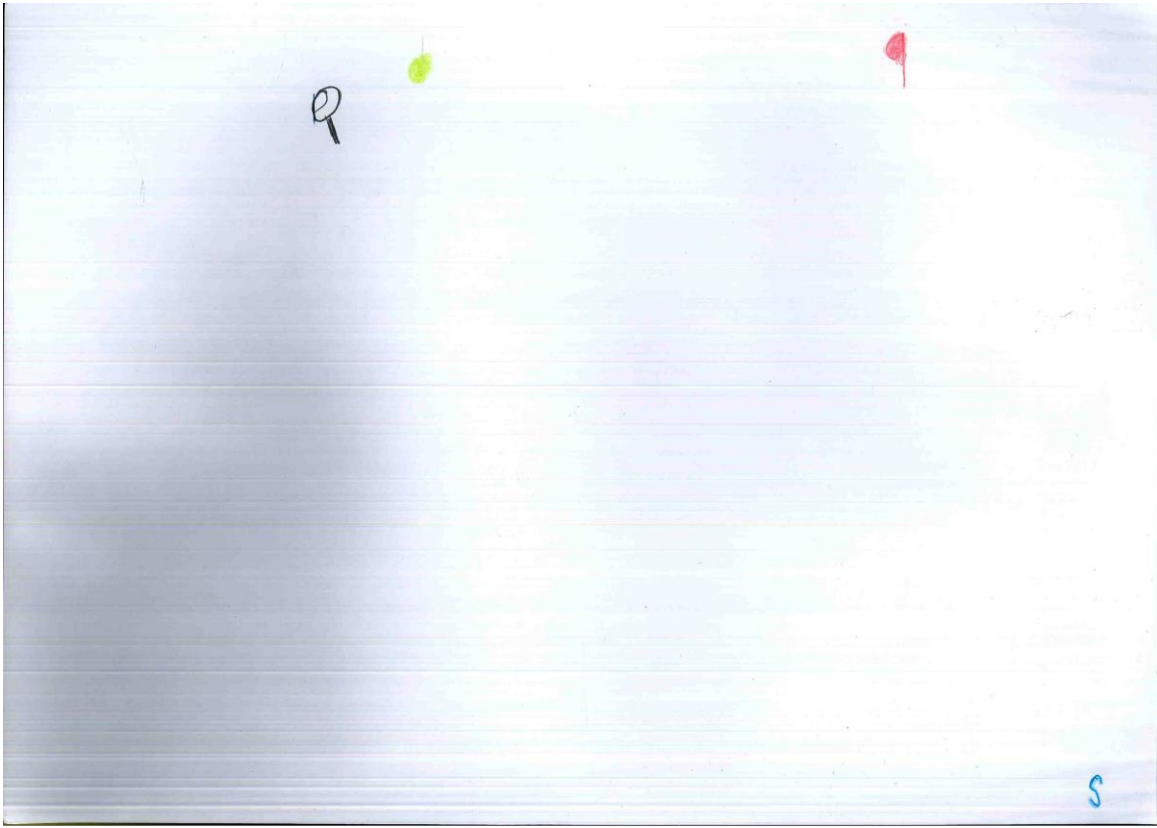


Figura 10 - Desenho de S1. (41 anos), da Guiné Bissau, mãe do L1. (18 anos), que tem cancro.

Na figura 10 **não há árvore**, uma **recusa em expressar-se**. Ausência total de presente. **O passado trás um fruto verde e um preto (calma e medo)**, mas o fruto vermelho (**raiva**) se destaca no futuro. A assinatura curiosamente está assinada com a cor azul (**tristeza**). **Não há copa (sem vida social), não há raiz (instabilidade), não há tronco (fragilidade) e nem ramos (apatia)**.

Padrão nos desenhos para este exercício:

Como podemos observar nas Figuras 01, 02, 03, 04, 05 e 09, aparecem dois padrões nos desenhos das árvores: o **misto de sentimentos e emoções** e as **raízes arrancadas ou à mostra**, o que denota a fragilidade, com exceção de T., que desenhou uma raiz com base, além da fruta verde (**calma**). No dia seguinte ela voltaria para a África com o seu filho, pois teve alta.

Desenhos de corações

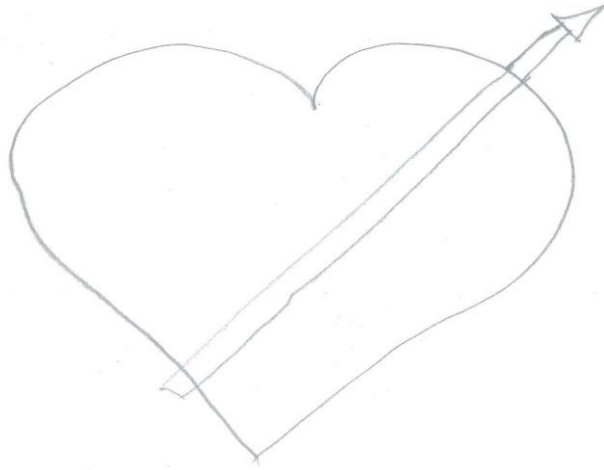


Figura 11 - Desenho de C. (26 anos), de Cabo Verde, mãe do L.2 (07 anos), que tem cancro, para o exercício **Autoimagem**.

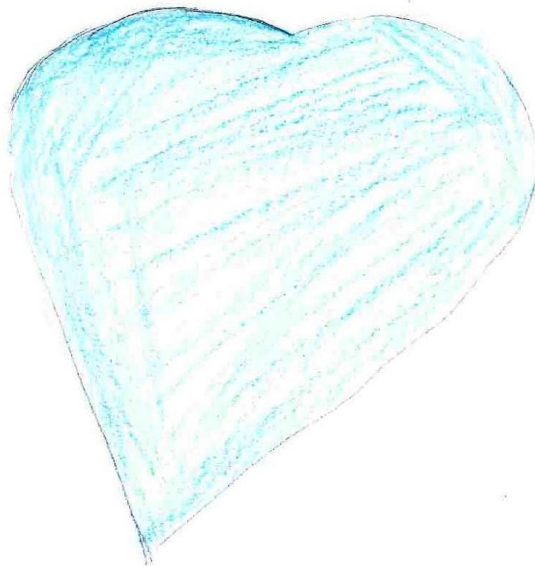


Figura 12 - Desenho de D. (29 anos), de Cabo Verde, mãe do R. (02 anos) - cardiopata, para o exercício **Desenhar a emoção**.



Figura 13 - Desenho de D. (29 anos), de Cabo Verde, mãe do R. (02 anos) - cardiopata, para o exercício **Autoimagem**.



Figura 14 - Desenho de J. (27 anos), de Cabo Verde, mãe da C. (06 anos), cardiopata, para o exercício **Autoimagem**.

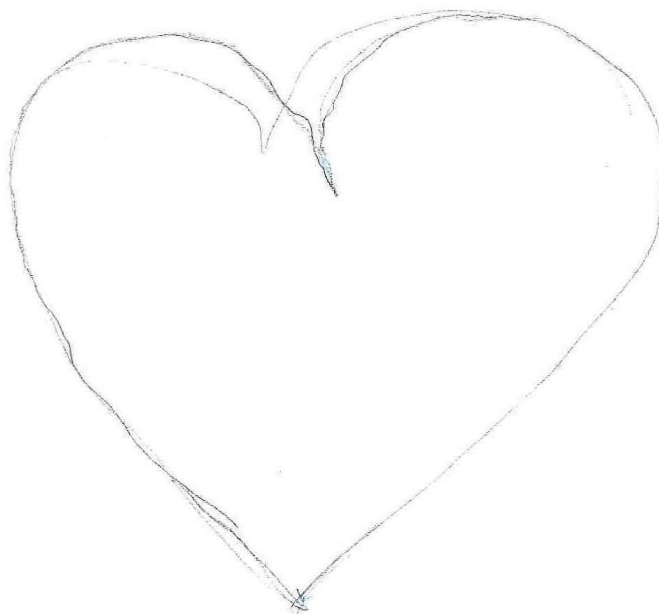


Figura 15 - Desenho de V. (60 anos), de Portugal, avó da L. (12 anos), que sofrera queimaduras graves, para o exercício **Autoimagem**.

De acordo com as Figuras 11, 13, 14 e 15, observamos que quatro participantes desenharam corações para o exercício da **autoimagem**. No nosso imaginário, o coração é o "órgão do amor", portanto, o órgão que simbolicamente representa o sentimento de **amor**, embora a neurociência prova que as emoções advêm do cérebro. (Damásio, 2000; Punset, 2010). Essas pessoas estão a doar todo o seu amor neste momento aos filhos, e neta. Elas **projetaram a sua autoimagem como um sentimento**, vêem-se como afeto, cujo foco é a entrega. A figura 11 é a auto imagem de C., um coração partido por uma flecha, um símbolo clássico de quem está apaixonado, mas a sofrer, uma simbologia do "coração partido".

Vemos na Figura 12 uma surpresa bonita - **D. desenhou um coração** - palavra que não tinha sido dita durante a leitura do texto no exercício "**Desenhar a emoção**" :

*Lembrei de sua fala na entrevista "o meu filho tem um buraco no coração e precisa fazer uma cirurgia". Isto foi muito significativo. D. projetou no desenho a sua **problemática**. Será o coração azul (**Tristeza**), o coração do seu filho? ou será seu próprio coração de mãe, que está*

*triste, pelo problema do filho? A figura 13 trás novamente um coração, dessa vez um coração **raivoso**, vermelho. A auto imagem de D. é um coração. Aqui vê-se uma **projeção da doença do filho** que é cardiopata - e que está a aguardar uma cirurgia - o coração de D. que espera a cirurgia, está com **raiva** (Diário 03 da investigadora).*

Sobre a repetição do coração nos dois exercícios, Di Léó alerta que:

Nos desenhos, como nos sonhos, a repetição de um tema e seus símbolos é um fenômeno notável. Pode ser a expressão de um evento importante, traumático, impressivo em qualquer caso, irrompendo através da barreira da repressão (1985, p.18).

Segundo Bédard "(...) a criança que não aceitou uma situação pode servir-se do desenho repetitivo para nos fazer saber aquilo que a chateia" (*Ibidem*, p.22).

A figura 14 é a autoimagem de J. Dois corações entrelaçados, sendo um verde (**calma**) e um vermelho (**raiva**), duas flores amarelas (**alegria**). Entretanto, J. é a única que não conseguia ir sozinha às sessões, sua filha quase sempre queria estar com ela. Outro detalhe importante é que a criança é cardiopata - possivelmente esse desenho é uma **projeção do problema ou mesmo o desejo de que se resolva**.

A autoimagem de V correspondente à Figura 15, vemos dois corações entrelaçados, sem cores, e com traços muito tênues, linhas finas, trêmulas e hesitantes denotando uma **fragilidade**, entretanto a assinatura está firme. V. tem sua vida entrelaçada com a vida de L., sua neta, desde que passou a cuidar dela. Em diversos momentos V. verbalizou que L. depende dela para tudo. V. não têm sua individualidade salvaguardada, divide o mesmo espaço com a neta, de quem está a cuidar.

Desenhos de casas e pessoas



Figura 16 - Desenho de J. (27 anos), de Cabo Verde, mãe da C. (06 anos), cardiopata, para o exercício **Desenhar a saudade**

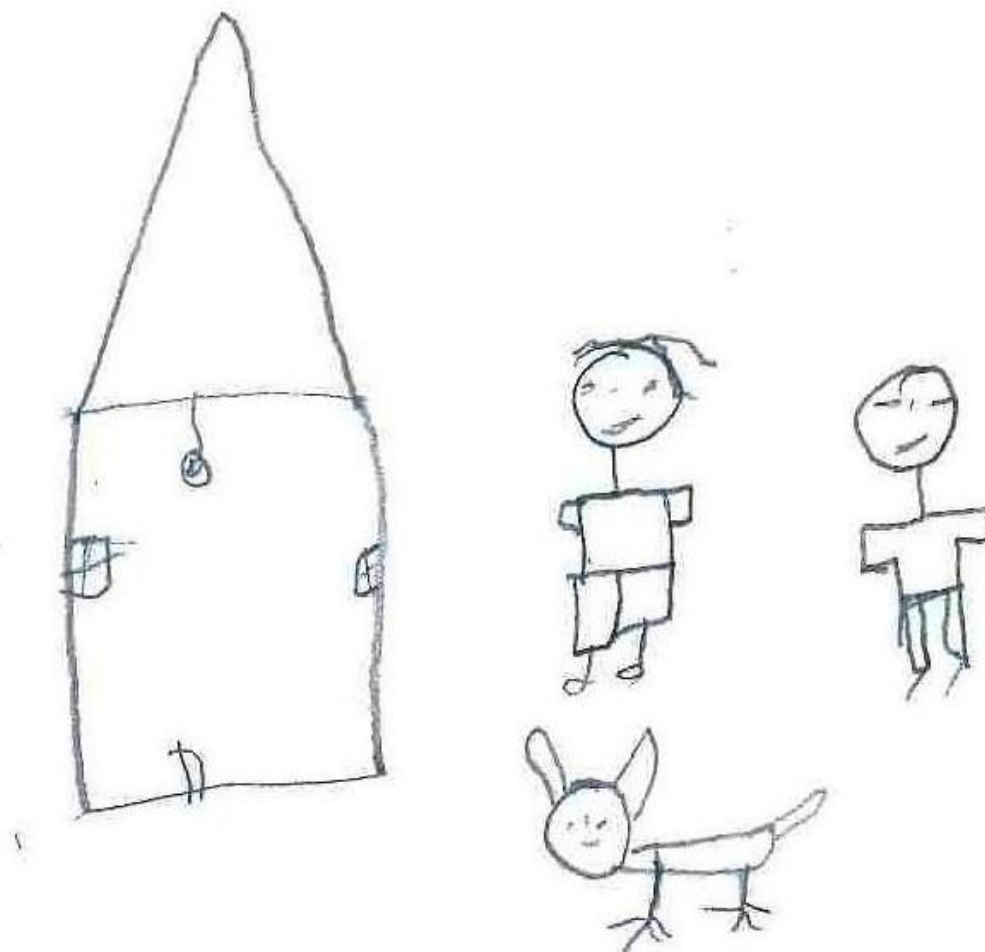
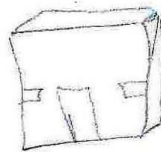


Figura 17 - Desenho de P. (43 anos), de Portugal, mãe do E. (13 anos), que tem cancro, para o exercício **Desenhar a saude**

FAMILIA



ESU

Figura 18 - S2.(27 a., de Angola), mãe da C. (07 meses) - que tem cancro para o exercício **Desenhar a saude**

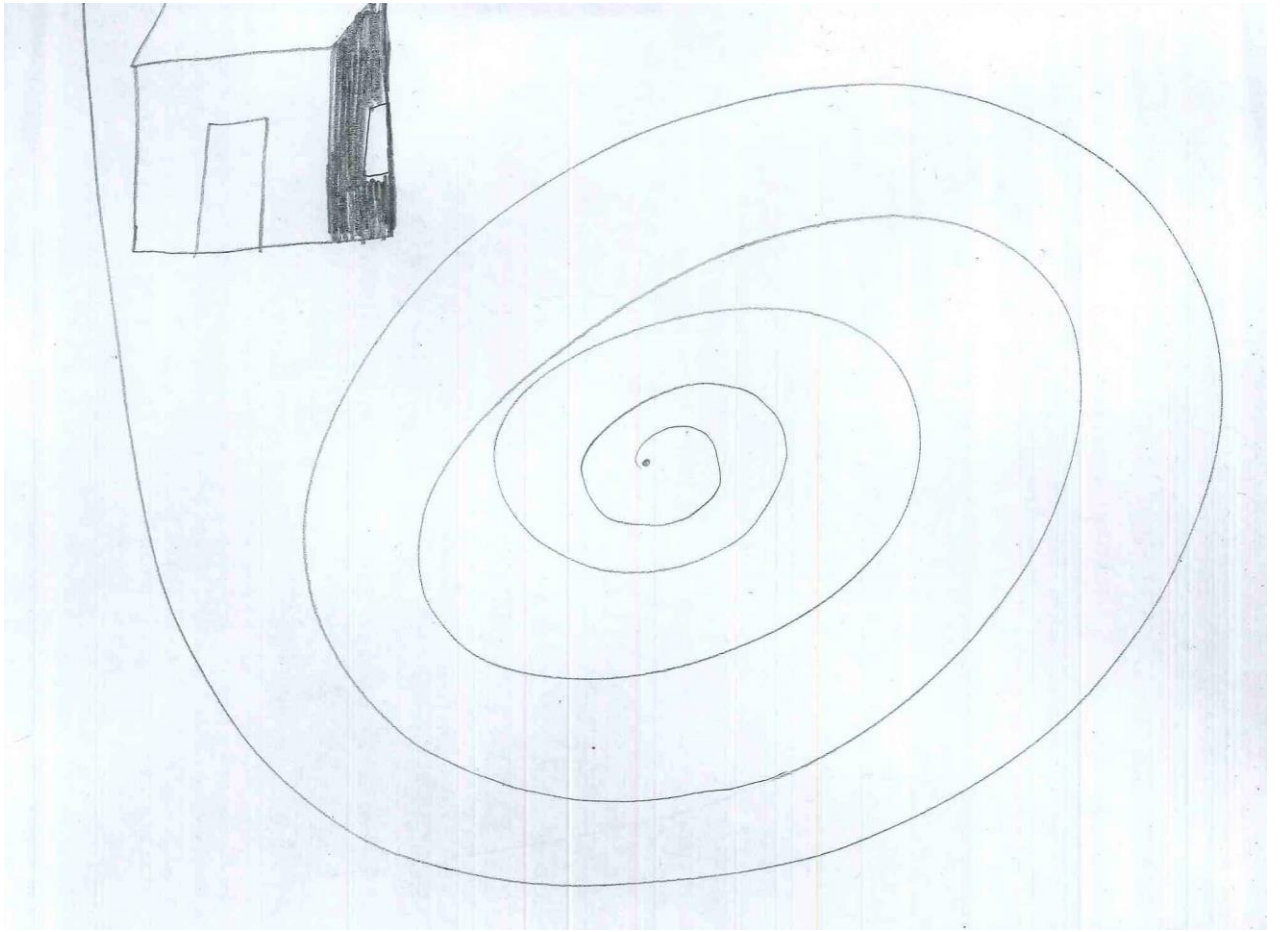


Figura 19 - Desenho de D. (29 anos), de Cabo Verde, mãe do R. (02 anos) - cardiopata, para o exercício **Desenhar a saudade**

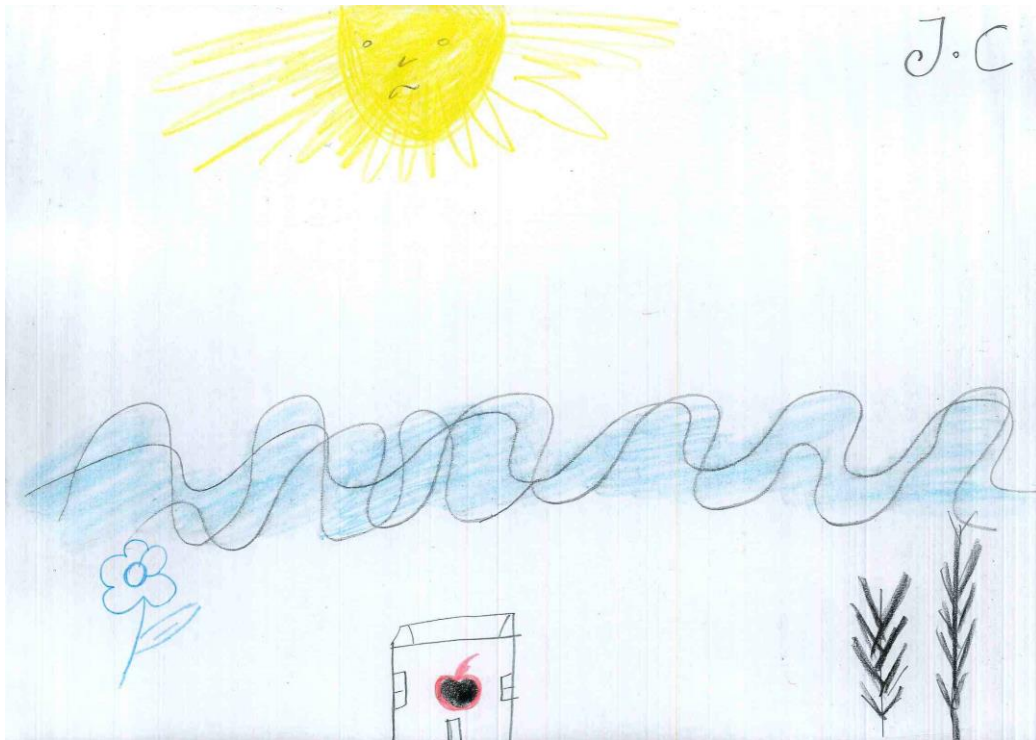


Figura 26 - Desenho de J. (27 anos), de Cabo Verde, mãe da C. (06 anos), cardiopata, para o exercício **Desenhar a emoção**

Embora o tema da saudade seja complexo, e possa suscitar muitas representações, os desenhos em sua maioria para o exercício "**Desenhar a saudade**, são de **casas e famílias**, com algumas similaridades entre eles, como por exemplo as casas desenhadas pelas mães oriundas da África (são todas quadradas e com teto em cimento e à mostra). Podemos observar que a **saudade** nos desenhos é representada pela **casa-lar** onde se encontram também desenhados a família e animais de estimação. Segundo os estudos aferidos, nos desenhos de casas vemos o predomínio da **afetividade** - vê-se claramente através da **projeção**, o **desejo** dessas mulheres em retornarem aos seus lares.

Em sua investigação, Di Leo observou que "(...) ao desenhar, a criança parece projetar um desejo, ou talvez, uma tentativa de possuir o objeto; se na realidade não o obtém, pelo menos tem uma imagem do mesmo" (*Ibidem*, p.44). Ele diz ainda que, as casas "atestam a universalidade básica da mente e dos sentimentos" (*Ibidem*, p.45). Apesar de casas serem frequentes em desenhos espontâneos tanto de crianças quanto de adultos, são elas que aparecem aqui, como representação da **falta/saudade** na vida dessas pessoas, pois "A casa

simboliza o lugar onde são buscados afeto e segurança, necessidades básicas que encontram preenchimento na vida familiar" (*Ibidem*, p.52). Notamos que nos desenhos, são incluídos os elementos significativos para as vidas (família e animais de estimação), pois a casa vem com essa representatividade de calor, **segurança** e **amor**. Uma outra possível interpretação é aventada por Di Leo, relativamente à casa ser a representação de **abrigo**, e associada ao **útero feminino**. A casa acolhe, é o refúgio para onde podemos ir.

Em ambos os desenhos que trazem **pessoas**, notamos a **ausência dos braços ou mãos** como podemos observar nas Figuras 16 (desenho de J.) e 17 (desenho de P.), o que segundo Bédard, representa a nível emocional, uma incapacidade de reagir a mágoas (*Ibidem*, p.81). Sobre isto, Di Léo constata que "(...) a ausência das mãos pode ser relacionada como falta de confiança nos contatos sociais ou passividade" (*Ibidem*, p.77), ou ainda pode estar relacionado à **repressão dos sentimentos**, como **medo** ou **timidez**. Segundo Di Léo:

O simbolismo das extremidades superiores se manifesta, frequentemente, na forma, dimensões ou ausência destas partes tão ativas nos relacionamentos. Conseqüentemente, atenção a como os braços, mãos e dedos são retratados pode ajudar a compreender o comportamento que seguidamente escondem: medo, timidez ou hostilidade e agressão (*Ibidem*, p.111).

Quanto ao desenho de P. é possível ver também **expressões contrariadas** (bocas) e as pessoas estão à direita da casa - Di Leo ao citar Buck (1974), relativamente ao estudo do uso espacial na folha de desenho de pessoas, observa que: "as pessoas melhor ajustadas desenharão a figura (humana) bem centrada, não notadamente pequena ou grande" (*Ibidem*, p.20).

Ao observar P. nos diversos jogos e exercícios em que participou, notamos a **timidez** (**vergonha**) e o **medo**, porém na Figura 17 (desenho de P.), vemos também um animal de estimação, que nos transmite **alegria**, e **contrasta com a tristeza** que sentimos quando estamos com **saudade**. Mas, ao olharmos os desenhos como um todo, notamos **harmonia** e **positividade**, principalmente na Figura 16 (desenho de J.), onde vemos outros elementos simbólicos que transportam bons afetos como o sol, uma flor e um coração, **uma projeção do desejo de ir para casa depois da alta e do sucesso do tratamento**. P., assim como J.,

projetaram no desenho, sentimentos relativos ao seu **estado passado** (antes da doença do filho). Já a Figura 18 (desenho de S2.) está representado com a escrita a sua família e na Figura 19 vemos o desenho de D. que desenhou apenas a casa (dentro da espiral) - que representa o ciclo de sua vida neste momento.

Na figura 26 (desenho de J. para o exercício "Desenhar a emoção") vemos uma maçã dentro da casa - provavelmente a sua casa na África - a maçã está pintada de preta, a cor que nos exercícios representa o **medo**. Observamos ainda, no centro da folha um forte sol a brilhar (**positividade**), a casa também está desenhada no meio e embaixo. Relativamente aos desenhos feitos por crianças, Bédard evidencia que, "o facto do desenho estar centrado na parte de baixo da folha, informa-nos que, o momento presente é importante e que entrevê o futuro de maneira otimista" (*Ibidem*, p.67). J. desenha a ela própria como o sol. A autora complementa: "Se a posição do sol é no centro do desenho, é a representação da criança, ela própria" (*Ibidem*, p.41). Observamos que há no desenho uma flor suspensa - J. desenha flores também na Figura 14. Para Bédard, "A simbologia das flores indica normalmente a alegria ou a procura da felicidade" (*Ibidem*, p.69). Há também um mar revolto que está entre eles (**vivacidade**).

Sobre desenhos cujos movimentos são geométricos, Bédard considera que são como mandalas e aponta que: "O aspecto positivo vê-se por um movimento flexível que possui uma determinada força e energia no seu traço. É como se depois de se ter vivido um acontecimento, se saísse mais forte e valorizado (...)" (*Ibidem*, p.19).

Em dois dos desenhos, as Figuras 16 e 19, ambos de mães africanas (J. e D.), para o exercício "Desenhar a saudade" observamos espirais. É um símbolo extremamente curioso, pois cada vez que uma volta em torno de si mesma é desenhada, afasta-a do ponto central. Na simbologia pré-histórica, a representação da espiral nos desenhos rupestres, está associada ao retorno e renovação, evolução e involução, **nascimento e morte**¹⁹, já que o sol era representado como uma espiral (o nascer e se pôr). Notamos assim, que na Figura 16 (desenho de J.) e na Figura 19 (desenho de D.), o tempo é representado por um período, como um **ciclo**. Houve uma **projeção inconsciente do futuro**. Na Figura 19 a

¹⁹ Ver Dicionário dos Símbolos (Herder Lexicon) - (books.google.pt)

casa está desenhada na ponta onde a espiral termina, numa representação do fim do ciclo - o retorno ao lar.

Desenhos de natureza e animais



Figura 20 - Desenho de C. (26 anos), de Cabo Verde, mãe do L.2 (07 anos), que tem cancro, para o exercício **Desenhar a emoção**.

Na Figura. 20 a flor é uma rosa em botão, com folhas azuis e pretas, as cores da **tristeza** e do **medo**, a pintura das folhas e da flor é muito forte, chega a marcar a folha no verso. Na mesma folha ela desenhóu uma cara amarela, entretanto o símbolo do sol, que para além do ícone, o círculo é um símbolo cheio de significação - a mandala (círculo, em sânscrito) - é reconhecida em todas as comunidades como um símbolo universal do inconsciente

coletivo, representa totalidade, positividade e união. Para Bédard: "É um símbolo espacial intemporal, de facto a mandala provêm ou de tradição hindu. É visto como a forma de representação do nosso ser" (*Ibidem*, p.21). Sobre isto, enfatiza Di Leo:

(...) é o começo de toda arte representativa. Na vida de cada um de nós, ela marca o momento espantoso, quando num círculo casualmente desenhado, reconhecemos alguma coisa de nosso meio ambiente, talvez uma cabeça. Fizemos nosso primeiro símbolo. Começamos então a usar deliberadamente a figura para representar o sol, como fizeram nossos remotos antepassados e como o fazem nossas irmãs e irmãos de todo o globo (*Ibidem*, p.19).

O desenho de C. pode ser o sol, pelo formato redondo e a cor amarela, mas também pode ser a representação de sua autoimagem. C. é muito disponível nos jogos de expressão dramática, faz as outras rirem e gosta de fazer isto, em alguns momentos parece mesmo querer chamar a atenção, ser como o "sol do grupo". Ela tem sempre um corpo solto, despojado, é também sorridente, e tem uma incrível capacidade de **aglutinar, causando grande empatia**. Em entrevista, C. disse que sente muita **solidão**. A cara que ela desenhou é amarela (**alegria**), mas é um sol sem raios, o que pode representar o oposto. " (...) um sol sem raios, mesmo um pouco baço, faz alusão a **uma perda de entusiasmo e autonomia**" (Bédard, 1998, p.41), o que observei em alguns momentos quando C. estava **a olhar para o vazio**.



Figura 21 - Desenho de T. para o seu **diário de bordo**

A Figura.21 (desenho de T.) transmite uma paz e uma calma muito grande, e mesmo que o coqueiro não tivesse sido pintado de verde (a cor que representa a **calma**, nas atividades), ao olhar o desenho, sentimos tranquilidade. Ela projetou em seu desenho a realidade visual do universo do seu país/Cabo Verde (coqueiros). O desenho talvez seja apenas uma atitude estética, uma tentativa de executar bem uma tarefa, mas quando o desenhou, **já estava com alta para o dia seguinte.**

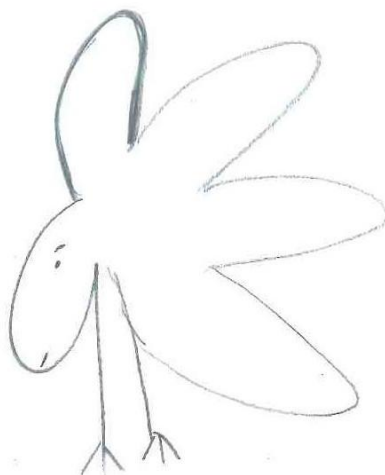


Figura 22 - Desenho de D. (29 anos), de Cabo Verde, mãe do R. (02 anos) - cardiopata, para o exercício **Continuar o traço.**

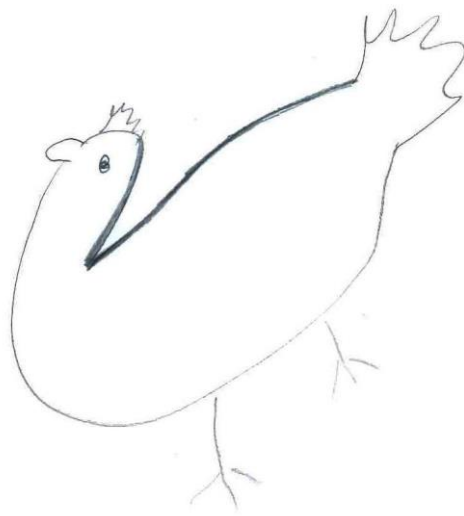


Figura 25 - Desenho de M. E. (58 a., dos Açores), mãe da B. (22 anos), que tem cancro, para o exercício de **Continuar o traço**

As Figuras 22 e 25 fazem parte do exercício "Continuar o traço", onde um participante deveria interpretar o desenho do outro. A Figura 21 (desenho de D.), foi interpretado por A. que com a expressão corporal, mostrou o voar e a **liberdade**. Ele ficou de pé, abriu os braços e se movimentou como se estivesse a voar. Nesse momento, todas as pessoas **sorriram**, percebi que houve uma **identificação** entre eles - a liberdade de viverem suas vidas fora do contexto de cuidadores representada pela reação dos demais. C. interpretou o desenho de M.E. - correspondente à Figura 25 dizendo que "é uma galinha". Para além do realismo visual do desenho, a simbologia da galinha remete à **maternidade e seus cuidados**, o pôr embaixo de suas asas os filhotes, cuidar deles com **amor e protegê-los**. Ambos os desenhos são de um exercício para estimular a criatividade, mas também pode estar relacionado a sentimentos inconscientes.

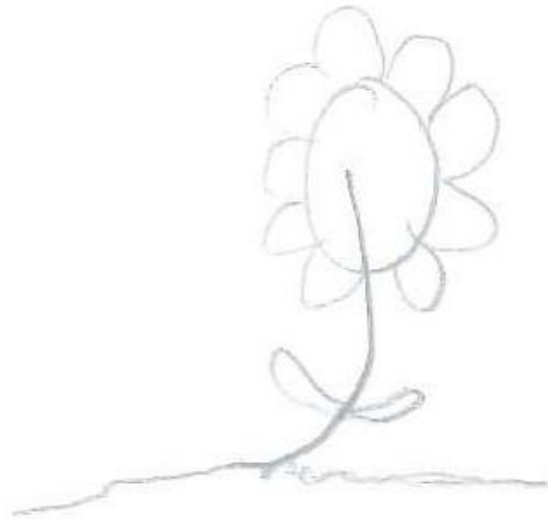


Figura 23 - Desenho de P. (43 anos), de Portugal, mãe do E. (13 anos), que tem cancro, para o exercício **Autoimagem**.

Na Figura 23 vemos a autoimagem de P. , que traz uma flor desenhada no meio da folha e com um pouco de terra embaixo. Podemos perceber a **solidão**, anteriormente expressada por ela, na entrevista. A flor é a personificação da beleza e da **singeleza**. De fato P. é uma pessoa gentil e delicada. Em nossa conversa ela disse que não é acostumada a estar só e que estar sozinha para dar conta de tudo isso é o mais difícil. P. expressa a sua **fragilidade**, a **falta da família** para compartilhar o problema que está a ser enfrentado. Mas a flor ocupa um espaço muito pequeno na folha. É como P. se vê. Denota muita **timidez**.



Figura 24 - Desenho de M. E. (58 a., dos Açores), mãe da B. (22 anos), que tem cancro, para o exercício de **Autoimagem**

Na Figura 24 (desenho de M.E) vemos um quadrado com duas árvores dentro, onde está escrito a palavra *Açores* em azul e preto (**tristeza e medo**). M.E em entrevista, havia revelado que mesmo sendo de Portugal, é como se não fosse daqui. Vive na ilha dos Açores - que para muitos portugueses, quem é de lá, é como se fosse um estrangeiro. Também falara que o sotaque é mais **fechado** e o povo também. As árvores (M.E. e sua filha) estão fechadas, dentro de um quadrado (Açores). Em diversos momentos nas sessões M.E tinha **dificuldade em expressar as emoções**.

Desenhos de símbolos

Sabemos que os símbolos são muito funcionais para comunicar algo. Di Léo diz que os símbolos "(...) consciente ou inconscientemente desenhados, encontram significado apenas quando vistos no contexto da história pessoal do desenhista" (*Ibidem*, p.18). Naturalmente o símbolo carrega um significado, e neste contexto, para a interpretação, utilizei também as observações diretas acerca dos participantes. Para além do símbolo genericamente conhecido, outras significações podem ser vistas, pois como salienta o autor, o símbolo é "um fenômeno espontâneo e natural, cujo significado é subjacente à sua forma mais óbvia" (*Ibidem*, p.18).



Figura 27 - Desenho de A. (45 anos), de Portugal, pai do C1. (15 anos), que tem cancro, para o exercício **Autoimagem**.

A figura 27 traz a autoimagem de A., que nitidamente é um sol, com raios apenas para baixo e sem cor, mas que expressa **alegria**. O sol foi desenhado na parte de cima e toma a metade da folha, no centro (presente). Em todos os momentos do meu contato com ele, estive disponível e a sorrir, mesmo quando se referia ao problema de saúde do filho, ou quando dizia que mesmo sendo cansativo, ia todos os fins de semana para casa, entretanto em sua árvore aparece a expressão **triste**, como podemos ver na Figura 06.

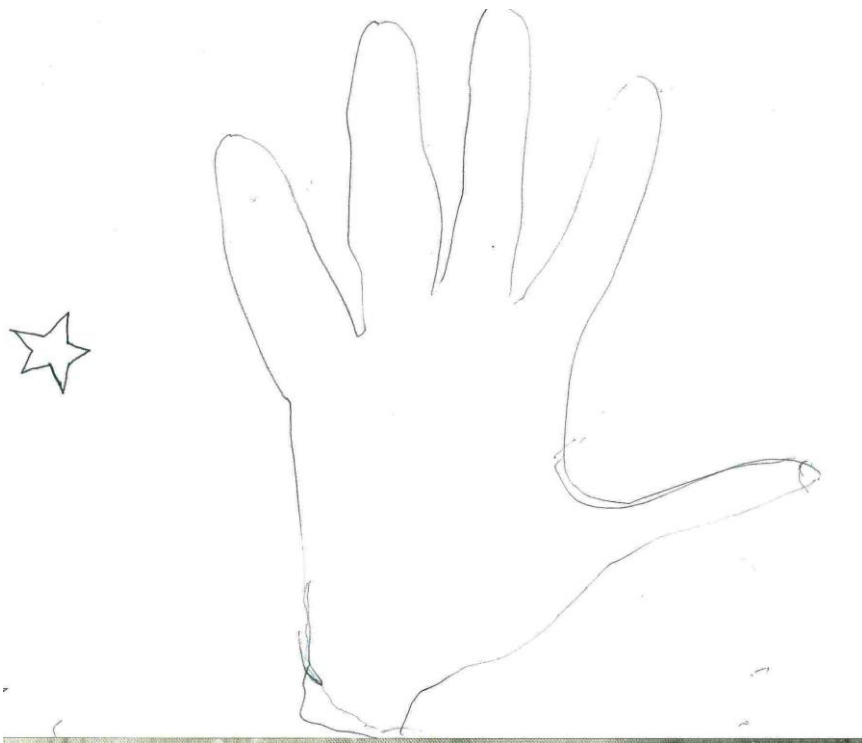


Figura 28 - Desenho de C. (26 anos), de Cabo Verde, mãe do L.2 (07 anos), que tem leucemia, para o exercício **Desenhar a saudade**

Observamos que na Figura 28, C. que é a mais jovem do grupo, representou o seu desejo de **liberdade**. Conforme recordamos no exercício "abraçar a saudade", C. verbalizou que sente **saudade** "da vida que deixou para trás". Ela desenhou a sua mão esquerda e uma estrela - aqui temos um desenho com muita personalidade e fora do padrão dos outros desenhados para este exercício, onde a maioria desenhou casas e pessoas. As extremidades do nosso corpo são ativas nos relacionamentos, a mão estirada pode ser um símbolo de adeus ou de cumprimento. Como observa Di Leo: "Símbolos são os mais gerais e efetivos meios de comunicação" (*Ibidem*, p.18). C. enfatiza esta parte do corpo - de certa forma valoriza a mão - que é um importante meio de comunicação e contato direto com o outro. Di Leo observa ainda que "O tato é a mãe dos sentidos" e que "É através do toque que podemos conceder ou receber afeto ou punição" (*Ibidem*, p.111). De fato C. é bastante comunicativa e expressa essa característica nos jogos de expressão dramática, onde chega a exacerbar o seu poder comunicativo. A estrela é um símbolo muito forte e carregado de

significação e está geralmente associada ao plano celeste. Para Bédard, "A criança que gosta de desenhar as estrelas não querem viver apenas no momento presente, mas deseja de forma consciente ou não um grande destino" (*Ibidem*, p. 43). C. expressou o seu **desejo de futuro e de mudança**.

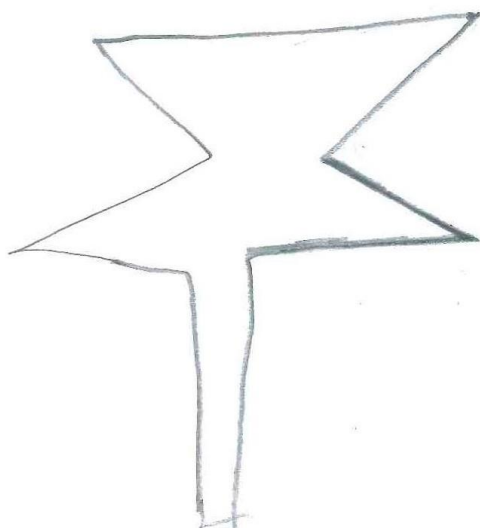


Figura 29 - Desenho de C. (26 anos), de Cabo Verde, mãe do L.2 (07 anos), que tem cancro, para o exercício **Continuar o traço**



Figura 30 - Desenho de J. (27 anos), de Cabo Verde, mãe da C. (06 anos), cardiopata, para o exercício **Continuar o traço**



Figura 31 - Desenho de V. (60 anos), de Portugal, avó da L. (12 anos), que sofrera queimaduras graves, para o exercício **Continuar o traço**

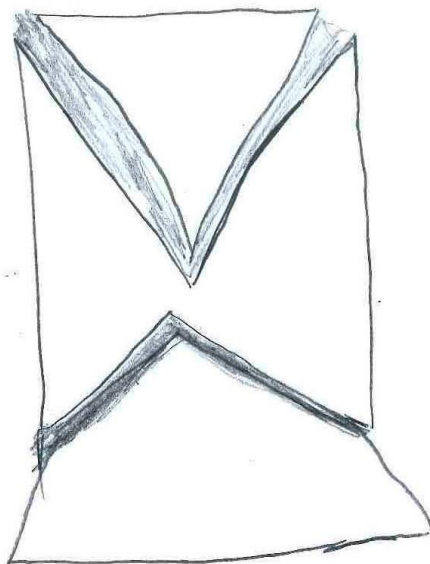


Figura 32 - Desenho de A. (45 anos), de Portugal, pai do C. (15 anos), que tem cancro, para o exercício **Continuar o traço**

Para o exercício "**Continuar o traço**", quatro pessoas desenharam símbolos conhecidos ou abstratos, como vemos nas Figuras 29, 30, 31, 32. Após desenhar, eles deveriam interpretar o desenho um do outro. Para a Figura 29 (desenho abstrato de C), P. interpretou dizendo que era uma **estrela cadente** e que todos **ali precisavam fazer pedidos a estrela**. Nesse momento houve um grande silêncio. Aquele momento onde o tempo para! A interpretação verbal de P. denotou a **esperança** que todos devem ter em comum, mas também o **medo** (expressado pelo silêncio) de não conseguirem realizar esse desejo. O fenômeno da estrela cadente, para alguns, é bom e para outros, é mau presságio. A estrela carrega inúmeras simbologias, dentre elas **mudança, realização e sorte**. **Houve aqui uma projeção do desejo de P., e ao compartilhar com o grupo a possibilidade do pedido à estrela, houve a expressão da empatia.**

Na Figura 30 (desenho de J.), há uma parte pintada de verde (**calma**). D. interpretou que o número 1 está pintado de verde, então está **calmo**. J. sorriu como quem confirmou a leitura. Mais uma vez a expressão da **empatia**. A interpretação do desenho de V. representado pela Figura 31, foi feita por M.E., que disse que era um "balão de festa". V. não se conteve, pois era o seu desenho, e disse - "**é um balão que quer voar para o céu**". V. como relatara em sua longa narrativa durante a entrevista, disse que parara a sua vida, o trabalho, tudo, para acompanhar a neta no tratamento. **V. sente falta de sua liberdade**. Podemos perceber ainda que, dentro do balão há traços que lembram **chamas**, a cor é um laranja claro, assim como a cauda do balão que tem a junção do amarelo com vermelho, lembrando labaredas (o problema de saúde de sua neta fora causado pelas queimaduras). Entretanto neste desenho V. **projetou inconscientemente o seu problema**.

Para o desenho abstrato de A., conforme vemos na Figura 32, V. disse que "não conseguia perceber o que era aquilo". A. se defendeu "**não desenhei nada para se perceber, mas para sentir**". Curiosamente V. que não conseguiu interpretar nada do desenho de A., complementou a interpretação de M.E. sobre o seu próprio desenho (o balão). Aqui podemos vislumbrar que inconscientemente **eles conseguem discernir suas emoções**.

Desenho de rosto

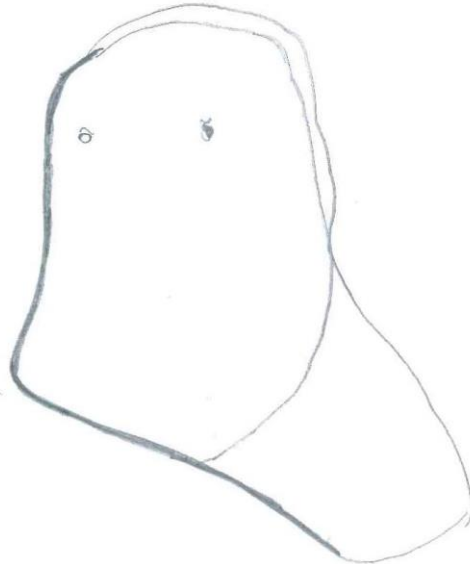


Figura 33 - Desenho de P. (43 anos), de Portugal, mãe do E. (13 anos), que tem cancro, para o exercício **Continuar o traço**

Na Figura 33 (desenho de P.) vemos um rosto sem nariz e sem boca. J. Interpretou cantando a música "brilha estrelinha" (ver letra da música no anexo 1 diário de bordo 5 da investigadora). Enquanto J. cantava, os outros a observavam, calados, mas com expressões de **tristeza**, mas também de **resiliência**. Como vimos anteriormente, a estrela representa também mudança, o que neste caso pode representar a **Esperança**. O desenho, talvez uma auto imagem de P., em nada lembra uma estrela, apresenta um rosto sem boca (**dificuldade em expressar-se**), com cabeça e pescoço que lembram a de um animal e os olhos dão-nos uma impressão **triste**, entretanto a leitura de J. foi uma **projeção do problema** que todos estão a enfrentar. J. ao cantar a música, expressa **empatia** por P., que entre eles é a que está a conviver menos tempo com a doença do filho.

Segundo Bédard, olhos muito pequenos em desenhos de rosto representam "o fato de não se querer ver a situação, e a falta de boca é a vontade de ficar calado" (*Ibidem*, p.40). Em minha entrevista com P. ela havia dito que seu maior desejo "é superar tudo isto". Dentre os três sentimentos que permeiam sua vida neste momento, está a **dúvida**. P. tem **medo** da

imprevisibilidade. Na conversa final, P. deixou claro que a sua condição atual é de extrema sensibilidade, "uma manteiga derretida", como disse ela. P. ainda não consegue digerir essa realidade. O facto de negligenciar a boca no desenho, nos mostra a **incapacidade que P. está, em falar sobre o assunto.** Ela não quer demonstrar seus sentimentos aos outros, principalmente ao filho. É como um autocontrole das próprias emoções.

Desenho no diário de bordo de A.:

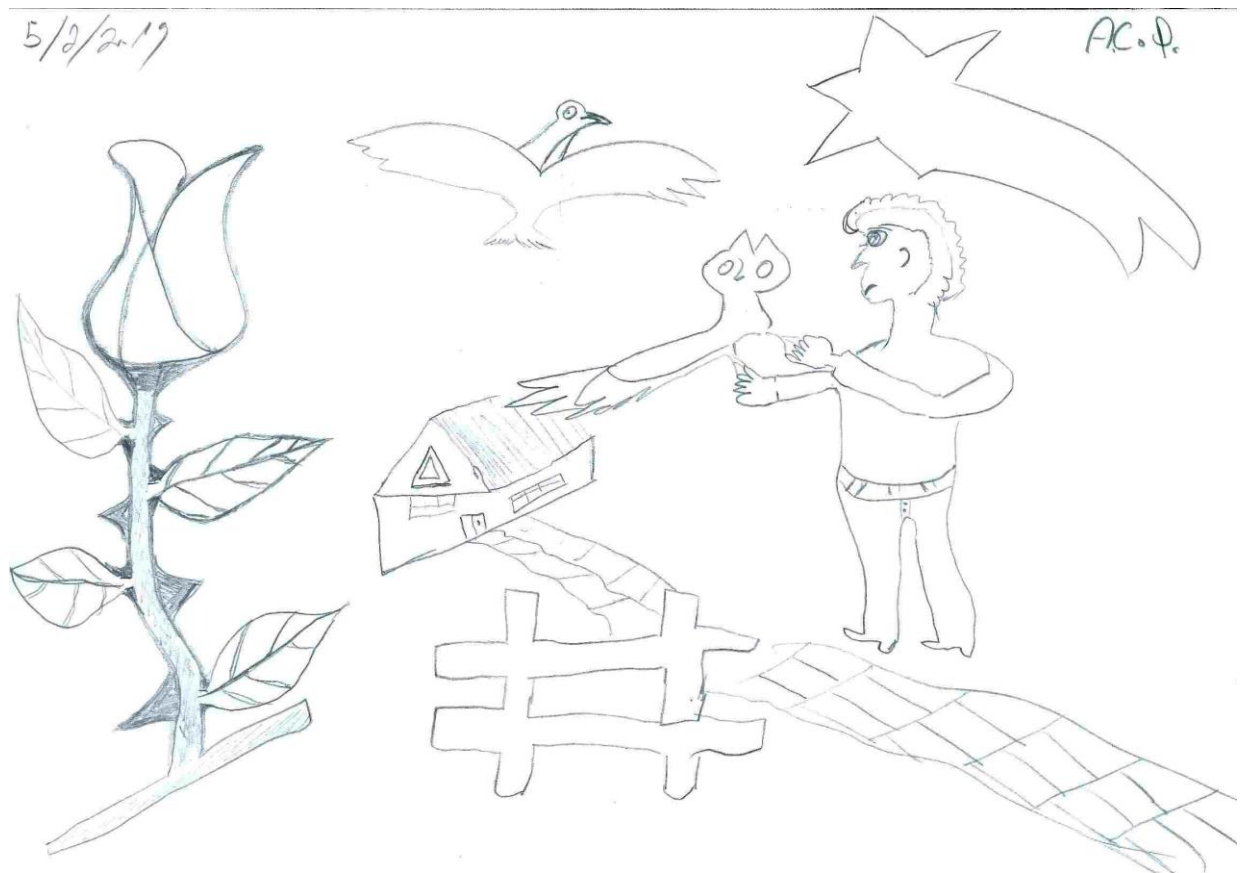


Figura 35 - Desenho Diário de Bordo de A. (45 anos), de Portugal, pai do C1. (15 anos), que tem cancro.

A Figura 35 (desenho de A.) relativamente ao seu diário de bordo, foi a forma que ele encontrou de **expressar-se sem palavras.** A imagem traz um conjunto de elementos que não necessariamente se complementam. Como uma experiência realista, podemos observar uma sucessão de momentos ou fatos que podem acontecer separados ou

simultaneamente. Podemos notar a figura representada de um homem (autoimagem) - "Evidência de autoestima pode ser observada em desenhos da figura humana" (Di Léo, 1985, p.69). O homem está com um pássaro no braço e outro a voar - "o símbolo do mensageiro", como diz Bédard (*Ibidem*, p.85). No simbolismo das aves, encontramos o **sonho** e a **liberdade** como principais características, mas também a capacidade de se estar em conexão entre o céu e a terra. Logo acima de sua cabeça uma estrela apontando na direção do céu (**como uma estrela cadente ao contrário**). Aqui, a estrela é uma projeção para o **futuro**, assim como o detalhe da maçaneta na porta, que segundo Bédard, se estiver localizada à direita, representa o **desejo de futuro** (*Ibidem*, p.77).

Vemos ainda, uma casa com uma estrada que vai até a porta e uma pequena cerca - percebemos claramente que se trata de um sítio longe da cidade, ou seja, a sua morada. A casa representa segundo a autora a "emoção vivida do ponto de vista social" (*Ibidem*, p.35), e o refúgio - pra onde voltar - **futuro**. Os elementos estão em consonância com a natureza, própria de um sítio no interior. Em sua entrevista, A. ressaltou que gosta de madeira, e de lugares tranquilos, por isto prefere passar todos os fins de semana em casa. **No desenho há uma projeção do desejo de estar no lar**. O etéreo é forte em diversos elementos (a flor no ar, os pássaros, a estrela apontada para o céu). Tudo parece fluído e alegre. Entretanto, embora o dinamismo do desenho nos apresente **vivacidade**, há um **destaque** para a rosa gigante à esquerda (passado) suspensa no ar, que, embora represente o símbolo do amor (Bédard, 1998, p.46), trás a **expressividade dos espinhos (dor, raiva, tristeza)**.

Dentre os sentimentos que permeiam o seu momento, A. citou a **esperança**, que aparece em seu desenho através da estrela e da estrada que leva à casa. Mas, geralmente as crianças em tratamento tem como acompanhante a mãe, e no caso do filho de A., esta realidade é diferente. Nos jogos de expressão dramática, A. pôde trazer à tona a sua essência, e compartilhou essas mesmas características que aparecem em seu desenho. Ele expressa **alegria** através dos sorrisos, mas misturado à **raiva**, como verbalizou no exercício "como seu monstro se sente quando vai ao hospital" e disse em sua entrevista, que gosta muito de estar em casa. Embora o desenho apresente elementos da natureza, o que pode revelar uma certa harmonia, este pode ser um exemplo do "desenho armadilha"

(Bédard 1998, p.65), que apresenta em suas entrelinhas o oposto - os espinhos - que se sobrepujaram no desenho.

Pinturas – Exercício “Como meu monstro se sente hoje?”

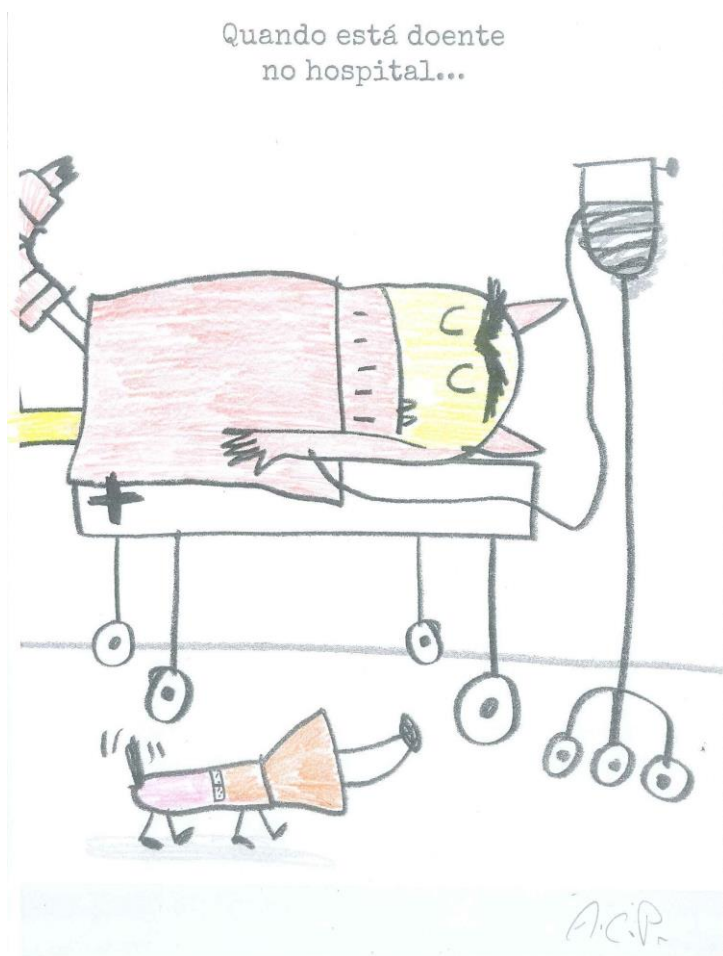


Figura 36 – pintura de A.

Na figura 36, as cores representam a **raiva** (vermelho) e a **alegria** (amarelo) – sentimentos contraditórios.

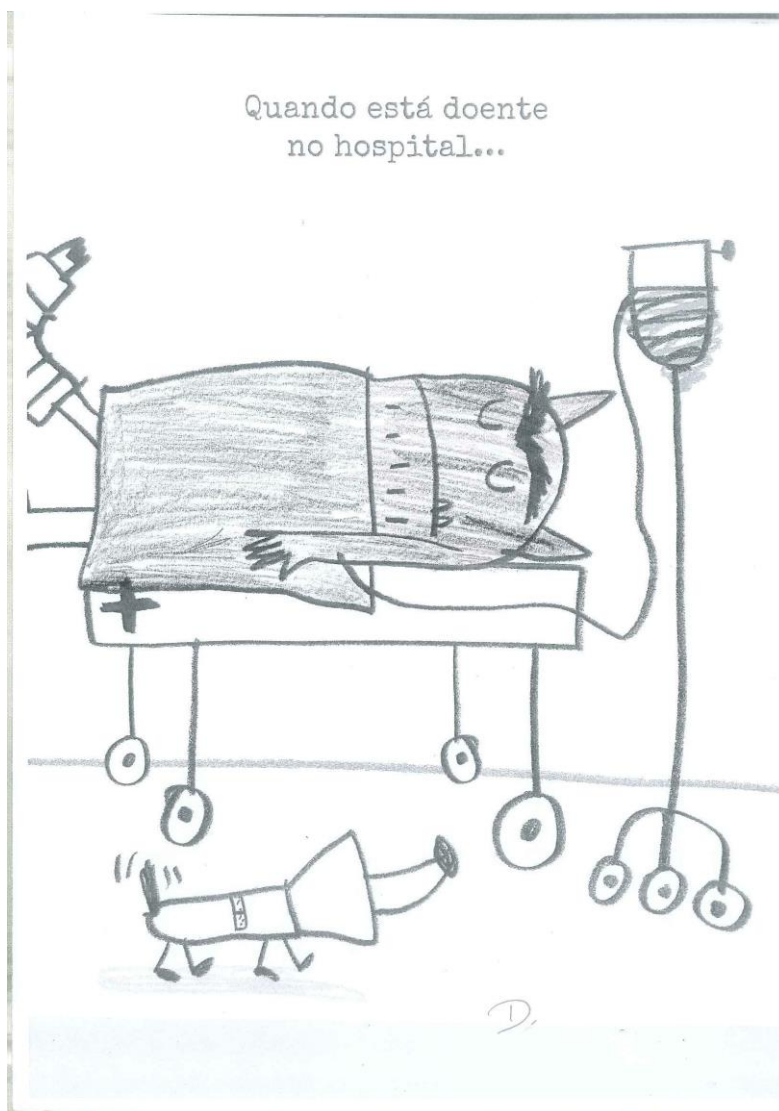


Figura 37 – pintura de D.

Na figura 37, a cor representa o **medo** (preto).

Quando está doente
no hospital...

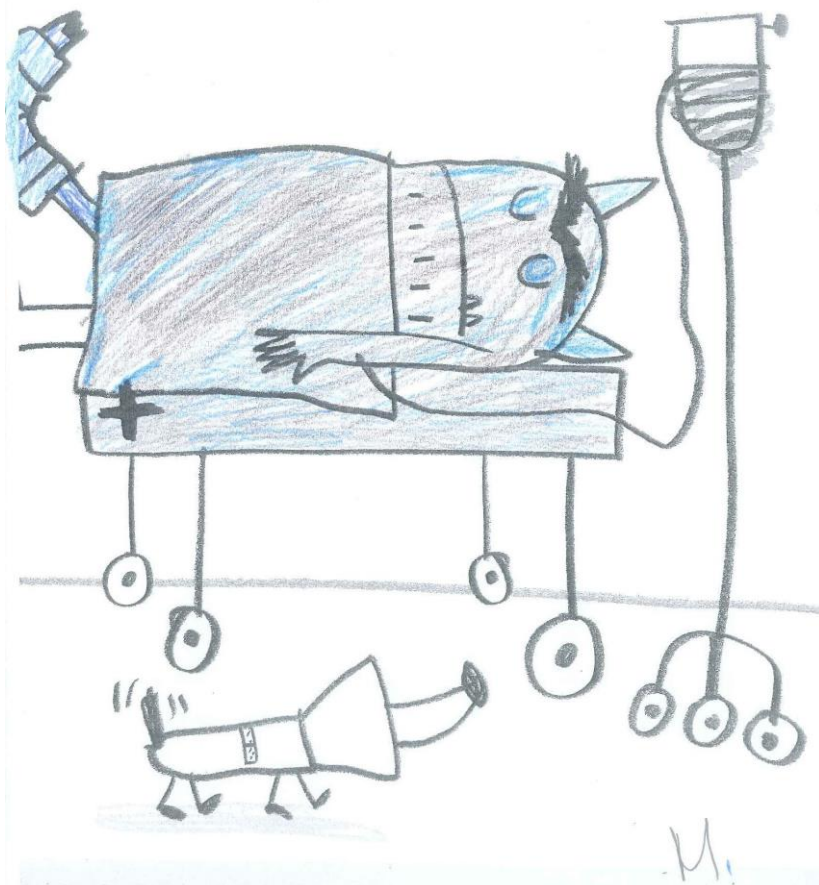


Figura 38 – pintura de

M.E.

Na figura 38, as cores representam o **medo** (preto) e a **tristeza** (azul).



Figura 39 – pintura de P.

Na figura 39, as cores representam o **medo** (preto) e a **tristeza** (azul).



Figura 40 – pintura de V.

Na figura 40, as cores representam a **tristeza** (azul) e a **calma** (verde).

Autoimagem de S1.:



Figura 41 - Desenho de S1.

Na figura 41, a autoimagem de S1. é representada apenas pela letra. A folha está em branco. Não há identidade, portanto identifica-se uma perda de referências. S1. está há 02 anos em Portugal, longe de casa e da família.

ANEXO 4

ANEXO 4 -Entrevistas Exploratórias	Data:17/01/19	Hora: horários variados
Local: Casa Acreditar Coimbra	Público Mães e acompanhantes das crianças institucionalizadas	
1- Nome/Idade/de onde é/parentesco	V./ 60 anos/ Portugal - Avó	
Nome do filho/idade/doença	L./12 anos/queimaduras 80% do corpo	
Já teve algum contato com alguma linguagem artística/Qual	Não	
Três sentimentos do momento atual em sua vida	Saudades do trabalho, Tristeza Desânimo, Preocupação com o filho e com a neta	
Seu maior desejo atualmente	Que L. recupere a felicidade	
Outras informações partilhadas sobre esse momento que está vivendo	L. perdeu a mãe em um incêndio, o pai também sofreu queimaduras e hoje ainda não está recuperado, está de baixa psicológica. A sua casa ficou intacta, desde o acidente, mas ela vive na Acreditar desde então, e a avó a acompanha. V. Sente muita tristeza quando visita a casa, pois sente o cheiro de sua nora, que era tão boa, a sensação é que ela ainda está lá na casa. Se preocupa imensamente com o filho. Largou o seu trabalho, que ama muito, pois tem lá o contato com a natureza e desde então, parou a vida para acompanhar a neta. V. pensa que se não estivesse aqui, como seria? Até o medicamento ela mesma precisou passar no corpo da neta enquanto estava no estágio da queimadura, hoje as feridas já estão fechadas, mas tem pela frente o tratamento da fisioterapia.	
Impressões Investigadora	Parece uma mulher muito forte, e emociona-se muito com tudo que aconteceu. Tem esperança que o filho se recupere. Se mostrou interessada no projeto e gostaria de convidar o filho a participar, embora ache que não terá tempo por conta dos afazeres - acompanhar a L. à fisioterapia, e tudo o mais.	

ANEXO 4 -Entrevistas Exploratórias	Data:17/01/2019	Hora: horários variados
Local: Acreditar Coimbra	Público: Mães e acompanhantes das crianças	
2- Nome/Idade/de onde é/parentesco	D./ 29 anos/ Cabo Verde/mãe	
Nome do filho/idade/doença	R./02 anos/cardiopatia	
Já teve algum contato com alguma linguagem artística/Qual	Sim, Teatro.	
Três sentimentos do momento atual em sua vida	Saudade, Tristeza, Solidão	
Seu maior desejo atualmente	Que o filho fique bem.	
Outras informações partilhadas sobre esse momento que está vivendo	O marido ficou em Cabo Verde e tão logo seja feita a cirurgia do filho, pretendem juntar-se em Portugal, estabelecer uma vida aqui. Não tem outros filhos, sente-se muito só.	
Impressões Investigadora	Expressa a doença de forma clara e tranquila, mas com tristeza: "o filho tem um buraco no coração", porém diz isso com esperança que ele fique bem. Tem uma expressão facial tranquila, sorri. Quer participar do projeto.	

ANEXO 4 - Entrevistas Exploratórias	Data:17/01/2019	Hora: horários variados
Local: Acreditar Coimbra	Público: Mães e acompanhantes das crianças	
3- Nome/Idade/de onde é/parentesco	S1./ 41 anos/ Guiné Bissau/mãe	
Nome do filho/idade/doença	L1./ 18 anos/cancro	
Já teve algum contato com alguma linguagem artística/Qual	Não	
Três sentimentos do momento atual em sua vida	Saudade, Tristeza, Culpa	
Seu maior desejo atualmente	Ganhar força para aguentar até o fim	
Outras informações compartilhadas sobre esse momento que está vivendo	<p>Tem mais 3 filhos, três meninas, uma delas está doente. Sente-se culpada por não estar lá ao lado também da outra filha. Não tem marido, nem pai, nem mãe.</p> <p>O seu filho L. está doente desde os 14 anos, e há 02 anos está se tratando em Portugal. Na África não descobriram o que é a doença. O menino anda com muletas e já perdeu uma perna, a situação é grave.</p> <p>S1. perdeu a irmã na Guiné e tem medo que sua outra filha possa morrer. Não tem nem como voltar para casa agora devido o estado grave de saúde de L., está procurando emprego.</p>	
Impressões Investigadora	<p>Sente-se muito triste, demonstra muita piedade com sua situação, mostrou-se interessada em participar do projeto, ao mesmo tempo demonstra falta de interesse nas coisas, parece precisar agarrar-se a coisas que possam fazê-la pensar para além do problema, parece necessitar muito de apoio, tem um olhar triste e desânimo.</p>	

ANEXO 4 - Entrevistas Exploratórias	Data:17/01/2019	Hora: horários variados
Local: Acreditar Coimbra	Público: Mães e acompanhantes das crianças	
4- Nome/Idade/de onde é/parentesco	M.E/ 58 anos/ Açores-Portugal/mãe	
Nome do filho/idade/doença	B./22 anos/cancro	
Já teve algum contato com alguma linguagem artística/Qual	Não	
Três sentimentos do momento atual em sua vida	sinto tristeza, raiva e revolta	
Seu maior desejo atualmente	Está aguardando a prótese/perna da filha	
Outras informações compartilhadas sobre esse momento que está vivendo	<p>Não sabe se estará na casa por muito tempo, assim que a prótese chegar, irá embora, por isso não sabe se poderá participar do projeto, mas enquanto tiver na casa, quer participar.</p> <p>Quer ter força e resiliência. É dos Açores e por isso fala assim, mais fechado. Tem que fazer tudo e tem muitas tarefas, não tem muito tempo.</p>	
Impressões Investigadora	<p>Apesar de estar disposta a dar a entrevista, o fez enquanto cozinhava. Tem expressão e corpo tristes, cara muito fechada, pouca disposição e muita negatividade.</p>	

ANEXO 4 - Entrevistas Exploratórias	Data: 17/01/2019	Hora: horários variados
Local: Acreditar Coimbra	Público: Mães e acompanhantes das crianças	
5- Nome/Idade/de onde é/parentesco	P./ 43 anos/ Lisboa e Cabo Verde/mãe	
Nome do filho/idade/doença	E./ 13 anos/cancro	
Já teve algum contato com alguma linguagem artística/Qual	Não	
Três sentimentos do momento atual em sua vida	Sinto dúvida, tristeza, solidão e medo.	
Seu maior desejo atualmente	Quero ser forte e superar tudo isso	
Outras informações compartilhadas sobre esse momento que está vivendo	Está sozinha, longe da família e se sente só, fase muito difícil. Quer participar do projeto, mas se preocupa com o tempo.	
Impressões Investigadora	É gentil, tem um olhar preocupado e ao mesmo tempo, muito doce. Parece ter se interessado pelo projeto, é bastante tímida.	

ANEXO 4 - Entrevistas Exploratórias	Data: 17/01/2019	Hora: horários variados
Local: Acreditar Coimbra	Público Mães e acompanhantes das crianças	
6- Nome/Idade/de onde é/parentesco	S2./ 27 anos/ Angola/mãe	
Nome do filho/idade/doença	C2./ 17 meses/cardiopatia	
Já teve algum contato com alguma linguagem artística/Qual	Não	
Três sentimentos do momento atual em sua vida	Tristeza, culpa, saudade, solidão medo	
Seu maior desejo atualmente	Que a filha fique curada	
Outras informações compartilhadas sobre esse momento que está vivendo	<p>Não tem mãe, nem pai. O marido ficou na África com seus outros três filhos. Uma outra filha está doente e ela sente-se culpada por isto, será que a filha adoeceu porque ela negou-lhe o batismo? A outra filha precisa dela e ela não pode ir, sente-se mal por isto. Se tivesse que estudar, seria o curso de Direito. Sente-se com esperança, pois os médicos tinham dito que a filha nem sobreviveria, no entanto foi retirado o enorme tumor do rosto e ela melhora a cada dia (mostrou as fotos do antes e do depois).</p>	
Impressões Investigadora	<p>Tem um sorriso no rosto, apesar de tudo. Mostra-se forte e bem-disposta. Quer participar do projeto, embora vá ficar alguns dias no hospital, está coincidindo com o início do projeto, talvez possa participar só em fevereiro.</p>	

ANEXO 4 - Entrevistas Exploratórias	Data:17/01/2019	Hora: horários variados
Local: Acreditar Coimbra	Público: Mães e acompanhantes das crianças	
7 - Nome/Idade/de onde é/parentesco	C./ 26 anos/ Cabo Verde/mãe	
Nome do filho/idade/doença	L2./07 anos/cancro	
Já teve algum contato com alguma linguagem artística/Qual	Não	
Três sentimentos do momento atual em sua vida	Sinto saudade e solidão	
Seu maior desejo atualmente	Meu filho melhorar e voltar a vida normal	
Outras informações compartilhadas sobre esse momento que está vivendo	O filho está doente desde o mês de agosto 2018, veio para Portugal em setembro para tratamento, parou a vida para cuidar dele. Não tem marido nem outros filhos.	
Impressões Investigadora	Parece tranquila, disposta, interessada em participar do projeto. Ao mesmo tempo tem uma atitude blasée, olhar vazio, e divide a atenção com o telemóvel.	

ANEXO 4 - Entrevistas Exploratórias	Data:17/01/2019	Hora: horários variados
Local: Acreditar Coimbra	Público: Mães e acompanhantes das crianças	
8 - Nome/Idade/de onde é/parentesco	J./ 27 anos/ Cabo Verde/mãe	
Nome do filho/idade/doença	C./06 anos/cardiopatia	
Já teve algum contato com alguma linguagem artística/Qual	Não	
Três sentimentos do momento atual em sua vida	Tristeza, saudade e solidão	
Seu maior desejo atualmente	Quero voltar logo para casa	
Outras informações compartilhadas sobre esse momento que está vivendo	Tem mais 03 filhos e sente saudade deles. É difícil estar longe da família.	
Impressões Investigadora	Muito tranquila e alegre. Disponível, aberta. Quer participar do projeto.	

ANEXO 4 - Entrevistas Exploratórias	Data:17/01/2019	Hora: horários variados
Local: Acreditar Coimbra	Público: Mães e acompanhantes das crianças	
9- Nome/Idade/de onde é/parentesco	A./ 45 anos/ Portugal/pai	
Nome do filho/idade/doença	C1. /15 anos/cancro	
Já teve algum contato com alguma linguagem artística/Qual	esculpe madeira	
Três sentimentos do momento atual em sua vida	sinto esperança, preocupação e tristeza	
Seu maior desejo atualmente	Gosto muito do cheiro da madeira e da natureza e por isso passo todos os fins de semana em casa.	
Outras informações que queira compartilhar sobre esse momento que está vivendo	Gosta de arte, tem muita curiosidade para aprender outras coisas. Gosta de esculpir madeira, vai trazer para mostrar. Mas não vive da arte, é o seu lazer.	
Impressões Investigadora	Muito tranquilo e alegre. Disponível, aberto. Quer participar do projeto.	

ANEXO 5

<u>ANEXO 5</u>	Data 17/Janeiro/2019	Hora: 10h às 18h com intervalo
Ficha técnica - Sessão 01		
Local: Casa Acreditar Coimbra	Público alvo: Cuidadores das crianças em tratamento	
<u>Lista das atividades</u>		
<p>Apresentação da casa – a funcionária me mostrou todas as instalações e funcionamento da casa.</p>		
<p>Roda de Conversa - Conversa com algumas mães sobre o projeto.</p>		
<p>Primeira visita de palhaça- Visitei as instalações já vestida de palhaça e fiz as interações com quem encontrei.</p>		
<p>Entrevistas exploratórias – entrevista com a funcionária e o público alvo.</p>		

<u>ANEXO 5</u> Ficha técnica - Sessão 02	Data 24/Janeiro/2019	Hora: 12h às 13h15 - visita de palhaça 14h às 16h - sessão com o público alvo
Local: Casa Acreditar Coimbra	Público: Cuidadores das crianças em tratamento 04 participantes	
Duração da sessão com o público alvo: 2 horas		
<p><u>Lista das atividades</u></p> <p>Estabelecer a relação e despertar para o riso: Visita de palhaça</p> <p>Interação e disponibilização/espontaneidade: *Jogo 1: Aquecimento "Galinha louca" *Jogo 2: Aquecimento Pizza na mão *Jogo 3: Bola com os nomes</p> <p>Socialização e Imaginação: *Jogo 4: Encontro em duplas (Viola Spolin) *Jogo 5: Caminhar e Imaginar/ Personagens, interação na cena, improvisação</p> <p>Emoções: 1*Leitura da história "O monstro das cores" 2* Pintura - "Como se sente o monstro das cores hoje?" Pinta-o com a cor que acha mais adequada: Amarelo-alegria, azul-tristeza, verde-calmo, preto-medo, vermelho-raiva 3*Minha árvore, minha emoção - Desenhar o fruto da emoção</p> <p>Roda de Conversa: Conversa sobre as atividades experienciadas</p> <p>Tarefa de casa: *Diário de bordo - escrever a partir de 02 questões: "o que eu pensei?" e o "o que eu senti?"</p>		

Desenvolvimento/Descrição

Expressão dramática:

- 1- **Galinha louca:** Todos em círculo, contar 8 movimentos, com o braço direito, esquerdo, perna direita, esquerda, depois conta quatro, depois dois, depois um. Quando chega no um, se movimenta pelo espaço - vira uma galinha louca.
- 2- **Pizza na mão:** com uma pizza imaginária na mão, movimenta o corpo para trás e para baixo, sem deixar a pizza cair. Quando tiver bem no movimento, faz com a outra mão e depois com as duas. Serve a pizza para os colegas.
- 3- **Bola com os nomes:** em círculo, escolhe uma pessoa com o olhar, diz o seu nome e joga a bola para a pessoa, que deverá fazer o mesmo e assim por diante. Depois, fazer a mesma coisa, se movimentando pela sala em diversas direções e ritmos.
- 4- **Encontro em duplas:** Caminhada no espaço: caminhar em diversas direções, olhar quem encontra, realizar as ações. Quando ouvir 1 palma: encontra alguém, pára, olha no olho e diz "Boa tarde" e segue. 2 palmas: solta um beijinho e segue. 3 palmas: mostra a língua e segue. 4 palmas: dá 4 pulinhos e bate palmas.
- 5- **Caminhar e Imaginar/Personagens:** ainda caminhando pelo espaço ouvir as indicações e realizar as ações: andando nas núvens, andando no chão quente, andando na água. Andando como uma rainha, andando como um súdito, andando como quiseres, mas com um personagem, mostrar quem és com o corpo. pequenas cenas e interação, improvisado.

Expressão plástica:

- 1-**Leitura coletiva do livro** "O monstro das cores". Cada uma lê uma página do livro e vai passando. Conhecer as cinco emoções básicas e que cores as representam.
- 2-**Pintura** com lápis de cor como o monstro se sente quando vê uma barata. Cada uma tem o seu monstro, cada uma é o "monstro".
- 3- "**Minha árvore, minha emoção**" - desenhar em A3 uma árvore e a fruta com a cor da emoção do dia, antes e depois da sessão.

Entrega do Diário de Bordo e tarefas de casa

Roda de conversa: conversar livremente sobre a sessão

OBS.:

- * O exercício de maior dificuldade foi o 9.
- * a primeira parte onde o corpo está em ação, pareceu ser mais divertida.

<u>ANEXO 5</u> Ficha técnica - Sessão 03	Data 29/Janeiro/2019	Hora: 10h às 12h - visita de palhaça 14h às 16h - sessão com o público alvo
Local: Casa Acreditar Coimbra	Público: Cuidadores das crianças em tratamento 04 participantes	
Duração da sessão com o público alvo: 2 horas		
<p><u>Lista das atividades</u></p> <p>Estabelecer a relação e despertar para o riso: Visita de palhaça</p> <p>Interação e disponibilização/espontaneidade: *Jogo 1: Aquecimento "Galinha louca"</p> <p>Escuta, olhar e emoções: *Jogo 2: expressar a emoção com o corpo a partir da música</p> <p>Emoções/despertar a empatia: 1* Minha árvore, minha emoção - Desenhar o fruto da emoção 2* Desenho - Poema Sophia de Melo Breyner - Desenhar a emoção e depois compartilhar</p> <p>Roda de Conversa: Conversa sobre as atividades experienciadas</p> <p>Tarefa de casa: *Diário de bordo - escrever a partir de 02 questões: "o que eu pensei?" e o "o que eu senti?"</p>		

Sessão 03 - Folha 02

Linguagens artísticas utilizadas: Expressão Dramática e Expressão Plástica

Desenvolvimento/Descrição

Expressão dramática:

1- **Galinha louca:** Todos em círculo, contar 8 movimentos, com o braço direito, esquerdo, perna direita, esquerda, depois conta quatro, depois dois, depois um. Quando chega no um, se movimenta pelo espaço - vira uma galinha louca, pulando, gritando, mudando de lugar, livremente.

2- **Expressar a emoção com o corpo:** andando pelo espaço e ouvir a música, aos poucos colocar no corpo o que está sentindo, fazer movimentos, sem parar de andar e também soltar sons.

Música 1: <https://www.youtube.com/watch?v=KahQyqKU-5M>
(Beethoven)

Música 2: <https://www.youtube.com/watch?v=fz4MzJTeL0c>
(David Gueta)

Expressão plástica:

1- "**Minha árvore, minha emoção**" - desenhar em A3 uma árvore e a fruta com a cor da emoção do dia, antes e depois da sessão.

2 – **Desenhar a emoção** – Fechar os olhos, ouvir o poema que está sendo lido por mim, aos poucos começar a desenhar o que sente.
Poema de Sophia de Melo Breyner

Roda de conversa: conversar livremente sobre a sessão

OBS.:

* Elas tiveram dificuldade de desenhar a partir deste poema, sendo necessário eu improvisar frases e modificá-lo.

<u>ANEXO 5</u> Ficha técnica - Sessão 04	Data 05/Fevereiro/2019	Hora 18h30 às 21h30
Local: Casa Acreditar Coimbra	Público: Mães e acompanhantes das crianças em tratamento 08 participantes	
Duração da sessão: 3 horas		
<p><u>Lista das atividades</u></p> <p>Interação e disponibilização/espontaneidade</p> <ul style="list-style-type: none"> *Jogo 1: Aquecimento "galinha louca" *Jogo 2: Aquecimento "siga o seguidor" *Jogo 3: siga o som - caminhada no espaço em grupo, depois em dupla. Seguir o som da dupla. *Jogo 4: Espelho em dupla (um dos jogos utilizados por Augusto Boal). <p>Emoções:</p> <ul style="list-style-type: none"> 1*Leitura 2*Minha árvore, minha emoção 3*Como está se sentindo o monstro das cores hoje? 4*Autoimagem - Desenho do símbolo de sua própria identidade <p>Roda de conversa:</p> <ul style="list-style-type: none"> *Conversa sobre as atividades experienciadas <p>Tarefa de casa:</p> <ul style="list-style-type: none"> *Diário de bordo - escrever a partir de 02 questões: "o que eu pensei?" e o "o que eu senti?" 		

Sessão 04 Folha 02

Linguagens artísticas utilizadas: Expressão Dramática e Expressão Plástica

Desenvolvimento/Descrição:

Jogos e Expressão dramática:

Disponibilidade e Interação:

1- Galinha louca: Todos em círculo, contar 8 movimentos, com o braço direito, esquerdo, perna direita, esquerda, depois conta quatro, depois dois, depois um. Quando chega no um, se movimenta pelo espaço - vira uma galinha louca.

2- Siga o Seguidor: em círculo, um começa um movimento e todos repetem, o seguinte muda o movimento e todos repetem e assim por diante. Faz umas três rodadas.

Olhar e Escuta, despertar a empatia:

3- Siga o som: em dupla, cada um escolhe um som, que deverá ser seguido pelo outro de olhos fechados. Quando se encontram, abraçam-se. Depois quem estava fazendo o som, é que vai seguir.

4- Espelho em dupla: um é o espelho e o outro vai fazer tudo que o espelho fizer, olhando-se nos olhos.

Expressão plástica:

Emoções:

- 1 – Leitura em grupo do livro “O monstro das cores”
- 2- Minha árvore, minha emoção: desenhar a árvore e a fruta na entrada e na saída da sessão, com a cor da emoção.
- 3- Como o monstro se sente hoje? Pintar o monstro quando ele está doente no hospital.
- 4- Autoimagem - Desenhar a identidade: desenhar um símbolo que represente si próprio, usando cores ou não.

Breve Conversa:

Pedi que dissessem uma palavra sobre o que tinham vivido na sessão.

As palavras foram: Divertido, Bom, Relaxante

<u>ANEXO 5</u>	Data 07/Fevereiro/2019	Hora 18h30 às 21h00
Ficha técnica - Sessão 05		
Local: Casa Acreditar Coimbra	Público: Mães e acompanhantes das crianças em tratamento 08 participantes	
Duração da sessão: 2h/30 horas		
<u>Lista das atividades</u>		
Imaginação, protagonismo, criatividade		
*Jogo 1: Criar a história “Eu vou para a lua”		
*Jogo 2: Criar a história: “A história que eu quero”		
Emoções:		
1* Minha árvore, minha emoção		
2* Continuar o traço		
Roda de conversa:		
*Conversa sobre as atividades experienciadas		
Tarefa de casa:		
*Diário de bordo - escrever a partir de 02 questões: "o que eu pensei?" e o "o que eu senti?"		

Sessão 05 Folha 02

Linguagens artísticas utilizadas: Expressão Dramática e Expressão Plástica

Desenvolvimento/Descrição:

Jogos e Expressão dramática:

Imaginação, protagonismo, criatividade

1- Eu vou para a lua: em círculo, sentados, o primeiro diz "eu vou para a lua e vou levar...", olha pro seguinte que deve repetir o que o outro disse e acrescentar o que levaria, e assim por diante, até finalizar a história, o último repete e finaliza.

2-Criar uma história a partir de 3 objetos: em 3 rodadas, cada vez que o objeto chega em sua mão, acrescenta dados à história, com começo, meio e fim.

Expressão plástica:

Emoções:

1 – Minha árvore, minha emoção: desenhar a árvore e a fruta na entrada e na saída da sessão, com a cor da emoção.

2- Continuar o traço: desenhar a partir do traço que já está no papel, usando cores ou não. Depois um interpreta com palavras ou ação, o desenho do outro.

<u>ANEXO 5</u>	Data 12/Fevereiro/2019	Hora 19h às 21h
Ficha técnica - Sessão 06		
Local: Casa Acreditar Coimbra	Público: Mães e acompanhantes das crianças em tratamento 07 participantes	
Duração da sessão: 2 horas		
<p><u>Lista das atividades</u></p> <p>Socialização, expressão com o corpo, estimular a empatia</p> <ul style="list-style-type: none"> *Jogo 1: A macaca foi à feira *Jogo 2: Claps *Jogo 3: Caminhada com a emoção no corpo *Jogo 4: uma emoção comum (Abraçar a emoção, verbalizar a emoção) <p>Emoções:</p> <ul style="list-style-type: none"> 1* Minha árvore, minha emoção 2* Desenhar a emoção (Desenhar a saudade) <p>Roda de conversa:</p> <ul style="list-style-type: none"> *Conversa sobre as atividades experienciadas <p>Tarefa de casa:</p> <ul style="list-style-type: none"> *Diário de bordo - escrever a partir de 02 questões: "o que eu pensei?" e o "o que eu senti?" 		

Sessão 06 Folha 02

Linguagens artísticas utilizadas: Expressão Dramática e Expressão Plástica

Desenvolvimento/Descrição:

Jogos e Expressão dramática:

Socialização, expressão com o corpo, estimular a empatia

1- A macaca foi à feira – jogo trazido por uma mãe da África. Em círculo, bater na mão de quem está a seguir, enquanto canta a música. Perde quem não consegue tirar a mão na hora que o outro vai bater, quando acaba a música.

2 – Claps – em círculo, olhando no olho, passar uma palma para a seguinte, primeiro devagar e em sentido horário, depois rápido e podendo mudar o sentido.

3- Caminhada com a emoção no corpo - Caminhar pelo espaço e quando ouvir a indicação (tristeza, alegria, raiva, medo, calma) e colocar a emoção no corpo. Com movimentos e também sons.

4 – Uma emoção comum – perguntei qual a emoção comum a todos, responderam “Saudade”: desencadeia o “abraçar a saudade” – uns de frente para os outros, olhando no olho, ouvindo a música e em camera lenta se encontrar e se abraçar.

Música: <https://www.youtube.com/watch?v=Bpfw47x5a90>

Marcelo Geneci – “pra sonhar”

5 – Verbalizar a emoção: “do que sente saudade?”

Expressão plástica:

Emoções:

1 – Minha árvore, minha emoção: desenhar a árvore e a fruta na entrada e na saída da sessão, com a cor da emoção.

2- Desenhar a saudade: A partir da emoção do abraço (no caso foi a saudade), desenhar a saudade no papel.

<u>ANEXO 5</u> Ficha técnica - Sessão 01	Data 15/Fevereiro/2019	Hora: 14h às 15h
Local: Casa Acreditar Coimbra	Público alvo: Cuidadores das crianças em tratamento 09 participantes	
Duração da sessão: 1h		
<u>Lista das atividades</u> Roda de Conversa – Conversa e reflexão sobre o processo. Recolha dos diários de bordo		

ANEXO 6

ANEXO 6 - ENTREVISTA TRANSCRITA 1

Nome: S1.

Idade: 41 anos

Procedência: Guiné Bissau

Fale um pouco sobre você:

Eu tenho mais três filhos, são três meninas, que ficaram lá. Uma delas está doente. Eu me sinto culpada por não estar lá ao lado da minha filha que também está doente. A minha irmã morreu, lá na Guiné. Eu tenho medo que a minha filha também morra. Mas eu não tenho como voltar pra lá. meu filho está doente desde os 14 anos. Minha filha. Eu queria ajuda. Eu queria que alguém me ajudasse a conseguir voltar. Mas agora tenho que esperar. Não descobriram a doença lá. O menino já perdeu uma perna, anda de muletas, ele. É grave. (Qual a doença?) é Cancro. Bem aqui, na perna. Eu tô aqui por causa do LI. Mas eu queria tá com as outras também. Eu sinto saudade da minha família, nunca mais vi eles, faz dois anos que estamos aqui.

Você tem interesse em participar desse projeto de intervenção artística?

Sim, eu posso participar, mas eu não tenho muito tempo, eu estou procurando um trabalho. Não é fácil ficar aqui em Portugal sem trabalho. Eu quero ajudar minha família.

Você já teve contato com a Arte em algum momento?

Não, nunca.

Quais os sentimentos que você tem mais, ultimamente?

Saudade, me sinto também triste e queria estar lá com a minha outra filha que tá doente.

Qual o seu maior desejo?

Eu queria que meu filho ficasse bom logo, pra gente voltar.

ANEXO 6 - ENTREVISTA TRANSCRITA 2

Nome: D.

Idade: 29 anos

Procedência: Cabo Verde

Fale um pouco sobre você:

Eu tô com o meu filho aqui, que tem dois anos. Ele tem um buraco no coração. Então ele precisa fazer uma cirurgia e eu estou aqui com ele pra fazer a cirurgia e o tratamento, ou se o médico disser que não precisa, nós vamos ter alta. Ele não pode correr muito, brincar com bola, essas coisas. Eu não tenho mais filhos e meu marido ficou em Cabo Verde. Mas o que a gente pretende é que ele venha pra cá, quando o R. ficar bom e estabelecer uma vida aqui, em Portugal, né.

Você tem interesse em participar desse projeto de intervenção artística?

Sim. Só temos que ver os horários, porque aqui cada uma tem os dias de ir ao hospital, tem as tarefas, dar o remédio, são horários diferentes. Mas, sim, eu posso participar sim. É só para os pais ou é pra eles também? Temos só que ver que horas vai ser.

Você já teve contato com a Arte em algum momento?

Sim, teatro.

Quais os sentimentos que você tem mais, ultimamente?

Sinto muita solidão, tristeza, também muita saudade.

Qual o seu maior desejo?

Eu queria que meu filho ficasse curado, que fique bem.

ANEXO 6 - ENTREVISTA TRANSCRITA 4

Nome: S2.

Idade: 27 anos

Procedência: Luanda/Angola

Fale um pouco sobre você:

Eu sou mãe da C., essa menina aqui (mostrou a foto no telemóvel), hoje minha filha está maravilhosa perto de como ela estava quando chegamos a Portugal, olha, como estava o rosto da minha filha (mostrou outra foto). Os médicos tanto de lá quanto de cá disseram que não sabiam se ela ia ficar boa, olha eu agradeço a Deus, porque com esse tumor tão grande no rosto dela, eles fizeram a cirurgia, ela chegou aqui muito mal. Mas Deus ajudou e eu sei que ela vai ficar melhor ainda. Eu tenho mais três filhos que ficaram lá com meu marido. Eu me sinto triste porque tenho uma outra filha em Angola que está doente e eu acho que ela sente falta da mãe, sem a mãe perto, só o pai. Mas eu tenho que ficar aqui com a outra. Às vezes eu penso se eu não tenho culpa da minha filha ter ficado doente porque eu neguei o batismo. Toda semana eu fico três dias no hospital com ela pro tratamento.

Você tem interesse em participar desse projeto de intervenção artística?

Há semana que é na terça que vou para o hospital e outras na quarta e fico até quinta. Eu soube que vamos ficar alguns seguidos lá no hospital, mas quando eu voltar, quero fazer sim. Quais os dias? semana que vem eu sei que vou na terça.

Você já teve contato com a Arte em algum momento?

Não, mas gosto de Música e se eu tivesse que estudar seria Direito.

Quais os sentimentos que você tem mais, ultimamente?

*Eu tenho esperança, mas sinto saudade e sinto-me na solidão
Também me sinto triste e tenho medo*

Qual o seu maior desejo?

Que a minha filha fique curada.

ANEXO 6 - ENTREVISTA TRANSCRITA 3

Nome: V.

Idade: 60 anos

Procedência: Portugal

Fale um pouco sobre você:

Eu vivo aqui desde que aconteceu isso com a minha família, até hoje eu não esqueço. Você sabe, os incêndios que acontecem em Portugal? Eu vivo aqui com a minha neta desde que ela veio pro hospital pra tratar as queimaduras, ela teve muita queimadura. Eu não trabalho mais, sinto muita falta do meu trabalho, porquê todos os dias eu passava pela natureza e gosto muito da natureza. Isso é mesmo o que eu sinto muita falta. O meu filho vem aqui de vez em quando visitar a filha, ele até hoje está de baixa psicológica, não se recuperou ainda. Ele me conta toda vez, ô mãe, eu poderia ter salvo as duas. Porque que eu consegui tirar uma e não consegui tirar a outra? eu acho que ele se sente culpado pela morte da minha nora, por isso ele não se recuperou psicologicamente. Ele mora agora na minha casa. A casa deles está igual como a minha nora deixou. O quarto deles, igualzinho, as coisas na mesa, tudo do mesmo jeito. Minha nora era muito boa, eu adorava ela. Olha, eu ainda sinto o cheiro dela quando eu entro na casa. Eles eram uma família muito feliz. Mas naquele dia do fogo, avisaram pra todo mundo não sair de casa, mas ela ficou com muito medo de arder a casa e insistiu com meu filho pra sair, não teve jeito, eles entraram no carro e o fogo pegou eles no caminho. Se não tivessem saído... Mas aí veja, eles três saíram no carro e foram apanhados com tudo a arder, então meu filho tirou a menina do carro e falou pra ela "filha, continue andando nessa linha branca. Eu vou buscar sua mãe e já volto", mas quando ele se virou era só fumaça, ninguém via mais ninguém, e eram muitos gritos, ele também se queimou, e infelizmente não achou mais a minha nora. Ela morreu carbonizada. A fumaça também é tóxica, meu filho ardeu algumas partes do corpo. Olha, a casa tá lá, do mesmo jeitinho, tudo arrumadinho, porque a minha nora era muito querida, cuidava de tudo, eu quando entro na casa e ainda sinto o cheiro dela, dói muito. A sensação que eu tenho é que ela ainda está lá. L. até hoje diz, vó cadê minha mãezinha? ela pede a mãe e também compara-me à mãe. Meu filho, coitado, sempre pensa nisso. L. disse que eu sou como a mãezinha dela. Tudo é vó, vó, vó, me chama o tempo todo, pra tudo. Como que eu poderia ir trabalhar? eu tinha que

cuidar da minha neta. Eu que levo ela pra fisioterapia, faço a comida, dou banho, tudo. Ela já recebeu visita até do presidente da república! já apareceu na tv e tudo. Olha, esse senhor tem um carinho tão grande por ela, quando ela vê ele, não sei, parece que tem uma coisa! Olha, eu faço tudo por essa menina, eu que passo os remédios no corpo dela, hoje as feridas já fecharam, mas no começo, rum... eles faziam tudo os três, agora é ela e eu e às vezes vem a minha filha aqui me visitar. Eu parei a minha vida pra cuidar de L., se eu não estivesse aqui, quem estaria?

Você tem interesse em participar desse projeto de intervenção artística?

L. adora essas coisas. Eu não sei que horário seria bom, porque tem hora de tudo, da fisioterapia, de fazer a comida, de fazer as tarefas da casa, eu não sei é sobre o tempo.

Você já teve contato com a Arte em algum momento?

Não.

Quais os sentimentos que você tem mais, ultimamente?

Eu sinto preocupação com meu filho e Saudades do meu trabalho

Sinto muita tristeza e desanimada às vezes

Qual o seu maior desejo?

Queria ver L. feliz, que ela recuperasse a felicidade

ANEXO 7

Texto Sophia de Mello Breyner para o exercício "Desenhar a emoção" (Sessão 2)

A coisa mais antiga de que me lembro é dum quarto em frente do mar dentro do qual estava poisada em cima duma mesa, uma maçã enorme e vermelha. Do brilho do mar e do vermelho da maçã erguia-se uma felicidade irrecusável, nua e inteira. Não era nada de fantástico, não era nada de imaginário: era a própria presença do real que eu descobria. Mais tarde a obra de outros artistas veio confirmar a objectividade do meu próprio olhar. Em Homero reconheci essa felicidade nua e inteira, esse esplendor das coisas. E também a reconheci, intensa, atenta e acesa na pintura de Amadeu de Sousa Cardoso. Dizer que a obra de arte faz parte da cultura é uma coisa um pouco escolar e artificial. A obra de arte faz parte do real e é destino, realização, salvação e vida. Sempre a poesia foi para mim uma perseguição do real. Um poema foi sempre um círculo traçado à roda duma coisa, um círculo onde o pássaro do real fica preso. E se a minha poesia, tendo partido do ar, do mar e da luz, evoluiu, evoluiu sempre dentro dessa busca atenta. Quem procura uma relação justa com a pedra, com a árvore, com o rio, é necessariamente levado, pelo espírito da verdade que o anima, a procurar uma relação justa com o homem. Aquele que vê o espantoso esplendor do mundo é logicamente levado a ver o espantoso sofrimento do mundo. Aquele que vê o fenómeno quer ver todo o fenómeno. É apenas uma questão de atenção, de sequência e de rigor. E é por isso que a poesia é uma moral. E é por isso que o poeta é levado a buscar a justiça pela própria natureza da sua poesia. E a busca da justiça é desde sempre uma coordenada fundamental de toda a obra poética. Vemos que no teatro grego o tema da justiça é a própria respiração das palavras. Diz o coro de Esquilo: “Nenhuma muralha defenderá aquele que, embriagado com a sua riqueza derruba o altar sagrado da justiça”. Pois a justiça se confunde com aquele equilíbrio das coisas, com aquela ordem do mundo onde o poeta quer integrar o seu canto. Confunde-se com aquele amor que, segundo Dante, move o sol e os outros astros. Confunde-se com a nossa confiança na evolução do homem, confunde-se com a nossa fé no universo. Se em frente do esplendor do mundo nos alegrarmos com paixão também em frente do sofrimento do mundo nos revoltamos com paixão. Essa lógica é íntima, interior, consequente consigo própria, necessária, fiel a si mesma. O facto de sermos feitos de louvor e protesto

testemunha a unidade da nossa consciência. A moral do poema não depende de nenhum código, de nenhuma lei, de nenhum programa que lhe seja exterior, mas, porque é uma realidade vivida integra-se no tempo vivido. E o tempo em que vivemos é o tempo duma profunda tomada de consciência. Depois de tantos séculos de pecado burguês a nossa época rejeita a herança do pecado organizado. Não aceitamos a fatalidade do mal. Como Antígona a poesia do nosso tempo diz: “Eu sou aquela que não aprendeu a ceder aos desastres”. Há um desejo de rigor e de verdade que é intrínseco à íntima estrutura do poema e que não pode aceitar uma ordem falsa. O artista não é, nem nunca foi, um homem isolado que vive no alto duma torre de marfim. O artista, mesmo aquele que mais se coloca à margem da convivência, influenciará necessariamente, através da sua obra, a vida e o destino dos outros. Mesmo que o artista escolha o isolamento como melhor condição de trabalho e criação, pelo simples facto de fazer uma obra de rigor, de verdade e de consciência ele irá contribuir para a formação duma consciência comum. Mesmo que fale somente de pedras ou de brisas a obra do artista vem sempre dizer-nos isto: que não somos apenas animais acoitados na luta pela sobrevivência, mas que somos, por direito natural, herdeiros da liberdade e da dignidade do ser. (...)

Sophia de Mello-Breyner Andresen, “Posfácio”, Livro Sexto, Lisboa, Moraes Ed., 1976, pp.75-77

ANEXO 8



Autorização para realização do estudo e utilização da recolha de dados

ACREDITAR - Associação de Pais e Amigos de Crianças com Cancro


Núcleo Região Centro

Consentimos, através deste documento, o estudo e utilização dos instrumentos de recolha de dados para fins de investigação académica, relativa à Investigação com a Ação realizada por Enne Marx Beserra, intitulada "Cegonha de mim: A Intervenção Artística e as Emoções", para a unidade curricular Projeto de Intervenção/Ação, do Mestrado em Intervenção e Animação Artística, da ESECS - Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, do Instituto Politécnico de Leiria, sob a orientação das Professoras Doutoras Maria de São Pedro Lopes e Maria João Sousa Pinto dos Santos.

O trabalho supracitado tem apenas finalidades académicas, pelo que será salvaguardada a confidencialidade dos indivíduos envolvidos na colaboração para esta investigação, seja no relatório, na defesa do projeto ou em publicação científica. Com informação, por parte da Enne Marx Beserra, de que os resultados do trabalho realizado serão partilhados com a Acreditar antes da defesa.

Estamos ainda informados de que os dados recolhidos serão através de entrevistas exploratórias, e da observação direta da investigadora a partir dos exercícios de Expressão Dramática e Expressão Plástica (desenhos), além dos diários de bordo da investigadora e de alguns participantes.

Coimbra, 02 de Abril de 2019.


ACREDITAR
Núcleo Região Centro
NIF 503571920
Telma de Sousa
COORDENADORA DO NÚCLEO CENTRO